



Ida Lisa Ferreira, Isabel Delgado e Roberto Mendes
Consultora científica: Edite Prada

Componentes do projeto:

- Manual do aluno
- Oficina de Escrita Criativa (oferta ao aluno)
- Caderno de atividades
- Livromédia



20,42 € IVA incluído

EDIÇÃO REVISTA
DE ACORDO COM AS NOVAS
METAS
CURRICULARES

MANUAL CERTIFICADO pela Escola Superior
de Educação do Instituto Politécnico de Viseu,
nos termos da legislação em vigor



Conforme o novo
Acordo Ortográfico
da língua portuguesa

Projeto Desafios



Português

Projeto Desafios

SANTILLANA



EDIÇÃO REVISTA
DE ACORDO COM AS NOVAS
METAS
CURRICULARES

MANUAL CERTIFICADO
nos termos da legislação em vigor



Projeto Desafios

O Projeto **Desafios** de Português destinado ao 8.º ano de escolaridade, 3.º Ciclo do Ensino Básico, é uma obra coletiva, concebida e criada pelo Departamento de Investigações e Edições Educativas da Santillana, sob a direção de Sílvia Vasconcelos.

EQUIPA TÉCNICA

Chefe de Equipa Técnica: Patrícia Boleto
Modelo Gráfico e Capa: Carla Julião
Ilustração da Capa: Sérgio Veterano
Ilustrações: Ballon Happy, Luís Prina, Paulo Oliveira, Sérgio Veterano e Vasco Gargalo
Paginação: eQuire, Célia Neves e Patrícia Boleto
Documentalistas: Marisa Pires e Paulo Ferreira
Revisão: Ana Abranches e Luís Alho

EDITORAS

Sandra Ferreira
Susana Malagueiro

CONSULTORA CIENTÍFICA

Edite Prada — Mestre em Estudos Portugueses, pela Universidade Aberta. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora aposentada do Ensino Básico e Secundário. Docente da Universidade Sénior de Almada. Membro do Conselho Consultivo do Ciberdúvidas.

Este manual foi objeto de uma **revisão científica**, em 2012, realizada pela **Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**.

A edição revista de acordo com as novas metas curriculares é da responsabilidade de Patrícia Nunes.



© 2014

Rua Mário Castelhana, 40 – Queluz de Baixo
2734-502 Barcarena, Portugal

APOIO AO PROFESSOR

Tel.: 214 246 901
apoioaoprofessor@santillana.com

APOIO AO LIVREIRO

Tel.: 214 246 906
apoioaolivreiro@santillana.com

Internet: www.santillana.pt

Impressão e acabamento: Lidergraf

ISBN: 978-989-708-534-5

C. Produto: 411 010 104

2.ª Edição

4.ª Tiragem

Depósito Legal: 370150/14



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Português

8.^o

Modelo didático

O teu livro está organizado de forma a facilitar a aprendizagem. A sequência das unidades é a seguinte:

Unidade 0 — *N'O regresso à escola!*, vamos preparar o caminho a percorrer ao longo do ano letivo, promovendo o conhecimento e diagnosticando saberes.

Unidade 1 — *Histórias em movimento* é um conjunto de textos narrativos de autores estrangeiros, portugueses e de países de expressão portuguesa.

Unidade 2 — *Palavras em cena* vai levar-te pelos caminhos da representação.

Unidade 3 — *Versos com reversos* expressam palavras que nos fazem sentir, pensar e até sonhar.

Unidade 4 — *Quotidiano em caixa alta*, em que a informação é dada por palavras e por imagens.

Leituras integrais — «Assobiando à vontade» (Mário Dionísio), «A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho» (Mário de Carvalho), «Saga» (Sophia de Mello Breyner Andresen), «O fintabolista» (Mia Couto), *Diário de Anne Frank* (Anne Frank), *O Mundo em Que Vivi* (Ilse Losa), «Os Lusíadas» para Gente Nova (Vasco Graça Moura), *Vanessa Vai à Luta* (Luísa Costa Gomes), *A Ilha Encantada* (Hélia Correia), ...



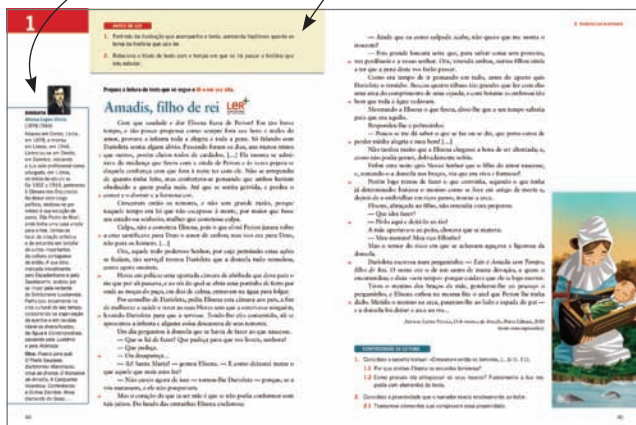
ENTRADA DE UNIDADE Conjunto de duas páginas que identificam a unidade e apresentam um índice de conteúdos da mesma. Têm como pano de fundo uma imagem e um texto ou uma citação alusivos ao tema da unidade, acompanhados de uma sugestão de exploração.

Biografia dos autores dos textos apresentados para exploração.

Na secção **Antes de ler**, são propostas atividades de expressão oral que visam antecipar o sentido do texto.

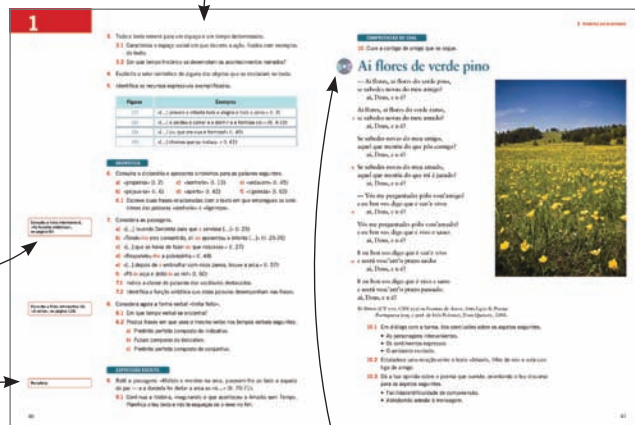
Atividades de exploração do texto, relativas às diversas capacidades a desenvolver na disciplina: **antes de ler, expressão oral, compreensão, gramática, expressão escrita e compreensão do oral.**

Há ainda atividades que te permitem aprender noutros contextos.

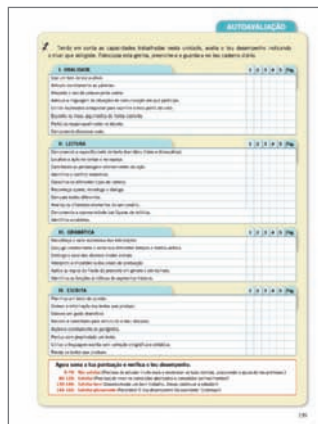


Sugestão de consulta das **fichas informativas** sobre os conteúdos abordados.

Sugestão de inclusão do trabalho no **Portefólio**.

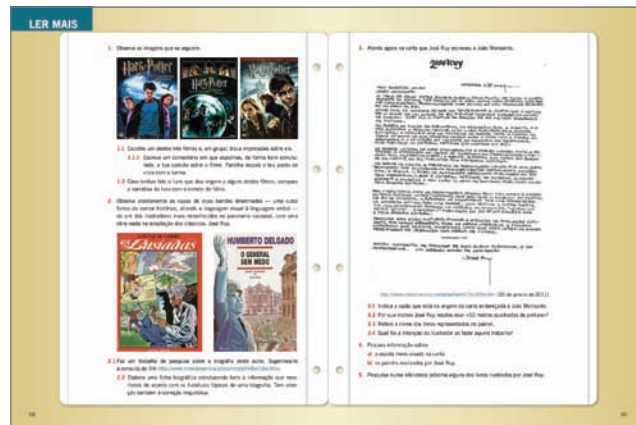


CD áudio com a gravação de alguns textos.



OFICINA DE ESCRITA Três propostas de escrita com base em etapas predefinidas.

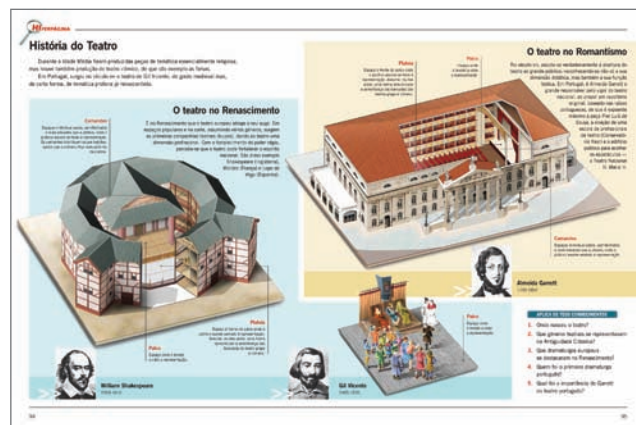
AUTOAVALIAÇÃO Ficha de autoavaliação do trabalho realizado.



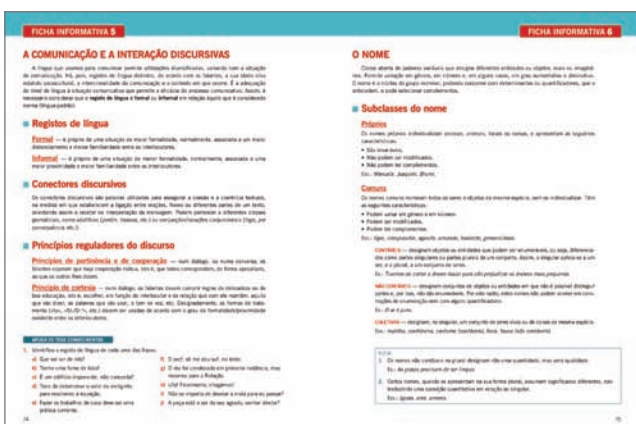
LER MAIS Outras sugestões de leitura do mesmo gênero ou sobre os temas trabalhados em cada unidade.



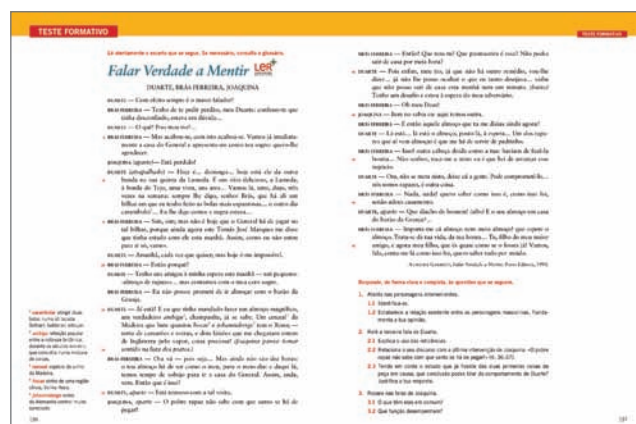
LEITURAS INTEGRAIS Sugestão de leitura integral de seis textos narrativos, um texto poético e outros textos dramáticos.



HIPERPÁGINAS Apresentam os conteúdos de uma forma diferente, relacionando-os e ampliando-os. As imagens constituem um elemento central para a explicitação e aplicação dos conhecimentos.



FICHA INFORMATIVA Fichas com informação teórica e exercícios de aplicação sobre os conteúdos explorados ao longo do manual e, em particular, nessa unidade.



TESTE FORMATIVO No fim de cada unidade surge um teste formativo com atividades de consolidação dos conteúdos abordados.

O teu manual valoriza a diversidade, nomeadamente a nível da tipologia de textos, de imagens e de atividades. Por vezes, surgem atividades cuja resposta requer o preenchimento de espaços em branco, sobretudo de esquemas e quadros. Nesses casos, surge o ícone  para te recordar de que todas as respostas devem ser registadas no teu caderno. Todo o material textual transcrito neste projeto foi adaptado ao novo Acordo Ortográfico, exceto em situações pontuais, quando, por razões técnicas, se considerou preferível manter a grafia original.

Índice

0 O regresso à escola!

6

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
O REGRESSO À ESCOLA!		8
FICHA DE ANÁLISE DO MANUAL		9
PROJETA O TEU CAMINHO — «O lume», Mafalda Veiga — Os quatro elementos		10 11
PROJETO DE LEITURA SUGESTÕES DE LIVROS PARA PROJETOS DE LEITURA OBRAS DE LEITURA INTEGRAL		12 13 14
DIAGNOSE DA TURMA		18
FICHA INFORMATIVA 1 — Como escrever melhor...	20	FICHA INFORMATIVA 2 — Métodos de estudo 22

1 Histórias em movimento

24

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
NARRATIVO	«A viagem da <i>Ítaca</i> », Miguel Sousa Tavares «Um presente misterioso», J. K. Rowling «O contador de histórias», Maria Isabel Barreno «O Papalagui nunca tem tempo...», Tuiavii de Tiavéa «O mistério dos papagaios», Michel Tournier «Amadis, filho de rei», Afonso Lopes Vieira «Roran», Christopher Paolini «A linda D. Inês», João de Barros «A bordo do <i>Dunkeld</i> », Eça de Queirós «Uma andorinha na primavera», Jorge Amado	26 29 32 37 41 44 48 51 54 57
OFICINA DE ESCRITA 1		60
OFICINA DE ESCRITA 2		64
NARRATIVO	«Rumo à Índia», António Sérgio	68
HIPERPÁGINA — O Português no mundo		70
LER MAIS — «Cartazes da saga de Harry Potter», «José Ruy, autor de BD»		72
FICHA INFORMATIVA 3 — O modo narrativo FICHA INFORMATIVA 4 — O conto de autor ou conto literário FICHA INFORMATIVA 5 — A comunicação e a interação discursivas FICHA INFORMATIVA 6 — O nome	74 77 78 79	FICHA INFORMATIVA 7 — O plural dos compostos FICHA INFORMATIVA 8 — As funções sintáticas FICHA INFORMATIVA 9 — A conjunção FICHA INFORMATIVA 10 — A coordenação e a subordinação FICHA INFORMATIVA 11 — A frase ativa e a frase passiva 83 84 87 88 90
TESTE FORMATIVO		91
AUTOAVALIAÇÃO		93

2 Palavras em cena

94

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
HIPERPÁGINA — História do Teatro		96
DRAMÁTICO	<i>Falar Verdade a Mentir</i> , Almeida Garrett <i>O Colar</i> , Sophia de Mello Breyner Andresen <i>Morte e Vida Severina</i> , João Cabral de Melo Neto «Todo-o-Mundo e Ninguém», Gil Vicente	100 108 113 117
OFICINA DE ESCRITA 3		121
LER MAIS — «Saltar o cerco», «A atriz estreante» e «A atriz veterana», Joana Loureiro		124
FICHA INFORMATIVA 12 — O modo dramático FICHA INFORMATIVA 13 — A interjeição	129 131	FICHA INFORMATIVA 14 — O verbo FICHA INFORMATIVA 15 — O pronome 132 136
TESTE FORMATIVO		140
AUTOAVALIAÇÃO		143

3 Versos com reversos 144

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
HIPERPÁGINA — A Poesia no tempo...		146
POÉTICO	«Um caminho de palavras», António Ramos Rosa «Onda que, enrolada, tornas», Fernando Pessoa «No alto mar» e «O vento», Sophia de Mello Breyner Andresen «Canção do sementeiro», Miguel Torga «No comboio descendente», Fernando Pessoa «A fada das crianças», Fernando Pessoa «Infância», Carlos Drummond de Andrade «Comigo me desavim», Sá de Miranda «Trovas», Luís de Camões «As minhas asas», Almeida Garrett «O palácio da ventura», Antero de Quental «Em todos os jardins», Sophia de Mello Breyner Andresen «Poema», Sophia de Mello Breyner Andresen «Na praia lá da Boa Nova, um dia», António Nobre «As gaivotas», Eugénio de Andrade «As palavras», Eugénio de Andrade «Sophia» e «No Largo da Portagem», Manuel Alegre «Fernando Pessoa <i>à la minute</i> » e «Eugénio de Andrade», Manuel Alegre «Namoro», Viriato da Cruz «Ilha nua», Alda Espírito Santo «Partindo», Eugénio Tavares «Poema ancestral», Crisódio T. Araújo «A canção mais recente», Cassiano Ricardo	149 149 150 151 152 154 156 158 159 160 161 162 164 166 167 168 170 171 173 176 177 178 179
LER MAIS — «Dois dedos de conversa» e «Soneto digital», Fernando Aguiar		180
FICHA INFORMATIVA 16 — O modo lírico	182	FICHA INFORMATIVA 17 — O estilo 185
TESTE FORMATIVO		187
AUTOAVALIAÇÃO		189

4 Quotidiano em caixa alta 190

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
HIPERPÁGINA — A Imprensa em Portugal		192
NOTÍCIA	«Agricultura urbana e sustentabilidade em debate»	194
REPORTAGEM	«A Casa de José Saramago abre oficialmente nesta sexta-feira»	198
PUBLICIDADE	«O Banco Alimentar precisa do herói que há em si.» «A origem de um novo ritual — Terra Nostra <i>gourmet</i> »	200
OFICINA DE ESCRITA 4		202
OFICINA DE ESCRITA 5		204
OFICINA DE ESCRITA 6		207
LER MAIS — «Bartoon», «Made in Madeira», «Cortiça, Cultura, Natureza, Futuro.» e «Tente ler o futuro desta criança.»		211
FICHA INFORMATIVA 18 — A notícia	213	FICHA INFORMATIVA 19 — A reportagem 214
TESTE FORMATIVO		215
AUTOAVALIAÇÃO		217

LEITURAS INTEGRAIS 218

TIPO DE TEXTO	TÍTULO/AUTOR	
NARRATIVO	«Assobiando à vontade», Mário Dionísio «A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho», Mário de Carvalho «Saga», Sophia de Mello Breyner Andresen «O fintabolista», Mia Couto <i>Diário de Anne Frank</i> , Anne Frank <i>O Mundo em Que Vivi</i> , Ilse Losa	218 223 239 242 251 252
POESIA ÉPICA	«Os Lusíadas» para Gente Nova, Vasco Graça Moura	254
DRAMÁTICO	Vanessa Vai à Luta, Luísa Costa Gomes <i>Sonho de Uma Noite de Verão</i> , William Shakespeare (adaptação de Hélia Correia) <i>A Ilha Encantada</i> , Hélia Correia (versão para jovens de <i>A Tempestade</i> , de William Shakespeare) <i>Antes de Começar</i> , Almada Negreiros	256 258 270 272

O

0 regresso à escola!

- 8 O REGRESSO À ESCOLA!
- 9 FICHA DE ANÁLISE DO MANUAL
- 10 PROJETA O TEU CAMINHO...
- 12 PROJETO DE LEITURA
- 13 SUGESTÕES DE LIVROS PARA PROJETOS DE LEITURA
- 14 OBRAS DE LEITURA INTEGRAL
- 18 DIAGNOSE DE TURMA
- 20 FICHA INFORMATIVA 1 — Como escrever melhor...
- 22 FICHA INFORMATIVA 2 — Métodos de estudo





«Só se conseguirmos continuar a descobrir maneiras de caminhar por entre o temporal e estivermos muito atentos aos sinais, que a natureza sabiamente ensina, é que seremos capazes de alcançar a Casa onde se celebra a Festa do Encontro. Uma casa que abriga o melhor de cada um. Nela se reúnem, de uma forma tão harmoniosa, acolhimento e liberdade.»

GRAÇA GONÇALVES, *Prenda de Natal*, Gostar Editora, 2005.

ANALISAR A IMAGEM E O TEXTO

1. O que representa a imagem?
2. O texto apresentado remete para
 - a) uma atitude negativa perante as dificuldades.
 - b) uma atitude positiva perante a vida e tudo o que nos rodeia.
 - c) a indiferença perante a Natureza.

O REGRESSO À ESCOLA!

1. Observa o conjunto de imagens apresentado.



1.1 O que te sugerem as imagens?

1.2 Revês em algumas das imagens as tuas atividades de férias? Justifica a tua resposta.

2. De regresso à escola... Partilha com os teus colegas o modo como ocupaste as tuas férias.

3. Indica os teus objetivos para o ano letivo que agora se inicia.

FICHA DE ANÁLISE DO MANUAL¹



1. CAPA

- Considera-la apelativa?
☐ Sim. ☐ Não.
- Tem informações pertinentes?
☐ Sim. ☐ Não.

2. FICHA TÉCNICA

- Título: _____
- Parece-te sugestivo?
☐ Sim. ☐ Não.
- Autores: _____
- Editora: _____

3. ABRE O MANUAL

Unidade 0

- Esta unidade apresenta atividades do teu agrado?
☐ Sim. ☐ Não.
Quais? _____
- As atividades ajudaram-te a definir os teus objetivos para o presente ano letivo?
☐ Sim. ☐ Não.

Unidade 1

- Título: _____
- Modo literário: _____

Unidade 2

- Título: _____
- Modo literário: _____

Unidade 3

- Título: _____
- Modo literário: _____

Unidade 4

- Título: _____
- Tipos de textos apresentados: _____

Leituras integrais

- Indica os títulos, os respetivos autores e os modos literários das leituras integrais propostas no manual.

4. DÁ A TUA OPINIÃO

- As ilustrações são expressivas?
☐ Sim. ☐ Não.
- O manual, no geral, parece-te atrativo?
☐ Sim. ☐ Não.

¹ Responde no teu caderno.

PROJETA O TEU CAMINHO...

1. Ouve a letra da música da Mafalda Veiga.



O lume

Vai caminhando desamarrado
Dos nós e laços que o mundo faz
Vai abraçando desenleado
De outros abraços que a vida dá

- 5 Vai-te encontrando na água e no lume
Na terra quente até perder
O medo, o medo levanta muros
E ergue bandeiras pra nos deter

Não percas tempo, o tempo corre

- 10 Só quando dói é devagar
E dá-te ao vento como um veleiro
Solto no mais alto mar

Liberta o grito que trazes dentro
E a coragem e o amor

- 15 Mesmo que seja só um momento
Mesmo que traga alguma dor

Só isso faz brilhar o lume
Que hás de levar até ao fim
E esse lume já ninguém pode

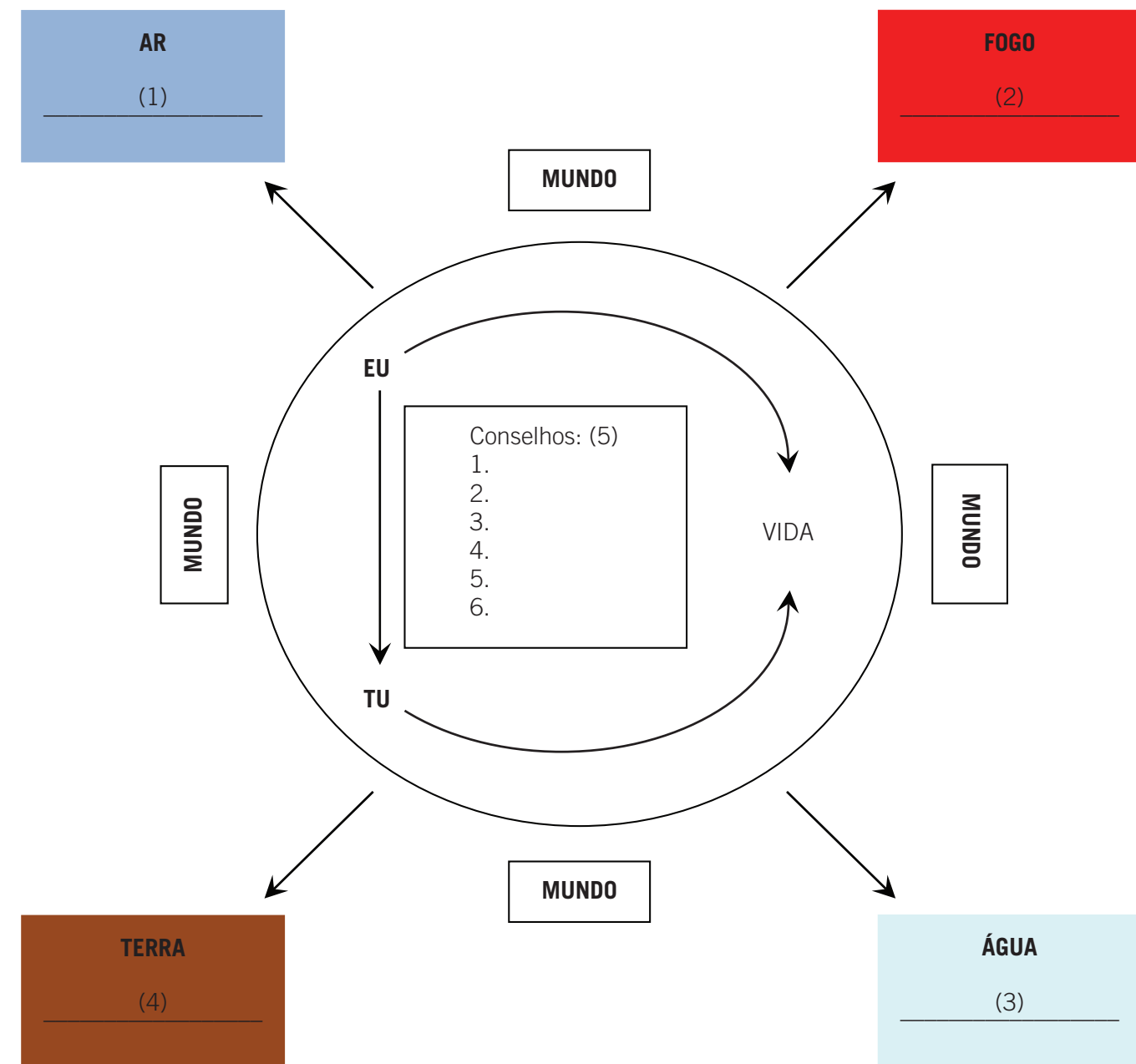
- 20 Nunca apagar dentro de ti

Não percas tempo, o tempo corre
Só quando dói é devagar
E dá-te ao vento como um veleiro
Solto no mais alto mar

MAFALDA VEIGA,
A Cor da Fogueira,
Strauss, 1996.

- 1.1 Explica o sentido do refrão.
1.2 Identifica a relação existente entre o título e o conteúdo do poema.
1.3 Selecciona três passagens e relaciona-as com o ano letivo que agora começa.

2. Tendo em conta a mensagem veiculada pelo poema, transcreve o esquema que se segue para o teu caderno e preenche-o com vocábulos do texto.



Simbologia			
Ar	Fogo	Água	Terra
- Símbolo sensível da vida invisível; - É o meio próprio da luz, do voo, do perfume, da cor, e a via de comunicação entre a terra e o céu.	- Símbolo da purificação e da regeneração; - Associa-se ao coração, às paixões (amor e cólera).	- Símbolo de purificação e da origem da vida; - Associa-se à fertilidade, à pureza, à sabedoria, à graça e à virtude.	- Símbolo da maternidade, fonte do ser e da vida; - Associa-se à fecundidade e à regeneração.

PROJETO DE LEITURA

Antes de mais, este projeto é um convite. Um convite à leitura e à imaginação que o ato de **ler** proporciona é o desafio que aqui te lançamos!

«**Ler para quê?**», poderás perguntar. As respostas são inúmeras: a leitura permite construir mundos imaginários, alargar experiências e conhecimentos, relacionar saberes, desenvolver o espírito crítico, descobrir novas culturas, hábitos e vivências. Além disso, como atividade complexa que é, ler ajuda-te a treinar o raciocínio, a enriquecer o teu vocabulário, a tornar o teu discurso mais fluente, a dominar as regras básicas da gramática, em suma, a seres um melhor falante! A leitura pode ainda ser uma viagem por outros tempos, outros espaços, outros autores, favorecendo uma reflexão crítica sobre ti, os outros e o mundo que te rodeia!

As modificações tecnológicas que marcam os nossos tempos levam-nos a encarar a leitura numa perspetiva mais alargada, em que o audiovisual ocupa um lugar de relevo: é inevitável a construção de leituras a partir de outros suportes que não o livro, entendido no seu sentido mais tradicional. Assim, é possível construir leituras em torno de filmes, imagens, blogues, páginas virtuais, livros digitais, banda desenhada, *cartoons* e tantos outros suportes, tão comuns no nosso quotidiano.

Neste sentido, propomos-te um **Projeto de Leitura** que deves construir ao longo do ano letivo e no qual possas integrar não só leituras literárias, como também leituras de outros textos em suportes variados. Como projeto que é, necessita de ser planificado, calendarizado e avaliado.

Cada documento, seja ele um livro ou não, deverá suscitar-te um comentário escrito a apresentar oralmente à turma. Após a avaliação do teu trabalho, este deverá ser arquivado no teu **Portefólio**.

De seguida, apresentamos-te uma possível organização do teu Projeto de Leitura:

1. Capa

- estabelecimento de ensino;
- título do trabalho;
- nome do aluno;
- número do aluno;
- ano de escolaridade e turma.

2. Índice

3. Biografia do autor

4. Apresentação sumária do livro

- resumo do assunto do livro;
- temáticas abordadas.

5. Comentário pessoal

- opinião (adesão ou não à sua leitura);
- respetiva justificação.

6. Bibliografia/webliografia



SUGESTÕES DE LIVROS PARA PROJETOS DE LEITURA¹

- ALEGRE, Manuel – *Cão como Nós*, Dom Quixote, 2002.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner – *Histórias da Terra e do Mar*, Figueirinhas, 2006.
- BARROS, João de (adapt.) – *A Eneida de Virgílio Contada às Crianças e ao Povo*, Marcador, 2013.
- BOYNE, John – *O Rapaz do Pijama às Riscas*, ASA, 2008.
- BRANCO, Camilo Castelo – *Dois Casamentos/História de Uma Porta*, Raiz Editora, 2006.
- CADILHE, Gonçalo – *África acima: Crónicas de Viagem*, Oficina do Livro, 2007.
- CARVALHO, Mário de – *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho e Outras Histórias*, Caminho, 2006.
- CORREIA, Hélia – *A Ilha Encantada*, Relógio D'Água, 2008.
- COUTO, Mia – *Mar Me Quer*, Caminho, 2012.
- DAHL, Roald – *Contos do Imprevisto*, Editorial Teorema, 1986.
- DIONÍSIO, Mário – *O Dia Cinzento e Outros Contos*, Europa-América, 1997.
- DOYLE, Arthur Conan – *Contos de Mistério*, Guimarães Editores, 2009.
- FERREIRA, José Gomes – *O Mundo dos Outros*, Dom Quixote, 1990.
- FERREIRA, Vergílio – *A Estrela Polar*, Bertrand Editora, 1992.
- GEDEÃO, António – *História Breve da Lua*, Edições João Sá da Costa, 2001.
- FRANK, Anne – *O Diário de Anne Frank*, Livros do Brasil, 2011.
- GEDEÃO, António – *Poemas Escolhidos*, Edições João Sá da Costa, 1996.
- GOMES, Luísa Costa – *Vanessa Vai à Luta*, Cotovia, 2001.
- GONZALEZ, Maria Teresa Maia – *Recados da Mãe*, PI, 2010.
- GORDIMER, Nadine – *Faz-te à Vida*, Texto Editores, 2006.
- GRAÇA MOURA, Vasco – *Os Lusíadas para Gente Nova*, Gradiva, 2012.
- HERCULANO, Alexandre – *Lendas e Narrativas*, Bis, 2010.
- LETRIA, José Jorge – *Amados Gatos*, Oficina do Livro, 2005.
- LOSA, Ilse – *O Mundo em Que Vivi*, Afrontamento, 2000.
- MAGALHÃES, Álvaro – *O Último Grimm*, ASA, 2007.
- MALAM, John – *11 de Fevereiro de 1990: a Libertação de Nelson Mandela*, Everest Editora, 2005.
- MARTIN, Jacques – *O Príncipe do Nilo*, ASA, 2002.
- MORAIS, Vinicius de – *O Poeta Aprendiz*, Quasi Edições, 2007.
- NICHOLSON, Michael – *Mahatma Gandhi*, Replicação, 1990.
- ONDJAKI – *Os da Minha Rua*, Leya, 2009.
- PAOLINI, Christopher – *Eldest*, Gailivro, 2005.
- PINA, Manuel António – *Aquilo Que os Olhos Vêem ou o Adamastor*, Angelus Novus, 2007.
- RIBEIRO, Jorge – *Lá longe onde o Sol Castiga mais; a Guerra Colonial Contada aos mais Novos*, Calendário das Letras, 2008.
- ROWLING, J.K. – *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*, Editorial Presença, 2005.
- SENA, Jorge de – *Os Grão-Capitães*, ASA, 2007.
- SEPÚLVEDA, Luis – *História de Uma Gaivota e do Gato Que a Ensinou a Voar*, Porto Editora, 2002.
- STEWART, Ian – *Cartas a Uma Jovem Matemática*, Relógio d'Água, 2006.
- TOLKIEN, J.R.R. – *O Hobbit*, Europa-América, 2007.
- TORGA, Miguel – *Bichos*, Leya, 2008.
- TORRADO, António – *O Mistério da Cidade Hic-Hec-Hoc*, Calendário das Letras, 2009.

¹ Nesta página, podes aprender a redigir uma referência bibliográfica, que deve acompanhar todos os teus trabalhos de pesquisa.

OBRAS DE LEITURA INTEGRAL

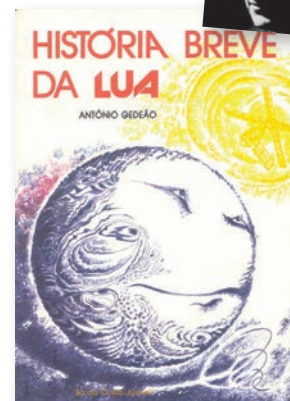
Neste ano letivo, são-te propostas várias obras de leitura integral. Deixamos-te aqui uma pequena apresentação para cada uma delas, a fim de que possas escolher, com a ajuda do teu professor, as que mais te agradam.

Desde tempos remotos que a Lua despertou a curiosidade dos cientistas e a inspiração dos poetas. Dizem as Histórias Populares que as suas manchas são provocadas por um Pobre Camponês com um molho de lenha às costas, que o Senhor do Mundo para ali desterrou, por andar a trabalhar ao domingo. É então que, quando dois Homens discutem sobre essas manchas, um Astrónomo, munido do seu óculo, lhes mostra a Verdade Científica. E serve-se até do vestido duma Rapa-riga, como, exemplo, para a explicação das Fases da Lua. Só que a Lua é Mentirosa... mas na peça veremos porquê.



(sinopse)

António Gedeão, *História Breve da Lua*



Mia Couto,
Mar Me Quer

«Sou feliz só por preguiça. A infelicidade dá uma trabalhadeira pior que doença: é preciso entrar e sair dela, afastar os que nos querem consolar, aceitar pêsames por uma porção da alma que nem chegou a falecer.

— *Levanta, é dono das preguiças.*

É o mando de minha vizinha, a mulata Dona Luarmina. Eu respondo:

— *Preguiçoso? Eu ando é a embranquecer as palmas das mãos.*

— *Conversa de malandro...*

— *Sabe uma coisa, Dona Luarmina? O trabalho é que escureceu o pobre do preto. E, afora isso, eu só presto é para viver...*»

(excerto)



«Era uma vez uma menina que pediu ao pai que fosse apanhar a lua para ela. O pai meteu-se num barco e remou para longe. Quando chegou à dobra do horizonte pôs-se em bicos de sonhos para alcançar as alturas. Segurou o astro com as duas mãos, com mil cuidados. O planeta era leve como uma bala. Quando ele puxou para arrancar aquele fruto do céu se escutou um rebentamundo. A lua se cintilhou em mil estrelinhações. O mar se encripou, o barco se afundou, engolido num abismo. A praia se cobriu de prata, flocos de luar cobriram o areal. A menina se pôs a andar ao contrário em todas as direções, para lá e para além, recolhendo os pedaços lunares.»

(excerto)



Mia Couto, *Contos do Nascer da Terra*





«A história de amor do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá eu a escrevi em 1948, em Paris, onde então residia com minha mulher e meu filho João Jorge, quando este completou um ano de idade, presente de aniversário; para que um dia ele a lesse. Colocado junto aos pertences da criança, o texto se perdeu e somente em 1976 João, bulindo em velhos guardados, o reencontrou, dele tomando finalmente conhecimento. [...]»

(prefácio)

Jorge Amado,
O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

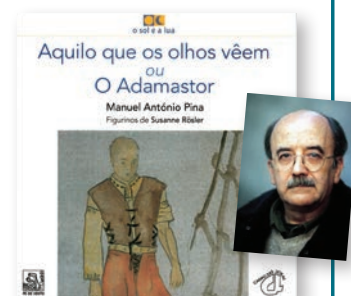


«A acção narrada por Mestre João passa-se no mar, em 1501, no interior de uma nau da frota de Pedro Álvares Cabral, que o mesmo Mestre João acompanhara na sua viagem, primeiro, ao Brasil e, depois, pela rota de Vasco da Gama, à Índia.»

(texto da contracapa)



Manuel António Pina,
Aquilo Que os Olhos Vêem ou o Adamastor



«CENA I

(A sala-de-estar da casa de VANESSA e de RODRIGO; os brinquedos estão espalhados por todo o lado. RODRIGO está sentado a ver televisão, muito quieto. Está a ver o TV Shop, que anuncia permanentemente aparelhos de ginástica e novas dietas milagrosas. VANESSA brinca sozinha, sentada no chão. Tem na mão esquerda um Action Man e na direita uma Barbie. Faz um diálogo entre os dois.)»

(excerto)

Luísa Costa Gomes,
Vanessa Vai à Luta



«Compare-se esta peça com um sol. O poder dos seus raios tem gerado um sem número de novas criações. Porém, o centro permanece opaco e arde a temperatura inacessível. É o mais enigmático dos autores. Sobre Shakespeare, escreve-se sempre a contraluz, lidando apenas com a silhueta. Ninguém pode afirmar que lhe avistou nem a biografia nem o rosto — e, quanto à obra, as dúvidas abundam. Sobre esta *A Tempestade* há que dizer que permanece estranha aos nossos olhos e aos nossos ouvidos.»

(prefácio)



Hélia Correia,
A Ilha Encantada





J.R.R. Tolkien,
O Hobbit

«O *Hobbit* é a história das aventuras de um grupo de anões que vão à procura de um tesouro guardado por um terrível dragão. São relutantemente acompanhados por Bilbo Baggins, um *hobbit* apreciador do conforto e vida calma. Encontros com elfos, gnomos e aranhas gigantes, conversas com o dragão, Smaug, o *Magnífico*, e a presença involuntária na Batalha dos Cinco Exércitos são algumas das experiências por que Bilbo passará. O *Hobbit* é não só uma história maravilhosa como o prelúdio a *O Senhor dos Anéis*.»

(texto da contracapa)



«Anne Frank pertencia a uma família judaica de Frankfurt que, em 1933, fugindo às perseguições do regime hitleriano, se refugiou na Holanda, onde supunha encontrar a paz e a segurança. Mas, logo depois da invasão da Holanda pelos alemães, as perseguições aos judeus continuaram ali com tal violência que os Frank resolveram “mergulhar”, designação que então se dava ao desaparecimento voluntário de pessoas perseguidas — ou por razões políticas ou por discriminações raciais — e que passavam a ter uma existência ilegal ou clandestina. Durante dois anos, que abrangem o período de guerra de 1942 a 1944, não podem sair à rua e vivem sob a constante ameaça de serem descobertos pela polícia.»



Anne Frank,
O Diário de Anne Frank

(prefácio)



Roald Dahl,
Contos do Imprevisto

«Uma questão de gosto

Éramos seis a jantar naquela noite em casa de Mike Schofield em Londres: o Mike, a mulher e a filha, a minha mulher e eu, e um homem chamado Richard Pratt.

Richard Pratt era um gastrónomo famoso. Era presidente duma pequena associação que dava pelo nome de Epicuristas, e todos os meses enviava aos seus sócios, a título particular, um folheto sobre comida e vinhos. Organizava jantares em que eram servidos pratos sumptuosos e vinhos raros. Recusava-se a fumar com receio de prejudicar o seu paladar, e quando discutia um vinho tinha o hábito curioso e bastante divertido de se referir a ele como se se tratasse de um ser vivo. [...]»

(excerto)





João de Barros (adapt.),

A Eneida de Virgílio Contada às Crianças e ao Povo

«*A Eneida* é um dos grandes poemas da latinidade, e não só da latinidade, mas da humanidade. Poema nacional, escrito de propósito para celebrar as glórias e o passado de Roma [...], excede as intenções do próprio autor, e os desejos de quem o incitou a escrevê-lo, pelo profundo lirismo de muitas das suas páginas. [...] Tudo isso evocado e contado num estilo perfeito e de comovente e persuasiva simplicidade [...]. Virgílio levou trinta anos a compor os doze mil versos do poema célebre. Não perdeu nunca, porém, [...] o fio condutor da sua epopeia, nem a emoção íntima do entusiasmo do poeta pela terra natal. [...]»



(prefácio)

«Numa escrita inexcelsivelmente sóbria e transparente, e através de breves episódios, este romance conduz-nos em crescendo de emoção desde a primeira infância rural de uma judia na Alemanha, pelos finais da Primeira Guerra Mundial, até ao avolumar de crises [...] que por fim a obri-gam ao exílio mesmo na iminência de um destino trágico num campo de concentração. [...] Um romance de características únicas [...] — e emocionalmente certo.»

(texto da contracapa)



Ilse Losa, *O Mundo em Que Vivi*



Álvaro Magalhães, *O Último Grimm*

«[...] Durante as férias de Verão, na Cornualha, William Zimmer descobre que herdou o dom secreto de Wilhelm Grimm, e também o seu destino extraordinário. Agora ele sabe que o Outro Lado anseia pela sua chegada, porque o dobro da vida é o que espera um novo “Grimm”, que é outro nome para “aquele que vê”. O que acontece às histórias quando ninguém está a olhar para elas? Abre este livro e ficarás a saber. [...] Há muitas histórias à espera de serem contadas e esta é a primeira de todas: a do último “Grimm”.»

(texto da contracapa)



«A solução compositiva escolhida é excelente: a voz de Camões foi extensa e fielmente preservada; a voz do segundo (ou primeiro?) narrador-comentador ilumina, esclarece e exalta o canto imaginário. Só um grande poeta é capaz de dialogar assim com Camões, alcançando um admirável equilíbrio entre a reescrita modernizadora e a fidelidade à estrutura e aos significados da epopeia.»

VÍTOR AGUIAR E SILVA (texto da contracapa)



Vasco Graça Moura,
Os Lusíadas para Gente Nova



Lê o texto que se segue com atenção.

A Senhora da Graça

Era uma vez um homem que era casado com uma mulher muito amiga do vinho, a ponto de não deixar parar vinho na adega. Um dia o homem saiu para comprar uns bois e recomendou à mulher que não fosse à adega beber o vinho. Apenas o homem virou costas, a mulher
5 chamou logo uma comadre e foram ambas para a adega beber o melhor pipo de vinho que encontraram.

O homem, quando voltou para casa e se achou sem o vinho, queria bater na mulher; mas ela disse-lhe que não lhe batesse, pois estava inocente, quem tinha bebido o vinho tinha sido a gata. Como o homem não
10 quisesse acreditar, a mulher disse-lhe: «Pois olha, homem, havemos de ir à Senhora da Graça, e havemos de perguntar-lhe quem foi que bebeu o vinho, se fui eu ou a gata; se a Senhora disser que fui eu, hei de trazer-te às costas para casa, e se eu estiver inocente hás de tu trazer-me a mim.»

Partiu o homem mais a mulher para a Senhora da Graça, e tendo
15 chegado a um sítio onde havia eco, a mulher disse ao homem: «Olha, escusamos de ir mais longe; Nossa Senhora também aqui nos ouve.» O homem então gritou com toda a força: «Dizei-me, Senhora da Graça, quem bebeu o vinho, foi a mulher ou foi a gata?» E o eco respondeu: «A gata.»

20 Três vezes o homem perguntou o mesmo, e três vezes o eco lhe respondeu: «A gata.» O homem, então, convencido de que a mulher estava inocente, levou-a às costas para casa e matou a gata para ela não lhe ir beber mais vinho.

ADOLFO COELHO, *Contos Populares Portugueses*, Dom Quixote, 2002.

Responde, agora, de forma clara e completa, às questões que se seguem, numa folha à parte.

1. Centra-te nas personagens do texto.
 - 1.1 Identifica-as, explicitando a relação existente entre elas.
 - 1.2 Classifica-as quanto ao relevo. Justifica a tua resposta.
 - 1.3 Caracteriza-as.
2. Verifica que a ação evolui em função de um determinado acontecimento.
 - 2.1 Indica-o e refere as suas implicações no desenrolar da ação.
3. Repara no tempo e no espaço em que decorre a ação.
 - 3.1 Faz o levantamento das marcas temporais e espaciais presentes no texto.
 - 3.1.1 A que conclusão chegaste?

4. Atenta na figura do narrador.
- 4.1 Classifica-o relativamente à participação na ação, justificando convenientemente a tua resposta.
5. Podemos afirmar que o texto apresentado é um conto popular.
- 5.1 Sustenta esta afirmação apresentando três características deste género narrativo presentes no texto.
6. Atenta na seguinte passagem: «[...] mas ela disse-lhe que não lhe batesse, pois estava inocente, quem tinha bebido o vinho tinha sido a gata.» (II. 8-9).
- 6.1 Passa-a para o discurso direto.
7. Copia o quadro que se segue para o teu caderno e completa-o com frases retiradas do texto, respeitando as indicações que te são dadas.



Tipo	Polaridade	Frase
Declarativo	Afirmativa	(1)
Imperativo	Negativa	(2)
Imperativo	Afirmativa	(3)
Interrogativo	Afirmativa	(4)

8. Transcreve, para o teu caderno, duas formas verbais nos tempos e modos indicados.
- a) Pretérito imperfeito do indicativo.
- b) Pretérito perfeito do indicativo.
- c) Pretérito imperfeito do conjuntivo.
- d) Modo imperativo.
9. Considera a frase seguinte: Um dia, na feira, o homem comprou ao vizinho uma junta de bois para a lavoura.
- 9.1 Identifica as funções sintáticas dos seus constituintes.
10. Imagina que a mulher dá uma outra desculpa ao marido para o desaparecimento do vinho. Reconta a história, introduzindo-lhe essa alteração. Escreve cerca de 150 palavras. Para efeito de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência de caracteres entre dois espaços em branco (ex.: Deram-me isto em 1998 — quatro palavras). Antes de começares a escrever, lê com atenção as instruções que se seguem.
- Mantém o tempo verbal.
 - Utiliza a narração de 3.ª pessoa.
 - Planifica o que vais escrever.
 - Elabora um rascunho.
 - Revê o texto que produziste e corrige-o.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

COMO ESCREVER MELHOR...

A escrita é um processo complexo, de maturação e de melhoramento contínuo. Nada surge por acaso, tudo resulta de um árduo esforço de perfeição que só a prática torna possível. Assim, desde o momento inicial — em que, perante um tema, se lançam para o papel ideias diversificadas que se organizam num plano/esquema — até à fase final — em que se melhora a pontuação, se revê a ortografia e enriquece o vocabulário — o processo da escrita é longo, exigente e reflexivo, compreendendo **três etapas**.

■ Planificação

No início do processo, perante o tema proposto e a tipologia textual exigida, lançam-se para o papel ideias, palavras-chave, expressões feitas, ... Faz-se um **plano** que contemple o resultado do trabalho anterior, agora de uma forma mais desenvolvida e ordenada, para que não se esqueça o essencial, para não repetir ideias e para que o texto seja coeso e coerente, não esquecendo que qualquer texto é constituído por três partes fundamentais.

Introdução

Apresenta a situação inicial a partir da qual o enredo evolui e se altera, ou aprofunda. Geralmente, ocupa um parágrafo genérico, que é o ponto de partida para os parágrafos seguintes.

Desenvolvimento

Pode ocupar vários parágrafos, constituindo o corpo do texto. Concentra a maior parte da informação e as diferentes perspectivas relativamente ao assunto principal.

Conclusão

Normalmente, ocupa um só parágrafo, que realça e sintetiza o mais importante e finaliza a ação do texto.

■ Textualização

A textualização diz respeito à concretização escrita do plano, tendo em atenção alguns aspetos essenciais:

- Assinalar corretamente os parágrafos.
- Respeitar a pessoa e os tempos verbais.
- Não produzir frases muito longas.
- Utilizar uma pontuação correta para assinalar pausas, realçar a intencionalidade comunicativa dos interlocutores, dar ênfase às ideias mais importantes.
- Não repetir a construção frásica, variando os conectores (Ficha informativa 5) e o vocabulário.
- Adequar o registo de língua ao contexto.

■ Revisão/Avaliação

A revisão ou avaliação é a parte final de todo o processo, tendo como objetivos:

- O aperfeiçoamento do texto, suprimindo ideias ou expressões repetidas, deslocando frases de um momento do texto para outro e substituindo alguns vocábulos por outros mais sugestivos.
- O alargamento vocabular.
- A correção da ortografia, acentuação, pontuação e sintaxe.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Lê o texto que se segue.

O que é, afinal, ser português?

Como povo fatalista e latino que somos, temos uma desmedida obsessão para olharmos sempre para os aspetos negativos, relativizando aquilo que temos de melhor. Se fomos nós que demos a conhecer «novos mundos ao Mundo», não percebemos o receio (diremos mesmo, a vergonha) de afirmarmos a nossa «portugalidade»!

- 5 Ser português é, antes de mais, ter orgulho no nosso passado (feito de aventuras e desventuras), tendo para com os nossos antepassados uma dívida de gratidão por tudo aquilo que construíram à custa de «sangue, suor e lágrimas». Só um forte espírito de sacrifício, um grande desprendimento pela vida e uma fome de liberdade (e de ambição, porque não?) tornaram possível a criação, a afirmação e a projeção de um dos países mais antigos
10 do Velho Continente, apesar da nossa reduzida dimensão geográfica e demográfica.

- Ser português não nos deve, porém, fazer parar no tempo, olhando sempre para trás... Aliás, foi este sono profundo (mais notório nos últimos anos) que nos conduziu ao conformismo e ao «deixa-andar». O presente não se compadece disto! A acomodação, a falta de objetivos e a ausência de ambição levar-nos-ão inevitavelmente a um futuro
15 incerto e comprometedor. É fundamental remar contra a maré da apatia e do derrotismo!

Ser português é, por isso, olhar em frente, derrubando muros e saltando barreiras. Fazamos da nossa vida uma corrida de fundo, avaliando as nossas capacidades, testando a nossa resistência, sempre sem pressas nem precipitações. Só um espírito forte de unidade, com a consciência plena dos nossos direitos e deveres, nos colocará de novo no bom caminho!

- 20 Ser português é, pois, ter a capacidade de nos levantarmos sempre, por maior que seja a queda, aprendendo com o exemplo daqueles que têm algo para nos ensinar. Devemos também olhar «para fora», com a consciência de que o «mundo global» existe, de que as fronteiras físicas caíram e de que o Mundo está em mudança.

Saibamos nós estar à altura desta mudança, reinventando a Solidariedade, a Justiça e a Verdade!

Texto dos autores

2. Relaciona o título do texto com o tema desenvolvido.
3. Delimita os diferentes momentos do texto, completando o quadro.



Introdução	(1)
Desenvolvimento	(2)
Conclusão	(3)

4. Identifica a expressão que estrutura o sentido do texto.

MÉTODOS DE ESTUDO

No início do ano, convém recordar alguns procedimentos para melhor rendibilizares os teus momentos de estudo.

■ Organização

- Ter sempre o caderno diário e os teus materiais de apoio limpos e organizados.
- Elaborar um horário de estudo semanal e verificar o seu cumprimento.
- Descobrir os momentos que, para ti, são mais proveitosos.
- Iniciar o estudo pelas disciplinas prioritárias.
- Aproveitar o tempo de estudo da melhor maneira.

■ Técnicas de estudo

Resumo

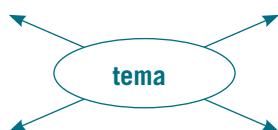
- Ler o texto várias vezes, até não restarem dúvidas quanto à sua compreensão;
- Sublinhar ou destacar as palavras-chave do texto;
- Reescrever o texto, respeitando a sua estrutura temática e o seu discurso, não incluindo pormenores desnecessários;
- Utilizar uma linguagem pessoal, ainda que respeitando a informação veiculada;
- Não ultrapassar um terço do texto-fonte.

Sublinhados

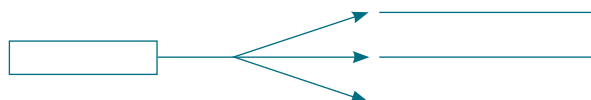
- Utilizar vários tipos de sublinhados:
 - linhas onduladas (~~~~~) para as ideias principais;
 - linhas retas (_____) para outros elementos informativos;
 - retângulos (□) para realçar um conceito;
 - círculos (○) para isolar nomes, datas...
- Recorrer a várias cores para destacar diferentes conteúdos.

Esquemas

ESQUEMA DE IDEIAS



ESQUEMA DE SETAS



■ Recomendações

- Procura entender sempre o que estás a estudar.
- Acompanha as aulas e não deixes acumular as matérias.
- Esclarece rapidamente as dúvidas, recorrendo ao teu professor.
- Não tenhas medo de errar, pois o erro pode ser um instrumento para melhorar o teu desempenho.
- Tem confiança em ti próprio e nas tuas capacidades.
- Sê perseverante.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Lê o texto que se segue.



A camioneta vinha quase vazia, e ele escolheu um dos lugares da frente, ao contrário do que fazia quando, ainda jovem, regressava de Coimbra, para as férias grandes.

A camioneta e a paisagem eram as mesmas; ele é que já não era o mesmo. Tinham passado trinta anos.

5 Desceu ao pé da velha ponte romana e levantou a gola do sobretudo. Não que fizesse frio, mas sentiu necessidade de se proteger da humidade e de qualquer outra coisa que pairava no ar e o incomodava.

Caminhou meia hora até avistar a casa cor-de-rosa, lá no alto. O coração acelerou o ritmo. Tinha ainda um bom pedaço para galgar e as pernas já não eram as de antigamente.

10 Era sábado, por isso só avistou alguns homens de idade avançada a cavaquearem à porta do café e duas ou três mulheres, em conversas transversais, rumo à igreja paroquial. Um velho de rosto grave e anguloso cumprimentou-o discretamente, mas ele não o reconheceu.

Chegado, finalmente, ao topo da vila, lá estava a casa cor-de-rosa e, do lado oposto da rua, a casa da infância, agora praticamente em ruínas. Parou junto ao portão entreaberto;

15 depois, devagar, sem lhe tocar, esgueirou-se para o interior do pátio, como um ladrão.

A casa estava, de facto, num estado lastimoso e bem fizera o irmão ao convencê-lo a venderem-na, já que tinham, inesperadamente, recebido uma oferta que lhes pareceu aliciante. Na carta que havia recebido, o candidato à compra propunha-se construir ali um lar para a terceira idade, que haveria de ser subsidiado pela autarquia local.

20 Vistas do exterior, as janelas baças e partidas pareciam pertencer a um navio naufragado em mar fundo e distante. A porta mantinha ainda alguma dignidade, na austeridade da madeira escura, onde a rodela do batente metálico conservava um resto de brilho.

Não entrou. Os seus pés levaram-no, então, em direção às traseiras e, nesse curto percurso, sentiu o corpo estremecer-lhe três vezes, cada uma das quais o foi reduzindo em tamanho e idade.

MARIA TERESA MAIA GONZALEZ, «Perto do Céu», Anti-Bonsai, Difel, 2000.

2. Resume o texto, respeitando as regras específicas desta técnica de contração de texto, e com a máxima correção linguística.

2.1 Apresenta o teu trabalho à turma, fazendo uma exposição oral, e compara-o com os resumos dos outros colegas.

1

Histórias em movimento

TEXTO NARRATIVO

- 26 «A viagem da *Ítaca*», Miguel Sousa Tavares
29 «Um presente misterioso», J. K. Rowling
32 «O contador de histórias», Maria Isabel Barreno
37 «O Papalagi nunca tem tempo...»,
Tuiavii de Tiavéa
41 «O mistério dos papagaios», Michel Tournier
44 «Amadis, filho de rei», Afonso Lopes Vieira
48 «Roran», Christopher Paolini
51 «A linda D. Inês», João de Barros
54 «A bordo do *Dunkeld*», Eça de Queirós
57 «Uma andorinha na primavera», Jorge Amado
- 60 **OFICINA DE ESCRITA 1**
64 **OFICINA DE ESCRITA 2**
- 68 «Rumo à Índia», António Sérgio
- 70 **HIPERPÁGINA** — O português no mundo
- 72 **LER MAIS** — «Cartazes da saga de Harry Potter»,
«José Ruy, autor de BD»
- 74 **FICHA INFORMATIVA 3** — O modo narrativo
77 **FICHA INFORMATIVA 4** — O conto de autor ou conto
literário
78 **FICHA INFORMATIVA 5** — A comunicação e a interação
discursivas
79 **FICHA INFORMATIVA 6** — O nome
83 **FICHA INFORMATIVA 7** — O plural dos compostos
84 **FICHA INFORMATIVA 8** — As funções sintáticas
87 **FICHA INFORMATIVA 9** — A conjunção
88 **FICHA INFORMATIVA 10** — A coordenação e a subordinação
90 **FICHA INFORMATIVA 11** — A frase ativa e a frase passiva
- 91 **TESTE FORMATIVO**
93 **AUTOAVALIAÇÃO**





«— Mas o que hei de fazer com um livro?

Rosa, ignorando a minha pergunta, encostou-se a mim, e pegou-me na mão. Não era uma questão que a preocupasse. A teoria da literatura podia servir-me para prolongar o efeito da leitura; a ela, o que lhe interessava era passar umas horas entretida com esses mundos de que, depois, se afastava para regressar à sua realidade, onde não havia nada de literário.»

NUNO JÚDICE, *Os Passos da Cruz*, Dom Quixote, 2009.

ANALISAR A IMAGEM E O TEXTO

1. O que representa a imagem?
2. O texto apresentado remete para
 - a) a diferença entre a realidade e a ficção.
 - b) a literatura enquanto prolongamento da realidade.
 - c) a leitura como evasão.

ANTES DE LER

1. Observa a fotografia.

1.1 Dialoga com a turma sobre os pontos seguintes.

- Quem a terá tirado?
- De onde terá sido tirada?
- Em que situação?

1.2 Relaciona as respostas dadas com o título do texto que vais ler.



BIOGRAFIA

Miguel Sousa Tavares (1952)

Nasceu no Porto, é escritor e jornalista, salientando-se também como comentador televisivo.

Obra: *Sahara, a República da Areia; Sul; O Segredo do Rio; Equador; O Planeta Branco; ...*

Prepara a leitura do texto e lê-o em voz alta.

A viagem da Ítaca



No primeiro dia da viagem, logo ao princípio, eles tinham deixado para trás a Terra e, enquanto observavam o seu planeta, Lydia chamou-lhes a atenção para um espetáculo triste e preocupante, que dali se via perfeitamente bem. Lá em baixo, sobre a Terra, longas colunas de fumo cor de chumbo elevavam-se para o céu, ocultando o verde que estava por debaixo delas: eram as «queimadas», os terríveis incêndios sobre as florestas, que os homens ateavam propositadamente e que, aos poucos, iam tornando mais pobre o Planeta e mais raro o oxigénio de que todos precisavam para viver. Também sobre as cidades, um halo cor-de-rosa, às vezes avermelhado, mostrava a poluição atmosférica, que tornava o ar envenenado e fazia aquecer todo o Planeta, porque destruía a camada de ozono que protege a Terra do excesso de calor do Sol. De ano para ano, os cientistas vinham notando que o buraco na camada de ozono, provocado pela poluição e pelos incêndios, tornava a Terra mais quente e mais indefesa: chovia menos nas zonas temperadas, os rios secavam e as culturas morriam; o deserto avançava para áreas até aí férteis e secava tudo à roda; os gelos eternos das mais altas montanhas e os icebergues dos pólos derretiam aos poucos, engrossando o volume das águas do mar, que engoliam as povoações costeiras, obrigando as populações a recuar para o interior. O clima mudava e os homens mais inteligentes da Terra não tinham respostas para o problema nem os seus avisos tinham força para convencer os dirigentes e os gananciosos.

Por isso, a Organização Mundial do Espaço procurava agora uma solução que pudesse vir de outro planeta e de outro sistema solar. Todos os planetas que compunham o sistema solar de que fazia parte a Terra tinham sido já explorados por sondas e naves e em nenhum deles se encontrara água — o elemento essencial à vida humana. Mas a busca continuava, porque os novos foguetões e as novas naves construídas conseguiam atingir uma tal velocidade que já era possível chegar rapidamente cada vez mais longe, para além do sistema solar da Terra. Além disso, um brilhante cientista do Cazaquistão, chamado Ismael Ahmed,



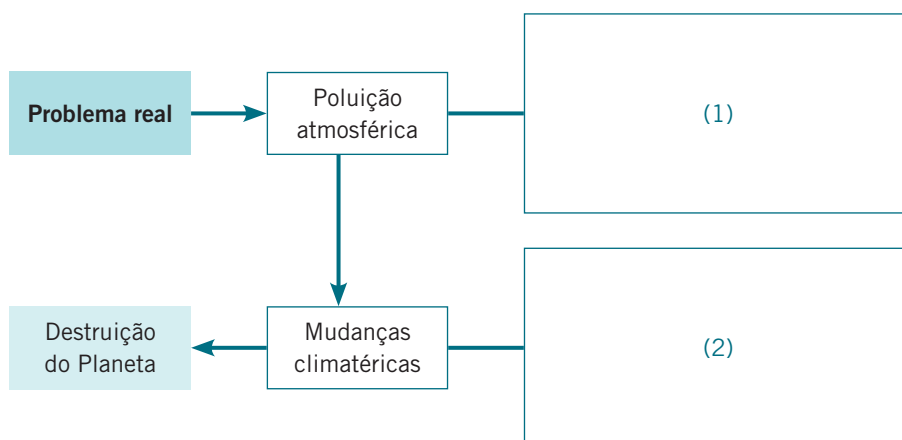
tinha passado longos anos a estudar a forma como a água que escorria das montanhas do seu país se transformava em gelo no inverno, e depois, fechado no seu laboratório noite e dia, inventara um processo que permitia concentrar bilhões de litros de água numa simples gota congelada. A Organização Mundial do Espaço acreditava assim que, se se conseguisse descobrir água noutro planeta, seria possível enviar grandes naves com reservatórios para milhões de gotas congeladas, que, uma vez desembarcadas na Terra, permitiriam encher de novo os rios, fertilizar as planícies e os vales, abastecer gigantescas barragens e assim fazer baixar a temperatura do Planeta e reconstituir o ciclo de vida natural da Terra, anterior à época da poluição e da ganância.

A viagem da *Ítaca* fazia parte deste plano e desta vasta missão de salvamento do planeta Terra.

MIGUEL SOUSA TAVARES, *O Planeta Branco*, Oficina do Livro, 2005.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Nota que o excerto tem como ação principal uma viagem.
 - 1.1 De que tipo de viagem se trata? Justifica a tua resposta.
2. Considera a seguinte passagem: «No primeiro dia da viagem...» (l. 1).
 - 2.1 Que sinais chamaram a atenção de Lydia e dos seus companheiros?
 - 2.1.1  Elabora um esquema semelhante ao seguinte e preenche-o, tendo em conta aquilo que é observado e as suas consequências.



3. Lê o segundo e o terceiro parágrafos do texto.
 - 3.1 Qual é a entidade que tenta resolver o problema e de que modo?
 - 3.2 Que cientista se destaca na solução do problema? Porquê?
 - 3.3 Qual é o verdadeiro objetivo da expedição? Justifica com elementos do texto.
4. Classifica o narrador quanto à presença e à ciência. Justifica.
5. Podes constatar que o problema colocado no texto é, infelizmente, social: a poluição atmosférica e, consequentemente, a destruição do Planeta.
 - 5.1 Apresenta a tua reflexão pessoal sobre procedimentos do quotidiano que podem contribuir para o desagravar.

GRAMÁTICA

6. Partindo do primeiro parágrafo do texto, transcreve, para o teu caderno, exemplos das seguintes classes de palavras.
- | | |
|-----------------------------|--|
| a) Nome comum. | g) Advérbio de predicado (com valor de modo). |
| b) Nome comum coletivo. | h) Advérbio de predicado (com valor locativo). |
| c) Nome próprio. | i) Verbo no presente do indicativo. |
| d) Adjetivo no grau normal. | j) Verbo no infinitivo. |
| e) Pronome pessoal. | k) Verbo no gerúndio. |
| f) Pronome indefinido. | l) Verbo no pretérito perfeito do indicativo. |
7. Considera a seguinte frase: «[...] a Organização Mundial do Espaço procurava agora uma solução [...]» (II. 23-24).
- 7.1 Identifica as funções sintáticas da frase.
- 7.2 Coloca-a na forma passiva.

Consulta a ficha informativa 11, «A frase ativa e a frase passiva», na página 90.

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Escolhe uma das duas propostas seguintes.
- A** — Partindo do excerto, produz um texto pessoal cuja conclusão seja: «Há muito mais coisas no Universo do que aquelas que os vivos imaginam.»
- B** — Elabora uma notícia anunciando a partida da nave *Ítaca* em busca de água.

Não te esqueças de planificar a redação do teu texto e de o rever antes de o dares por concluído.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS / EXPRESSÃO ORAL

9. Dialoga com os teus colegas sobre os procedimentos quotidianos que asseguram a sustentabilidade do planeta.
10. Organiza com os teus colegas um debate sobre as questões da atualidade que colocam em risco o planeta.

COMO ORGANIZAR UM DEBATE

1. Estabelecer normas de funcionamento (número e duração das intervenções; respeito pelo uso da palavra do outro).
2. Escolher os intervenientes (um porta-voz deverá apresentar a opinião relativamente ao tema), o moderador e o secretário.

Funções do moderador:

- apresentar o tema e os intervenientes;
- dar a palavra e gerir o tempo das várias intervenções, controlando a emotividade excessiva e impedindo os ataques pessoais;
- adotar uma atitude neutra e apresentar as conclusões do debate.

Funções do secretário:

- anotar as intervenções mais relevantes;
- registar as conclusões enunciadas pelo moderador;
- elaborar, se necessário, a ata do debate.

1. O texto que vais ler é um excerto do livro *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*.

1.1 Certamente, já viste um filme da saga de *Harry Potter*. Apresenta as tuas impressões do filme à turma, referindo aquilo de que mais gostaste e ouvindo também as opiniões dos teus colegas.

NOTA: Planifica a tua apresentação oral e, se possível, acompanha a exposição das tuas impressões com a exibição de imagens.

Prepara a leitura do texto seguinte e lê-o em voz alta.

Um presente misterioso



Querido Harry

O Ron escreveu-me a contar da chamada telefónica que foi atendida pelo teu tio Vernon. Espero que esteja tudo bem contigo.

Estou a passar férias em França e não sabia como mandar-te isto.
5 E se abrissem na alfândega? Mas foi então que apareceu a Hedwig. Acho que ela queria assegurar-se de que tu recebias alguma coisa no dia dos teus anos, para variar.

O teu presente foi adquirido através do catálogo das corujas. Vinha um anúncio no Profeta Diário (temo-lo recebido. É tão bom mantermo-
10 -nos a par do que se passa no mundo da feitiçaria). Viste a fotografia do Ron e da família toda que saiu na semana passada? Aposto que está a aprender imensas coisas. Estou cheia de inveja, os feitiçeiros do antigo Egito eram fascinantes.

Aqui também há algumas histórias de feitiçaria locais. Reescrevi o
15 meu trabalho para História da Magia para incluir algumas das coisas que descobri. Espero que não esteja demasiado grande, já vou em dois rolos de pergaminho, mais do que o professor Binns pediu.

O Ron diz que vai estar em Londres na última semana de férias. Achas que podes vir também? Espero que sim. Se não fores, vejo-te no
20 Expresso de Hogwarts do dia 1 de setembro.

*Beijos da
Hermione*

Harry riu-se de novo, enquanto pegava no seu presente. Era muito pesado. Conhecendo a Hermione como conhecia calculou que se tratasse
25 de um livro enorme cheio de feitiços complicados. Mas não era. O coração deu-lhe um salto quando rasgou o papel e viu um estojo preto com letras douradas que dizia: *Kit* de tratamento de vassouras.

— Uau! Hermione! — exclamou, abrindo o fecho-éclair do estojo para o ver por dentro.

30 Havia um grande frasco de verniz, brilho imediato da Fleetwood, uma tesoura prateada para aparar a cauda da vassoura, uma bússola pequenina para lhe adaptar nas viagens mais longas e um livro prático de cuidados a ter com a vassoura, tipo *Faça você mesmo*.



BIOGRAFIA

J. K. Rowling (1965)

Joanne Kathleen Rowling nasceu em Chipping Sodbury, perto de Bristol mesmo a sul de uma cidade chamada Dursley (o apelido da família *Muggle* de *Harry Potter*). Joanne era uma criança sonhadora e começou a escrever histórias aos 6 anos. Depois de sair da Universidade de Exeter, onde tirou o curso de Francês e Inglês, começou a trabalhar como professora, ambicionando tornar-se escritora. Entretanto, veio para Portugal como professora de Inglês. Atualmente, vive em Edimburgo (Escócia). Os seus livros estão publicados em mais de trinta línguas, tendo a sua última obra ultrapassado os cinco milhões de exemplares.

Obra: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *O Mundo de J. K. Rowling*; *Harry Potter e a Ordem da Fénix*; *Harry Potter e o Príncipe Misterioso*; *Harry Potter e os Talismãs da Morte*; ...



Além dos amigos, aquilo de que Harry tinha mais saudade era do
 35 Quidditch, o jogo mais popular do mundo mágico, um jogo extremamente perigoso, excitante e jogado em cima de vassouras. Harry era por acaso um excelente jogador, fora o aluno mais jovem em um século a ser selecionado para uma das equipas desportivas de Hogwarts. E um dos seus bens mais preciosos era a vassoura de corrida Nimbus Dois Mil.

40 Harry pôs o estojo de parte e pegou no último embrulho. Reconheceu de imediato os rabiscos desordenados no papel castanho: este era de Hagrid, o guarda dos campos.

Rasgou a parte de cima do papel e vislumbrou uma coisa verde, semelhante ao couro, mas, antes de ter tido tempo de
 45 o desembulhar convenientemente, o embrulho estremeceu e o que estava lá dentro abocanhou-o ruidosamente, como se tivesse mandíbulas.

Harry ficou gelado. Sabia que Hagrid nunca lhe enviaria propositadamente nada que fosse perigoso, mas a verdade é que ele não tinha uma visão muito comum do que era perigoso. [...]

50 Muito nervoso, Harry fez um buraco no embrulho. A coisa tentou novamente mordê-lo. Harry pegou na lâmpada que tinha à cabeceira da cama, agarrou-a com força com uma das mãos e levantou-a à altura da cabeça, pronto para lhe bater. Em seguida, retirou o resto do papel de embrulho.

55 E a coisa caiu ao chão. Era um livro. Harry só teve tempo de lhe pegar para admirar a sua bonita capa verde, adornada com o título a dourado *O Monstruoso Livro dos Monstros*, antes de ele lhe escapar das mãos e fugir apressadamente pelo quarto fora. Harry seguiu-o sub-repticiamente. O livro escondera-se no vão escuro debaixo da secretária.

60 Pedindo aos céus que os Dursleys estivessem a dormir profundamente, Harry pôs-se de gatas e conseguiu agarrá-lo.

— Outch!

O livro fechou-se-lhe nas mãos e logo a seguir escapou-se, correndo apoiado nas capas. Harry andou de um lado para o outro, atirou-se para
 65 a frente e conseguiu achatá-lo contra o chão. O tio Vernon deu um ronco no meio do sono, no quarto ao lado.

A Hedwig e a Errol observaram interessadas o modo como Harry segurou nos braços o livro irrequieto, abrindo uma gaveta e retirando de dentro um cinto que amarrou em volta dele. O livro dos monstros
 70 estremeceu zangado mas já não podia correr nem saltar, por isso Harry pousou-o na cama e leu o cartão do Hagrid.

J. K. ROWLING, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*,
 Editorial Presença, 2002.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Observa que a ação decorre num dia muito especial para Harry.

1.1 Indica-o. Justifica a tua resposta com elementos do texto.

2. Verifica que, na primeira parte do excerto, assistimos à leitura de uma carta.
 - 2.1 Identifica o remetente e o destinatário.
 - 2.2 Que informações são dadas a respeito de Ron?
 - 2.3 Mostra que, mesmo de férias, Hermione é uma aluna empenhada.
3. Relê frase: «Harry riu-se de novo, enquanto pegava no seu presente.» (l. 23).
 - 3.1 De que presente se tratava e qual era a sua utilidade?
 - 3.2 Qual era o jogo preferido de Harry Potter?
 - 3.2.1 Transcreve expressões que confirmem que Harry era um excelente jogador da modalidade.
4. Lê a frase: «Harry pôs o estojo de parte e pegou no último embrulho.» (l. 40).
 - 4.1 Quem era o remetente?
 - 4.2 Que estranho presente era aquele?
 - 4.2.1 O que o tornava especial e fantástico?
 - 4.2.2 Que solução encontrou Harry para não acordar os Dursleys?

GRAMÁTICA

5. Transcreve, duas interjeições e explica os sentimentos que exprimem.
6. Identifica a classe de palavras dos vocábulos apresentados no quadro.



Vocábulos	Classe de palavras
«França» (l. 4)	(1)
«presente» (l. 8)	(2)
«feitiçaria» (l. 14)	(3)
«dois» (l. 16)	(4)
«enorme» (l. 25)	(5)
«ruidosamente» (l. 46)	(6)

7. Divide a passagem em orações e classifica-as: «O livro dos monstros estremeceu zangado mas já não podia correr nem saltar, [...]» (ll. 69-70).
8. Considera a frase: «Muito nervoso, Harry fez um buraco no embrulho.» (l. 50).
 - 8.1 Identifica as funções sintáticas dos seus constituintes.

Consulta a ficha informativa 8, «As funções sintáticas», na página 84.

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Imagina que Harry escreve uma carta a Hermione a agradecer o presente. Elabora essa carta com correção linguística e respeitando a estrutura desta tipologia textual. Revê o teu texto no fim.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

EXPRESSÃO ORAL

10. Em interação com a turma, indica as características de Harry Potter que são para ti mais relevantes, fazendo alusão a algumas das tuas leituras.

1. Relembra situações em que tenhas presenciado alguém a contar uma história.
 - 1.1 Selecciona a situação que mais te agradou.
 - 1.2 Apresenta-a à turma, oralmente, focando os aspetos seguintes:
 - a história que foi contada;
 - as características mais marcantes de quem contou a história.
2. Como avalias a reação dos teus colegas à história que lhes contaste? Justifica.

Prepara a leitura do texto que se segue e lê-o em voz alta.



BIOGRAFIA

Maria Isabel Barreno (1939)

Nasceu em Lisboa, a 10 de julho de 1939. Licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas, foi chefe de redação da revista *Marie Claire*, mas dedica-se presentemente à escrita literária. Nas décadas de 1960 e 1970, foi uma das defensoras da condição feminina em Portugal, tendo publicado em 1972, juntamente com Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, o livro *Novas Cartas Portuguesas*, obra ousada que lhe valeu um processo judicial. A sua ficção narrativa assume uma dimensão fantástica e, ao mesmo tempo, é lugar de experimentação com a linguagem. Recebeu o Prémio Fernando Namora com o romance *Crónica do Tempo*, em 1990, e três anos depois, em 1993, a sua obra *Os Sentos Incomuns* foi reconhecida com três Prémios: Prémio Camilo Castelo Branco; Prémio APE; Prémio Pen Club.

Obra: *De Noite as Árvores São Negras*; *Novas Cartas Portuguesas*; *O Inventário de Ana*; *Crónica do Tempo*; *O Enviado*; *Os Sentos Incomuns*; *O Senhor das Ilhas*; ...

O contador de histórias

Eu sentara-me na praça, junto à fonte. Era dia de mercado, muita gente passava, muita gente se atardava, bebendo água, refrescando-se no intervalo ou no fim das compras, planeando, contando o dinheiro. Eu estendera o pano preto à minha frente, como sempre faço, um retângulo nem muito pequeno nem muito grande, que chame a atenção para não ser pisado, mas que não crie também a interrogação hostil dum espaço grande que obrigue ao desvio dos itinerários naturais. Sabedorias que aprendi, com os mestres e com a vida, com o olhar das pessoas. Estas julgavam geralmente que o pano preto apenas se destina a recolher as moedas e assim fixam o seu olhar naquele retângulo, julgando responder inteiramente ao seu apelo com essa esmola para a voz que ouvem com mais ou menos atenção.

Sim, o retângulo destinava-se à recolha de moedas. Mas, mais do que isso, era um adereço. Tudo necessita duma infraestrutura. O pano negro era o espaço que separava quem falava e quem escutava. Poderia ser branco, também; vazio intermédio, absorção de todos os possíveis. Para não ser demasiado pomposo direi que o pano retangular era o necessário ritual.

Eu começara a contar a história dum salteador de estradas que um dia sofrera um grande desastre. Caiu do cavalo, dizia eu, quando uma noite fugia, perseguido por homens indignados. Mais do que indignados, desesperados: o ladrão roubara-os vezes sem conta, empestando os caminhos daquela região; perseguindo o ladrão, eles fugiam da miséria, por isso tinham superado o medo e estavam dispostos à morte, sua ou do ladrão. Este, que conhecia bem todos os caminhos e sítios desertos, embrenhou-se por um córrego na encosta dum fundo precipício. Em baixo corriam águas negras e apenas alguns penhascos e árvores raquíticas separavam o galope do cavalo daquelas águas furiosas. Qualquer coisa espantou o animal. Uma víbora, foi dito depois, mas ninguém viu tal víbora ou seu rasto. Há muitas causas misteriosas neste mundo e não vale a pena determo-nos sobre elas, a não ser quando elas nos chamam e se revelam. O cavalo empinou-se, o ladrão caiu e resvalou quase até ao fundo do precipício. Apenas o susteve um penhasco agudo. A queda salvou-o da morte. Os perseguidores perscrutaram as sombras dos fundos.

35 Decidiram que era impossível procurar o ladrão naquela ravina quase a pique, decidiram que certamente ele tinha morrido; pelo menos não sairia dali com vida, por muito longa que fosse a agonia.

A queda quebrou a perna direita do ladrão, que conseguiu rastejar penosamente ao longo da ravina, alimentando-se de bagas, raízes e até
40 de caules lenhosos, dias e dias, bebendo das águas furiosas do fundo. A perna soldou, torta, irremediavelmente coxa e dolorosa. O ladrão saiu do desfiladeiro, prisão improvisada, magro, sem cavalo, sem aptidão para saltar nas estradas. Caminhou para longe, coxeando.

Chegou a uma aldeia distante e as pessoas juntavam-se à sua volta,
45 com gritos de boas-vindas e hossanas. Admirado, perguntou o que se passava. Reconhecemos-te, responderam-lhe; diz uma velha profecia que um dia chegarias. Pai dos arrependidos, ajudando todos os que querem fugir do mal, coxeando. Ainda perplexo, o ladrão coxo foi acolhido por um alfaiate que o tomou seu ajudante, considerando uma honra albergar aquele que fora anunciado. O ladrão aceitou tudo isto, pensando
50 nas vantagens imediatas: cama e comida garantidas. Mas com o andar do tempo foi acreditando no significado da sua própria presença ali, foi acreditando na profecia. Como poderia ele, sozinho, pretender desmentir o que fora predito e acontecera? Como várias outras pessoas de simi-
55 lar experiência, o coxo ladrão aceitou os acontecimentos, sua evidência, seu significado, desistindo de opiniões próprias e foi feliz. Casou com a filha do alfaiate que era feia e dedicada. Teve filhos, herdou o negócio do sogro. Morreu, muitos anos depois, em paz. E antes de morrer, disse aos filhos: aceitem os vossos destinos. O que parece uma desgraça, pode não ser.

60 Algumas pessoas revoltavam-se com a história, sempre assim aconteceu com as minhas histórias. Achavam injusto que um ladrão morresse feliz e em paz. Outras comoviam-se e diziam que Deus é bom e tudo depende de nós aceitarmos as suas oportunidades. Foi então que se aproximou o rapaz triste. Com um sorriso amargo perguntou-
65 -me: achas então que o sofrimento torna as pessoas boas? E eu disse-lhe que não. Nada torna as pessoas boas a não ser elas próprias. A vida dum coxo não é igual à de quem tem duas pernas sãs. Não necessariamente pior, não necessariamente melhor.

MARIA ISABEL BARRENO, *O Enviado*,
Caminho, 2001.



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Centra-te nos dois primeiros parágrafos do texto.
 - 1.1 Classifica o narrador quanto à presença. Justifica com dados do texto.
 - 1.2 Onde e quando se passa a ação? Transcreve, para o teu caderno, duas passagens que ilustrem a tua resposta.
 - 1.3 Há um objeto que sobressai no cenário criado pelo narrador.
 - 1.3.1 Identifica-o e refere a sua função.
 - 1.3.2 O que significa para o narrador?
2. Considera, agora, o terceiro, o quarto e o quinto parágrafos.
 - 2.1 Afinal, quem é este narrador? Justifica com uma expressão do texto.
 - 2.2 Identifica a personagem principal da história contada pelo narrador.
 - 2.3 Delimita as sequências da ação narrada.
 - 2.3.1 Identifica o modo como se organizam essas sequências.
 - 2.4 Descreve o desfecho da história do salteador e interpreta a sua moral.
3. Atenta no último parágrafo.
 - 3.1 Explicita as diferentes reações dos ouvintes à história narrada.
 - 3.2 Há um ouvinte que sobressai. Caracteriza-o com dados do texto.
 - 3.3 Qual é a lição de vida dada pelo contador de histórias?
4. Nota que, no texto que acabaste de ler, se cruzam dois tempos, dois espaços, duas ações e duas ordens de personagens.
 - 4.1 Elabora um quadro semelhante ao seguinte no teu caderno e preenche-o  com expressões do texto que ilustrem a afirmação.

Tempo	Passado mais próximo	Passado mais longínquo
Espaço	(1)	(2)
Ação	(3)	(4)
Personagens	(5)	(6)

- 4.2 Identifica a ação principal e a secundária.
 - 4.2.1 Refere o modo como se organizam.
5. Relê as passagens seguintes.
 - a) «Sim, o retângulo destinava-se à recolha de moedas. Mas, mais do que isso, era um adereço.» (II. 13-14)
 - b) «Nada torna as pessoas boas a não ser elas próprias.» (II. 66-67)
- 5.1 Explica-as por palavras tuas.

6. A palavra «fonte» (l. 1) é polissémica, isto é, tem mais do que um sentido. Identifica o significado que a palavra tem em cada uma das frases apresentadas. Descobrirás, assim, o seu campo semântico.

A	B
(a) A fonte brotava diretamente das entranhas da terra.	(1) documento que está na origem de uma informação
(b) Construíram uma fonte no centro da aldeia.	(2) origem
(c) O investigador consultou várias fontes para elaborar o seu trabalho.	(3) nascente
(d) O jornalista nunca revelava as suas fontes .	(4) chafariz
(e) Ele foi investigar a fonte do problema.	(5) pessoa que fornece informações

GRAMÁTICA

7. Relê o primeiro parágrafo do texto e preenche um quadro semelhante ao seguinte.



Modo	Tempo	Exemplos
Indicativo	Pretérito perfeito	(1)
	Pretérito imperfeito	(2)
	Pretérito mais-que-perfeito	(3)
	Presente	(4)
Gerúndio		(5)
Infinitivo		(6)
Conjuntivo	Presente	(7)

Consulta a ficha informativa 14, «O verbo», na página 132.

8. Lê o excerto seguinte: «Chegou a uma aldeia distante e as pessoas juntavam-se à sua volta, com gritos de boas-vindas e hossanas. Admirado, perguntou o que se passava. Reconhecemos-te, responderam-lhe; diz uma velha profecia que um dia chegarias. Pai dos arrependidos, ajudando todos os que querem fugir do mal, coxeando.» (ll. 44-48)

8.1 Reescreve-o, utilizando as notações próprias dos discursos direto e indireto.

8.2 Passa para discurso direto: «Admirado, perguntou o que se passava.» (ll. 45-46).

9. Considera a frase: «Eu estendera o pano preto à minha frente [...]» (ll. 3-4).

9.1 Identifica as funções sintáticas dos seus constituintes.

9.2 Passa-a para a forma passiva.

10. Relê as passagens seguintes.

a) «Chegou a uma aldeia distante e as pessoas juntavam-se à sua volta, [...]» (l. 44)

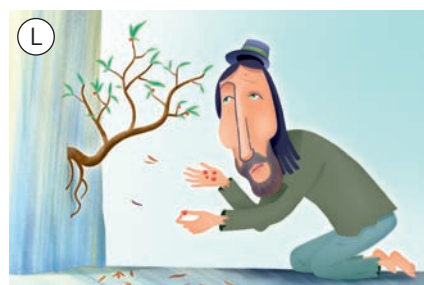
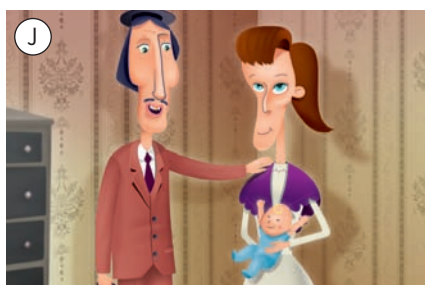
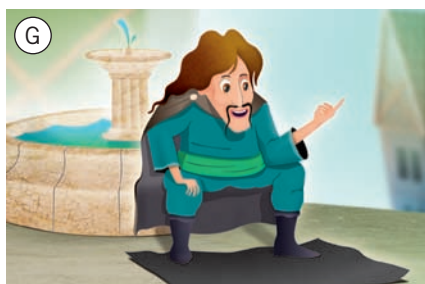
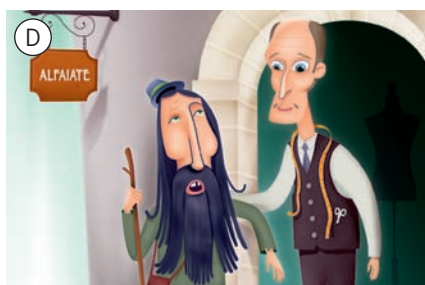
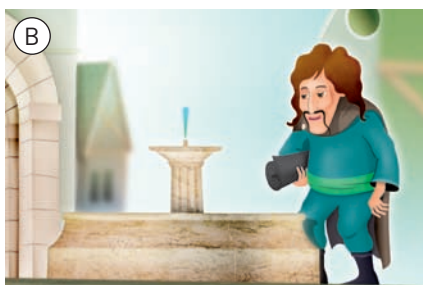
b) «Casou com a filha do alfaiate que era feia e dedicada.» (ll. 56-57)

10.1 Delimita as orações que constituem estas frases e classifica-as.

10.2 Classifica as palavras que estabelecem a ligação entre as orações.

Consulta a ficha informativa 11, «A frase ativa e a frase passiva», na página 90.

11. Observa as imagens, que correspondem às sequências narrativas do texto que acabaste de ler.



11.1 Ordena-as, de acordo com a sequência do texto.

11.2 Escreve para cada uma delas uma frase-síntese.

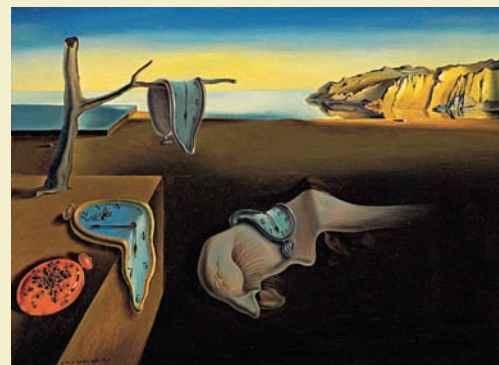
12. Procede ao reconto oral do texto que acabaste de estudar, de uma forma bem estruturada.

1. Observa a imagem, que reproduz o quadro *A Persistência da Memória*, de Salvador Dalí, um pintor da Catalunha que viveu no início do século xx.

1.1 Dialoga com a turma sobre as questões seguintes.

- O elemento mais visível do quadro.
- Interpretações para o modo como se encontra representado.
- Outros elementos do quadro e seu possível significado.

1.2 Relaciona as observações feitas com o título do texto que vais ler.



Prepara a leitura do texto e lê-o em voz alta.

O Papalagui¹ nunca tem tempo...



O Papalagui adora o metal redondo e o papel forte, gosta de encher a barriga com uma série de líquidos provenientes de frutos mortos e come carne de porco, boi e outros horríveis animais, mas acima de tudo gosta de uma coisa que se não pode agarrar e que no entanto existe: o tempo. Leva-o muito a sério e conta toda a espécie de tolices acerca dele. Embora não possa haver mais tempo do que o que medeia do nascer ao pôr do Sol, isso para o Papalagui nunca é o bastante.

O Papalagui nunca está contente com o tempo que lhe coube e censura ao Grande Espírito o não lhe ter dado mais. Chega mesmo a blasfemar contra Deus e a sua grande sabedoria, dividindo e subdividindo cada novo dia que nasce, segundo um plano bastante preciso. Corta-o como se cortaria em pedaços uma noz de coco mole com um cutelo. As várias partes têm todas elas um nome: segundo, minuto, hora. O segundo é mais pequeno que o minuto e este mais pequeno do que a hora. As horas são feitas de todos os segundos e minutos juntos, e é preciso ter sessenta minutos e muitos mais segundos para fazer uma hora.

É uma coisa muito confusa que eu na realidade nunca percebi, pois me indispõe refletir mais do que o devido sobre coisas tão pueris. O Papalagui, contudo, faz disso toda uma ciência. Os homens, as mulheres e até mesmo as crianças que ainda mal se têm nas pernas trazem consigo, quer presa por grossas cadeias de metal que lhe pendem do pescoço, quer atada ao punho com a ajuda de uma correia de coiro, uma pequena máquina achatada e redonda onde podem ler o tempo, o que não é mesmo nada fácil. Ensinam isso às crianças encostando-lhes a máquina ao ouvido, para lhes despertar a curiosidade.

Pode-se facilmente pegar em tal máquina só com dois dedos; lá dentro tem umas máquinas parecidas com as que há no bojo dos grandes barcos que todos vós conheceis. Mas nas cabanas há outras máquinas do tempo, grandes e pesadas e outras ainda suspensas no cimo das mais altas cabanas, para que se veja bem de longe. Quando decorreu um



A OBRA

O Papalagui (1920)

O livro *O Papalagui*, designação atribuída ao homem ocidental civilizado, corresponde a uma recolha, realizada por Erich Scheurmann, de discursos do chefe de tribo Tuiavii de Tiavéa, habitante da longínqua ilha de Upolu, na Polinésia.

Constitui um importante contributo para «nós, homens brancos e esclarecidos, termos conhecimento do modo como um indivíduo ainda intimamente ligado à natureza nos vê a nós e à nossa cultura».

O autor da recolha viveu durante um ano na aldeia de Tuiavii e acompanhou a sua «natureza excecional», que o levou a querer conhecer o continente europeu. O seu sentido de observação e o seu ponto de vista ingénuo retratam a Europa de uma forma crítica. Foi uma amizade forte que levou Tuiavii a passar as suas notas a Erich Scheurmann, que as traduziu para o alemão e as publicou após a guerra de 1914-18, numa altura em que o europeu começava a pôr em causa o verdadeiro sentido do progresso.

O Papalagui foi traduzido do alemão para o português pela escritora Luiza Neto Jorge.

¹ Papalagui: designação atribuída ao homem ocidental.

certo tempo isso é-nos indicado por dois dedinhos postados na parte de fora da máquina; ao mesmo tempo que ela solta um grito e um espírito bate num ferro que há lá dentro, fazendo-o ressoar. Sim, há um barulho enorme, um formidável estrondo, nas cidades europeias, ao fim de certo e determinado tempo.

Ao ouvir o barulho da máquina do tempo, queixa-se o Papalagui assim: «Que pesado fardo! Mais uma hora que se passou!» E, ao dizê-lo, mostra geralmente um ar triste, como alguém condenado a uma grande tragédia. No entanto, logo a seguir principia uma nova hora!

Como nunca fui capaz de entender isto, julgo que se trata de uma doença grave. «O tempo escapa-se-me por entre os dedos!», «O tempo corre mais veloz do que um cavalo!», «Dá-me um pouco mais de tempo» — tais são os queixumes do homem branco.

TUIAVII DE TIAVÉA, *O Papalagui, Discursos de Tuiavii Chefe de Tribo de Tiavéa nos Mares do Sul* (compil. de Erich Scheurmann e trad. de Luiza Neto Jorge), Edições Antígona, 1999.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. A personagem principal do texto é o Papalagui. Caracteriza-o, partindo da leitura do primeiro parágrafo.
2. Relê a seguinte passagem: «O Papalagui nunca está contente com o tempo que lhe coube [...]» (l. 8).
 - 2.1 Como lida ele com essa insatisfação?
 - 2.2 Como reparte ele o tempo? Justifica com uma frase do texto.
3. Considera o excerto: «[...] uma pequena máquina achatada e redonda onde podem ler o tempo [...]» (l. 23).
 - 3.1 A que máquina se refere o narrador?
 - 3.2 Como se ensinam as crianças a ler o tempo?
 - 3.3 Transcreve expressões que traduzam os diferentes tipos de máquinas de ler o tempo.
4. Relê a passagem: «[...] há um barulho enorme, um formidável estrondo nas cidades europeias, ao fim de certo e determinado tempo.» (ll. 33-35).
 - 4.1 Qual é o barulho a que o narrador se refere?
 - 4.2 Que reações provoca no Papalagui?
 - 4.3 O que pensa o narrador desse modo de sentir o tempo?
5. Dá um exemplo para cada recurso expressivo apresentado.



Figuras	Exemplos
Metáfora	(1)
Comparação	(2)
Adjetivação	(3)
Personificação	(4)

GRAMÁTICA

6. Considera a palavra «tempo» e preenche o quadro seguinte com exemplos do texto.



Hiperónimo	Hipónimos
(1)	(2)

- 6.1 Elabora o campo lexical do vocábulo «tempo» com exemplos do texto.

7. Classifica cada um dos elementos destacados nas frases da coluna A recorrendo à informação da coluna B.



Consulta a ficha informativa 9, «A conjunção», na página 87.

A	B
(a) « <u>Embora</u> não possa haver mais tempo do que o que medeia do nascer ao pôr do Sol, isso para o Papalagui nunca é o bastante.» (Il. 6-7)	(1) Conjunção subordinativa causal
(b) «O Papalagui nunca está contente com o tempo que lhe coube <u>e censura ao Grande Espírito</u> o não lhe ter dado mais.» (Il. 8-9)	(2) Conjunção subordinativa temporal
(c) «Corta-o <u>como se cortaria em pedaços uma noz de coco mole com um cutelo.</u> » (Il. 11-12)	(3) Conjunção subordinativa concessiva
(d) «É uma coisa muito confusa <u>que eu na realidade nunca percebi [...]</u> » (l. 17)	(4) Conjunção coordenativa copulativa
(e) « <u>Quando</u> decorreu um certo tempo isso é-nos indicado por dois dedinhos postados na parte de fora da máquina [...]» (Il. 30-32)	(5) Conjunção subordinativa comparativa
(f) « <u>Como</u> nunca fui capaz de entender isto, julgo <u>que se trata de uma doença grave.</u> » (Il. 40-41)	(6) Pronome relativo

Consulta a ficha informativa 10, «A coordenação e a subordinação», na página 88.

- 7.1 Classifica as orações sublinhadas nas frases.

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Considera a passagem: «O tempo corre mais veloz do que um cavalo!» (Il. 41-42).

- 8.1 Utilizando-a como título, conta uma pequena história num texto de 100 a 150 palavras.

Antes de começares a escrever, procede à planificação do texto, definindo:

- as personagens;
- as ações praticadas;
- o espaço e o tempo em que decorre a história;
- o tipo de narrador (presença).

No fim, não te esqueças de lhe fazer uma última revisão.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS / COMPREENSÃO DO ORAL

9. Ouve o poema seguinte e, no teu caderno, completa-o com as palavras em falta.



O tempo

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

Pelas (1) da praia
o tempo fui procurar.
Mas onde moras, ó (2),
que não te consigo achar?

5 Pelos (3) da floresta
o tempo fui procurar.
Mas onde moras, ó tempo,
que não te (4) achar?

Pelas (5) da rua
10 o tempo fui procurar.
Mas onde (6), ó tempo,
que não te consigo achar?

(7), o coração
é um relógio a bater.

15 O tempo que não achei
já me fez (8).

LUÍSA DUCLA SOARES, *A Cavalo no Tempo*,
Civilização Editora, 2008 (texto adaptado).

9.1 Justifica o tom interrogativo das três primeiras estrofes.

9.2 Explica a última estrofe do poema.



EXPRESSÃO ORAL

10. Em diálogo com a turma, compara o poema apresentado com o texto «O Papalagui nunca tem tempo...», salientando os seguintes aspetos.

- O tema abordado.
- As perspetivas perante o tema.
- A forma (organização textual).

10.1 Podes ainda apresentar a tua opinião, bem fundamentada, relativamente aos dois textos trabalhados. Deves:

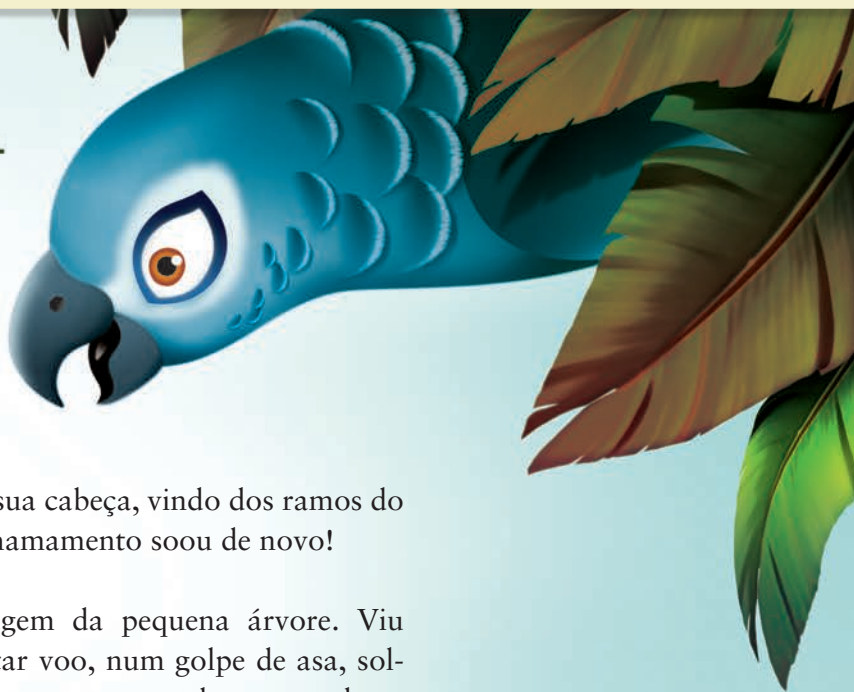
- referir o texto da tua preferência;
- explicitar as razões dessa preferência.

10.2 Grava as diferentes opiniões para depois as ouvires e detetares: repetições; palavras ou expressões mal pronunciadas; segmentos que ganhavam expressividade com outra entoação.

1. Que conhecimentos tens sobre os papagaios?
2. O que te sugere o título do texto?

Prepara a leitura do texto e lê-o em voz alta.

O mistério dos papagaios



Uma manhã, Sexta-Feira acordou com a voz de Robinson, que o chamava pelo nome. Soergueu-se e olhou em volta. Ninguém! E, no entanto, não

5 sonhara. De repente, mesmo por cima da sua cabeça, vindo dos ramos do arbusto debaixo do qual adormecera, o chamamento soou de novo!

— Sexta-Feira! Sexta-Feira!

Levantou-se e inspecionou a folhagem da pequena árvore. Viu então um pássaro verde e cinzento levantar voo, num golpe de asa, soltando uma espécie de risada, em direção a um pequeno bosque onde os
10 dois amigos raramente penetravam.

Quis ter a certeza e dirigiu-se para esse ponto da ilha. Não teve de procurar muito tempo: uma das árvores mais belas — um tulipeiro — parecia carregado de grandes frutos bizarros... que eram, na realidade,
15 outros tantos ninhos de papagaios.

Voltou lá de tarde, com Robinson. [...]

— É realmente a primeira vez, desde o meu naufrágio, que sou incomodado pelo barulho das vozes — exclamou Robinson, lembrando-se dos seus longos anos de solidão.

20 — *Barulho das vozes, barulho das vozes, barulho das vozes!* — papagueou uma voz áspera, nos ramos do pinheiro mais próximo. [...]

A partir desse dia, Robinson e Sexta-Feira tiveram a maior dificuldade em trocar uma frase sem que logo uma voz trocista, saindo de uma moita ou arbusto próximos, viesse interrompê-los, repetindo algumas
25 palavras que tivessem dito. Desesperado, Robinson já não se deslocava sem um pau, que atirava raivosamente na direção de onde vinha a voz.

30 Nunca atingiu um papagaio, mas era frequente ver-se um deles levantar voo, soltando um grito que mais parecia uma risada trocista.

— Na verdade — disse-lhe Sexta-Feira alguns dias depois — parece-me que esta é uma boa lição. Falamos demasiado. Nem sempre é bom falar.

35 Na minha tribo, entre os araucânios, os que mais sabem são os que menos falam. Quanto mais falamos, menos



BIOGRAFIA

Michel Tournier (1924)

Nasceu em Paris no ano de 1924. Além de escritor, foi também tradutor e dirigiu programas de rádio. Recebeu o Grande Prémio da Academia Francesa e o Prémio Goncourt.

Obra: *Sexta-Feira ou a Vida Selvagem; Os Meteoros; Gaspar, Belchior e Baltasar; O Vagabundo Imóvel; ...*



respeitados somos. Os animais mais tagarelas são os macacos, e entre os homens são as crianças pequenas e as mulheres velhas.

40 E não se deixou perturbar pela gritaria que logo se ouviu, mesmo ali ao lado, repetindo: *crianças pequenas, crianças pequenas, crianças pequenas*. Ensinou a Robinson um certo número de gestos com as mãos que poderiam exprimir as coisas mais importantes.

Assim, este gesto significava:

Este outro:

E este:



45 Tenho sono.



Tenho fome.



Tenho sede.

[...] Assim, Robinson e Sexta-Feira mantiveram-se silenciosos durante várias semanas. Certa manhã, os ovos dos papagaios eclodiram, os filhotes aprenderam a voar e um grande ajuntamento ruidoso teve lugar junto à margem. Depois, de uma só vez, no momento em que o Sol nascia, todas as
50 aves levantaram voo dirigindo-se para o largo e, no horizonte, uma grande nuvem, redonda e verde como uma maçã, começou a diminuir, para depois desaparecer.

Robinson e Sexta-Feira de novo puderam utilizar a boca para comunicar e sentiram-se muito felizes ao ouvirem novamente o som das próprias vozes.

MICHEL TOURNIER, *Sexta-Feira ou a Vida Selvagem*
(tradução de Emílio Campos Lima), Editorial Presença, 1997 (texto com supressões).

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Atenta na citação: «Uma manhã, Sexta-Feira acordou com a voz de Robinson, que o chamava pelo nome.» (Il. 1-3).
 - 1.1 Que voz é que efetivamente chamava por Sexta-Feira?
 - 1.2 Como chegou ele a essa conclusão? Justifica a tua resposta com expressões textuais.
2. Repara agora nas personagens do texto.
 - 2.1 Refere-as.
 - 2.2 Caracteriza as suas atitudes ao longo da ação.
 - 2.3 Indica o tipo de caracterização que predomina no texto.
3. Classifica o narrador quanto à presença. Justifica a tua resposta.
4. Observa que, ao longo do texto, vão surgindo pequenas pausas descritivas.
 - 4.1 Transcreve do texto dois momentos descritivos.
 - 4.2 O que pretende o narrador com esses momentos de pausa na ação?
5. Relê a afirmação de Sexta-Feira: «Na minha tribo, entre os araucânios, os que mais sabem são os que menos falam.» (Il. 35-37).
 - 5.1 Explica-a por palavras tuas.

6. No teu caderno, ordena as sequências narrativas do texto. Começa pela letra (G).



6.1 Indica o modo como estão organizadas.

Sequências narrativas
(A) Encontra ninhos de papagaios num tulipeiro.
(B) Robinson e Sexta-Feira retomam a comunicação verbal.
(C) Os papagaios imitam constantemente os dois amigos, incomodando Robinson.
(D) Vê um pássaro a levantar voo.
(E) Sexta-Feira ensina a Robinson uma linguagem diferente: a gestual.
(F) Os papagaios partem.
(G) Sexta-Feira acorda com a voz de Robinson.
(H) Regressa ao local acompanhado por Robinson.
(I) Sexta-Feira retira a lição: os que mais falam são os que menos sabem.
(J) Procura quem o chama.
(K) Robinson repara que o barulho das vozes o incomoda pela primeira vez.
(L) Os filhotes dos papagaios nascem e aprendem a voar.
(M) Dirige-se ao lugar da ilha para onde o pássaro voou.

GRAMÁTICA

7. Nota que a ação do texto vai decorrendo e segue uma ordem temporal.

7.1 Transcreve os conectores temporais presentes no texto.

8. Repara nas frases que se seguem.

a) «**Desesperado**, Robinson já não se deslocava sem um pau, [...]» (ll. 25-26)

b) «[...] um **grande** ajuntamento **ruidoso** teve lugar junto à margem.»
(ll. 48-49)

c) «[...] sentiram-se muito **felizes** ao ouvirem novamente o som das próprias vozes.» (l. 54)

8.1 Identifica a classe a que pertencem as palavras destacadas.

8.2 Indica a função sintática que desempenham.

8.3 Na última frase, em que grau se encontra a palavra destacada?

EXPRESSÃO ESCRITA

Robinson escreve um **diário** desde que naufragou e chegou à ilha Speranza. Imagina e redige a página que ele terá escrito no dia em que assistiu à partida dos papagaios.

9. Partindo do cenário proposto, produz um texto bem estruturado e que respeite a tipologia em causa. Não te esqueças da revisão final.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

1. Partindo da ilustração que acompanha o texto, apresenta hipóteses quanto ao tema da história que vais ler.
2. Relaciona o título do texto com o tempo em que se irá passar a história que irás estudar.



BIOGRAFIA

Afonso Lopes Vieira
(1878-1946)

Nasceu em Cortes, Leiria, em 1878, e morreu em Lisboa, em 1946. Licenciou-se em Direito, em Coimbra, iniciando a sua vida profissional como advogado, em Lisboa, no início do século xx. De 1902 a 1916, pertenceu à Câmara dos Deputados. Ao deixar este cargo político, dedicou-se por inteiro à sua vocação de poeta. São Pedro de Moel, onde tinha uma casa virada para o mar, tornou-se local de criação artística e de encontro em tertúlia de vultos importantes da cultura portuguesa de então. A sua obra, marcada inicialmente pelo Decadentismo e pelo Saudosismo, acabou por se impor pela vertente do Simbolismo Lusitanista. Participou ativamente na vida cultural do seu tempo, colaborando na organização de eventos e em revistas literárias diversificadas, da *Águia* à *Contemporânea*, passando pela *Lusitânia* e pela *Atlântida*.

Obra: *Poesia para quê;* *O Poeta Saudade;* *Bartolomeu Marinheiro;* *Ilhas de Bruma;* *O Romance de Amadis;* *A Campanha Vicentina;* *Conferências e Outros Escritos;* *Nova Demanda do Graal;* ...

Prepara a leitura do texto que se segue e lê-o em voz alta.

Amadis, filho de rei



Com que saudade e dor Elisena ficou de Perion! Em tão breve tempo, e tão pouco propensa como sempre fora aos bens e males do amor, provara a infanta toda a alegria e toda a pena. Só falando com Darioleta sentia algum alívio. Passando foram os dias, uns menos tristes

5 que outros, porém cheios todos de cuidados. [...] Ela mesma se admirava da mudança que fizera com a vinda de Perion e às vezes pejava-se daquela confiança com que fora à noite ter com ele. Não se arrependia de quanto tinha feito, mas confortava-se pensando que ambos haviam obedecido a quem podia mais. Até que se sentiu grávida, e perdeu o

10 comer e o dormir e a formosa cor.

Cresceram então os temores, e não sem grande razão, porque naquele tempo era lei que não escapasse à morte, por maior que fosse seu estado ou senhorio, mulher que cometesse culpa.

Culpa, não a cometera Elisena, pois o que el-rei Perion jurara sobre

15 a cruz santificava para Deus o amor de ambos; mas isso era para Deus, não para os homens. [...]

Ora, aquele todo poderoso Senhor, por cuja permissão estas ações se faziam, tão serviçal tornou Darioleta que a donzela tudo remediou, como agora ouvireis.

20 Havia em palácio uma apartada câmara de abóbada que dava para o rio que por ali passava, e ao rés do qual se abria uma portinha de ferro por onde as moças do paço, em dias de calma, entravam na água para folgar.

Por conselho de Darioleta, pediu Elisena esta câmara aos pais, a fim de melhorar a saúde e rezar as suas Horas sem que a estorvasse ninguém,

25 levando Darioleta para que a servisse. Tendo-lho eles consentido, ali se aposentou a infanta e alguma coisa descansou de seus temores.

Um dia perguntou à donzela que se havia de fazer ao que nascesse.

— Que se há de fazer? Que padeça para que vos livreis, senhora!

— Que padeça.

30 — Ou desapareça...

— Ai! Santa Maria! — gemeu Elisena. — E como deixarei matar o que aquele que mais amo fez?

— Não cureis agora de isso — tornou-lhe Darioleta — porque, se a vós matassem, a ele não poupariam.

35 Mas o coração da que ia ser mãe é que se não podia conformar com tais juízos. Do fundo das entranhas Elisena exclamou:

— Ainda que eu como culpada acabe, não quero que me morra o inocente!

— Pois grande loucura seria que, para salvar coisa sem proveito,
 40 vos perdêsseis e a vosso senhor. Ora, vivendo ambos, outros filhos vireis a ter que a pena deste vos farão passar.

Como era tempo de ir pensando em tudo, antes do aperto quis Darioleta o remédio. Buscou quatro tábuas tão grandes que fez com elas uma arca do comprimento de uma espada, e com betume as embreou tão
 45 bem que toda a água vedavam.

Mostrando a Elisena o que fizera, disse-lhe que a seu tempo saberia para que era aquilo.

Respondeu-lhe a pobrezinha:

— Pouco se me dá saber o que se faz ou se diz, que perto estou de
 50 perder minha alegria e meu bem! [...]

Não tardou muito que a Elisena chegasse a hora de ser alumiada; e, como não podia gemer, dobradamente sofria.

Enfim uma noite quis Nosso Senhor que o filho do amor nascesse, e, tomando-o a donzela nos braços, viu que era vivo e formoso!

Porém logo tratou de fazer o que convinha, segundo o que tinha
 55 já determinado: batizou o menino como se fora em artigo de morte e, depois de o embrulhar em ricos panos, trouxe a arca.

Elisena, abraçada ao filho, não entendia estes preparos:

— Que ides fazer?

60 — Pô-lo aqui e deitá-lo ao rio!

A mãe apertava-o ao peito, chorava que se matava:

— Meu menino! Meu rico filhinho!

Mas o temor do risco em que se achavam aguçava a ligeireza da donzela.

65 Darioleta escreveu num pergaminho: — *Este é Amadis sem Tempo, filho de Rei*. O nome era o de um santo de muita devoção, a quem o encomendou; e dizia «sem tempo» porque cuidava que ele ia logo morrer.

Tirou o menino dos braços da mãe, pendurou-lhe ao pescoço o pergaminho, e Elisena enfiou na mesma fita o anel que Perion lhe tinha
 70 dado. Metido o menino na arca, puseram-lhe ao lado a espada do pai — e a donzela foi deitar a arca ao rio...

AFONSO LOPES VIEIRA, *O Romance de Amadis*, Porto Editora, 2010
 (texto com supressões).

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Considera o excerto textual: «Cresceram então os temores, [...]» (l. 11).
 - 1.1 Por que motivo Elisena se encontra temerosa?
 - 1.2 Como procura ela ultrapassar os seus receios? Fundamenta a tua resposta com elementos do texto.
2. Considera a proximidade que o narrador revela relativamente ao leitor.
 - 2.1 Transcreve elementos que comprovem essa proximidade.



3. Todo o texto remete para um espaço e um tempo determinados.
 - 3.1 Caracteriza o espaço social em que decorre a ação. Ilustra com exemplos do texto.
 - 3.2 Em que tempo histórico se desenrolam os acontecimentos narrados?
4. Explicita o valor simbólico de alguns dos objetos que se destacam no texto.
5. Identifica os recursos expressivos exemplificados.



Figuras	Exemplos
(1)	«[...] provar a infanta toda a alegria e toda a pena.» (l. 3)
(2)	«[...] e perdeu o comer e o dormir e a formosa cor.» (ll. 9-10)
(3)	«[...] viu que era vivo e formoso!» (l. 49)
(4)	«[...] chorava que se matava: » (l. 61)

GRAMÁTICA

6. Consulta o dicionário e apresenta sinónimos para as palavras seguintes.
 - a) «propensa» (l. 2)
 - b) «pejava-se» (l. 6)
 - c) «senhorio» (l. 13)
 - d) «aperto» (l. 42)
 - e) «vedavam» (l. 45)
 - f) «ligeireza» (l. 63)
 - 6.1 Escreve duas frases relacionadas com o texto em que empregues os sinónimos das palavras «senhorio» e «ligeireza».
7. Considera as passagens.
 - a) «[...] levando Darioleta para que a servisse [...]» (l. 25)
 - b) «Tendo-lho eles consentido, ali se aposentou a infanta [...]» (ll. 25-26)
 - c) «[...] que se havia de fazer ao que nascesse.» (l. 27)
 - d) «Respondeu-lhe a pobrezinha:» (l. 48)
 - e) «[...] depois de o embrulhar com ricos panos, trouxe a arca.» (l. 57)
 - f) «Pô-lo aqui e deitá-lo ao rio!» (l. 60)
 - 7.1 Indica a classe de palavras dos vocábulos destacados.
 - 7.2 Identifica a função sintática que estas palavras desempenham nas frases.
8. Considera agora a forma verbal «tinha feito».
 - 8.1 Em que tempo verbal se encontra?
 - 8.2 Produz frases em que uses o mesmo verbo nos tempos verbais seguintes.
 - a) Pretérito perfeito composto do indicativo.
 - b) Futuro composto do indicativo.
 - c) Pretérito perfeito composto do conjuntivo.

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Relê a passagem: «Metido o menino na arca, puseram-lhe ao lado a espada do pai — e a donzela foi deitar a arca ao rio...» (ll. 70-71).
 - 9.1 Continua a história, imaginando o que aconteceu a Amadis sem Tempo. Planifica o teu texto e não te esqueças de o rever no fim.

Consulta a ficha informativa 8, «As funções sintáticas», na página 84.

Consulta a ficha informativa 14, «O verbo», na página 132.

Portefólio

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

COMPREENSÃO DO ORAL

10. Ouve a cantiga de amigo que se segue.



Ai flores do verde pino

— Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo?
ai, Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
5 se sabedes novas do meu amado?
ai, Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pôs comigo?
ai, Deus, e u é?

10 Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mi á jurado?
ai, Deus, e u é?

— Vós me perguntades pólo voss'amigo?
e eu ben vos digo que é san'e vivo:
15 ai, Deus, e u é?

Vós me perguntades pólo voss'amado?
e eu ben vos digo que é vivo e sano:
ai, Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é san'e vivo
20 e seerá vosc'ant'o prazo saído:
ai, Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é vivo e sano
e seerá vosc'ant'o prazo passado:
ai, Deus, e u é?



D. DINIS (CV 171; CBN 533) in *Poemas de Amor, Antologia de Poesia Portuguesa* (org. e pref. de Inês Pedrosa), Dom Quixote, 2003.

10.1 Em diálogo com a turma, tira conclusões sobre os aspetos seguintes.

- As personagens intervenientes.
- Os sentimentos expressos.
- O ambiente recriado.

10.2 Estabelece uma relação entre o texto «Amadis, filho de rei» e esta cantiga de amigo.

10.3 Dá a tua opinião sobre o poema que ouviste, orientando o teu discurso para os aspetos seguintes.

- Facilidade/dificuldade de compreensão.
- Adesão/não adesão à mensagem.

ANTES DE LER

1. Partilha com a turma as tuas impressões sobre o filme *Eragon*.
2. Diz o que sabes sobre a personagem Roran.



Roran **LER+**
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

Roran subiu o monte a muito custo.

Parou e piscou os olhos ao Sol, através do seu cabelo desalinhado. «Faltam cinco horas para o pôr do Sol.» Com um suspiro, avançou pela fileira de ulmeiros, em que cada árvore assentava numa almofada de relva rebelde.

Esta era a sua primeira visita à quinta desde que ele, Horst e outros seis homens de Carvahall tinham retirado tudo o que sobrara da casa destruída e do celeiro incendiado. Demorara quase cinco meses a sequer considerar a hipótese de regressar.

Uma vez chegado ao monte, Roran parou e cruzou os braços. Diante dos seus olhos apresentavam-se as ruínas do seu lar de infância. Ainda se mantinha de pé um canto da casa — carbonizado e prestes a desmoronar —, mas o resto tinha sido aplanado e estava já inteiramente coberto de ervas daninhas e outras plantas. Não se conseguia ver nada do celeiro. Os poucos hectares que conseguiam cultivar, ano após ano, estavam agora repletos de dentes-de-leão, mostarda-do-campo e mais erva. Aqui e além, sobreviviam umas beterrabas e uns nabos tresmalhados, e nada mais. Depois da quinta, uma espessa barreira de árvores obscurecia o rio Anora.

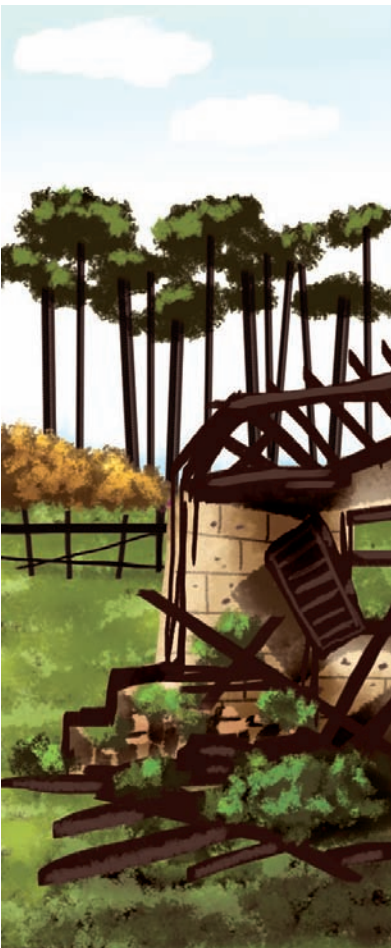
Roran cerrou o punho, com os músculos do maxilar a contorcem-se dolorosamente, enquanto tentava combater uma combinação de fúria e dor. Manteve-se absorto naquele local durante muitos e longos minutos, tremendo sempre que uma memória agradável lhe surgia. Aquele sítio fora toda a sua vida e mais ainda. Fora o seu passado... e o seu futuro. Seu pai, Garrow, dissera-lhe certa vez:

— A terra é uma coisa especial. Toma conta dela e ela tomará conta de ti. Não há muitas coisas capazes disso.

Roran tinha exatamente essa intenção, até ao momento em que o seu mundo foi corrompido por uma mensagem silenciosa de Baldor.

Com um gemido, deu meia volta e caminhou firmemente em direção à estrada. O choque daquele momento ainda ressoava no seu âmago. Arrancarem-lhe todos os que amava num ápice fora um acontecimento que lhe alterara a alma e do qual jamais recuperaria. Penetrara em todos os aspetos do seu comportamento e da sua maneira de ver o Mundo.

Mas isso também obrigara Roran a pensar mais do que nunca. Era como se a sua mente tivesse estado vendada até aí e essas vendas tivessem rebentado, permitindo conceber ideias que, anteriormente, eram inimagináveis. Por exemplo, a possibilidade de ele nunca se tornar agricultor ou de a justiça — o principal mote das





BIOGRAFIA

Christopher Paolini (1983)

Nasceu nos Estados Unidos da América, revelando desde muito cedo uma paixão fortíssima pela fantasia e pela ficção científica. Com 15 anos, começou a escrever o seu primeiro romance — *Eragon* —, tendo-se revelado um sucesso a nível mundial. Atualmente, vive em Paradise Valley (Montana), onde está a trabalhar em *Ancião*, o próximo volume da sua trilogia.

Obra: *Eragon*; *Eldest*; ...

canções e das lendas — ser um conceito distante da realidade. Por vezes, estes pensamentos preenchiam a sua consciência, ao ponto de mal conseguir levantar-se de manhã, sentindo-se completamente arrasado com esse peso.

45 Virando na estrada, dirigiu-se para norte, através do vale de Palancar, de volta a Carvahall.

As montanhas recortadas, surgindo em cada um dos lados, estavam cobertas de neve, apesar da verdura primaveril que se insinuara pelo solo do vale nas últimas semanas. Acima, uma nuvem cinzenta isolada
50 rumava em direção aos cumes.

Roran passou a mão pelo queixo, sentindo a barba por fazer.

«Foi o Eragon que causou tudo isto — ele e a sua maldita curiosidade —, ao trazer aquela pedra da Espinha.»

Roran demorara semanas a chegar a tal conclusão. Ouvira os rela-
55 tos de todos. Fizera Gertrude, a curandeira da vila, ler-lhe várias vezes a carta que Brom lhe deixara. E não havia outra explicação.

«Fosse lá o que fosse aquela pedra, deve ter atraído os estranhos.»

CHRISTOPHER PAOLINI, *Eldest*, Gailivro, 2005.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Relê a seguinte passagem: «Roran subiu o monte a muito custo.» (l. 1).
 - 1.1 Aonde se dirige ele?
 - 1.2 Há quanto tempo estava ausente daquele local? Porquê?
 - 1.2.1 Como se sente ele perante tudo isto? Fundamenta a tua resposta.
2. Considera a frase: «Manteve-se absorto naquele local durante muitos e longos minutos [...]» (ll. 22-23).
 - 2.1 Com que cenário deparou Roran? Ilustra a tua resposta com elementos do texto.
 - 2.2 Que ligação especial une Roran àquele espaço? Justifica a tua resposta com elementos do texto.
 - 2.2.1 Interpreta o conselho que o seu pai lhe dera havia muito tempo.
3. Roran é o protagonista do excerto. Caracteriza-o física e psicologicamente e fundamenta a tua opinião.
4. Considera a frase: «O choque daquele momento ainda ressoava no seu âmago.» (ll. 31-32).
 - 4.1 Que consequências teve esse trágico acontecimento na sua vida?
 - 4.1.1 Que opinião passou Roran a ter da justiça?
 - 4.1.1.1 E tu, pensas da mesma forma?
5. Lê a passagem: «Roran demorara semanas a chegar a tal conclusão.» (l. 54).
 - 5.1 Que conclusão foi essa? Fundamenta a tua resposta.
6. Como podes verificar, o excerto apresenta momentos de descrição e de narração.
 - 6.1 Transcreve um exemplo de cada um desses momentos.

Consulta a ficha informativa 11, «A frase ativa e a frase passiva», na página 90.

GRAMÁTICA

7. Passa as frases para a passiva ou ativa, consoante o caso.
- a) «Uma vez chegado ao monte, Roran parou e cruzou os braços.» (l. 10)
 - b) «[...] o seu mundo foi corrompido por uma mensagem silenciosa de Baldor.» (l. 29)
 - c) «Por vezes, estes pensamentos preenchiam a sua consciência [...]» (ll. 41-42)
8. Relê o parágrafo seguinte: «As montanhas recortadas, surgindo em cada um dos lados, estavam cobertas de neve, apesar da verdura primaveril que se insinuara pelo solo do vale nas últimas semanas. Acima, uma nuvem cinzenta isolada rumava em direção aos cumes.» (ll. 47-50)
- 8.1 Identifica os nomes presentes no excerto.
- 8.2 Identifica também os adjetivos.

- 8.2.1 Associa esses adjetivos aos nomes que qualificam. Responde no teu caderno com a ajuda das alíneas.



	Nomes	Adjetivos
a)	(1)	(2)
b)	(1)	(2)
c)	(1)	(2)
d)	(1)	(2)

9. Identifica o tempo e o modo de cada uma das formas verbais.



Formas verbais	Tempo e modo
«estavam»	(1)
«insinuar»	(2)
«rumava»	(3)
«surgindo»	(4)
«demorara»	(5)
«fosse»	(6)
«deve»	(7)

EXPRESSÃO ESCRITA

10. Imagina que Roran resolve reconstruir o seu lar de infância. Produz um texto em que descrevas o modo como Roran iria proceder às obras de reconstrução.
- 10.1 Lê o teu texto à turma e ouve, com atenção, os textos dos teus colegas.
- 10.2 Troca impressões com os teus colegas sobre o que te pareceu mais interessante nas narrativas deles.

Não te esqueças de planificar o texto e de o rever muito bem antes de o dares por concluído.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

ANTES DE LER

1. O que sabes sobre a lenda de Pedro e Inês?
2. Já visitaste a Quinta das Lágrimas, em Coimbra? Em caso afirmativo, prepara uma breve exposição oral na qual partilhares com a turma essa experiência. Se possível, faz a apresentação com o auxílio de um suporte informático.



Prepara a leitura do texto que se segue e lê-o em voz alta.



A linda D. Inês



Um caso triste aconteceu então, um caso de infelicidade e crueldade, mas que mostra quanto é sincero e terno, sendo forte e corajoso o coração dos Portugueses...

5 Tinha D. Afonso IV um filho, D. Pedro, rapaz alegre e destemido, que gostava muito de uma dama da Rainha, chamada D. Inês de Castro.

Em Coimbra, numa quinta a que mais tarde se deu o nome de *Quinta das Lágrimas* — pelos trágicos acontecimentos que lá se deram — vivia em sossego a linda D. Inês.

10 Ora o Príncipe não podia casar com uma senhora qualquer, mas só com uma Princesa de sangue real. Assim o exigiam nesse tempo os usos e normas da corte. Se Pedro não os cumprisse, não o deixariam talvez ser rei...

Por isso, muito se afligia D. Afonso, vendo o filho tão preso dos encantos de Inês, e não querendo casar-se com nenhuma Princesa verdadeira.

15 Aconselha-se o Rei com os seus ministros — e resolveram tirar a vida à pobre D. Inês, cujo único pecado e crime era amar o seu Príncipe.

Vão buscá-la a Coimbra e trazem-na arrastada à presença do Rei.

Apertando muito ao peito os filhinhos que tinha de D. Pedro, Inês chora, geme, pede e suplica piedade, não para ela, mas para os filhos, 20 que, ficando órfãos, que, perdendo a mãe, tudo perderiam. Roga a D. Afonso que antes a exile para um deserto, mesmo entre feras bravas, mas que não roube o seu amor às criancinhas que traz ao colo, inocentes de todo o mal e de toda a culpa...

Ainda se comove o rei, mas não se comovem os conselheiros.



BIOGRAFIA

João de Barros
(1881-1960)

Natural da Figueira da Foz, foi prosador, poeta, pedagogo e político. Notabilizou-se pelas adaptações que fez de grandes obras clássicas da literatura universal, tais como *Os Lusíadas*, *a Eneida* e *a Odisseia*. Foi um patriota, defensor dos ideais de liberdade e de justiça.

Obra: *Anteu*; *Sísifo*; *Vida Vitoriosa*; *Humilde Plenitude*; ...

25 Demais a mais, ela era castelhana, e o povo não gostava das mulheres vindas do país, cujo povo tinha sido e era seu inimigo. Uma rainha castelhana era coisa que não queriam os Portugueses; mas, se tivessem visto Inês chorando e abraçada aos filhos, decerto lhe teriam perdoado...

Os ministros é que não perdoavam... Arrancam das espadas de aço 30 fino, e trespassam o seio da formosa Inês.

Mas, assim que ela morreu, chorou-a todo o povo, e até a choraram os seus mais cruéis inimigos, tão nova e bonita era a apaixonada de D. Pedro...

As águas do Mondego ficaram a correr melancólicas — e uma 35 fonte nasceu no sítio onde ela costumava encontrar-se com o seu amado Pedro, uma fonte plangente e cristalina que se ficou chamando «Fonte dos Amores».

D. Pedro não esqueceu nunca a sua querida Inês, que ainda a morrer gritava por ele.

40 Assim que subiu ao trono, coroou-a rainha, como se viva fosse, entre festejos e pompas solenes. E castigou com severidade os ministros responsáveis da sua morte.

Mas nem só a eles castigou. Enquanto 45 reinou nunca perdoou nenhum crime, e não consentiu jamais que nenhum homem mau vivesse tranquilo e impune.

Foi justo e, por vezes, cruel. Mas, austero e bravo, soube defender o seu reino das cobiças alheias.

JOÃO DE BARROS (adapt.), *Os Lusíadas de Luís de Camões Contados às Crianças e Lembrados ao Povo*, Sá da Costa, 2006.



Morte de Inês, de Columbano Bordalo Pinheiro, 1901-1904, Museu Militar, Sala Camões, Lisboa.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. No excerto, é apresentado o comovente episódio de Inês de Castro.
 - 1.1 Identifica o reinado em que decorreu este acontecimento.
 - 1.2 Que sentimentos nutria D. Pedro por Inês? Justifica a tua resposta com dados do texto.
 - 1.2.1 Qual era a opinião do monarca? Fundamenta a tua resposta.
2. Relê a passagem: «Aconselha-se o Rei com os seus ministros [...]» (l. 15).
 - 2.1 O que decidem fazer?
 - 2.2 Na perspetiva do narrador, qual é o crime cometido por Inês?
3. Inês de Castro é levada à presença de Afonso IV.
 - 3.1 Em que localidade morava ela?
 - 3.2 Enumera os argumentos apresentados por Inês para dissuadir o rei.
 - 3.2.1 Como reage ele perante esse discurso de Inês?

4. Tem em conta o momento em que Inês acaba por ser sacrificada.
- 4.1 Identifica as personagens que pressionam o rei a tomar tal decisão.
- 4.2 De que modo se manifestou a Natureza perante a morte de Inês? Fundamenta a tua resposta com elementos do texto.
- 4.3 Refere as medidas que D. Pedro concretizou, mal subiu ao trono.
- 4.3.1 Partindo do texto, descreve o seu reinado.

GRAMÁTICA

5. Completa as sequências nome-adjetivo-advérbio-verbo, de acordo com os exemplos. Responde no teu caderno com a ajuda das alíneas.



	Nome	Adjetivo	Advérbio	Verbo
a)	sossego	(1)	(2)	(3)
b)	(1)	(2)	(3)	correr
c)	(1)	corajoso	(2)	(3)
d)	(1)	(2)	alegremente	(3)
e)	(1)	(2)	(3)	suplicar

6. Transcreve dois nomes no grau diminutivo e explicita o seu valor expressivo.
7. Justifica o uso do presente do indicativo no oitavo parágrafo do texto: «Apertando muito ao peito os filhinhos que tinha de D. Pedro, Inês chora, geme, pede e suplica piedade, não para ela, mas para os filhos, que, ficando órfãos, que perdendo a mãe, tudo perderiam. Roga a D. Afonso que antes a exile para um deserto, mesmo entre feras bravas, mas que não roube o seu amor às criancinhas que traz ao colo, inocentes de todo o mal e de toda a culpa...» (II. 18-23).

TEXTO ARGUMENTATIVO

Um **texto argumentativo** é aquele que contém argumentos para justificar ou refutar opiniões, com o fim de influenciar o leitor.

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Imagina que és o advogado de defesa no julgamento de Inês de Castro e que do outro lado está a acusação protagonizada por D. Afonso IV.
- 8.1 Elabora o discurso final que proferirias, apresentando fortes argumentos a favor da inocência de Inês e que refutem a argumentação contrária. Planifica o teu texto e revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

EXPRESSÃO ORAL

9. Partilha com a turma a tua reação à leitura do texto. Prepara uma apresentação oral em que tenhas em conta os seguintes tópicos:
- Adesão ou não adesão ao episódio narrado e respetiva justificação.
 - Personagem ou personagens mais marcante(s) e razão dessa escolha.
 - Reflexão pessoal sobre o desfecho da história da linda Inês.
10. Reflete sobre o facto de a história de Inês de Castro nos remeter para a questão da justiça e da injustiça. Organiza uma mesa-redonda com os teus colegas para analisarem alguns casos conhecidos de clara injustiça e proporem formas de concretizar a justiça.

1. Ouve a leitura do texto apresentado com atenção, mantendo o livro fechado.

1.1 Procede ao seu reconto oral.

A bordo do *Dunkeld*



Foi há dezoito meses, pouco mais ou menos, que encontrei os dois homens que deviam ser meus companheiros nesta aventura singular à terra dos Cacuanas. Nesse outono, eu andara numa grande batida aos elefantes, para lá do distrito de Barnanguato. Tudo nessa expedição me correu mal e por fim apanhei as febres. Mal me pude ter nas pernas, larguei para as minas de diamantes (as diamanteiras), vendi o marfim que trazia, passei o carrão e o gado, debandei os caçadores, e tomei a diligência para o Cabo. Ao fim de uma semana, no Cabo, descobri que o hotel me roubava infamemente: além disso, já vira todas as curiosidades, desde o novo Jardim Botânico que há de certamente conferir grandes benefícios à cidade, até ao novo Palácio do Parlamento que, tenho a certeza, não há de conferir benefícios nenhuns; de sorte que decidi voltar para o Natal pelo *Dunkeld*, pequeno vapor costeiro que estava nas docas à espera do pacote de Inglaterra, o *Edinburgh Castle*. Tomei passagem, e fui para bordo. Nessa tarde chegou o *Edinburgh Castle*: os passageiros que trazia para o Natal transbordaram para o *Dunkeld*, e levantámos ferro ao pôr do Sol.

Entre os passageiros de Inglaterra que mudaram para o *Dunkeld* havia dois que me despertaram logo certo interesse. Um deles, um homenzarrão de perto de trinta e cinco anos, tinha os ombros mais cheios e os braços mais musculosos que eu até aí encontrara, mesmo em estátuas. Além disso, cabelos ondedados e cor de ouro; barbas ondedadas e cor de ouro, feições aquilinas e de corte altivo; olhos pardos, cheios de firmeza e de honestidade. Varão esplêndido que me fez pensar nos antigos dinamarqueses. Para dizer a verdade, dinamarqueses só conheci um, moderno, horripelantemente moderno, que me estafou dez libras; mas lembro-me de ter admirado um quadro, *Os Antigos Dinamarqueses*, em que havia homens assim, de grandes barbas amarelas e olhos claros, bebendo num bosque de carvalhos por grandes cornos que empinavam à boca. Este cavalheiro (vim a saber depois) era um inglês, um fidalgo, um *baronet*. Chamava-se Curtis — o barão Curtis. E o que me feriu mais foi ele parecer-se extremamente com alguém que eu encontrara no interior, para além de Barnanguato. Quem?... Não me podia lembrar.

O sujeito que vinha com ele pertencia a um tipo absolutamente diferente, baixo, reforçado, trigueiro e todo rapado. Calculei logo pelas suas maneiras que tínhamos ali um oficial de marinha; e verifiquei depois, com efeito, que era um primeiro-tenente da Armada Real, reformado em capitão-tenente, e por nome John Good. Este impressionou-me pelo apuro. Nunca conheci ninguém mais escarolado, mais escanhado, mais engomado, mais envernizado! Usava no olho direito um vidro, sem aro, sem cordel, e tão fixo que parecia natural como a pálpebra. Nem um só momento



**BIOGRAFIA****Eça de Queirós** (1845-1900)

José Maria Eça de Queirós nasceu a 25 de novembro de 1845, na Póvoa de Varzim. Estudou no Porto e mais tarde em Coimbra, onde tirou o curso de Direito. Participou na «Questão Coimbrã» e, já a trabalhar em Lisboa, envolveu-se na organização das «Conferências do Casino». Depois de uma curta passagem pela advocacia e também pelo jornalismo, enveredou pela carreira diplomática, tendo desempenhado funções de cônsul em Havana, Newcastle e, finalmente, em Paris. Literariamente, está ligado ao movimento do Realismo e pertenceu à Geração de 70. A sua obra marcou as três últimas décadas do século XIX, pelo olhar crítico e irónico com que retratou a sociedade portuguesa.

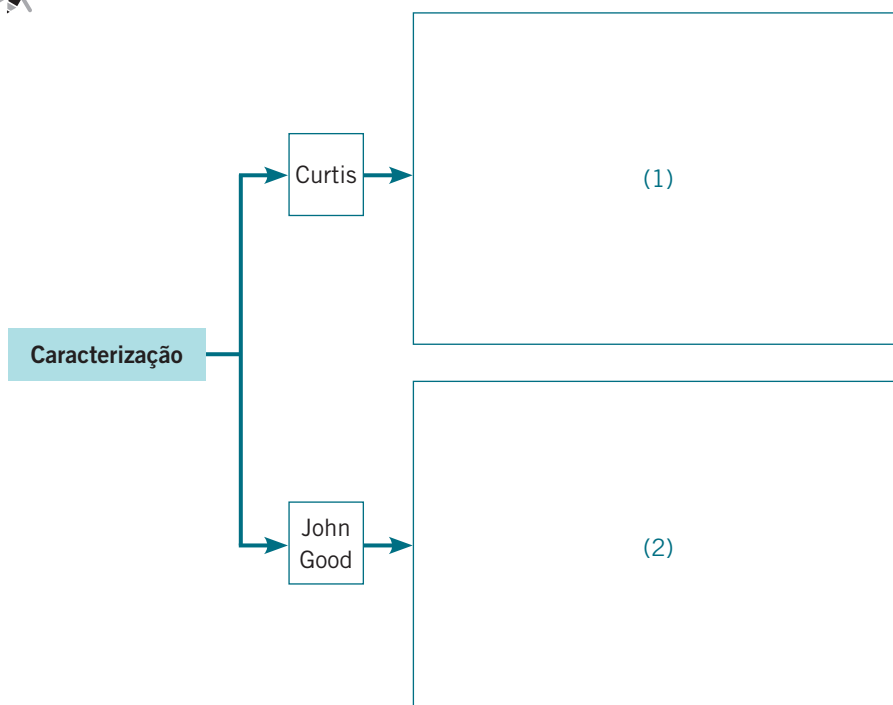
Obra: *Os Maias*; *O Crime do Padre Amaro*; *Contos*; *A Relíquia*; *O Primo Basílio*; *A Cidade e as Serras*; ...

o surpreendi sem aquele vidro, e cheguei mesmo a pensar que dormia com ele cravado na órbita. Só muito tarde descobri que à noite o metia no bolso das calças — no mesmo bolso em que guardava a dentadura postiça, a mais bela, a mais perfeita dentadura que me recorde de ter contemplado, mesmo em anúncios de dentistas. E o capitão, destas, possuía duas!

RIDER H. HAGGARD, *As Minas de Salomão* (trad. e adapt. de Eça de Queirós), INCM, 2008.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Centra-te no narrador.
 - 1.1 Classifica-o quanto à presença e à ciência. Justifica a tua resposta.
 - 1.2 Qual é a sua profissão? Fundamenta com elementos do texto.
2. Relê a passagem: «Foi há dezoito meses, pouco mais ou menos [...]» (I. 1).
 - 2.1 Que acontecimento é aqui lembrado pelo narrador?
 - 2.2 Em que estação do ano teve lugar?
3. Depois da caçada, o narrador parte para uma importante cidade.
 - 3.1 Que cidade é essa?
 - 3.2 Que locais visitou?
 - 3.2.1 Refere as considerações que faz sobre eles.
 - 3.3 Identifica o acontecimento que o levou a regressar ao seu país.
 - 3.3.1 Qual foi o meio de transporte utilizado para o efeito?
4. Considera a passagem: «Entre os passageiros de Inglaterra que mudaram para o *Dunkeld* havia dois que me despertaram logo certo interesse.» (II. 17-18).
 - 4.1 Caracteriza essas duas personagens com recurso a expressões do texto.



Consulta a ficha informativa 17,
«O estilo», na página 185.

5. Relê o excerto e transcreve um exemplo de cada um dos recursos expressivos seguintes.



Figuras	Exemplos
Hipérbole	(1)
Metáfora	(2)
Enumeração	(3)
Adjetivação	(4)
Repetição	(5)

6. Consulta o dicionário e apresenta os significados dos vocábulos seguintes.



Vocábulos	Significados
«diligência» (l. 7)	(1)
«infamemente» (ll. 8-9)	(2)
«conferir» (l. 10)	(3)
«docas» (l. 13)	(4)
«aquilinas» (l. 22)	(5)
«pardos» (l. 22)	(6)
«trigueiro» (l. 34)	(7)
«escarolado» (l. 38)	(8)
«escanhado» (l. 38)	(9)

GRAMÁTICA

7. Faz a análise sintática dos elementos destacados na frase: «Ao fim de uma semana, no Cabo, descobri que o hotel me roubava infamemente [...]» (ll. 8-9).
8. No teu caderno, transcreve dois exemplos de:
- nomes no grau aumentativo;
 - adjetivos;
 - advérbios de predicado (com valor de modo).

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Imagina que estás a bordo do *Dunkeld* e que, na viagem para Inglaterra, foste obrigado a fundear ao largo de uma ilha. Redige um texto criativo e original em que descrevas os momentos aí vividos e as incursões à ilha. Planifica o teu texto e revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 8,
«As funções sintáticas»,
na página 84.

Consulta a ficha informativa 1,
«Como escrever melhor...»,
na página 20.

1. O que sabes sobre os hábitos das andorinhas?
2. Adianta uma explicação para o provérbio «Por morrer uma andorinha, não acaba a primavera.»
3. Ouve atentamente a leitura do texto «Uma andorinha na primavera», mantendo o livro fechado.
 - 3.1 Identifica uma diferença a nível do vocabulário e outra a nível da construção frásica que encontras neste texto (escrito em português do Brasil) relativamente ao português europeu.

Uma andorinha na primavera

Novo parêntesis, para apresentar a Andorinha Sinhá



(Quando ela passava, risonha e trêfega¹, não havia pássaro em idade casadoira que não suspirasse. Era muito jovem ainda, mas, onde quer que estivesse, logo a cercavam todos os moços do parque. Faziam-lhe declara-
 5 ções, escreviam-lhe poemas, o Rouxinol, seresteiro² afamado, vinha ao clarão da lua cantar à sua janela. Ela ria para todos, com todos se dando, não amava nenhum. Livre de todas as preocupações voava de árvore em árvore pelo parque, curiosa e conversadeira, inocente coração. No dizer geral não existia, em nenhum dos parques por ali espalhados, andorinha tão bela
 10 nem tão gentil quanto a Andorinha Sinhá.)

Continuação da estação da primavera

Em torno era a primavera, o sonho de um poeta. O Gato Malhado teve vontade de dizer algo semelhante à Andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

- 15 — Tu não fugiste com os outros?
 — Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens asas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...
 — Feio, eu?

20 O Gato Malhado riu, riso espantoso de quem se havia desacostumado de rir, e desta vez até as árvores mais corajosas, como o Pau-Brasil — um gigante — estremeceram. «Ela o insultou e ele a vai matar», pensou o velho cão dinamarquês.

O reverendo papagaio — reverendo porque passara uns tempos no
 25 seminário onde aprendera a rezar e decorara frases em latim, o que lhe dava valiosa reputação de erudito — fechou os olhos para não testemunhar a tragédia. [...] Situação difícil, o melhor era não testemunhar. Em troca rezou pela alma da Andorinha Sinhá, ficando em paz com a sua consciência, uma chata cheia de exigências.

30 A própria Andorinha Sinhá sentiu que exagerara e, por via das dúvidas, voou para um galho mais alto onde ficou bicando as penas num gesto de extrema faceirice³. O Gato Malhado continuava a rir, apesar



¹ trêfega turbulenta; manhosa; traquinas; astuta.

² seresteiro aquele que faz serenatas.

³ faceirice ostentação; elegância; bonacheirice.



BIOGRAFIA

Jorge Amado (1912-2001)

Jorge Amado de Faria, natural da Bahia (Brasil), iniciou a sua carreira literária em 1931. Traduzida em mais de trinta línguas, a sua obra reflete sensibilidade perante os problemas sociais que, no entanto, não ultrapassam o seu génio de narrador e a poesia da linguagem que utiliza.

Obra: *O País do Carnaval; Capitães de Areia; Mar Morto; Dona Flor e Seus Dois Maridos; Seara Vermelha; ...*

de se sentir um tanto ofendido. Não porque a Andorinha o houvesse tachado de mau e sim por tê-lo chamado de feio, e ele se achava lindo, uma beleza de gato. Elegante também.

— Tu me achas feio? De verdade?

— Feiíssimo... — reafirmou lá de longe a Andorinha.

— Não acredito. Só uma criatura cega poderia me achar feio.

— Feio e convencido! A conversa não continuou porque os pais da Andorinha Sinhá, o amor pela filha superando o medo, chegaram voando, e a levaram consigo, ralhando com ela, pregando-lhe um sermão daqueles. Mas a Andorinha, enquanto a retiravam, ainda gritou para o Gato:

— Até logo, seu feio...

Foi assim, com esse diálogo um pouco idiota, que começou toda a história do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá.

JORGE AMADO, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Dom Quixote, 2010.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. O excerto apresentado é constituído por dois momentos distintos.
 - 1.1 Delimita-os, justificando a tua resposta.
2. Relê a passagem: «Quando ela passava, risonha e trêfega, não havia pássaro em idade casadoira que não suspirasse.» (II. 2-3).
 - 2.1 Identifica a personagem a quem se refere o narrador.
 - 2.2 Caracteriza-a direta e indiretamente. Fundamenta o teu parecer.
 - 2.3 Classifica-a quanto ao relevo.
3. O Gato Malhado mostra-se espantado com a atitude da Andorinha Sinhá. Por que razão?
 - 3.1 Por palavras tuas, apresenta a opinião que ela expressou sobre o felino.
 - 3.1.1 Como reagiu ele?
 - 3.2 Traça o retrato físico e psicológico do Gato Malhado.
4. O diálogo entre os protagonistas foi presenciado por outros animais. Identifica-os.
 - 4.1 Na opinião deles, qual seria o desfecho daquela conversa?
5. Considera a chegada dos pais da Andorinha.
 - 5.1 Que atitudes tomaram? Ilustra a tua resposta com elementos do texto.
6. Na tua opinião, como irá desenrolar-se a relação entre o Gato Malhado e a Andorinha Sinhá?
 - 6.1 Apresenta argumentos que justifiquem o teu ponto de vista.
7. Classifica o narrador quanto à presença e à ciência.
8. Explica o sentido das passagens transcritas abaixo.
 - a) «Em torno era a primavera, o sonho de um poeta.» (I. 12)
 - b) «O Gato Malhado riu, riso espantoso de quem se havia desacostumado de rir [...]» (II. 20-21)
 - c) «Não porque a Andorinha o houvesse tachado de mau [...]» (II. 33-34)

9. Identifica o recurso expressivo ou transcreve um exemplo, consoante o caso.



Figuras	Exemplos
Adjetivação	(1)
(2)	«[...] curiosa e conversadeira [...]» (l. 8)
(3)	«[...] tão bela nem tão gentil quanto a Andorinha Sinhá.» (ll. 9-10)
Metáfora	(4)
Comparação	(5)
(6)	«[...] as árvores mais corajosas [...] estremeceram.» (ll. 21-22)

Consulta a ficha informativa 17, «O estilo», na página 185.

GRAMÁTICA

10. Faz a análise sintática das frases que se seguem.
- «O reverendo papagaio [...] fechou os olhos para não testemunhar a tragédia.» (ll. 24-27)
 - «Só uma criatura cega poderia me achar feio.» (l. 38)
11. Como percebeste, o texto está escrito na variedade brasileira do português.
- 11.1 Transcreve alguns exemplos de marcas do português do Brasil.



Marcas do português do Brasil	Exemplos
Uso do gerúndio	(1)
Anteposição do pronome pessoal	(2)
Verbo <i>chamar</i> + preposição <i>de...</i>	(3)

12. Completa o quadro seguinte com os graus do nome.



	Flexão do nome em grau		
	Normal	Aumentativo	Diminutivo
a)	(1)	gatarrão	(2)
b)	pássaro	(1)	(2)
c)	cão	(1)	(2)

Consulta a ficha informativa 6, «O nome», na página 79.

13. Considera a passagem: «A própria Andorinha **Sinhá** sentiu que exagerara **e**, por via das **dúvidas**, voou **para** um galho mais alto onde ficou **bicando** as penas **num** gesto de **extrema** faceirice.» (ll. 30-32).

- 13.1 Indica a classe e a subclasse das palavras destacadas.

EXPRESSÃO ESCRITA

14. Imagina que, passada uma semana, a Andorinha volta a encontrar-se com o Gato Malhado. Produz um texto que recrie o diálogo travado entre eles. Respeita a estrutura deste tipo de texto e tem atenção à correção linguística.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

A escrita é um processo que necessita de treino. Quanto mais planificares, reformulares, melhorares a tua escrita, quanto mais consciência tiveres das suas diversas etapas, melhor escreverás. Para isso, aqui fica a proposta de uma OFICINA DE ESCRITA, o lugar privilegiado para experimentar a escrita.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

Partindo do tema, da sua finalidade e do tipo de texto a produzir, é necessário seguir um método que corresponde a diferentes etapas: **planificação, textualização, revisão e avaliação.**

Não te esqueças de que também podes usar diversas formas para tornar público o teu texto.

- Leitura em voz alta à turma.
- Afixação num jornal de parede na sala de aula ou na tua escola.
- Organização de uma brochura temática.
- Inclusão num portefólio.
- Publicação no jornal da escola ou num jornal local.
- Participação num concurso literário.

Em trabalho individual, propomos-te um tema aliciante para esta OFICINA DE ESCRITA: **as viagens.**

Observa as imagens que, a título de exemplo, te poderão ajudar a recordar uma viagem que tenhas feito.





Depois de escolheres a viagem que mais te marcou, produz um texto em que contes o que se passou. Segue, então, a metodologia que te propomos na página seguinte.

1.ª ETAPA

PLANIFICAÇÃO

- Escolher a viagem: **Onde? Quando? Com quem? Como?**
- Elaborar uma lista de **palavras-chave** ou ideias relacionadas com o assunto do texto.
- Estabelecer a estrutura do texto, delimitando os diferentes momentos:
 - **introdução;**
 - **desenvolvimento;**
 - **conclusão.**
- Concretizar o **plano**, expondo as ideias pela estrutura previamente definida.

INTRODUÇÃO

1.º parágrafo

- identificação do local da viagem;
- intervenientes;
- momento do ano em que se realizou.

DESENVOLVIMENTO

um ou + parágrafos

- o primeiro sobre aspetos gerais da viagem (sequencialização cronológica; percurso; locais visitados; atividades realizadas);
- o segundo acerca de alguns momentos marcantes da viagem.

CONCLUSÃO

último parágrafo

- apreciação global da viagem: gostaste/não gostaste e porquê;
- razão que a tornou especial.

Consulta a ficha informativa 5, «A comunicação e a interação discursivas», na página 78.

- Definir os conteúdos de gramática:
 - tempos verbais (pretérito perfeito ou pretérito mais-que-perfeito para a narração; pretérito imperfeito para a descrição);
 - adjetivos;
 - conectores discursivos (advérbios, conjunções, ...).

2.ª ETAPA

TEXTUALIZAÇÃO

- Produzir o texto, seguindo o plano traçado como guia e utilizando os conhecimentos relativos aos conteúdos gramaticais selecionados;
- Marcar corretamente os parágrafos;
- Respeitar a pessoa gramatical e os tempos verbais;
- Produzir frases curtas e objetivas;
- Diversificar a construção frásica, nomeadamente no que diz respeito aos conectores e ao vocabulário;
- Adequar o registo de língua ao contexto.

3.ª ETAPA

REVISÃO

- Aperfeiçoar o texto, verificando os aspetos seguintes:
 - ortografia e acentuação;
 - pontuação;
 - estruturação frásica;
 - variedade vocabular (uso de vocábulos de sentido equivalente);
 - repetições (supressão de ideias; deslocação de segmentos textuais; ...).

4.ª ETAPA

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ESCRITA

Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta OFICINA DE ESCRITA, **avalia** o teu desempenho e indica o nível que atingiste na concretização de cada uma das etapas de escrita. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.



1.ª ETAPA	PLANIFICAÇÃO	Não	±	Sim
	Respeitei a minha perspetiva face ao tema.			
	Selecionei um conjunto de palavras-chave.			
	Organizei as ideias em função do esquema tripartido.			
	Esquematizei, utilizando as ideias selecionadas.			
	Defini previamente os conteúdos gramaticais.			
2.ª ETAPA	TEXTUALIZAÇÃO	Não	±	Sim
	Produzi o meu texto de acordo com a planificação.			
	Assinalei corretamente os parágrafos.			
	Respeitei os tempos verbais.			
	Apliquei devidamente os diversos conectores.			
	Adequeei o registo de língua ao texto produzido.			
3.ª ETAPA	REVISÃO	Não	±	Sim
	Verifiquei a ortografia e a acentuação.			
	Revi a pontuação e a construção frásica.			
	Substituí alguns vocábulos, evitando a repetição.			
	Suprimi algumas ideias redundantes.			
	Desloquei alguns segmentos textuais.			
4.ª ETAPA	AVALIAÇÃO	Não	±	Sim
	Empenhei-me na realização da Oficina de Escrita.			
	Criei um bom clima de trabalho na aula.			
	Respeitei o trabalho dos meus colegas.			
	Segui as orientações do professor.			
	Melhorei a minha expressão escrita.			

Analisa o teu desempenho. Se respondeste:

- «Sim» a 18-20 itens (Fizeste um excelente trabalho.)
- «Sim» a 14-17 itens (Fizeste um bom trabalho.)
- «Sim» a 10-13 itens (Fizeste um trabalho satisfatório.)

- «±» à maioria dos itens (Precisas de refazer o texto.)
- «Não» a mais de 10 itens (Pede ajuda ao teu professor.)

Propomos-te nesta OFICINA DE ESCRITA, como trabalho de pares, a realização de um **relatório de uma visita de estudo** que tenhas feito no âmbito da disciplina de História, designadamente: Museu da Marinha (Lisboa), Convento de Cristo (Tomar), Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém (Lisboa), Palácio Nacional de Mafra, Museu da Cidade (Lisboa), Museu da Eletricidade (Lisboa), Palácio dos Carrancas/ Museu Soares dos Reis (Porto), Palácio Nacional da Pena (Sintra), etc.

O RELATÓRIO

Um relatório é um tipo de texto informativo-expositivo em que se expõem e analisam atividades que foram desenvolvidas no âmbito de uma instituição. Pode assumir diversas formas: relatório de contas, relatório médico, relatório de aulas práticas, etc. No contexto escolar e de investigação, fazem-se relatórios de experiências laboratoriais, de pesquisas, de visitas de estudo ou de trabalhos de campo (de biologia, arqueologia, etc.).

A principal finalidade deste tipo de texto é informar, dar conta da atividade realizada. No entanto, um relatório deve também analisar criticamente os dados, a fim de se refletir sobre os resultados para se chegar a conclusões.

Estrutura:

O relatório deverá contemplar todos os elementos que se seguem:

- Capa — contém a identificação da instituição, o título, a identificação do autor, o nome do destinatário, o nome da disciplina e a data;
- Introdução — apresenta a atividade relatada e o contexto em que foi realizada;
- Desenvolvimento — consoante o tipo de relatório, pode conter os objetivos da atividade, o método seguido, as fases da atividade, o material e os recursos envolvidos, os dados, os resultados e a sua análise crítica, fotografias, gráficos, tabelas, etc.;
- Conclusão — reflexão final, opinião pessoal e/ou recomendações do redator;
- Bibliografia (se for pertinente);
- Índice (se for pertinente).

Características da linguagem:

O tipo de linguagem a usar num relatório deve respeitar os seguintes parâmetros:

- Registo de língua cuidado (formal);
- Predominância de tempos do pretérito (perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito);
- Clareza, precisão e objetividade;
- Utilização da primeira ou da terceira pessoas;
- Modos expositivo, descritivo e/ou narrativo na apresentação dos factos;
- Utilização da exposição e da argumentação para refletir sobre os dados e os resultados.

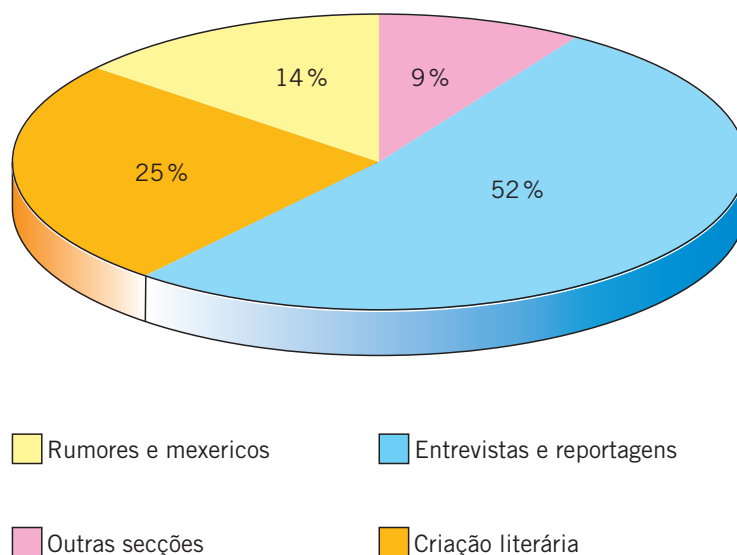
Exemplos de relatórios:

RELATÓRIO SOBRE O JORNAL ESCOLAR *Ponto e Vírgula*

Com este relatório, o diretor do jornal pretende analisar o desenvolvimento do projeto inicial, uma vez publicados os dois primeiros números. Para tal, foi realizado um inquérito a 130 leitores sobre o cumprimento dos objetivos, cujos resultados mostramos de seguida.

- 76 % dos leitores pensa que os conteúdos do jornal são interessantes. As secções mais apreciadas foram: Entrevistas e reportagens (52 %), as páginas dedicadas à Criação literária (25 %) e a secção Rumores e mexericos (14 %).

Valorização por secções



- Por outro lado, somente 25 % acha que com esta iniciativa foi dada a conhecer a realidade da escola no seu ambiente social, uma vez que o jornal teve uma distribuição fraca fora desta. Do mesmo modo, somente 38 % pensa que o jornal contribuiu para estimular a criatividade dos alunos, pois quase todo o material publicado foi realizado pela equipa de redação.
- Por último, perguntou-se aos membros da equipa de redação se tinham atingido o objetivo de adquirir formação nos procedimentos básicos do jornalismo. 100 % acredita que sim, que esse objetivo foi cumprido.

Observando os resultados do inquérito, a avaliação da experiência é positiva, ainda assim propomos as seguintes medidas para melhoramento:

- Realizar uma campanha de publicidade com a distribuição de panfletos por todo o bairro.
- Alargar a distribuição do jornal a associações culturais, associações vizinhas, etc.
- Aumentar a participação dos alunos que não pertencem à equipa da redação, reservando para eles, pelo menos 40 % do espaço total do jornal.

RELATÓRIO DE UMA VISITA DE ESTUDO

24 de março de 2014

Grupo de trabalho n.º 3 do 8.º ano, da turma A, Escola Básica 2.º e 3.º ciclos Afonso Lopes Vieira

No dia 24 de março de 2014, o grupo de trabalho n.º 3 do 8.º ano, turma A, realizou, no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, uma visita de estudo com o objetivo de determinar a existência de vida num charco.

Para o efeito, deslocámo-nos a um campo perto da Escola, onde havia um pequeno charco. Recolhemos matéria vegetal que se encontrava à superfície e verificámos a turvação da água. Colocámos um pouco dessa água num tubo de ensaio e levámo-la para o laboratório para posterior análise.

Na aula seguinte, com a ajuda de um microscópio e material para observação, analisámos uma gota de água recolhida e verificámos a existência de inúmeros seres microscópicos.

Concluímos, então, que existia vida no charco, tratando-se, provavelmente, de seres característicos de ambientes poluídos.

http://www.esqf.pt/bib/fazer_rel.htm (adaptado)

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

Depois de formados os pares, os elementos têm de dialogar, relatando as suas impressões pessoais da visita de estudo efetuada. Este momento não deverá ultrapassar os 10 minutos. É, depois, necessário seguir um método que corresponde a diferentes etapas: **planificação, textualização, revisão e avaliação**.

1.ª ETAPA

PLANIFICAÇÃO

Antes de se redigir um relatório, devem cumprir-se as seguintes etapas:

- 1.º Elaborar um guião para preparar a atividade que será relatada e, no decorrer desta, tomar notas pessoais e recolher informações;
- 2.º Planificar o relatório com base no guião e nos dados recolhidos — só com o plano do texto se deve iniciar a redação;
- 3.º Consoante a atividade apresentada, recorrer à descrição e à narração para relatar os factos, mas também à exposição e à argumentação no momento de analisar e de refletir sobre os acontecimentos e sobre os dados.

2.ª ETAPA

TEXTUALIZAÇÃO

- Produzir o texto, seguindo o plano traçado como guia e utilizando os conhecimentos relativos aos conteúdos gramaticais selecionados;
- Marcar corretamente os parágrafos;
- Respeitar a pessoa gramatical e os tempos verbais;
- Produzir frases curtas e objetivas;
- Diversificar a construção frásica, nomeadamente no que diz respeito aos conectores e ao vocabulário;
- Adequar o registo de língua ao contexto.

3.ª ETAPA

REVISÃO

- Aperfeiçoar o texto, verificando os aspetos seguintes:
 - ortografia e acentuação;
 - pontuação;
 - estruturação frásica;
 - variedade vocabular (uso de vocábulos de sentido equivalente);
 - repetições (supressão de ideias; deslocação de segmentos textuais; ...).

4.ª ETAPA

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ESCRITA

Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta OFICINA DE ESCRITA, **avalia** o teu desempenho e indica o nível que atingiste na concretização de cada uma das etapas de escrita. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.



1.ª ETAPA	PLANIFICAÇÃO	Não	±	Sim
	Respeitei a minha perspetiva face ao tema.			
	Selecionei um conjunto de palavras-chave.			
	Organizei as ideias em função do esquema tripartido.			
	Esquematizei, utilizando as ideias selecionadas.			
	Defini previamente os conteúdos gramaticais.			
2.ª ETAPA	TEXTUALIZAÇÃO	Não	±	Sim
	Produzi o meu texto de acordo com a planificação.			
	Assinalei corretamente os parágrafos.			
	Respeitei os tempos verbais.			
	Apliquei devidamente os diversos conectores.			
	Adequeei o registo de língua ao texto produzido.			
3.ª ETAPA	REVISÃO	Não	±	Sim
	Verifiquei a ortografia e a acentuação.			
	Revi a pontuação e a construção frásica.			
	Substituí alguns vocábulos, evitando a repetição.			
	Suprimi algumas ideias redundantes.			
	Desloquei alguns segmentos textuais.			
4.ª ETAPA	AVALIAÇÃO	Não	±	Sim
	Empenhei-me na realização da Oficina de Escrita.			
	Criei um bom clima de trabalho na aula.			
	Respeitei o trabalho dos meus colegas.			
	Segui as orientações do professor.			
	Melhorei a minha expressão escrita.			

Analisa o teu desempenho. Se respondeste:

- «Sim» a 18-20 itens (Fizeste um excelente trabalho.)
- «Sim» a 14-17 itens (Fizeste um bom trabalho.)
- «Sim» a 10-13 itens (Fizeste um trabalho satisfatório.)

- «±» à maioria dos itens (Precisas de refazer o texto.)
- «Não» a mais de 10 itens (Pede ajuda ao teu professor.)

ANTES DE LER

1. O que te sugere o título «Rumo à Índia»?
2. Para que época da nossa história remete o texto?
3. O que sabes sobre *Os Lusíadas*, de Luís de Camões?



BIOGRAFIA

António Sérgio (1883–1969)

Natural de Damão (Índia Portuguesa), foi ensaísta, poeta, pedagogo e político. A sua obra revela especial atenção pelos problemas sociais, defendendo um Socialismo Cooperativista. Colaborou nas revistas *A Águia*, *Vida Portuguesa*, *Atlântida* e *Seara Nova*. Dedicou-se ao ensino e à direção e elaboração da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

Obra: *Bosquejo da História de Portugal*; *O Desejado*; *Antero de Quental e António Vieira*; ...



Prepara a leitura do excerto e lê-o em voz alta.

Rumo à Índia

Aos 17 de julho, com mau tempo ainda, avistaram ao longe uma vela redonda. Aproximaram-se dela, e pareceu-lhes navio de construção francesa. Quando já estavam bastante perto, bradou-lhe cá um marinheiro nosso, que sabia falar francês. Como ficavam por barlavento, não

5 ouviram nada e não responderam. Virou a «S. Paulo» para cima deles, e atirou-lhes um tiro de falcão pedreiro. A bala assobiou e passou-lhes por cima. Por ser noite, e por terem de dia conhecido a «S. Paulo», chegaram-se tanto para cima desta, antes de lhes atirarem segundo tiro, que se deram enfim a conhecer dos nossos.

10 Portugueses eram e saídos de Lisboa com igual destino, no mesmo dia que a nossa nau.

Rogaram-lhes os nossos que se não afastassem. Viriam à «S. Paulo» no seguinte dia, ou o esquife da nau iria até eles. Anuíram a isto com a melhor vontade; amanhecera, porém, com mar tão ruim que decerto os

15 esquifes o não poderiam sofrer. Decidiram por isso abordar os navios, o que não pôde fazer-se sem perigo do deles: porque a nau, ao chegar-se, atirou-lhes ao mar o traquete em pedaços.

Deram-lhes outro, e trocaram notícias. Tinham tido também uma travessia agoureira.

20 A 21 do mês, abonçando o tempo, vieram à nau. Deram-lhes água, biscoito, marmelada, passas, e outras coisas de que precisavam. E com isto se despediram contentes.

— Boa viagem!

— Boa viagem!

ANTÓNIO SÉRGIO (adapt.), *História Trágico-Marítima* (original de Bernardo Gomes de Brito), Sá da Costa, 1934.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. O excerto relata um episódio que se passou durante uma viagem à Índia.
 - 1.1 Situa a ação no tempo.
 - 1.2 Como se chamava a nau portuguesa?
 - 1.3 Recorrendo aos conhecimentos adquiridos nas aulas de História, identifica a época em que decorreu a viagem em causa. Justifica a tua resposta.
2. Descreve o encontro imprevisto que marcou a viagem da nau.
 - 2.1 Qual é a primeira suspeita da tripulação lusitana?

3. Afinal de contas, as suspeitas dos navegadores não se confirmaram. Comprova a afirmação.
- 3.1 O que decidiram fazer os tripulantes das duas naus? Fundamenta a tua resposta com elementos do texto.
- 3.1.1 Qual foi a dificuldade que encontraram?
4. Descreve o que sucedeu a bordo quando, finalmente, as duas tripulações se puderam encontrar.

GRAMÁTICA

5. Pesquisa e regista, no teu caderno, o significado dos vocábulos abaixo apresentados.



Vocabulo	Significado
«barlavento» (l. 4)	(1)
«nau» (l. 11)	(2)
«rogaram» (l. 12)	(3)
«esquife» (l. 13)	(4)
«traquete» (l. 17)	(5)
«agoirada» (l. 19)	(6)

6. Relê as frases seguintes.
- a) «Aos 17 de julho [...] avistaram ao longe uma vela redonda.» (ll. 1-2)
- b) «[...] a nau [...] atirou-lhes ao mar o traquete em pedaços.» (ll. 16-17)
- 6.1 Identifica as funções sintáticas dos vários constituintes.
- 6.2 Reescreve-as na forma passiva.
7. Delimita as orações que constituem cada uma das frases que se seguem.
- a) «Quando já estavam bastante perto, bradou-lhe cá um marinheiro nosso [...]» (ll. 3-4)
- b) «Como ficavam por barlavento, não ouviram nada [...]» (ll. 4-5)
- c) «A bala assobiou e passou-lhes por cima.» (ll. 6-7)
- d) «Viriam à “S. Paulo” no seguinte dia, ou o esquife da nau iria até eles [...]» (ll. 12-13)
- 7.1 Identifica e classifica as conjunções presentes em cada uma.
- 7.2 Classifica, agora, as orações que identificaste.

Consulta a ficha informativa 10, «A coordenação e a subordinação», na página 88.

Consulta a ficha informativa 9, «A conjunção», na página 87.

EXPRESSION ESCRITA

8. Imagina que fazes parte da tripulação da nau «S. Paulo» e que, finalmente, depois de muitas aventuras e desventuras, avistas a costa indiana.
- 8.1 Produz um texto narrativo ou poético em que descrevas as emoções sentidas depois de tão difícil empresa. Planifica o texto e respeita a estrutura da tipologia textual que escolheste. Não te esqueças da revisão linguística.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

O Português no mundo

Por imperativos da nossa História, a língua portuguesa foi-se espalhando pelo mundo, criando uma comunidade linguística vasta em torno de uma língua comum, como meio de comunicação e coesão cultural.

Essa comunidade linguística, que usa a língua portuguesa nem sempre como língua materna, é constituída por sensivelmente 240 milhões de pessoas nos cinco continentes, fazendo do Português a terceira das línguas ocidentais e a quarta mais falada no mundo.



Portugal
15 532 000
falantes



Cabo Verde
1 042 000
falantes



Brasil
198 423 000
falantes



Guiné-Bissau
1 288 000
falantes



**São Tomé
e Príncipe**
167 000
falantes



Angola
11 896 000
falantes

Fontes:

CPLP (IV Conferência Estatística — 2 julho 2010)
e *Ethnologue* (XVI Edição — 2009)



Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Em 1996, para aumentar a cooperação e o intercâmbio cultural entre diferentes países falantes do português, foi criada a CPLP. Desta comunidade fazem parte Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Novo Acordo Ortográfico

O Novo Acordo Ortográfico começou a ser negociado em 1990 e entrou em vigor em janeiro de 2009, decorrendo um período de transição até 2015. O que mudou? A grafia de algumas palavras, mas não a sua pronúncia.



Macau
22 000
falantes



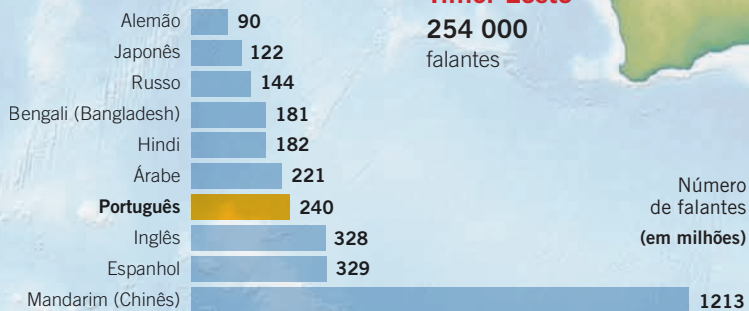
Moçambique
12 203 000
falantes



Timor-Leste
254 000
falantes

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

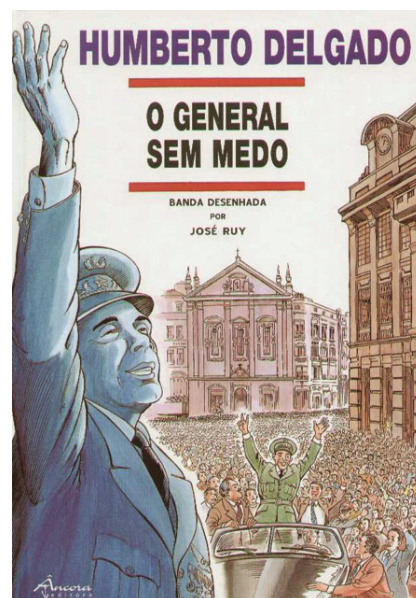
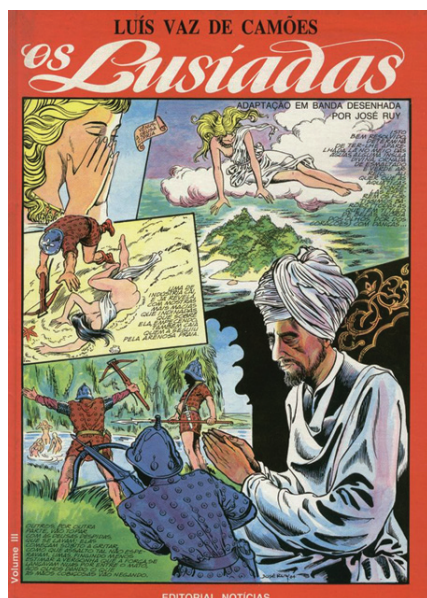
1. Indica em que continentes se fala o Português.
2. Quais os países cuja língua oficial é a portuguesa?
3. Nomeia o país com maior número de falantes.
4. Em que ano foi constituída a CPLP?
 - 4.1 Que países reúne?
 - 4.2 Que motivos conduziram à sua formação?
 - 4.3 Pesquisa alguns dados sobre esses países: capital; moeda; área; símbolos nacionais.



1. Observa as imagens que se seguem.



- 1.1 Escolhe um destes três filmes e, em grupo, troca impressões sobre ele.
 - 1.1.1 Escreve um comentário em que exponhas, de forma bem estruturada, a tua opinião sobre o filme. Partilha, depois, o teu ponto de vista com a turma.
- 1.2 Caso tenhas lido o livro que deu origem a algum destes filmes, compara a narrativa do livro com o enredo do filme.
2. Observa atentamente as capas de duas bandas desenhadas — uma outra forma de contar histórias, aliando a linguagem visual à linguagem verbal — de um dos ilustradores mais reconhecidos no panorama nacional, com uma obra vasta na adaptação dos clássicos: José Ruy.



- 2.1 Faz um trabalho de pesquisa sobre a biografia deste autor. Sugerimos-te a consulta do link <http://www.interdinamica.pt/comics/pt/x8yv18w.htm>.
- 2.2 Elabora uma ficha biográfica, estruturando bem a informação que recolheste de acordo com os habituais tópicos de uma biografia. Tem atenção também à correção linguística.

3. Atenta, agora, na carta que José Ruy escreveu a João Monsanto.

Josekuy

AMADORA 2.IV 2004

MEU QUERIDO AMIGO
JOÃO MONSANTO

A IDEIA DE CRIAR ESTES PAINÉIS, SURTIU PELO FACTO DE TODO O CORPO DOCENTE DA ESCOLA TER ESCOLHIDO O MEU NOME PARA PATRONO, NÃO POR ME CONHECEREM PESSOALMENTE MAS DEVIDO AO MEU TRABALHO REALIZADO NA ÁREA DA BD.

ACHEI QUE SE IMPUNHA DEIXAR UM TESTEMUNHO A JUSTIFICAR O MOTIVO DE O NOME DE UM AUTOR DE BD FIGURAR NAQUELE ESTABELECIMENTO DE ENSINO. ESTE FOI O MOTIVO DA DOAÇÃO DE 50 METROS QUADRADOS DE PINTURA.

NA PAREDE DE FUNDO DA BIBLIOTECA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, FIZ UMA ALEGORIA A PERO DA COVILHA, CUJO LIVRO PUBLICUEI PELA ÂNCORA EDITORA; A SEGUIR E ATÉ AO EXTREMO DA PAREDE, PINTEI A VIAGEM DE VASCO DA GAMA NA SUA PRIMEIRA VIAGEM PARA A ÍNDIA COM A FIGURA DO ADAMASTOR E A RECEÇÃO EM CALICUTE DO SAMORIN AO NAVESADOR, QUE PUBLICUEI NA EDITORIAL NOTÍCIAS (OS LUSÍADAS EM BD).

NA PAREDE LATERAL DO LADO ESQUERDO, FIZ O FERNÃO MENDES PINTO A ENTREGAR A ESPINGARDA AO DOUTOR DE TANEGASHIMA (PEREGRINAÇÃO) PUBLICADA PELA MERIBÉRICA/LIBER; A SEGUIR, ALEGORIA AOS AUTOS DAS BARCAS DE SILVICENTE, EM BD, PUBLICADO PELA EDITORIAL NOTÍCIAS.

NA PAREDE DA DIREITA, A PRESENÇA DA PERSONAGEM CRIADA POR MIM, PORTO "BOMVENTO" QUE ACOMPANHA OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES, EDIÇÕES ASA; A SEGUIR, O BOBO, DE ALEXANDRE HERCULANO PUBLICADOS EM BD PELA MERIBÉRICA/LIBER E EDITORIAL NOTÍCIAS; NO EXTREMO, ALMEIDA GARRETT A ESCREVER O SEU LIVRO "O ARCO DE SANTANA", PUBLICADO EM BD PELA ÂNCORA EDITORA.

PARA O REFEITÓRIO, PINTEI AS PERSONAGENS CRIADAS PELO MEU AMIGO E MESTRE ANTONIO CARDOSO LOPES (TÍOTÓNICO), QUE SÃO HOJE O SÍMBOLO DO FESTIVAL DE BD DA AMADORA, A FAZEREM UM PIQUENIQUE SOB UMA ROMANZEIRA NA AMADORA ANTIGA, PARA UMA PAREDE; COM DESTINO A OUTRA PAREDE, FIZ UMA COMPOSIÇÃO BASEADA NA HISTÓRIA DA AMADORA, "LEVEM-ME NESSE SONHO... ACORDADO!" PUBLICADA EM BD PELAS EDIÇÕES ASA E PELA ÂNCORA EDITORA.

PROCURO COM ESTAS PINTURAS, CHAMAR A ATENÇÃO DA POPULAÇÃO ESTUDANTIL POR VÁRIAS OBRAS, PARA AS OBRAS LITERÁRIAS E FIGURAS HISTÓRICAS QUE DESTAÇO, SUGERINDO-LHES QUE APÓS LEREM AS BANDAS DESENHADAS SE DEBRUCEM NAS OBRAS DE FUNDO.

AMIGO MONSANTO, SE PRECISAR DE MAIS ALGUM PORMENOR, É SO CONTACTAR-ME. UM ABRAÇO AMIGO DE ADMIRAÇÃO

JOSE RUY

<http://www.interdinamica.net/artes/fan/x17yv169w.htm> (20 de janeiro de 2011)

- 3.1 Indica a razão que está na origem da carta endereçada a João Monsanto.
- 3.2 Por que motivo José Ruy resolve doar «50 metros quadrados de pintura»?
- 3.3 Refere o nome dos livros representados no painel.
- 3.4 Qual foi a intenção do ilustrador ao fazer aquele trabalho?
4. Procura informação sobre:
 - a) a escola mencionada na carta;
 - b) os painéis realizados por José Ruy.
5. Pesquisa, numa biblioteca próxima, alguns dos livros ilustrados por José Ruy.

O MODO NARRATIVO

Contempla textos literários ou não literários que contam histórias cuja dinâmica é conseguida através de processos temporais. A narrativa estrutura-se em dois planos: o plano da história, ou da ação que é narrada, e o plano do discurso que a relata. Na articulação destes planos na narração estão as **categorias narrativas**, como a ação, as personagens, o espaço, o tempo e o narrador, responsável pela enunciação.

AÇÃO (acontecimentos que constituem uma narrativa)	Relevo (importância)	Central — constituída pelos acontecimentos principais.
		Secundária — constituída pelos acontecimentos menos relevantes.
	Estrutura (organização das sequências narrativas)	Encadeamento — as sequências encontram-se ordenadas cronologicamente.
		Encaixe — uma sequência é encaixada dentro de outra.
		Alternância — várias sequências vão sendo narradas alternadamente.
	Momentos	Situação inicial — é a introdução, onde se apresentam as personagens e o enredo.
		Desenvolvimento — corresponde ao desenrolar do enredo (englobando as peripécias e o ponto culminante) e conduz ao desenlace.
		Desenlace — é a conclusão.
	Delimitação	Aberta — o fim da história fica em suspenso.
		Fechada — o desenlace é definitivo, conhecendo-se o destino das personagens.

PERSONAGENS (agentes da narrativa em torno dos quais gira a ação)	Relevo (importância)	Principal — assume um papel preponderante, à volta da qual gira toda a ação.
		Secundária — tem um papel de menor relevo, auxiliando a personagem principal.
		Figurante — não intervém diretamente na ação, sendo apenas uma figura decorativa.
	Composição (comportamento)	Modelada ou redonda — revela conflito interior e o seu comportamento altera-se ao longo da ação.
		Plana — comporta-se sempre do mesmo modo, não revelando evolução nem densidade psicológica.
		Tipo — representa um determinado estrato social ou grupo.
	Processo de caracterização	Direta — feita pela própria personagem, pelo narrador ou por outra personagem.
		Indireta — deduzida pelo leitor a partir do comportamento, atitudes ou falas da personagem, do narrador ou de outras personagens.

ESPAÇO (lugar, ambiente ou atmosfera interior onde decorre a ação)	Físico — lugar onde se desenrola a ação.
	Social — meio ou ambiente onde a ação decorre.
	Psicológico — interior das personagens (sonhos, pensamentos e memórias).

TEMPO (momento em que a ação se desenrola)	Cronológico — sucessão cronológica dos acontecimentos.
	Histórico — época ou momento em que decorre a ação.
	Psicológico — tempo vivido pela personagem (subjeto), de acordo com o seu estado de espírito.
	Do discurso — modo como os acontecimentos são narrados e ordem pela qual é feita a sua narração.

NARRADOR (entidade fictícia a quem cabe o papel de narrar a história)	Presença	Participante	Autodiegético — é a personagem principal; utiliza um discurso de 1.ª pessoa.
			Homodiegético — é uma personagem secundária; utiliza um discurso de 1.ª e 3.ª pessoas.
		Não participante	Heterodiegético — não participa na ação; utiliza um discurso de 3.ª pessoa.
	Ciência/ Focalização	Omnisciente — revela um total conhecimento da história e das personagens, conhecendo até os seus pensamentos.	
		Interna — adota o ponto de vista de uma personagem.	
		Externa — conhece apenas os aspetos superficiais ou exteriores da ação, do espaço ou das personagens.	
	Posição	Objetivo — relata os acontecimentos de forma imparcial, utilizando muitas vezes a focalização externa.	
		Subjetivo — relata os acontecimentos de forma parcial, utilizando um discurso valorativo, associado frequentemente à focalização omnisciente e interna.	

MODOS DE EXPRESSÃO	Narração	Relato de acontecimentos necessários ao evoluir da ação, conferindo-lhe dinamismo; os tempos verbais mais utilizados são o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito.
	Descrição	Momento de pausa da ação, em que se fornecem dados relativos ao tempo, ao espaço, às personagens ou aos objetos; predomina o pretérito imperfeito do indicativo; é frequente a presença de adjetivos, advérbios, figuras de estilo, etc.
	Diálogo	Discurso travado entre as personagens da narrativa, tornando-a mais viva e autêntica.
	Monólogo	Fala da personagem consigo própria.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Lê o texto seguinte com atenção.

O cesto

— E agora — diz a Carolina —, não sei o que é que hei de fazer.

A Carolina afasta uma madeixa de cabelo da testa e olha à sua volta, para a cozinha, que vai entrar em obras um destes dias. Tem um ar confortável, mas desleixado. É um cesto com cebolas, a taça com a couve e as cenouras, um arranjo hortícola que parece saído de uma
5 revista de decoração, as cadeiras à volta da mesa com almofadas de linho antigo, bordado pela bisavó Joana, a estante pequena de madeira de carvalho com os livros de culinária; o presunto inteiro envolto num pano de trama grossa e recostado, em cima do armário, contra a parede.

— E o cesto de Marrocos, que tu não querias comprar! — diz a Sofia. — Se não fosse eu insistir... Quem é que foi esperta, quem foi?

10 — Pois. Gaba-te. Olha, meti aqui no cesto o jantar para levar à vovó — diz a Carolina —, mas não posso sair, porque estou à espera do homem do gás. Se não fosse por ele me ter levado dinheiro a mais da última vez, ficavas tu aqui para o receber, enquanto eu ia a casa da vovó. Apesar de que eu não gostei nada do aspeto dele.

— Então, podia ir eu.

15 — Não, é melhor não, que já está a fazer-se tarde.

— Ó mamã, mas nem dez minutos são até casa dela. Eu estou farta de lá ir sozinha.

— Mas é que já é tarde. Daqui a pouco escurece.

ANA SALDANHA, *O Gorro Vermelho*, Caminho, 2002.

2. Identifica o espaço onde decorre a ação e caracteriza-o, partindo das informações fornecidas pelo narrador.
3. Indica o nome das personagens intervenientes, clarificando a relação de parentesco que as une.
- 3.1 Tendo em conta o excerto, classifica-as quanto ao relevo.
- 3.2 Faz a caracterização direta e indireta da Carolina.
4. Classifica o narrador quanto aos aspetos seguintes.
- a) Presença.
- b) Ciência.
- c) Posição.
- 4.1 Justifica a classificação que fizeste.
5. Identifica os modos de expressão presentes no texto.
- 5.1 Transcreve um exemplo comprovativo de cada um.

O CONTO DE AUTOR OU CONTO LITERÁRIO

O conto é um género narrativo que se caracteriza por uma extensão tendencialmente reduzida, com um número restrito de personagens. Geralmente, apresenta uma ação com uma estrutura simplificada e organizada predominantemente de acordo com uma sequencialização cronológica, podendo decorrer num tempo e num espaço restritos e bem definidos. Herdeiro da tradição moralizante do conto popular de tradição oral, o conto de autor pode assumir também outras intencionalidades.

Designado pelos ingleses como *short story*, esta narrativa pode proporcionar o retrato de um espaço histórico-social, de uma personagem ou de um momento histórico, com intenção crítica e/ou reflexiva. Noutras vezes, a própria intriga, de pendor policial, proporciona ao leitor um mistério a resolver. Noutras vezes ainda, é um facto do quotidiano que nos conduz à reflexão sobre a condição humana.

De autor identificado, o conto literário é normalmente apresentado em oposição ao romance: enquanto o primeiro é uma narrativa simples, o romance caracteriza-se pela complexidade. Não se fique, no entanto, com a ideia de que este género narrativo é sinónimo de simplificação ou de extensão reduzida. Na verdade, o conto literário revela preocupações estético-literárias, e o facto de poder abranger eventos temporalmente distanciados exige ao autor uma grande capacidade de concentração temporal e de síntese.

Assim sendo, o conto é para ser lido em pouco tempo, explorando o *suspense*, o mistério e até o humor, motivando o leitor para a sua leitura, muitas vezes através de um diálogo fictício, obrigando o contista a um esforço redobrado.

■ Características principais

Ação — a intriga é muito simples e condensada.

Personagens — são em número reduzido.

Tempo — é muito condensado.

Espaço — é muito condensado.

Modos de expressão — predominam o diálogo e a narração; a descrição assume um papel quase irrelevante.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Identifica as características do conto de autor. Responde no teu caderno.



Características do conto de autor	
Modo literário	(1)
Ação	(2)
Personagens	(3)
Tempo	(4)
Espaço	(5)
Autor	(6)
Intencionalidade	(7)
Outras designações	(8)

A COMUNICAÇÃO E A INTERAÇÃO DISCURSIVAS

A língua que usamos para comunicar permite utilizações diversificadas, variando com a situação de comunicação. Há, pois, registos de língua distintos, de acordo com os falantes, a sua idade e/ou estatuto sociocultural, a intencionalidade da comunicação e o contexto em que ocorre. É a adequação do registo de língua à situação comunicativa que permite a eficácia do processo comunicativo. Assim, é necessário considerar que o **registo de língua** é **formal** ou **informal** em relação àquilo que é considerado norma (língua-padrão).

■ Registos de língua

Formal — é próprio de uma situação de maior formalidade, normalmente, associada a um maior distanciamento e menor familiaridade entre os interlocutores.

Informal — é próprio de uma situação de menor formalidade, normalmente, associada a uma maior proximidade e maior familiaridade entre os interlocutores.

■ Conectores discursivos

Os conectores discursivos são palavras utilizadas para assegurar a coesão e a coerência textuais, na medida em que estabelecem a ligação entre orações, frases ou diferentes partes de um texto, orientando assim o recetor na interpretação da mensagem. Podem pertencer a diferentes classes gramaticais, como advérbios (*porém, todavia*, etc.) ou conjunções/locuções conjuncionais (*logo, por consequência*, etc.).

■ Princípios reguladores do discurso

Princípios de pertinência e de cooperação — num diálogo, ou numa conversa, os falantes esperam que haja cooperação mútua, isto é, que todos correspondam, de forma apropriada, ao que os outros lhes dizem.

Princípio de cortesia — num diálogo, os falantes devem cumprir regras de delicadeza ou de boa educação, isto é, escolher, em função do interlocutor e da relação que com ele mantém, aquilo que vão dizer, as palavras que vão usar, o tom de voz, etc. Designadamente, as formas de tratamento («tu», «Sr./Sr.^a», etc.) devem ser usadas de acordo com o grau de formalidade/proximidade existente entre os interlocutores.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Identifica o registo de língua de cada uma das frases.

- | | |
|---|--|
| a) Que vai ser de nós? | f) O prof. só me deu suf. no teste. |
| b) Tenho uma fome de lobo! | g) O réu foi condenado em primeira instância, mas recorreu para a Relação. |
| c) É um edifício imponente, não concorda? | h) Ufa! Finalmente, chegámos! |
| d) Tens de determinar o valor da incógnita para resolves a equação. | i) Não se importa de desviar a mala para eu passar? |
| e) Fazer os trabalhos de casa deve ser uma prática corrente. | j) A peça está a ser do seu agrado, senhor diretor? |

O NOME

Classe aberta de palavras variáveis que designa diferentes entidades ou objetos, reais ou imaginários. Permite variação em género, em número e, em alguns casos, em grau aumentativo e diminutivo. O nome é o núcleo do grupo nominal, podendo coocorrer com determinantes ou quantificadores, que o antecedem, e pode seleccionar complementos.

■ Subclasses do nome

Próprios

Os nomes próprios individualizam pessoas, animais, locais ou coisas, e apresentam as seguintes características:

- São invariáveis.
- Não podem ser modificados.
- Não podem ter complementos.

Exs.: *Manuela, Joaquim, Bruno.*

Comuns

Os nomes comuns nomeiam todos os seres e objetos da mesma espécie, sem os individualizar. Têm as seguintes características:

- Podem variar em género e em número.
- Podem ser modificados.
- Podem ter complementos.

Exs.: *tigre, computador, agenda, amizade, lealdade, generosidade.*

CONTÁVEIS — designam objetos ou entidades que podem ser enumeráveis, ou seja, diferenciados como partes singulares ou partes plurais de um conjunto. Assim, o singular aplica-se a um ser, e o plural, a um conjunto de seres.

Ex.: *Tivemos de cortar a árvore maior para não prejudicar as árvores mais pequenas.*

NÃO CONTÁVEIS — designam conjuntos de objetos ou entidades em que não é possível distinguir partes e, por isso, não são enumeráveis. Por esta razão, estes nomes não podem ocorrer em construções de enumeração nem com alguns quantificadores.

Ex.: *O ar é puro.*

COLETIVOS — designam, no singular, um conjunto de seres vivos ou de coisas da mesma espécie.

Exs.: *matilha, cordilheira, cardume (contáveis); flora, fauna (não contáveis).*

NOTA:

1. Os nomes não contáveis no plural designam não uma quantidade, mas uma qualidade.

Ex.: *As pratas precisam de ser limpas.*

2. Certos nomes, quando se apresentam na sua forma plural, assumem significados diferentes, não traduzindo uma oposição quantitativa em relação ao singular.

Exs.: *águas, ares, amores.*

■ Flexão do nome

Género

MASCULINO — são masculinos os nomes aos quais se podem antepor os artigos **o, os, um, uns**.

Exs.: *o aluno / o coelho;*
um aluno / um coelho;
os alunos / os coelhos;
uns alunos / uns coelhos.

FEMININO — são femininos os nomes aos quais se podem antepor os artigos **a, as, uma, umas**.

Exs.: *a aluna / a coelha;*
uma aluna / uma coelha;
as alunas / as coelhas;
umas alunas / umas coelhas.

Regras gerais de formação do feminino

1. Os nomes terminados em **-o** ou **-e**, no masculino, mudam para **-a** no feminino.
 Exs.: *o empregado/a empregada, o mestre/a mestra.*
2. Os nomes terminados em consoante formam o feminino acrescentando um **-a**.
 Exs.: *marquês/marquesa, senhor/senhora, juiz/juíza.*
3. Os nomes terminados em **-tor** e **-dor**, no masculino, passam a **-triz**, **-dora** ou **-deira**.
 Exs.: *ator/atriz, imperador/imperatriz, pescador/pescadora, vendedor/vendedeira (ou vendedora).*
4. Os nomes terminados em **-ão**, no masculino, mudam para **-ã**, **-ana**, **-oa**, **-ona**.
 Exs.: *irmão/irmã, leão/leoa, melão/meloa, comilão/comilona.*
 Exceções: *barão/baronesa, ladrão/ladra, lebrão/lebre, perdigão/perdiz.*
5. Alguns nomes formam o feminino em **-essa**, **-esa**, **-isa**, **-ina**.
 Exs.: *conde/condessa, duque/duquesa, poeta/poetisa, herói/heroína.*
6. Os nomes terminados em **-eu** formam o feminino em **-eia** ou **-ia**.
 Exs.: *uropeu/europeia, judeu/judia.*
7. Muitos nomes apresentam uma forma feminina que se afasta bastante da masculina.
 Exs.: *rapaz/rapariga, cão/cadela, frade/freira.*
8. Noutros casos, temos no feminino uma palavra completamente diferente.
 Exs.: *homem/mulher, pai/mãe, cavalo/égua, genro/nora.*

Número

SINGULAR — o singular designa uma pessoa ou coisa.

Exs.: *cravo, rosa.*

PLURAL — o plural designa várias pessoas ou coisas.

Exs.: *cravos, rosas.*

Regras de formação do plural

1. O plural dos nomes forma-se, geralmente, acrescentando um **-s** ao singular, se o nome terminar em vogal ou ditongo.
Exs.: *rato/ratos, chapéu/chapéus.*
2. Os nomes terminados em **-n**, **-r**, **-s** ou **-z** formam o plural acrescentando **-es**.
Exs.: *íman/ímanes, cor/cores, deus/deuses, voz/vozes.*
3. Os nomes terminados em **-m** formam o plural em **-ns**.
Exs.: *nuvem/nuvens, patim/patins, som/sons, atum/atuns.*
4. Os nomes terminados em **-ão** podem formar o plural de três formas: em **-ães**, em **-ãos**, ou em **-ões**.
Exs.: *cão/cães, irmão/irmãos, coração/corações.*
5. Os nomes terminados em **-l** apresentam várias formas de flexão: **-al/-ais/-ales**, **-el (tónico)/-éis**, **-el (átónico)/-eis**, **-il (tónico)/-is**, **-il (átónico)/-eis**, **-ol/-óis**, **-ul/-uis**.
Exs.: *canal/canais, mal/males, papel/papéis, automóvel/automóveis, carril/carris, réptil/répteis, anzol/anzóis, azul/azuis.*

Grau

NORMAL — é a forma normal da palavra.

Exs.: *mulher, cabeça, peixe.*

AUMENTATIVO — é a forma da palavra que contém uma ideia de grandeza.

Exs.: *mulheraça, cabeçorra, peixão.*

DIMINUTIVO — é a forma da palavra que contém uma ideia de pequenez.

Exs.: *mulherzinha, cabecinha, peixinho.*

NOTA:

1. A ideia de aumentativo ou de diminutivo pode ser transmitida por dois processos:
 - **Sintético** — por meio dos sufixos aumentativos **-ão**, **-ona**, **-aço**, etc., ou diminutivos **-inho**, **-ito**, **-ico**, etc.
Exs.: *casarão, matulona, ricaço, carrinho, homenzito, burrico.*
 - **Analítico** — por meio de um adjetivo que se junta ao nome.
Exs.: *grande quadro, pequeno apartamento, árvore enorme, letra minúscula.*
2. As formas aumentativas e diminutivas, em especial as formas sintéticas, podem expressar outras ideias:
 - Os sufixos aumentativos podem transmitir as ideias de desproporção, disformidade, grosseria ou desprezo. Deste modo, o nome assume um valor depreciativo ou pejorativo.
Exs.: *narigão, bocarra, carantonha.*
 - Os sufixos diminutivos podem transmitir as ideias de carinho, ironia, desprezo ou ofensa. Assim sendo, o nome adquire uma carga afetiva.
Exs.: *mãezinha, homenzito, pintorzeco.*

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Lê o excerto da obra *O Velho e o Mar*.

O velho



Quando o rapaz voltou, o velho adormecera na cadeira e o sol pusera-se já. O rapaz tirou da cama o velho cobertor da tropa e lançou-o sobre as costas da cadeira e os ombros do velho. Eram ombros estranhos, ainda fortes apesar de muito velhos, e o pescoço era ainda forte também e as rugas não tão evidentes quando o velho dormia e a cabeça lhe
 5 pendia para a frente. A camisa dele havia sido remendada tantas vezes que era como a vela, e aos remendos o sol os desbotara matizadamente. A cabeça do velho era, porém, muito velha, e de olhos fechados, não havia vida no rosto. O jornal estava pousado nos joelhos, e o peso do braço segurava-o da brisa da tarde. Estava descalço.

ERNEST HEMINGWAY, *O Velho e o Mar*, Livros do Brasil, 2002.

- 1.1 No teu caderno, transcreve dez nomes e identifica a sua subclasse.

2. Completa o quadro, no teu caderno, com o singular ou o plural, conforme o caso.



Flexão do nome em número	Singular	rapaz	velho	(1)	cobertor	sol	jornal	(2)	cabeça
	Plural	(1)	(2)	olhos	(3)	(4)	(5)	remendos	(6)

- 2.1 Apresenta as regras que presidiram às transformações que efetuaste.

3. Escreve os nomes nos graus normal, aumentativo ou diminutivo, consoante o caso.



Flexão do nome em grau			
	Normal	Aumentativo	Diminutivo
a)	(1)	(2)	pedrinha
b)	(1)	rapagão	(2)
c)	carro	(1)	(2)

4. Identifica o género (masculino ou feminino) de cada um dos nomes apresentados.

- a) a codorniz
- b) a multidão
- c) a serpente
- d) a águia-macho
- e) a vítima
- f) o jovem

O PLURAL DOS COMPOSTOS

■ O plural dos nomes compostos

Regra geral

Regra geral, ambos os termos vão para o plural.

Exs.: *estado-membro/estados-membros* (nome + nome);
amor-perfeito/amores-perfeitos (nome + adjetivo);
baixo-relevo/baixos-relevos (adjetivo + nome);
segunda-feira/segundas-feiras (quantificador + nome).

Outros casos

Só o primeiro termo passa para o plural.

Exs.: *água-de-colónia/águas-de-colónia* (nome + preposição + nome);
ano-luz/anos-luz (nome + nome — o segundo elemento funciona como determinante específico do primeiro).

Só o segundo termo vai para o plural.

Exs.: *beija-flor/beija-flores* (verbo + nome);
recém-nascido/recém-nascidos (palavra invariável + nome ou adjetivo).

NOTA:

São, no entanto, invariáveis, os seguintes casos: *belas-artes*; *boas-festas*; *sem-vergonha*; *sempre-em-pé*; *arranha-céus*; *guarda-redes*; *tira-nódoas*.

■ O plural dos adjetivos compostos

Regra geral

Regra geral, só o segundo elemento vai para o plural.

Exs.: *franco-canadianos*; *anglo-saxónicos*; *luso-brasileiros*.

NOTA:

No caso do adjetivo *surdo-mudo*, os dois elementos tomam a forma do plural: *surdos-mudos*.

Quando o adjetivo é composto por adjetivo + nome, geralmente os dois elementos mantêm a forma do singular, por exemplo: *azul-bebé*.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Forma o plural dos nomes compostos.

a) bel-prazer

c) encarregado-geral

e) guarda-livros

g) quebra-cabeças

b) cavaleiro-andante

d) girassol

f) paraquedista

h) vaivém

2. Forma o plural dos adjetivos.

a) afro-americano

c) histórico-social

e) luso-descendente

g) rosa-choque

b) azul-ferrete

d) indo-europeu

f) puro-sangue

h) verde-alface

AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Uma frase é constituída por uma palavra ou grupos de palavras que funcionam como uma unidade de sentido completo. Assim, cada elemento da frase desempenha uma função distinta, denominada função sintática.

FUNÇÕES SINTÁTICAS A NÍVEL DA FRASE

Sujeito	É a função sintática desempenhada pelo constituinte da frase que se encontra em relação de concordância com o predicado e que, nas frases simples, aparece em posição pré-verbal. Pode ser representado por: - um determinante e um nome. Ex.: <i>O António adormeceu.</i> - um nome. Ex.: <i>Coimbra é a cidade dos estudantes.</i> - um pronome. Ex.: <i>Ela escreve bem.</i> - uma palavra ou expressão nominal. Ex.: <i>Negar é típico do inverno.</i> O sujeito pode classificar-se em: Simples — constituído por um grupo nominal ou por uma oração. Exs.: <i>A Joana é trabalhadora.</i> <i>Quem viu o filme gostou.</i> Composto — constituído por uma coordenação de grupos nominais ou de orações. Exs.: <i>A Inês e o José são primos.</i> <i>Quem arrisca e quem sabe o que faz é bem sucedido.</i> Nulo a) subentendido — não está expresso o sujeito, mas, pelo contexto, sabe-se quem pratica a ação. Ex.: <i>Adormeceram cedo.</i> b) indeterminado — não se sabe quem pratica a ação. Ex.: <i>Conta-se que era uma princesa.</i> c) expletivo — ocorre com verbos impessoais. Ex.: <i>Parece que o exame correu mal.</i>
Predicado	É a função sintática desempenhada pelo verbo e pelos complementos que seleciona e permite determinar o objeto indicado pelo sujeito ou afirmar algo sobre este. É constituído pelo verbo e pelos constituintes dele dependentes: - complemento direto (<i>O filho escreveu uma carta à mãe.</i>); - complemento indireto (<i>O filho escreveu uma carta à mãe.</i>); - complemento oblíquo (<i>Fiquei comovido com o teu gesto.</i>); - complemento agente da passiva (<i>A carta foi escrita pela Maria.</i>); - predicativo do sujeito (<i>Fiquei comovido com o teu gesto.</i>); - predicativo do complemento direto (<i>Os alunos acharam o teste difícil.</i>); - modificador (<i>A Maria juntou connosco na sexta-feira.</i>).
Vocativo	O vocativo é a função que identifica o interlocutor e que ocorre frequentemente em frases imperativas, exclamativas e interrogativas. Funciona como aposição ao sujeito, expresso ou subentendido, aparecendo sempre isolado por vírgulas. Exs.: <i>Maria, faz-me um favor.</i> <i>Já te disse, filho, para estudares!</i> <i>Vais amanhã ao cinema, Júlio?</i>

Modificador de frase

Este constituinte não é selecionado por nenhum elemento da frase. No entanto, afeta globalmente a sua interpretação, acrescentando-lhe informação. Por não ser exigido por nenhum elemento, pode ser omitido sem pôr em causa a gramaticalidade da frase. Esta função sintática pode ser desempenhada por um grupo adverbial (a) ou por uma oração subordinada adverbial concessiva (b) ou condicional (c).

Exs.: a) *Infelizmente*, não podemos ir convosco.

b) Vou dar o meu melhor, *embora possa não ser suficiente*.

c) *Se tivesse saído de casa mais cedo*, teria chegado a horas.

FUNÇÕES SINTÁTICAS INTERNAS AO GRUPO NOMINAL**Complemento do nome**

É uma função desempenhada por um constituinte que depende de um nome. Os complementos do nome são sempre de preenchimento opcional. Pode ser formado por:

- um **grupo preposicional** que restringe a realidade do nome.

Exs.: A visita *ao museu* correu bem.

O irmão *do Nuno* ganhou um prémio.

- um **adjetivo** colocado à direita do nome, formando uma unidade de sentido.

Ex.: A pesca *baleeira* tem vindo a aumentar.

Modificador do nome

É uma função sintática facultativa desempenhada por grupos de palavras que modificam o nome. Pode ser:

- Restritivo** — é um constituinte do grupo nominal que se situa normalmente à direita do nome e que não pode aparecer separado por vírgulas. Pode ser um adjetivo, um grupo preposicional ou uma oração subordinada relativa restritiva.

Exs.: O cão *vadio* dormia na rua.

Os jornais *que li ontem* eram de desporto.

- Apositivo** — é um constituinte do grupo nominal que presta uma informação adicional, sendo sempre isolado por vírgulas. Pode ser um grupo nominal, um grupo adjetival, um grupo preposicional ou uma oração subordinada relativa explicativa.

Exs.: O atleta, *peessoa humilde e empenhada*, lesionou-se.

O jovem, *que era atento e trabalhador*, obteve bons resultados.

FUNÇÕES SINTÁTICAS INTERNAS AO GRUPO VERBAL**Complementos verbais**

É cada um dos constituintes obrigatórios que fazem parte integrante do predicado.

- Complemento direto** — é o elemento que está diretamente ligado a um verbo transitivo direto.

Ex.: Ontem vi *um ET*.

- Complemento indireto** — é o elemento que se encontra indiretamente ligado a um verbo transitivo por meio da preposição *a*.

Ex.: Darei flores *à minha namorada*.

- Complemento oblíquo** — é um constituinte obrigatório que pode apresentar a forma de grupo preposicional ou de grupo adverbial ou ainda a coordenação de uma dessas formas.

Exs.: A Joana vive *em Coimbra*. / Puseste *ali* o livro.

- Complemento agente da passiva** — é um grupo preposicional introduzido pela preposição *por*, que corresponde à entidade que pratica a ação na frase equivalente da voz ativa.

Ex.: A baleia foi encontrada *por um pescador*. [Um pescador encontrou a baleia.]

(cont.)

(cont.)

Predicativo	É o constituinte selecionado por um verbo copulativo, predicando o sujeito, ou por um verbo transitivo, predicando o complemento direto. • Predicativo do sujeito — surge na oração junto de verbos copulativos (<i>ser, estar, ficar, permanecer, parecer, ...</i>) e que estabelece uma relação de sentido com o sujeito. Ex.: <i>O miúdo ficou magoado no jogo.</i> • Predicativo do complemento direto — é o elemento que se junta ao complemento direto de verbos como <i>considerar</i> e <i>eleger</i>. Ex.: <i>A assembleia nomeou o João presidente.</i>
Modificador	É um constituinte funcional opcional, que não é selecionado pelo núcleo do grupo sintático de que depende. Pode ser constituído por: • um grupo adverbial que não é exigido por nenhum elemento da frase; podem ser interrogados e negados. Exs.: <i>Os alunos foram ontem a uma visita de estudo.</i> <i>A professora leu o texto pausadamente.</i> • um grupo preposicional não exigido pelo núcleo verbal; pode ser identificado através de uma pergunta cuja resposta corresponde ao grupo verbal. Exs.: <i>O pai recebeu a notícia com alegria.</i> <i>O cão estragou a roupa no estendal.</i> • uma frase subordinada que tem como função modificar o grupo verbal. Exs.: <i>Necessito de mais tempo para concluir o trabalho.</i> <i>Maria chorou quando o seu cão morreu.</i> <i>Foi à discoteca porque queria divertir-se.</i>

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Faz a análise sintática das frases que se seguem.
 - a) A Ana, aluna aplicada e responsável, mora longe.
 - b) Professor, podemos ter aula de apoio para tirarmos as dúvidas?
 - c) Amanhã, o chefe de gabinete anunciará as novas alterações dos contratos.
 - d) O cão de guarda foi visto pelo vizinho na véspera.
 - e) Os trabalhadores concluíram a piscina nas férias.
 - f) Para angariar fundos, o Miguel escreveu uma carta extensa às empresas da região.
2. Lê o excerto seguinte e identifica as funções sintáticas correspondentes às expressões assinaladas.

Os lagartos

Só quando parámos o **jipe** é que os vi. Estavam **ali**, à beira da estrada, meio escondidos pelo fragor do **crepúsculo** — o **velho e os seus lagartos**. Eram lagartos enormes e tinham o pescoço enrugado como o do velho e os mesmos olhos miúdos e misteriosos. Ele reparou no meu interesse e disse o preço:

- 5 — Cinco milhões, **paizinho**. Cada um.
 Pareceu-me **um preço** justo. Valia a pena discutir:
 — Cinco milhões?! Por cinco milhões só se eles falassem...
 O velho olhou-me **muito sério**.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, «Dos perigos do riso», *Fronteiras Perdidas*, Dom Quixote, 2002.

A CONJUNÇÃO

As conjunções são palavras invariáveis que estabelecem uma relação sintática entre constituintes (palavras, grupos ou frases), constituindo unidades sintáticas complexas. Quando uma expressão com duas ou mais palavras funciona como uma conjunção, denomina-se locução conjuncional. Na comunicação e interação discursivas, as conjunções e as locuções conjuncionais assumem a função de conectores discursivos (Ficha informativa 5).

CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES CONJUNCIONAIS COORDENATIVAS		
Subclasses	Conjunções	Locuções conjuncionais
Copulativas (adição ou sequência)	<i>e, nem</i>	<i>não só... mas também, não só... como também, nem... nem, tanto... como</i>
Adversativas (oposição ou contraste)	<i>mas</i>	
Disjuntivas (alternativa)	<i>ou</i>	<i>ou... ou, já... já, ora... ora, nem... nem, quer... quer, seja... ou, seja... seja</i>
Conclusivas (conclusão)	<i>assim, logo, portanto</i>	<i>por conseguinte, por isso, por consequência, pelo que</i>
Explicativas (esclarece o sentido)	<i>pois, porquanto, que</i>	

CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES CONJUNCIONAIS SUBORDINATIVAS		
Subclasses	Conjunções	Locuções conjuncionais
Completivas (introduzem orações que completam a ideia da oração anterior)	<i>que, se, para</i>	
Causais (introduzem orações que indicam causa)	<i>porque, que (= porque), como (= porque)</i>	<i>dado que, já que, pois que, visto que, por isso, por isso que, por isso mesmo que</i>
Finais (introduzem orações que indicam circunstâncias de tempo)	<i>que (= para que), para</i>	<i>para que, a fim de que</i>
Temporais (introduzem orações que indicam uma hipótese ou condição)	<i>quando, enquanto, apenas, mal, que (= desde que)</i>	<i>à medida que, antes que, ao passo que, assim que, até que, depois que, desde que, logo que, primeiro que, sempre que, tanto que</i>
Condicionais (introduzem orações que indicam uma hipótese ou condição)	<i>se, caso</i>	<i>a menos que, a não ser que, contanto que, desde que, exceto se, no caso que, salvo se, sem que, uma vez que</i>
Concessivas (introduzem orações que indicam uma oposição relativamente ao que é expresso na oração subordinante)	<i>embora, conquanto, que</i>	<i>ainda que, apesar de, mesmo que, mesmo se, não obstante, nem que, por mais que, por menos que, por muito que, posto que, se bem que, sem que</i>
Comparativas (introduzem orações que contêm o segundo elemento da comparação)	<i>como, conforme, consoante, qual, que</i>	<i>ao passo que, bem como, conforme... assim, consoante... assim, mais... do que, menos... do que, tão... como, tanto... como</i>
Consecutivas (introduzem orações que indicam uma consequência do que foi dito anteriormente)	<i>que (antecedido de tal, tanto, tão, de tal maneira, de tal modo)</i>	<i>de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que</i>

A COORDENAÇÃO E A SUBORDINAÇÃO

Denominam-se frases simples aquelas que apresentam apenas um verbo principal. Por outro lado, consideram-se frases complexas as que são constituídas por dois ou mais verbos principais. As orações que constituem as frases complexas estabelecem diferentes relações entre si, podendo ser de coordenação ou de subordinação. Ao elemento que estabelece a ligação entre orações chama-se conjunção ou locução conjuncional.

■ Orações coordenadas

As orações coordenadas estão ligadas por uma conjunção/locução conjuncional coordenativa, e nenhuma delas desempenha uma função sintática relativamente à outra. A oração que contém a conjunção não pode ocorrer em início de frase complexa.

ORAÇÕES COORDENADAS		Exemplos
Sindéticas (a conjunção/locução conjuncional aparece expressa)	Copulativas (adição)	A porta não abre nem fecha.
	Adversativas (contraste)	Gosto de ir ao cinema, mas prefiro ouvir música.
	Disjuntivas (alternativa)	Ou vais a pé ou vais de autocarro.
	Conclusivas (conclusão)	O aluno caiu, logo teve de ir para o hospital.
	Explicativas (justificação)	O teste foi fácil, pois tinha estudado muito.
Assindéticas (a conjunção/locução conjuncional não aparece expressa)		Não vou ao cinema, vou ao teatro. Lanchei, sentei-me no sofá, vi o filme.

■ Orações subordinadas

As orações subordinadas estão ligadas por uma conjunção/locução conjuncional subordinativa e estabelecem entre si uma relação de dependência, ou seja, a oração que é introduzida pela conjunção/locução conjuncional depende sintaticamente da outra, desempenhando uma função sintática no seio da frase complexa.

ORAÇÕES SUBORDINADAS			Exemplos
Substantivas (podem ser substituídas por um nome/pronome «isso»)	Completivas		Ele pensou que tu já não vinhas .
	Relativas (livres ou sem antecedente)		Os idosos precisam de quem os ajude .
Adjetivas (podem ser substituídas por um adjetivo)	Relativas	restritivas	O livro que eu comprei é interessante.
		explicativas	A Maria, que é trabalhadora , teve boas notas.
Adverbiais (podem ser substituídas por um advérbio; à exceção das comparativas e das consecutivas, a oração que se inicia com a conjunção pode iniciar a frase complexa)	Causais		Vou ficar um mês porque quero conhecer o país .
	Finais		O aluno fez os exercícios para tirar as suas dúvidas .
	Temporais		Vi o meu primo quando ele veio a Coimbra .
	Condicionais		Se estiverem atentos , perceberão a matéria.
	Concessivas		Ainda que insistas , não vou fazer isso.
	Comparativas		Gosto tanto de ler como gosto de escrever .
	Consecutivas		Estou tão cansado que vou dormir .

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Identifica as conjunções/locuções conjuncionais existentes nas frases, e classifica-as. Responde no teu caderno com a ajuda das alíneas.

	Frases	Conjunções/Locuções conjuncionais	Classificação
a)	O António estava atento, mas não percebeu a matéria.	(1)	(2)
b)	Se nos empenharmos, obteremos bons resultados.	(1)	(2)
c)	O João pediu que saíssem da sala.	(1)	(2)
d)	Não haverá aulas enquanto a neve não derreter.	(1)	(2)
e)	Nem sei inglês, nem me interessa o espanhol.	(1)	(2)
f)	Comprei o livro porque tinha lido a crítica no jornal.	(1)	(2)
g)	Vou viajar, ainda que tenha pouco dinheiro.	(1)	(2)
h)	O comboio está atrasado; logo, terei de esperar.	(1)	(2)
i)	O João gosta tanto de correr como o Manuel gosta de nadar.	(1)	(2)
j)	Vou tratar do teu problema para que fiques descansado.	(1)	(2)
k)	Estou muito contente, pois o meu filho passou de ano.	(1)	(2)
l)	O carro era tão caro que não fiz negócio.	(1)	(2)
m)	O portátil é moderno e tem um preço acessível.	(1)	(2)

1.1 Identifica as orações que compõem as frases do quadro, e classifica-as.

2. Constrói frases complexas em que apliques cada uma das conjunções seguintes.

- | | |
|---------------------------------------|--|
| a) Conjunção coordenativa adversativa | f) Conjunção subordinativa final |
| b) Conjunção coordenativa disjuntiva | g) Conjunção subordinativa comparativa |
| c) Conjunção subordinativa causal | h) Conjunção subordinativa concessiva |
| d) Conjunção subordinativa temporal | i) Conjunção subordinativa consecutiva |
| e) Conjunção subordinativa completiva | j) Conjunção subordinativa condicional |

3. Constrói frases complexas com os elementos das duas colunas.

A	B
(a) Embora não possa estar presente,	(1) porque agi mal.
(b) Tentarei falar com ele	(2) quando tinha 13 anos.
(c) Vou tentar chegar a horas,	(3) logo, tenho muitas saudades.
(d) Estou com problemas de consciência	(4) para esclarecer a situação.
(e) Ele foi aluno do colégio	(5) mandarei alguém a representar-me.
(f) Há muito tempo que não estou com ele;	(6) mas será difícil.

3.1 Classifica as conjunções/locuções conjuncionais usadas para criar as frases complexas.

3.2 Classifica as orações que compõem as frases complexas que elaboraste.

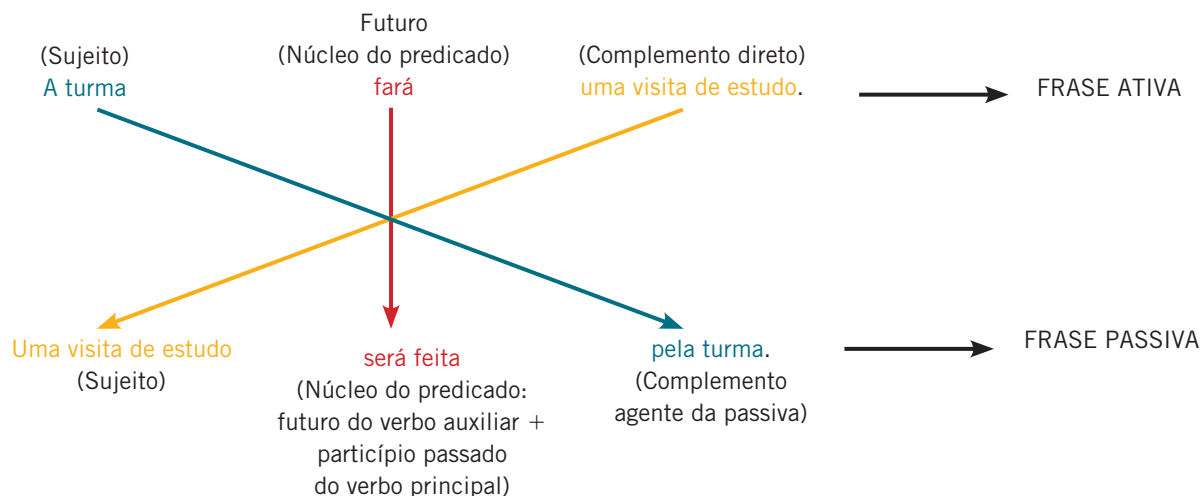
A FRASE ATIVA E A FRASE PASSIVA

O verbo e a frase podem assumir duas formas para indicar se o sujeito e o agente que desempenham a ação são os mesmos ou se são distintos.

Frase ativa — o sujeito pratica a ação expressa pelo verbo.

Frase passiva — o sujeito é alvo da ação expressa pelo verbo.

Ex.:



NOTA:

- Só é possível fazer a transformação de uma frase na forma ativa para a passiva quando aquela possui um verbo transitivo direto e, por isso mesmo, reversível. Em termos práticos, qualquer frase que não tenha **complemento direto** não pode ser transformada.
- Para se conjugar o verbo na passiva, recorre-se ao verbo auxiliar «**ser**» (devendo ser sempre conjugado no tempo do verbo apresentado na ativa) e ao particípio passado do verbo principal (este deve concordar sempre com o sujeito).
- O **sujeito** da frase ativa desempenha a função de **complemento agente da passiva**, introduzido pela preposição «**por**», podendo haver algumas variantes para esta preposição («**de**»; «**entre**»; «**os**»).
- O **complemento direto** da frase ativa desempenha a função de **sujeito** na frase passiva.
- O **complemento agente da passiva** pode ser representado por um **nome** ou um **pronome**.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- Considera as frases.
 - O fim de semana foi passado pela família no campo.
 - Ontem, o professor entregou os testes.
 - A turma receberia o prémio no Salão Nobre.
 - O treinador desejou aos atletas um bom jogo.
- Identifica a forma em que se encontram.
 - Passa-as para a ativa ou para a passiva, consoante o caso.

Lê o excerto que se segue.

Numa cidade



Uma cidade é um pouco como um animal colonial. Uma cidade tem um sistema nervoso, cabeça, ombros e pés. Uma cidade é uma coisa separada de todas as outras cidades, de modo que não há duas cidades iguais. E uma cidade tem uma emoção própria. A forma como as notícias percorrem uma cidade é um mistério difícil de desvendar. As notícias parecem deslocar-se mais depressa do que os garotos que correm a transmiti-las, mais depressa do que as mulheres as conseguem passar umas às outras por cima das cercas.

Antes de Kino e Juana e os outros pescadores chegarem à cabana de Kino, os nervos da cidade já estavam a pulsar e a vibrar com a notícia — Kino tinha encontrado a Pérola do Mundo. Antes que os garotos arquejantes conseguissem pronunciar as palavras, as mães já as conheciam. A notícia ultrapassou as cabanas e chegou como uma onda de espuma à cidade de pedra e de estuque. Chegou aos ouvidos do padre que passeava no seu jardim, deixando-lhe no rosto uma expressão pensativa e recordando-lhe certas reparações de que a igreja necessitava. Quanto valeria a pérola? E perguntou a si mesmo se teria sido ele a batizar o filho de Kino ou mesmo se os teria casado. A notícia chegou aos lojistas e eles olharam para as roupas de homem que não se tinham vendido muito bem.

A notícia chegou aos ouvidos do médico que estava a atender uma mulher, cuja doença era a idade, embora nem ela nem o médico o admittissem. E, quando descobriu quem era Kino, o médico tomou um ar simultaneamente severo e judicioso.

— É um dos meus clientes — disse o médico. — Estou a tratar o seu filho de uma picada de escorpião.

E os olhos do médico reviraram-se nas suas bolsas de gordura, enquanto pensava em Paris. Recordou-se do quarto onde vivera como se fosse uma casa importante e luxuosa, e recordou a mulher de rosto duro que tinha vivido com ele como se fosse uma bela e simpática rapariga, embora não tivesse sido nenhuma das três coisas. Afastando o olhar da sua idosa paciente, viu-se sentado num restaurante em Paris e viu o criado abrir uma garrafa de vinho.

A notícia chegou célere aos mendigos à porta da igreja, e eles soltaram risadinhas de prazer, porque sabiam que não havia melhor esmolar no mundo do que um pobre que a sorte bafeja subitamente.

Kino tinha descoberto a Pérola do Mundo. Na cidade, em pequenos escritórios, encontravam-se os homens que compravam pérolas aos pescadores. Esperavam, sentados às suas secretárias, que as pérolas chegassem às suas mãos, e depois palavreavam, discutiam, gritavam e ameaçavam, até conseguirem alcançar o preço mais baixo que os pescadores podiam aceitar.

JOHN STEINBECK, *A Pérola*, Livros do Brasil, 2004.

Responde, de forma clara e bem estruturada, às questões que se seguem.

1. O narrador começa por apresentar um espaço: uma cidade.
 - 1.1 A que a compara? Porquê?
 - 1.2 Como se espalham as notícias numa cidade? Fundamenta a tua resposta com elementos do texto.
2. Identifica as personagens intervenientes na ação.
 - 2.1 Indica as suas profissões.
 - 2.2 Classifica-as quanto ao relevo.
3. Lê a seguinte passagem: «A notícia ultrapassou as cabanas e chegou como uma onda de espuma à cidade de pedra e de estuque.» (Il. 13-14)
 - 3.1 O que aconteceu na cidade?
 - 3.2 De que forma reagiram as pessoas à notícia?
 - 3.2.1 Transcreve as expressões do texto que dão conta das diferentes reações dos habitantes.
4. Identifica os recursos expressivos presentes nas frases.
 - a) «Uma cidade tem um sistema nervoso, cabeça, ombros e pés.» (Il. 1-2)
 - b) «As notícias parecem deslocar-se mais depressa do que os garotos [...]» (Il. 5-6)
 - c) «[...] os nervos da cidade já estavam a pulsar e a vibrar com a notícia [...]» (l. 10)
5. Considera a frase: «A notícia chegou célere aos mendigos à porta da igreja, e eles soltaram risadinhas de prazer [...]» (Il. 33-34).
 - 5.1 Delimita as orações que a compõem.
 - 5.1.1 Indica e classifica o elemento que as liga.
 - 5.1.2 Identifica as funções sintáticas da primeira oração.
 - 5.2 Identifica as classes das palavras assinaladas.
6. Considera as frases seguintes.
 - a) «Uma cidade é uma coisa separada de todas as outras cidades, de modo que não há duas cidades iguais.» (Il. 2-3)
 - b) «As notícias parecem deslocar-se mais depressa do que os garotos que correm a transmiti-las, [...]» (Il. 5-7)
 - c) «Antes que os garotos arquejantes conseguissem pronunciar as palavras, as mães já as conheciam.» (Il. 11-12)
 - 6.1 Identifica e classifica as locuções conjuncionais nelas presentes.
 - 6.2 Delimita e classifica as orações que as compõem.
7. Considera a passagem: «[...] Kino tinha encontrado a Pérola do Mundo.» (l. 11).
 - 7.1 Produz um texto, de 150 a 200 palavras, em que imagines como é que a pérola do mundo fez a sorte sorrir a Kino. Planifica a tua redação e revê-a antes de a dares por concluída.



Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta unidade, avalia o teu desempenho e indica o nível que atingiste. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.

I. ORALIDADE

	1	2	3	4	5	Pág.
Uso um tom de voz audível.						
Articulo corretamente as palavras.						
Respeito o uso da palavra pelos outros.						
Adequo a linguagem às situações de comunicação em que participo.						
Utilizo expressões adequadas para exprimir o meu ponto de vista.						
Exponho os meus argumentos de forma coerente.						
Participo responsavelmente no debate.						
Compreendo discursos orais.						

II. LEITURA

	1	2	3	4	5	Pág.
Distingo a informação essencial da acessória.						
Localizo a ação no tempo e no espaço.						
Caracterizo as personagens intervenientes na ação.						
Identifico a ação principal e a ação secundária.						
Classifico o narrador.						
Reconheço os diferentes modos de expressão.						
Comparo textos.						
Analiso os diferentes elementos de uma imagem.						

III. GRAMÁTICA

	1	2	3	4	5	Pág.
Aplico as regras da transformação da frase ativa em frase passiva e vice-versa.						
Identifico as conjunções coordenativas e as conjunções subordinativas.						
Distingo as frases coordenadas e as frases subordinadas.						
Classifico as orações coordenadas e as orações subordinadas.						
Conheço as regras de formação dos nomes e dos adjetivos compostos.						
Aplico as regras da flexão do nome em género, em número e em grau.						
Identifico as funções sintáticas de segmentos frásicos.						

IV. ESCRITA

	1	2	3	4	5	Pág.
Planifico um texto narrativo.						
Ordeno a informação no texto que produzo.						
Confiro pessoalidade ao meu texto.						
Recorro a conectores para estruturar o meu discurso.						
Assinalo corretamente os parágrafos.						
Pontuo com propriedade um texto.						
Utilizo a linguagem escrita com correção ortográfica e sintática.						
Revejo o texto que produzo.						

Agora soma a tua pontuação e verifica o teu desempenho.

0-79: Não satisfaz (Precisas de estudar muito mais e esclarecer as tuas dúvidas, procurando a ajuda do teu professor.)

80-129: Satisfaz (Precisas de rever os conteúdos abordados e consolidar conhecimentos!)

130-144: Satisfaz bem (Desenvolveste um bom trabalho. Deves continuar a estudar!)

145-160: Satisfaz plenamente (Parabéns! O teu desempenho foi excelente! Continua!)

2

Palavras em cena

TEXTO DRAMÁTICO

96 HIPERPÁGINA — História do Teatro

100 *Falar Verdade a Mentir*, Almeida Garrett

108 *O Colar*, Sophia de Mello Breyner Andresen

113 *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto

117 «Todo-o-Mundo e Ninguém», Gil Vicente

121 OFICINA DE ESCRITA 3

124 LER MAIS — «Saltar o cerco», «A atriz estreada»
e «A atriz veterana», Joana Loureiro

129 FICHA INFORMATIVA 12 — O modo dramático

131 FICHA INFORMATIVA 13 — A interjeição

132 FICHA INFORMATIVA 14 — O verbo

136 FICHA INFORMATIVA 15 — O pronome

140 TESTE FORMATIVO

143 AUTOAVALIAÇÃO





«O teatro é uma pequena parte do Mundo que tem uma tradição humana feita de singularidades e de gestos comunitários, uma tradição democrática única porque sempre qualificada com os filtros do tempo, aqueles que elegem os paradigmas, parlamento de subjetividades sublimes e laboratório humano elementar, que, no avesso da história, nas cozinhas e praças públicas, nos palácios e nos teatros, se foi constituindo como uma poderosa instância crítica.»

FERNANDO MORA RAMOS, *Quatro Ensaios à Boca de Cena*,
Edições Cotovia, 2009.

ANALISAR A IMAGEM E O TEXTO

1. O que representa a imagem?
2. O texto apresentado remete para
 - a) o teatro como divertimento.
 - b) o teatro como forma de intervenção social.
 - c) a essência do teatro.

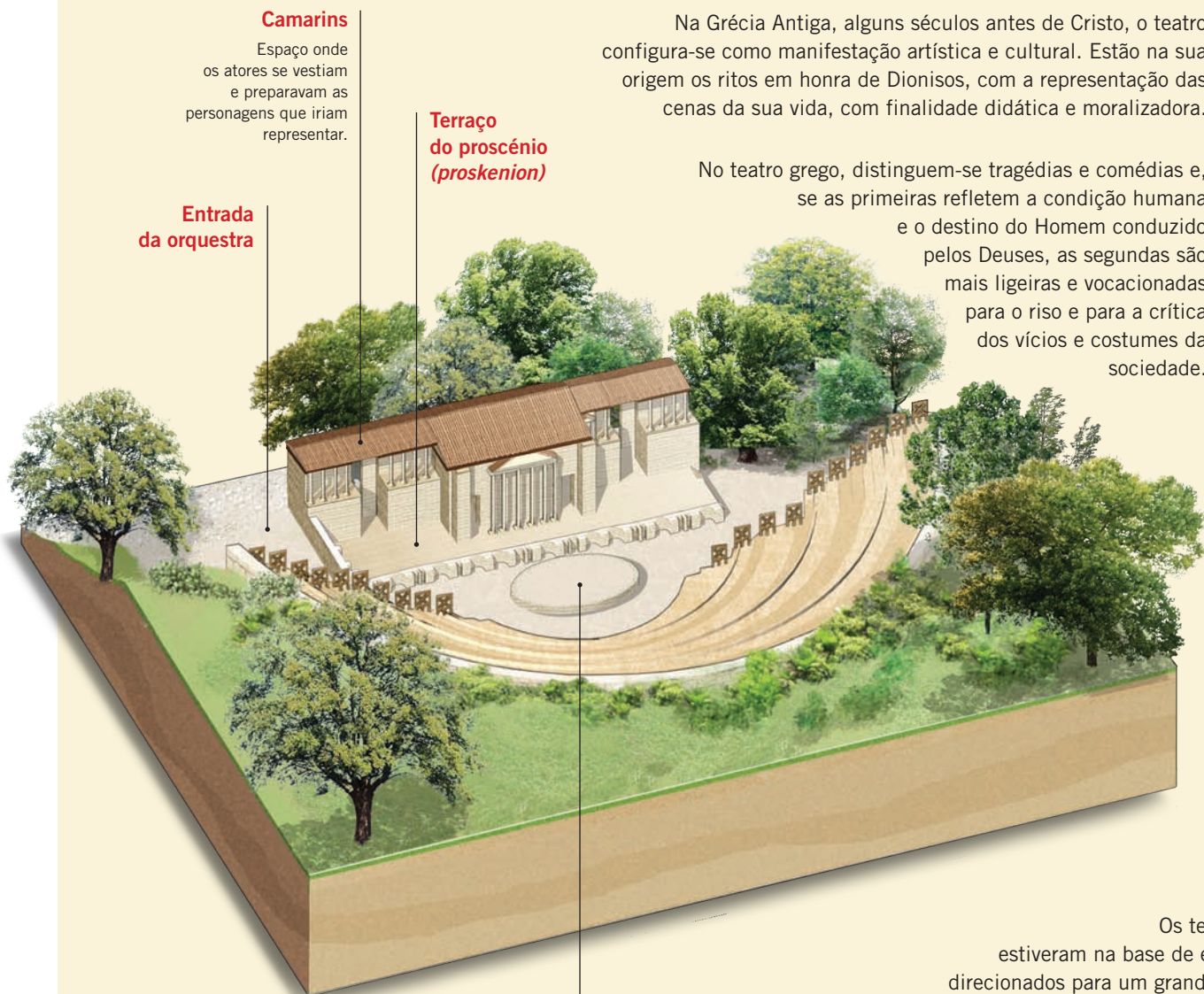
História do Teatro

Desde a Pré-História que o Homem tentou desenvolver o seu poder comunicativo com o que o rodeava e com o que o transcendia. Jogo e ténue religiosidade, bem como mistério e magia, foram ingredientes das primeiras representações humanas de contornos teatrais (ritos fúnebres, danças lúdicas e guerreiras, pinturas, cânticos).

O teatro grego

Na Grécia Antiga, alguns séculos antes de Cristo, o teatro configura-se como manifestação artística e cultural. Estão na sua origem os ritos em honra de Dionisos, com a representação das cenas da sua vida, com finalidade didática e moralizadora.

No teatro grego, distinguem-se tragédias e comédias e, se as primeiras refletem a condição humana e o destino do Homem conduzido pelos Deuses, as segundas são mais ligeiras e vocacionadas para o riso e para a crítica dos vícios e costumes da sociedade.



Sófocles
496-406 a. C.

Orquestra
Local da representação
(em terra batida).

Os textos gregos estiveram na base de espetáculos direcionados para um grande público e representados em monumentais anfiteatros ao ar livre, construídos em declive, aproveitando as condições naturais do terreno.

O teatro romano

Levado para o resto do mundo pelos romanos, o teatro estendeu-se pelos horizontes do império. É de realçar o facto de a comédia ganhar particular relevo, ao contrário da tragédia, cujo esplendor se liga ao teatro grego.

Ainda hoje as construções antigas são usadas para espetáculos culturais de teatro, música e dança.

Cena (*Scaenae*) ou Palco

Espaço onde tinha lugar a representação e onde se encontrava o edifício de colunas que servia de cenário permanente.

Orquestra

Semicírculo entre o palco e a arquibancada.

Cávea ou arquibancada

Local de onde o público assistia sentado à representação. Havia áreas distintas, cada uma destinada a uma classe social.



Sêneca

4 a. C.-65 d. C.



A representação só podia ser realizada por atores homens que utilizavam a máscara como instrumento técnico de construção da sua personagem.

História do Teatro

Durante a Idade Média foram produzidas peças de temática essencialmente religiosa, mas houve também produção de teatro cómico, de que são exemplo as farsas.

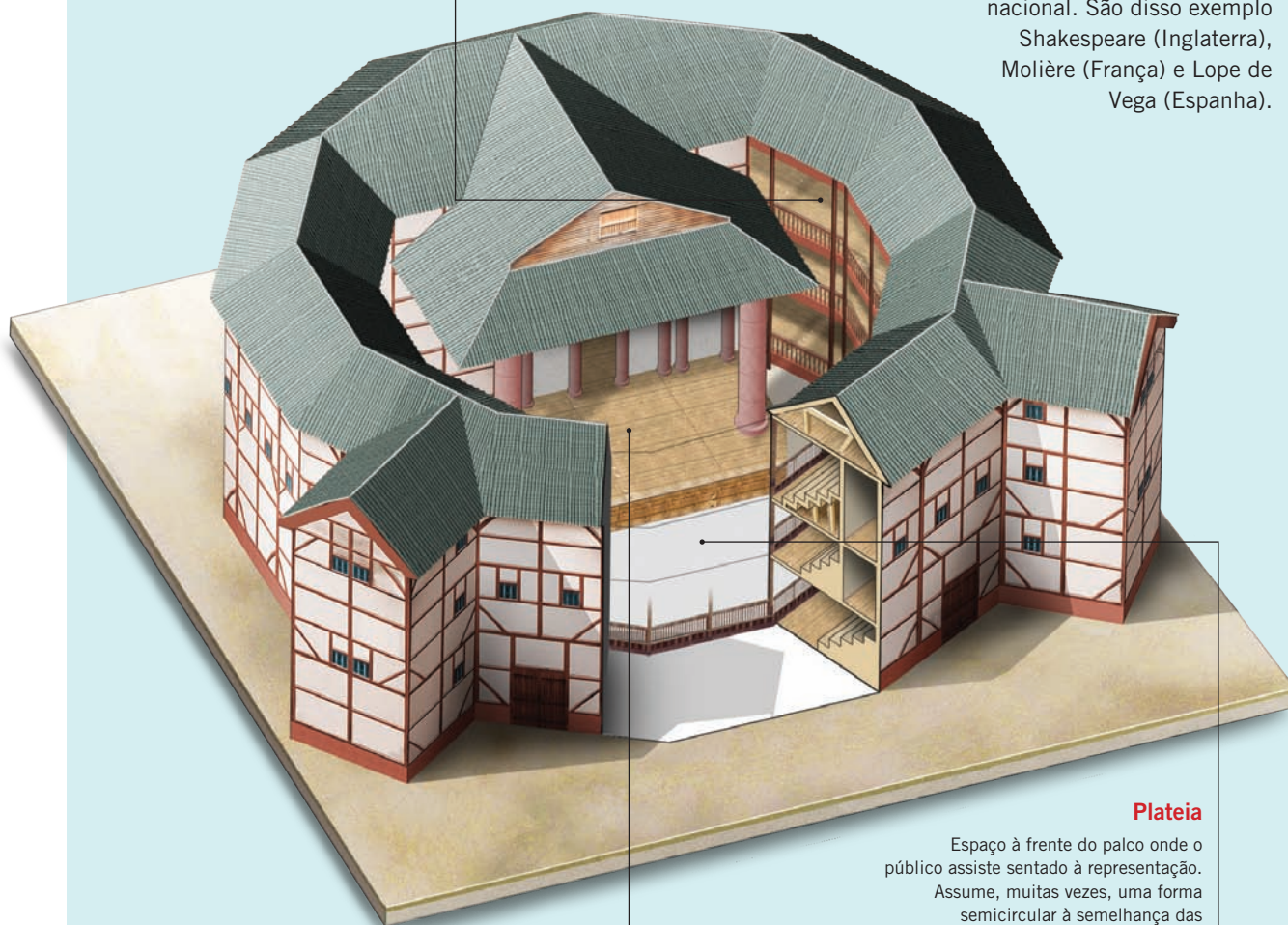
Em Portugal, surgiu no século XVI o teatro de Gil Vicente, de gosto medieval mas, de certa forma, de temática profana já renascentista.

O teatro no Renascimento

Camarotes

Espaços individualizados, semifechados e mais elevados que a plateia, onde o público assiste sentado à representação. Os camarotes distribuem-se por balcões, sendo que o primeiro fica mais próximo da plateia.

É no Renascimento que o teatro europeu atinge o seu auge. Em espaços populares e na corte, assumindo vários géneros, surgem as primeiras companhias teatrais (trupes), dando ao teatro uma dimensão profissional. Com o fortalecimento do poder régio, percebe-se que o teatro pode fortalecer o espírito nacional. São disso exemplo Shakespeare (Inglaterra), Molière (França) e Lope de Vega (Espanha).

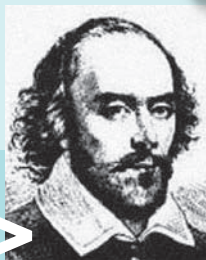


Plateia

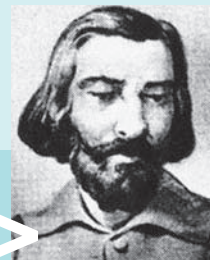
Espaço à frente do palco onde o público assiste sentado à representação. Assume, muitas vezes, uma forma semicircular à semelhança das bancadas do teatro grego e romano.

Palco

Espaço onde é levada a cabo a representação.



William Shakespeare
1564-1616



O teatro no Romantismo

Plateia

Espaço à frente do palco onde o público assiste sentado à representação. Assume, muitas vezes, uma forma semicircular à semelhança das bancadas dos teatros grego e romano.

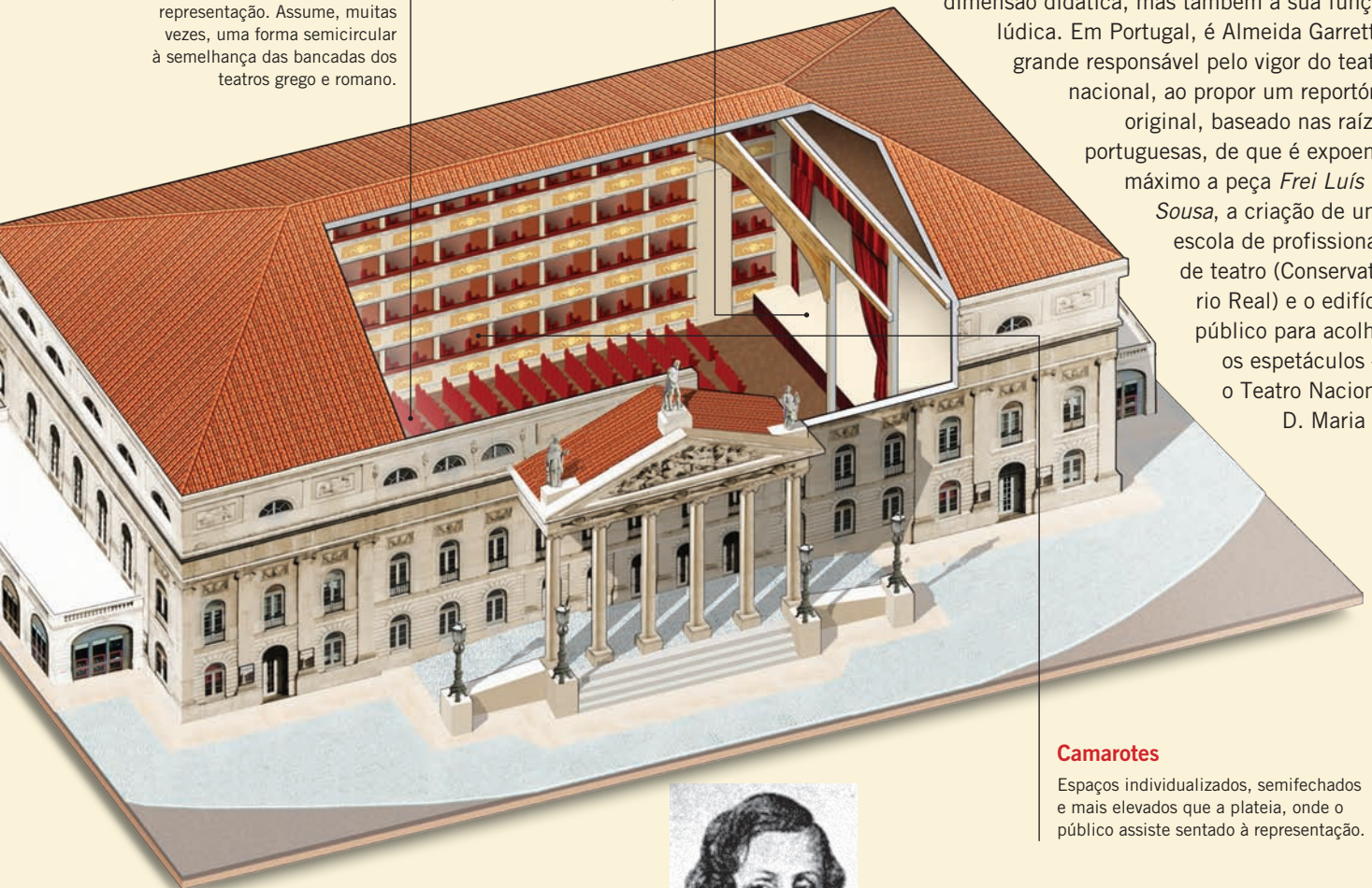
Palco

Espaço onde é levada a cabo a representação.

No século XIX, assiste-se verdadeiramente à abertura do teatro ao grande público, reconhecendo-se não só a sua dimensão didática, mas também a sua função lúdica. Em Portugal, é Almeida Garrett o grande responsável pelo vigor do teatro nacional, ao propor um repertório original, baseado nas raízes portuguesas, de que é expoente máximo a peça *Frei Luís de Sousa*, a criação de uma escola de profissionais de teatro (Conservatório Real) e o edifício público para acolher os espetáculos — o Teatro Nacional D. Maria II.

Camarotes

Espaços individualizados, semifechados e mais elevados que a plateia, onde o público assiste sentado à representação.



Almeida Garrett

1799-1854



Palco

Espaço onde é levada a cabo a representação.

Gil Vicente

1465-1536

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Onde nasceu o teatro?
2. Que géneros teatrais se representavam na Antiguidade Clássica?
3. Que dramaturgos europeus se destacaram no Renascimento?
4. Quem foi o primeiro dramaturgo português?
5. Qual foi a importância de Garrett no teatro português?

ANTES DE LER

1. Partindo da definição de «comédia» apresentada na hiperpágina desta unidade e do título da peça, apresenta hipóteses quanto ao vício que vai ser objeto de crítica.

1.1 Em que situações poderá surgir esse vício?

1.2 Que tipo de personagens entrarão na peça?



COMÉDIA

Falar Verdade a Mentir

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no Teatro de Tália, pela sociedade particular do mesmo nome, em sete de abril de MDCCCXLV.

Pessoas

BRÁS FERREIRA

AMÁLIA

DUARTE GUEDES

O GENERAL LEMOS

JOAQUINA

JOSÉ FÉLIX

UM LACAIO, UM CRIADO SEM LIBRÉ

Lugar da cena

LISBOA



BIOGRAFIA

Almeida Garrett

(1799-1854)

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto e faleceu em Lisboa. Escritor e dramaturgo romântico, foi o proponente da edificação do Teatro Nacional de D. Maria II e da criação do Conservatório Nacional (formação de atores). A sua produção dramática insere-se na tentativa de criação de um repertório nacional que respondesse ao papel didático e social da instituição teatral. Foi um político liberal, grande orador, embaixador, escritor e poeta de grande mérito.

Obra: *Frei Luís de Sousa; Viagens na Minha Terra; Camões; Folhas Caídas; O Arco de Sant'Ana; Um Auto de Gil Vicente; ...*

ATO ÚNICO

Sala de visitas elegante. Porta ao fundo e laterais.

À esquerda, mesa com escrivaninha, etc.

Cena I

JOAQUINA, JOSÉ FÉLIX

JOAQUINA — Entre, senhor José Félix, entre. Isto são umas madrugadas!...

Para uma pessoa como o senhor José Félix, o criado particular de um fidalgo da corte! Lá por fora ainda mal são nove horas...

5 JOSÉ FÉLIX — Nove horas... E fidalgo da corte!... Recolha o seu espírito, senhora D. Joaquina. Meu amo é general, estamos de acordo; nove horas deram há muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na província, minha querida Joaquina...

10 JOAQUINA — Ai, como tu estás tolo! A província, a província... Ora isto! Saiba que eu que venho do Porto, senhor José Félix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periódicos. Província será a sua terra de você, que há de ser a Lourinhã, ou a aldeia de Paio Pires, ou coisa que o valha. E então?...

JOSÉ FÉLIX — Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espírito, que já aqui
 15 não está quem falou. Soube ainda agora que tinham chegado ontem
 à noite no vapor, que estavam aqui nesta hospedaria, que é pegada
 quase com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, recla-
 mar o prémio de onze meses de eternas saudades.

JOAQUINA — E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?...

20 JOSÉ FÉLIX — Horivelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!...

JOAQUINA — Que diz ele?...

JOSÉ FÉLIX — Se tu vens da!... Da província não. Não, Joaquina, tu não
 vens da província, vens da cidade eterna... Virás. Maldição eterna
 sobre quem o duvidar! Mas vens, vens donde ainda se não sabe a
 25 língua das românticas paixões, dos sentimentos copiados do nu da
 natureza como nós cá a temos na Rua dos Condes¹, e nos folhetins
 das folhas públicas, que são o órgão da opinião comensurável dos
 séculos.

JOAQUINA — Se te eu entendo...

30 JOSÉ FÉLIX — Ah! Tu não entendes? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem
 ninguém. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é esta. Deixa: em tu
 estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua
 alma de mulher é feita para compreender o meu coração de homem.
 E então, vês tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sopro, silfo, demónio!
 35 Eu amo-te! Amo-te, porque...

JOAQUINA — Cruzes!

JOSÉ FÉLIX — Não me interrompas, não me interrompas,
 deixa ir. Silfo, anjo, sopro, mulher! Amo-te porque
 o meu coração está em brasa, e tenho umas veias,
 40 e estas veias... Têm umas artérias... E estas artérias
 têm... Não têm... As artérias não têm nada; mas
 batem, batem como os sinos que dobram pelo finado
 na hora do passamento, que é morrer, morrer, mor-
 rer... Oh Joaquina, morrer! E que é a morte? É a
 45 vida que cai nos abismos estrepitosos da eternidade,
 que é, que é...

JOAQUINA — Isso é comédia, ou tu estás a mangar comigo?

JOSÉ FÉLIX — Isto é o drama das paixões, que o sentimento,
 a verdade...

50 JOAQUINA — Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te
 dizer; mas como tu estás doido, adeus!

JOSÉ FÉLIX — A poesia da vida é esta, Joaquina. Mas...
 Mas passemos à vil prosa dos interesses materiais do
 país, se é preciso. Vá. Far-te-ei mais esse sacrifício.
 55 Que exiges tu de mim?



¹ Rua dos Condes: referência ao teatro dessa mesma rua.

JOAQUINA — Que deixes essas patéticas agora e oiças. Meu amo, o senhor Brás Ferreira, que é um ricaço como tu sabes, um daqueles negociantes do Porto que têm dinheiro como milho, vem de propósito a Lisboa para casar a menina. É uma filha única, e morre por mim,
 60 coitada! É um anjo! Prometeu-me que no dia que se assinassem as escrituras tinha eu o meu dote.

JOSÉ FÉLIX — Dote! Céus! Um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eu! Maldição sobre mim!

JOAQUINA — Cem moedas.

65 JOSÉ FÉLIX — Oh! Seja o que for, que me importa? O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objeto amado... Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina?

JOAQUINA — Sim senhor.

JOSÉ FÉLIX — Melhor: porque bem vês, com a minha educação, um rapaz
 70 que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... Habilitado para ser mordomo de um clube dos de primeira ordem — a galocha já eu recusei — bem vês, não podia formar uma aliança que me não desse os meios de sustentar a posição social em que me acho colocado. Mas tu tens dote; acabou-se.
 75 Recolho o meu espírito e estendo a minha mão.

JOAQUINA — Ai, José Félix! Mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

JOSÉ FÉLIX — Pois que há... Que impedimentos?

JOAQUINA — Não sei... Quando vínhamos no vapor, pareceu-me, vi que
 80 havia transtorno. O pai e a filha tiveram suas coisas a esse respeito. E a menina anda triste, desassossegada. Estou certa que há impedimento grande, há obstáculos...

JOSÉ FÉLIX — Obstáculos! Não há, não os pode haver. A minha paixão, a nossa felicidade, cem moedas sonantes, mil pintos c'os diabos!
 85 Absolutamente não pode deixar de ser, há de se fazer este casamento, Joaquina... A honra, a delicadeza, tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que vá já desenganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

JOAQUINA — O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa pega... Mas
 90 espere; olha, aí vem a senhora D. Amália: deixa-te tu estar e... Mas não vás tu fazer falta em casa a teu amo.

JOSÉ FÉLIX — Meu amo! Toma. Tu estás muito atrasada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um general, uma pessoa da primeira sociedade, portanto costumado a fazer esperar os outros, e a esperar ele
 95 pelos seus criados, que é a regra. Além disso, eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma coisa em casa... A senhora chorou, o senhor rallhou. Eu te contarei noutra ocasião, que hás de rir. O caso é que hoje tenho o dia por meu. Ela aí vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme, Joaquina! Olha que a coisa é séria para ti, um dote
 100 e um marido!

Cena II

DITOS E AMÁLIA

AMÁLIA — Joaquina! Joaquina! ando à tua procura. O senhor Duarte ainda não veio?

JOAQUINA — Não, minha senhora.

AMÁLIA — Que homem é esse com quem tu estavas a falar?

JOSÉ FÉLIX — Anda, apresenta-me como gente.

JOAQUINA — Minha senhora, é aquele rapaz de quem lhe eu dizia no Porto...

AMÁLIA — Ah! já sei: o senhor José Félix. Tens bom gosto, Joaquina. O pior é que vocês não têm de casar senão quando o meu casamento se fizer, tenho muito medo que ainda esperem bom tempo.

JOAQUINA — Então porquê, minha senhora?

AMÁLIA — Ora! estou desesperada, transtornou-se tudo: meu pai quer quebrar com ele.

JOAQUINA — Com o senhor Duarte?

AMÁLIA — Sim: pois com quem?

JOSÉ FÉLIX, *aparte* — Meu Deus! e as nossas cem moedas?

JOAQUINA — Não é possível: a mesma família, a mesma riqueza, um casamento tão igual, tão acertado... Seu pai não se há de atrever.

AMÁLIA — Nada, não! Veio a Lisboa — agora é que o eu sei bem — só para achar pretexto de o desmanchar.

JOAQUINA — Pois não o há de achar. O senhor Duarte é um rapaz como há poucos. Juízo não lhe falta: suas doidices... não é, é pancada da mocidade. Isso passa depressa. Bom coração... não o há melhor. Quer a senhora saber? O mal que ele faz é por moda... todos assim são... e o bem que ele faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

AMÁLIA — Pois sim; mas já que falamos nos seus defeitos, sempre te digo que ele que tem um, que se meu pai o vem a descobrir... Tenho-lho encoberto até agora, mas se ele o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdoa. Meu pai é um negociante dos



antigos, que leva a honra e probidade, a lisura e a verdade no trato, a um ponto de severidade que é quase rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não há dúvida; mas não sei se é distração se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

145

JOSÉ FÉLIX — Percebo: tem viajado muito...

JOAQUINA — Não, mas é morgado, e de raça quase castelhana...

JOSÉ FÉLIX — Entendo, entendo: *echelas usted más blandas*.

JOAQUINA — E de mais a mais, há seis meses que está em Lisboa...

150

JOSÉ FÉLIX — Onde todos os talentos se aperfeiçoam.

AMÁLIA — Enfim, meu pai declarou que à primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

JOSÉ FÉLIX — Ora adeus! O senhor seu pai com efeito... ele ainda é parente, bem se vê, há de ter sua costela espanhola... O seu projeto é outra espanholada também... Querer impedir que um rapaz do tom, da moda pregue a sua peta!... Isso é mais do que formar castelos em Espanha², é querer meter o Rossio pela Betesga².

155

AMÁLIA — Meu pai é que o não entende assim: e eu não sei como hei de avisar a Duarte.

160

JOAQUINA — Vou eu pôr-me à espera dele. Não tarda a vir por aí; e antes que entre e que fale com seu pai, hei de avisá-lo que tome conta em si, e que não dê notícias senão as que forem oficiais... a ser possível.

AMÁLIA — Cala-te: oiço falar no quarto de meu pai; é a voz de Duarte.

JOAQUINA — É que entrou pela outra escada.

165

AMÁLIA — Está tudo perdido! Se ele falou com meu pai... aposto que já... Nunca vi: é que não pode, mente por hábito e sem saber o que faz.

JOAQUINA — Então agora o que se podia... o que era de mestre, era fazer que o senhor Brás Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que ele minta, contanto que seu pai o não perceba?

170

JOSÉ FÉLIX — Ela tem razão, a Joaquina. E é mais fácil isso. Se a senhora D. Amália se confia em mim, e me autoriza...

AMÁLIA — Oh meu Deus! Se vocês encobrem aquele defeito a meu pai, fico-lhes numa obrigação... Depois em nós casando, eu o emendarei. Que se não fosse isso...

175

JOSÉ FÉLIX — Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvi-lo, e fazer assim ideia do seu modo...

JOAQUINA, *apontando para uma alcova, à direita* — Ora!... aquela alcova... e tem uma porta que dá direita na escada... Eles aí vêm: entra depressa, esconde-te.

180

ALMEIDA GARRETT, *Falar Verdade a Mentir*, Porto Editora, 1993.

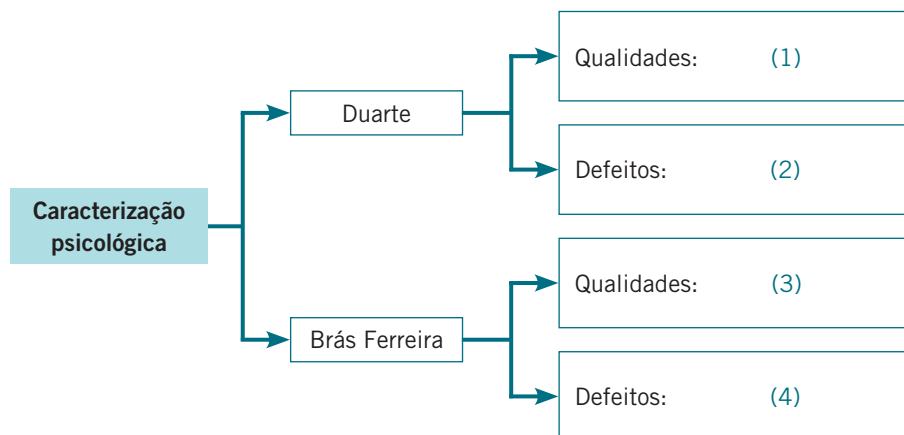
² Ambas as expressões utilizadas são de caráter popular e querem significar a impossibilidade.

COMPREENSÃO DA LEITURA

Consulta a ficha informativa 12, «O modo dramático», na página 129.

1. Relê a didascália inicial.
 - 1.1 Indica o nome da peça, o ano e o local em que foi representada.
 - 1.2 Refere as personagens que intervêm na peça.
 - 1.3 A que género do modo dramático pertence este texto? Justifica a tua resposta.
 - 1.4 Esclarece o significado da designação «ato único».
 - 1.5 Onde se desenvolve a ação dramática?
2. Considera as personagens intervenientes na cena I.
 - 2.1 Identifica-as.
 - 2.2 Refere a sua profissão, ilustrando com dados do texto.
 - 2.3 Partindo do texto, indica a sua proveniência.
 - 2.4 Clarifica a relação existente entre elas. Fundamenta a tua resposta.
 - 2.4.1 Que dúvida manifesta Joaquina acerca do comportamento de José Félix?
3. A certa altura, José Félix faz uma declaração amorosa a Joaquina.
 - 3.1 Em que termos se dirige ele à amada?
 - 3.2 Explica a reação de Joaquina às suas palavras.
 - 3.3 Consideras o discurso de José Félix sincero? Fundamenta a tua opinião.
4. Na cena I, Joaquina explica a razão da sua estadia em Lisboa.
 - 4.1 A que se deve então a sua vinda?
 - 4.2 Transcreve do texto uma passagem exemplificativa do pessimismo de Joaquina a este respeito.
5. No fim da cena I, José Félix revela-se uma pessoa interesseira.
 - 5.1 Prova a veracidade da afirmação.
 - 5.2 Como reage ele perante a existência de obstáculos à realização do casamento de Amália?
6. A cena II inicia-se com a entrada de uma nova personagem.
 - 6.1 Identifica-a.
 - 6.2 Qual é o seu estado de espírito? Justifica o facto.
 - 6.3 Explica, por palavras tuas, a justificação que Amália dá para a vinda do pai a Lisboa.
7. O «conflito» da peça é revelado na cena II.
 - 7.1 Que condição é imposta pelo pai de Amália (Brás Ferreira) para que o noivado não termine?
 - 7.1.1 Tendo em conta o que é dito de Duarte, parece-te possível o casamento entre ele e Amália? Fundamenta a tua opinião.
 - 7.2 Comenta a atitude de Joaquina face à preocupação de Amália. Justifica a tua opinião com dados do texto.

8. Faz a caracterização psicológica de Duarte e Brás Ferreira.



9. Relê a parte final da cena II.

9.1 Explica por que razão Amália exclama «Está tudo perdido!» (I. 165).

9.2 Que plano sugere Joaquina para encobrir Duarte?

9.2.1 O que ganha Joaquina em troca?

9.3 A quem se refere a frase «Eles aí vêm: [...]» (I. 180)?

9.3.1 Sendo assim, quem participará na cena III?

Consulta a ficha informativa 16, «O estilo», na página 182.

10. Transcreve um exemplo para cada um dos recursos expressivos.



Figuras	Exemplos
Gradação	(1)
Ironia	(2)
Repetição	(3)
Hipérbole	(4)
Metáfora	(5)

11. Relê a seguinte fala: «Enfim, meu pai declarou que à primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.» (II. 151-152).

11.1 Passa para o discurso direto a afirmação atribuída a Brás Ferreira.

12. No teu caderno, transcreve um exemplo de cada tipo de cómico.



Cómico de linguagem	Cómico de carácter
(1)	(2)

Consulta a ficha informativa 5, «A comunicação e a interação discursivas», na página 78.

13. Verifica que, ao longo das duas cenas, se entrecruzam registos de língua com diferentes graus de formalidade.

13.1 Transcreve exemplos que fundamentem a constatação anterior.

13.2 Relaciona esses registos com as personagens que os usam e a situação em que surgem.

GRAMÁTICA

14. Completa com a interjeição ou valor expressivo, conforme o caso.



Interjeições	Valor expressivo
(1)	admiração; crítica
Ora isto!	(2)
(3)	repúdio
Oh!	(4)
(5)	contentamento; surpresa
Ah!	(6)
(7)	preocupação

Consulta a ficha informativa 13, «A interjeição», na página 131.

EXPRESSÃO ESCRITA

15. Das três personagens intervenientes nas cenas apresentadas, escolhe uma e escreve uma didascália em que a apresentes. Tem em conta as características próprias deste tipo de texto, que deve ser curto, e a correção linguística.

Portefólio

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

EXPRESSÃO ORAL

16. Lê o seguinte resumo do enredo de *Falar Verdade a Mentir*, uma comédia que caricatura o quotidiano social.

Duarte é um jovem mentiroso compulsivo, apaixonado por Amália e vice-versa. Amália é filha de Brás Ferreira, um rico comerciante do Porto, homem intransigente e de valores.

Paralelamente a esta história de amor, desenrola-se uma outra, vivida por José Félix e Joaquina. O primeiro é um jovem astuto e imaginativo, criado do general Lemos; a segunda, criada de Amália, é também esperta e ladina.

Assim, todo o enredo da peça consiste em transformar em verdades as mentiras que Duarte inventa umas atrás das outras, o que determina o carácter cómico da peça.

Há, no entanto, um problema que impede os dois casamentos: caso Brás Ferreira apanhe Duarte numa mentira, lá se vai o casamento com Amália. Ora, sem este se concretizar, Joaquina também não receberá o dote prometido.

- 16.1 Tomando como base este resumo, elabora um guião dramático, dando seguimento às cenas que acabaste de estudar. Planifica-o e revê-o no fim.
- 16.2 Prepara o guião com os teus colegas e dramatizem-no em aula.
- 16.3 Confronta o teu guião com a peça de Almeida Garrett.

Portefólio



BIOGRAFIA

**Sophia de Mello Breyner
Andresen** (1919-2004)

Nasceu no Porto e é considerada um dos grandes nomes da poesia portuguesa do século xx, tendo sido a primeira mulher a receber o Prémio Camões. A sua obra é constituída por diferentes géneros literários, desde o conto, passando pela poesia, até à literatura infantil. Foi casada com o jornalista Francisco Sousa Tavares, com quem teve cinco filhos, entre os quais o escritor e jornalista Miguel Sousa Tavares. Antes do 25 de Abril de 1974, representou uma atitude política liberal, enaltecendo o valor da Liberdade. A sua formação em Filologia Clássica faz dessa cultura uma referência no seu universo poético. De entre os vários prémios recebidos, destacam-se os seguintes: Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores; Prémio Camões (1999).

Obra: *A Menina do Mar;*
A Fada Oriana; *O Cavaleiro da*
Dinamarca; *Histórias da Terra*
e do Mar; *Contos Exemplares;*
Obra Poética I e II; ...

ANTES DE LER

1. Observa as imagens.

- 1.1** Em diálogo com os teus colegas, troca informações sobre: a cidade retratada, a arquitetura, as tradições e eventos culturais, os problemas atuais.



O Colar



LER+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

PRÓLOGO

Veneziano

Esta história aconteceu
Num país chamado Itália
Na cidade de Veneza
Que é sobre água construída
5 E noite e dia se mira
Sobre a água refletida

Suas ruas são canais
Onde sempre gondoleiros
Vão guiando barcas negras
10 Em Veneza tudo é belo
Tudo rebrilha e cintila

Há quatro cavalos gregos
Sobre o frontão de São Marcos
E a ponte da Giudeca
15 Desenha aéreo o seu arco
Em Veneza tudo existe
Pois é senhora do mar

Dos quatro cantos do Mundo
Os navios carregados
20 Desembarcam no seu cais
Sedas tapetes brocados
Pérolas rubis corais
Colares anéis e pulseiras
Perfumes orientais



25 Cidade é de mercadores
 E também de apaixonados
 Sempre perdidos de amores
 E cada dia ali chegam
 Persas judeus e romanos
 30 Franceses e florentinos
 Artistas e bailarinos
 E ladrões e cavaleiros

 Aqui só há uma sombra
 As prisões da Signoria
 35 E os esbirros do doge
 Que espiam a noite e o dia
 De resto em Veneza há só
 Dança³ canções fantasia

 Cada ano aqui se tecem
 40 Histórias tão variadas
 Que às vezes até parecem
 Aventuras inventadas

 Por isso aqui sempre digo
 Que Veneza é como aquela
 45 Cidade de Alexandria
 Onde há Sol à meia-noite
 E há Lua ao meio-dia



I ATO

(*Vanina, de costas, debruçada na janela. Ouve-se lá fora uma voz a cantar.*)

VANINA — Está um dia lindo. Vou sair. Vou correr veneza toda. Que dia
 50 lindo! (*Pega na campainha que está em cima da cómoda e toca*)
 Está tudo a brilhar: brilha a água, brilha o Sol, brilham os vidros da
 janela, brilham os olhos das pessoas.

BONINA — Haveis tocado, Senhora?

VANINA — Traz o meu chapéu novo!

55 BONINA — É já, Senhora!

VANINA — Tenho de me pentear melhor. (*Vanina vê-se outra vez ao espe-
 lho*) Tenho de me pentear melhor!

BONINA — Está aqui o chapéu, Senhora.

VANINA — (*a falar sozinha e a pentear-se em frente do espelho*) O pior
 60 é ter de levar comigo a D. Geraldina. E está sempre a espiar-me e
 conta tudo ao meu tutor. Mas hei de arranjar maneira de a distrair
 e de a «semear» quando for preciso! Estou um bocado pálida, pre-
 ciso de *rouge*...

¹ Respeitou-se a ortografia da autora no vocábulo «dansa» e nas flexões do verbo «dansar».

(Bonina entra com um pente numa pequena bandeja)

65 VANINA — Obrigada. Traz a minha caixa de pintura!

BONINA — É já, Senhora!

(Bonina vai a sair, mas Vanina chama outra vez)

VANINA — Traz também a minha caixa de perfumes.

(Vanina continua a arranjar-se em frente do espelho, a pentear-se e a pôr rouge)

75 VANINA — Se for preciso, depois de termos tomado um gelado na Praça de São Marcos, peço à D. Geraldina que vá à igreja comprar uma vela benta e digo que não posso sair dali porque estou à espera das minhas amigas. *(Olha-se bem ao espelho, e diz)* Os meus olhos também brilham. Hoje estão completamente azuis, estou bem bonita, bem bonita — ai, adoro-me a mim própria!

(Entretanto, toca a campainha e Bonina entra de novo)

VANINA — Bonina, vai dizer à D. Geraldina que se prepare para sair porque eu quero dar um passeio até à Praça de São Marcos.

80 BONINA — Ai, Senhora, ela vai resmungar tanto! Ela só gosta de ficar em casa, sentada à janela a bordar aquela colcha que nunca mais está pronta... Detesta ir à rua.

VANINA — Ela só gosta de estar quieta como um armário, imóvel como a maçada. Chama-se Geraldina. Mas não quer girar. É preciso arrastá-la. Vai depressa, Bonina, que ela leva tanto tempo a fazer a *toilette*.

BONINA — É já, Senhora!

VANINA — Tu ao menos gostas de girar. És rápida, és súbita! Vai, vai. E põe a D. Geraldina a girar... *(Vanina fica só. Ri. E depois de a criada sair diz)* Querida, querida Bonina! *(Depois aproxima-se da boca de cena e vira-se para o público)* Vou sair porque está um dia lindo. Mas não é para ver o dia, nem as lojas, nem os vestidos das mulheres bonitas, nem o leão de bronze de São Marcos, nem as gôndolas a passar debaixo da ponte do Rialto. Quero sair é para ver, quer seja ao longe, quer seja ao perto, ver ou ao menos avistar, sequer ao menos a sombra da mais bela maravilha de Veneza. Do mais belo dos jovens fidalgos de Veneza. Está claro que já sabeis que estou a falar do Pietro, do filho do conde Alvisi que morreu arruinado. Por isso ele é pobre como Job, belo como um príncipe e misterioso como um pirata. O meu tio, que é meu tutor, quer que eu case com o comendador Zorzi. Mas como é que eu hei de casar com ele, quando existe um homem como o Pietro Alvisi? Já disse o meu segredo e espero que ninguém vá repetir ao meu tio! Porque ele detesta o Pietro! Mas eu apaixonei-me por ele desde o primeiro
100 instante e para sempre. Foi há quinze dias, em casa da minha amiga Giovanna que é prima dele. Era igual a uma pintura que havia num quadro na sala dela. Olhei bem para ver se a pintura não tinha
105

saído do sítio... Todos pararam de dançar quando ele chegou. Mas algumas pessoas, com ar importante, saíram...
 110 Mas as outras correram para ele a pedir: «Pietro, Pietro, canta!» Ele respondeu: «Canto na varanda», e fomos atrás dele para a varanda. Que bela voz! Nunca ouvi cantar assim, com tanta doçura e tanta paixão. Quando ele acabou de cantar, as pessoas, depois de muitos aplausos,
 115 começaram a sair para a ceia. Eu ia a sair também. Mas ele colheu uma rosa da trepadeira e disse: «A rosa mais bonita para a menina mais bonita da festa!» Eu fiquei louca de alegria e de espanto e não fui capaz de dizer uma única palavra. E sem abrir a boca, afastei-me quase a correr. E agora que é que eu hei de fazer? Como é que eu lhe hei de agradecer? Ai, vou-lhe escrever uma carta!
 120

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *O Colar*,
 Caminho, 2010.



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Considera o Prólogo.
 - 1.1 Qual é a função desta parte da obra?
 - 1.2 Relaciona o prólogo com o nome da personagem que o verbaliza.
 - 1.2.1 Que dados fornece esta personagem sobre a cidade de Veneza?
2. Considera as falas das personagens, neste início do Ato I.
 - 2.1 Identifica as personagens intervenientes.
 - 2.1.1 Qual é a relação que estabelecem entre si? Justifica.
 - 2.2 Que outras personagens são referidas?
 - 2.3 A que momento da estrutura interna do texto dramático corresponde este excerto? Justifica.
3. Centra-te na relação que Vanina estabelece com Geraldina.
 - 3.1 Clarifica essa relação.
 - 3.2 Que opinião têm Vanina e Bonina acerca de Geraldina?
4. Relê a última fala de Vanina.
 - 4.1 Refere o motivo que a leva a querer sair.
 - 4.2 Caracteriza o seu apaixonado.
 - 4.3 Que planos tem o tutor de Vanina?
 - 4.4 Interpreta o gesto de Pietro Alvisi para com a sua protegida.
 - 4.5 Que conflito interior vive a jovem veneziana?
5. Considera as didascálias.
 - 5.1 Que informações fornecem?
 - 5.2 Identifica no texto um aparte, partindo da informação dada pela didascália.

Consulta a ficha informativa 12, «O modo dramático», na página 129.

Consulta a ficha informativa 13, «A interjeição», na página 131.

Consulta a ficha informativa 14, «O verbo», na página 132.

GRAMÁTICA

6. Identifica a interjeição que surge no texto e comenta o seu valor expressivo.
7. Transcreve três frases de tipo imperativo, relacionando-as com a intenção comunicativa de quem as pronunciou.
8. Atenta na utilização dos tempos verbais.
 - 8.1 Justifica o emprego do presente do indicativo nas didascálias.
 - 8.2 Explica a utilização do pretérito perfeito do indicativo na seguinte passagem: «Mas eu apaixonei-me por ele desde o primeiro instante e para sempre. Foi há quinze dias [...] Olhei bem para ver se a pintura não tinha saído do sítio... Todos pararam de dançar quando ele chegou.» (II. 104-109).
9. No teu caderno, transcreve exemplos das marcas de oralidade solicitadas.



Marcas de oralidade	Exemplos
Frases exclamativas	(1)
Frases interrogativas	(2)
Suspensões frásicas	(3)
Interjeições	(4)
Repetições	(5)
Vocativo	(6)

EXPRESSÃO ESCRITA

10. Relembra a intenção final de Vanina: «Ai, vou-lhe escrever uma carta!» (I. 121).
 - 10.1 Escreve a possível carta de Vanina a Pietro.

EXPRESSÃO ORAL

11. A ação do texto passa-se em Veneza. Pesquisa na Internet ou em enciclopédias informações relativas a esta cidade: localização; história; arquitetura; tradições e eventos culturais; problemas atuais.
 - 11.1 Apresenta oralmente a informação, recorrendo a suportes visuais e escritos (PowerPoint; jornal de parede; cartazes; folhetos).
12. Ensaia, com os teus colegas, o excerto apresentado e dramatizem-no em aula.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

1. Com o manual fechado, visiona o vídeo que contém o genérico da adaptação televisiva da obra *Morte e Vida Severina*, bem como a primeira fala de Severino.

1.1 Seleciona informações sobre os tópicos seguintes.

- O genérico (melodia que o acompanha; elementos visuais que se evidenciam e sua possível significação).
- A personagem (caracterização; local onde se encontra; movimentação; vocábulo que mais repete).

1.2 Apresenta os dados que recolheste e compara-os com os dos teus colegas.

Prepara a leitura dramatizada do texto e lê-o em voz alta.

Morte e Vida Severina

(O retirante explica ao leitor quem é e a que vai.)

— O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,

5 que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria.
Como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
10 fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
15 que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem falo
ora a Vossas Senhorias?
20 Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
25 se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
30 vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

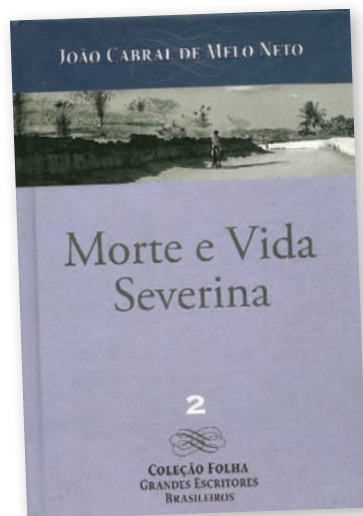


BIOGRAFIA

João Cabral de Melo Neto
(1920-1999)

Nasceu no Recife (Pernambuco), onde passou a sua infância na propriedade da família, junto da zona fértil da mata pernambucana. Na década de 40, ingressou na carreira diplomática, que lhe permitiu circular por muitos países da Europa, de África e da América Latina. A consagração internacional aconteceu em 1966, com *Morte e Vida Severina*. A sua obra revela preocupações racionais, respondendo a princípios rigorosos de construção textual. Frequentemente, o Nordeste Brasileiro, enquanto espaço social de trabalho duro, surge como tema da sua poesia. De entre os vários prémios recebidos, destacam-se os seguintes: Prémio do Festival Universitário de Nancy (1966); Prémio Camões (1990) e Prémio da Universidade de Oklahoma (1992).

Obra: *A Pedra do Sono*; *Os Três Mal-Amados*; *O Engenheiro*; *Psicologia da Composição*; *Escola das Facas*; *O Auto do Frade*; *Sevilha Andando*; ...



Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
35 que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.

40 E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
45 de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
50 ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
55 suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçados da cinza.
60 Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO,
Morte e Vida Severina e Outros Poemas
para Vozes, Diversos, 2006.

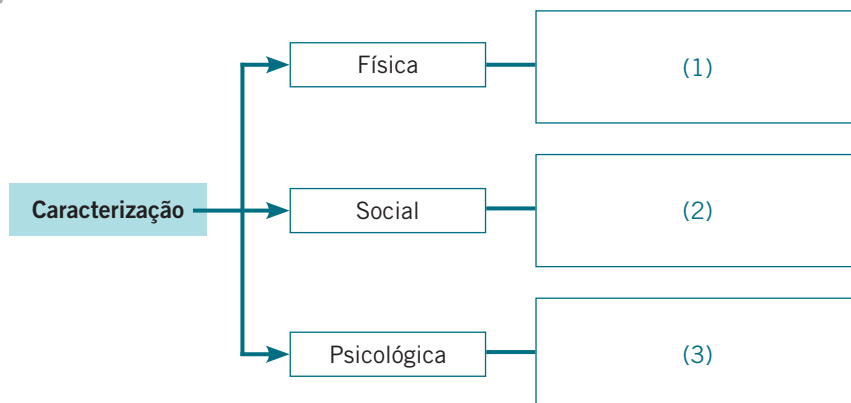
COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Atenta na personagem que se apresenta.

1.1 Identifica-a.

1.1.1 Explica a razão do seu nome. Justifica a tua resposta com dados do texto.

1.2 Caracteriza-a, elaborando um esquema semelhante ao que se segue.



2. Repara que a personagem individual se torna uma personagem coletiva.

2.1 Indica o momento textual em que isso acontece.

2.1.1 Como interpretas essa transformação? Fundamenta o teu parecer.

3. Este Severino não é igual aos outros «Severinos», uma vez que não aceita o seu destino trágico.

3.1 Partindo do texto, apresenta três características desse destino.

3.1.1 O que faz Severino para mudar a sua sina?

3.2 A quem revela a sua intenção?

3.2.1 Relaciona a tua resposta com o subtítulo do texto.

4. Explica o sentido das expressões que se seguem.

a) «— O meu nome é Severino, / como não tenho outro de pia.» (vv. 2-3)

b) «[...] vivendo na mesma serra / magra e ossuda em que eu vivia.» (vv. 30-31)

c) «[...] porque o sangue, / que usamos tem pouca tinta.» (vv. 38-39)

d) «[...] tentar despertar / terra sempre mais extinta [...]» (vv. 56-57)

GRAMÁTICA

5. Relê os versos seguintes.

«Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas [...]» (vv. 32-37)

5.1 Indica a classe das palavras sublinhadas, referindo, quando pertinente, o tempo, o modo e/ou o grau.



Palavras	Classe	Tempo	Modo	Grau
Severinos				
vida				
grande				
equilibra				

6. Identifica o verbo e o advérbio correspondentes a cada um dos adjetivos apresentados.



	Adjetivos	Verbos	Advérbios
a)	iguais	(1)	(2)
b)	grande	(1)	(2)
c)	crescido	(1)	(2)
d)	finas	(1)	(2)

EXPRESSÃO ESCRITA

7. O excerto apresentado termina com o anúncio da partida de Severino.

- 7.1 Redige um texto em que imagines uma peripécia ocorrida durante a sua «viagem». Planifica o texto e redige-o com correção linguística.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS / EXPRESSÃO ORAL

8. O texto que acabaste de estudar denuncia um grave problema social ao qual não devemos ficar indiferentes.

- 8.1 Partindo da observação da imagem, promove um debate sobre a exclusão social, em geral, e sobre a fome em particular, apontando as razões deste flagelo e possíveis medidas para o combater.



Sites que podes consultar para a preparação do debate:

<http://www.unicef.pt>

<http://www.mst.org.br>

<http://www.unesco.pt>



1. Com o manual fechado, visiona a representação de uma das cenas da peça *Auto da Lusitânia*, da autoria de Gil Vicente.

1.1 Troca impressões com os teus colegas sobre a encenação, tendo em conta:

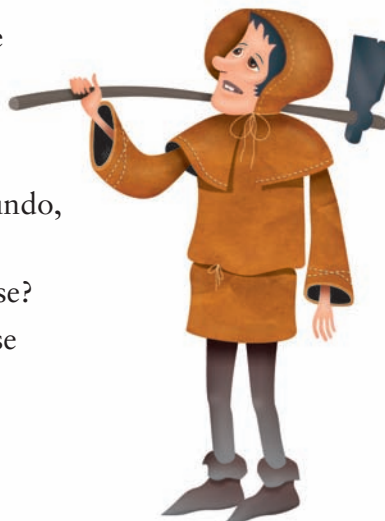
- a caracterização e movimentação das personagens;
- os jogos de luz e som.

Todo-o-Mundo e Ninguém

[Em cena estão já Dinato e Berzabu, capelães das Deusas]

Entra Todo-o-Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe perdeu. E logo após ele um homem vestido como pobre. Este se chama Ninguém, e diz Ninguém:

- 5 NINGUÉM Que andas tu i buscando?
- TODO-O-MUNDO Mil cousas ando a buscar:
delas não posso achar,
porém, ando porfiando,
por quão bom é porfiar.
- 10 NINGUÉM Como hás nome, cavaleiro?
- TODO-O-MUNDO Eu hei nome Todo-o-Mundo,
e meu tempo todo inteiro,
sempre é buscar dinheiro,
e sempre nisto me fundo.
- 15 NINGUÉM E eu hei nome Ninguém,
e busco a consciência.
- BERZABU Esta é boa experiência:
Dinato, escreve isto bem.
- DINATO Que escreverei, companheiro?
- 20 BERZABU Que Ninguém busca consciência
e Todo-o-Mundo dinheiro.
- NINGUÉM E agora que buscas lá?
- TODO-O-MUNDO Busco honra muito grande.
- NINGUÉM Eu, virtude, que Deus mande
que tope co'ela já.
- 25 BERZABU Outra adição nos acude:
escreve logo i a fundo,
que busca honra Todo-o-Mundo,
e Ninguém busca virtude.
- 30 NINGUÉM Buscas outro mor bem qu'esse?
- TODO-O-MUNDO Busco mais quem me louvasse
tudo quanto eu fizesse.
- NINGUÉM E eu, quem me reprendesse
em cada cousa que errasse.



BIOGRAFIA

Gil Vicente (1460/70?-1536?)

Terá nascido nas últimas décadas do século xv e a sua atividade literária estendeu-se pelo século xvi. De facto, continuam incógnitos alguns dados da sua biografia. Certezas são a ligação às cortes dos reis D. Manuel I e D. João III e a data de muitas das suas peças, cerca de cinquenta, em línguas portuguesa e castelhana, na maior parte destinadas à distração da corte e à comemoração de datas importantes dos reis. Facto indelével é também a sua importância para o aparecimento do teatro português, entendido como evento da corte, suportado pelo poder real. A sua primeira peça foi *O Monólogo do Vaqueiro*, para assinalar o nascimento do príncipe D. João, futuro D. João III.

Obra: *Auto da Índia*; *Auto da Barca do Inferno*; *Pranto de Maria Parda*; *Farsa de Inês Pereira*; *Auto da Alma*; *Comédia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra*; ...

- 35 BERZABU Escreve mais:
 DINATO Que tens sabido?
 BERZABU Que quer em extremo grado
 Todo-o-Mundo ser louvado,
 e Ninguém ser reprimido.
- 40 NINGUÉM Buscas mais, amigo meu?
 TODO-O-MUNDO Busco a vida e quem ma dê.
 NINGUÉM A vida não sei que é,
 a morte conheço eu.
- BERZABU Escreve lá outra sorte:
 45 DINATO Que sorte?
 BERZABU Muito garrida:
 Todo-o-Mundo busca a vida
 e Ninguém conhece a morte.
- TODO-O-MUNDO E mais queria o Paraíso,
 50 sem m'o ninguém estorvar.
 NINGUÉM E eu ponho-me a pagar
 quanto devo pera isso.
- BERZABU Escreve com muito aviso.
 DINATO Que escreverei?
- 55 BERZABU Escreve
 que Todo-o-Mundo quer Paraíso,
 e Ninguém paga o que deve.
- TODO-O-MUNDO Folgo muito d'enganar,
 e mentir nasceu comigo.
- 60 NINGUÉM Eu sempre verdade digo,
 sem nunca me desviar.
- BERZABU Ora escreve lá, compadre,
 não sejas tu preguiçoso.
- DINATO Quê?
- 65 BERZABU Que Todo-o-Mundo é mentiroso,
 e Ninguém diz a verdade.
- NINGUÉM Que mais buscas?
- TODO-O-MUNDO Lisonjar.
- NINGUÉM Eu sou todo desengano.
- 70 BERZABU Escreve, anda lá, mano.
- DINATO Que me mandas assentar?
- BERZABU Põe aí mui declarado,
 não te fique no tinteiro:
 Todo-o-Mundo é lisonjeiro,
 e Ninguém desenganado.



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Identifica os dois grupos de personagens que se encontram em cena.
 - 1.1 O que faz cada uma delas? Fundamenta a tua resposta.
 - 1.2 Faz a caracterização física das personagens Todo-o-Mundo e Ninguém.
2. Relê o texto escrito pelos capelães das Deusas.
 - 2.1 Identifica os vícios criticados nas passagens apresentadas.



Exemplos	Vícios criticados
«Que Ninguém busca consciência e Todo-o-Mundo dinheiro.» (vv. 20-21)	(1)
«[...] que busca honra Todo-o-Mundo, e Ninguém busca virtude.» (vv. 28-29)	(2)
«Que quer em extremo grado Todo-o-Mundo ser louvado, e Ninguém ser repreendido.» (vv. 37-39)	(3)
«Todo-o-Mundo busca a vida e Ninguém conhece a morte.» (vv. 47-48)	(4)
«Escreve que Todo-o-Mundo quer Paraíso, e Ninguém paga o que deve.» (vv. 55-57)	(5)
«Que Todo-o-Mundo é mentiroso, e Ninguém diz a verdade.» (vv. 65-66)	(6)
«Todo-o-Mundo é lisonjeiro, e Ninguém desenganado.» (vv. 74-75)	(7)

- 2.2 Na tua opinião, qual é a verdadeira intenção do autor com este discurso?
 - 2.2.1 A sua mensagem parece-te atual? Justifica a tua opinião.
3. Observa que a inexistência de interação verbal dos dois grupos de personagens determina a sua disposição em cena.
 - 3.1 Como disporias as personagens em palco? Fundamenta a tua resposta.
 - 3.2 De acordo com a leitura que fizeste do excerto, descreve a movimentação de Berzabu em palco.
4. O diálogo entre as personagens permite-nos imaginar os vários objetos que ajudam à construção do cenário. Refere-os, ilustrando com dados do texto.
5. Considera que as personagens Todo-o-Mundo e Ninguém são alegorias.
 - 5.1 Consulta um dicionário de literatura ou pesquisa na Internet o significado de «alegoria».
 - 5.1.1 Explica a afirmação aqui apresentada.
6. Transcreve cinco vocábulos que atestem a antiguidade do texto e classifica-os.

ARCAÍSMO

Um **arcaísmo** é um vocábulo ou uma expressão comum no passado, mas que deixou de ter uso na comunidade linguística.
Exs.: *mui*, *assentai*, *mor*.

Consulta a ficha informativa 14, «O verbo», na página 132.

GRAMÁTICA

7. Completa o quadro tendo em conta os modos verbais presentes no excerto.



Indicativo	Imperativo	Conjuntivo	Infinitivo
(1)	(1)	(1)	(1)
(2)	(2)	(2)	(2)
(3)	(3)	(3)	(3)
(4)	(4)	(4)	(4)

8. Relê a fala seguinte.

«Eu hei nome Todo-o-Mundo,
e meu tempo todo inteiro,
sempre é buscar dinheiro,
e sempre nisto me fundo.» (vv. 11-14)

- 8.1 Analisa-a, tendo em conta o número de versos, os tipos de rima e a métrica.

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Relê a seguinte afirmação: «Que Todo-o-Mundo é mentiroso, / e Ninguém diz a verdade.» (vv. 65-66).

- 9.1 Redige um texto, de 150 a 200 palavras, em que dês a tua opinião sobre o valor da verdade. Planifica muito bem o teu texto e faz-lhe a necessária revisão linguística no fim. Segue as orientações da Oficina de Escrita 3 (pp. 121-123).

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS / EXPRESSÃO ORAL

10. Em interação com as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica e em diálogo com a atualidade, organiza-te com os teus colegas e construam o espaço cénico deste quadro vicentino num qualquer local da escola que não seja dedicado ao teatro convencional.

Tem em conta os seguintes aspetos:

- Os elementos que devem constar da cena (objetos, por exemplo).
- Os adereços que podem servir à construção/caracterização das várias personagens.
- Outras circunstâncias que permitam recriar um espaço teatral em que se estabelece comunicação entre os atores e o público.
- O possível recurso a elementos multimédia.

- 10.1 Representem o texto para a escola, aproveitando as comemorações do Dia Mundial do Teatro. Podem elaborar um cartaz sobre o espetáculo onde conste um conjunto de informações pertinentes — o título, o autor, o local e a hora da representação, o nome dos atores e do encenador, os agradecimentos, etc. — e afixá-lo em local visível.

11. Organiza, também com os teus colegas, uma pequena exposição a figurar na biblioteca da tua escola em que deem a conhecer essa figura ímpar da literatura portuguesa que foi Gil Vicente. Devem também fornecer alguma informação sobre a época em que viveu e a obra que produziu.

OUVIR/FALAR

Relacionado com a unidade que estás a estudar — Palavras em Cena —, propomos-te como trabalho de pares uma OFICINA DE ESCRITA subordinada ao tema: **uma experiência teatral — palavra de espectador**.

O objetivo desta OFICINA é produzir um texto de opinião de 150 a 200 palavras sobre um espetáculo teatral a que tenham assistido.

O TEXTO DE OPINIÃO

As principais características do texto de opinião são: a extensão curta, a clareza na interpretação dos factos, a forma opinativa e fundamentada como se expõem os factos, a subjetividade.

Os principais objetivos do texto de opinião são: apresentar uma visão crítica, tentando influenciar o recetor e levá-lo a partilhar das suas posições; informar e influenciar.

O texto de opinião não possui uma estrutura rígida; contudo, podemos considerar as seguintes partes:

- O título pode antecipar o assunto ou a opinião do autor, por vezes sob a forma de pergunta.
- O desenvolvimento do tema deve apresentar informação pertinente sobre o assunto; o(s) autor(es) deve(m) tomar uma posição — estar a favor ou contra alguma coisa — apresentando os seus pontos de vista e afirmando claramente a sua opinião; deve conter a argumentação — razões apresentadas pelo(s) autor(es) que fundamentam a sua posição pessoal.

Depois de formados os pares, os elementos têm de dialogar, relatando as suas experiências individuais enquanto espectadores de teatro. Este momento não deverá ultrapassar os dez minutos.

Numa segunda fase, os alunos devem escolher a peça de teatro que será objeto da OFICINA DE ESCRITA.

ESCREVER

Agora, cada elemento deve registar sempre no papel o que for sendo decidido como definitivo pelo par, seguindo as diferentes etapas do processo de escrita. Assim sendo, mãos ao trabalho!

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

1.ª ETAPA

PLANIFICAÇÃO

- Escolher o espetáculo/peça de teatro sobre a qual querem apresentar uma opinião.
- Elaborar uma lista de palavras-chave ou ideias a desenvolver.
- Estabelecer a estrutura textual: introdução, desenvolvimento e conclusão.
- Concretizar o **plano**, expondo as ideias pela estrutura previamente definida.

INTRODUÇÃO

1.º parágrafo —
identificação da peça

- { O quê?
- { Onde?
- { Quando?
- { Em que contexto? (familiar; escolar; grupo de amigos)

DESENVOLVIMENTO

um ou + parágrafos

- { a companhia de teatro;
- { o autor;
- { o encenador;
- { o desempenho dos atores;
- { o cenário;
- { jogos de luz e som;
- { opinião (o que suscitou mais interesse; mensagem transmitida;
- { aspetos que se revelaram mais criativos).

CONCLUSÃO

último parágrafo —
apreciação final

- { o espetáculo em particular;
- { e o teatro em geral.

- Definir os conteúdos de gramática:
 - tempos verbais;
 - adjetivos e expressões modificadoras;
 - conectores discursivos (advérbios, conjunções, ...).

2.ª ETAPA

TEXTUALIZAÇÃO

- Produzir o texto, seguindo o plano traçado como guia e utilizando os conhecimentos relativos aos conteúdos gramaticais selecionados;
- Marcar corretamente os parágrafos;
- Respeitar a pessoa e os tempos verbais;
- Produzir frases curtas e objetivas;
- Diversificar a construção frásica, nomeadamente no que diz respeito aos conectores e ao vocabulário;
- Adequar o registo de língua ao contexto.

3.ª ETAPA

REVISÃO

- Aperfeiçoar o texto, verificando os aspetos seguintes:
 - ortografia;
 - pontuação e acentuação;
 - estruturação frásica;
 - variedade vocabular (uso de vocábulos de sentido equivalente);
 - repetições (supressão de ideias; deslocação de segmentos textuais; ...).

4.ª ETAPA

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ESCRITA

Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta OFICINA DE ESCRITA, avalia o teu desempenho indicando o nível que atingiste na concretização de cada uma das etapas de escrita. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.



1.ª ETAPA	PLANIFICAÇÃO	Não	±	Sim
	Respeitei o tema da tarefa proposta.			
	Selecionei um conjunto de palavras-chave e ideias.			
	Organizei as ideias em função do esquema tripartido.			
	Esquematizei, utilizando as ideias selecionadas.			
	Defini previamente os conteúdos gramaticais.			

2.ª ETAPA	TEXTUALIZAÇÃO	Não	±	Sim
	Produzi o meu texto de acordo com a planificação.			
	Assinalei corretamente os parágrafos.			
	Respeitei os tempos verbais.			
	Apliquei devidamente os diversos conectores.			
	Adequei o registo de língua ao texto produzido.			

3.ª ETAPA	REVISÃO	Não	±	Sim
	Verifiquei a ortografia e a acentuação.			
	Revi a pontuação e a construção frásica.			
	Substituí alguns vocábulos, evitando a repetição.			
	Suprimi algumas ideias redundantes.			
	Desloquei alguns segmentos textuais.			

4.ª ETAPA	AVALIAÇÃO	Não	±	Sim
	Empenhei-me na realização da Oficina de Escrita.			
	Criei um bom clima de trabalho no grupo.			
	Respeitei a opinião do meu colega.			
	Segui as orientações do professor.			
	Melhorei a minha expressão escrita.			

Analisa o teu desempenho. Se respondeste:

- «Sim» a 18-20 itens (Fizeste um excelente trabalho.)
- «Sim» a 14-17 itens (Fizeste um bom trabalho.)
- «Sim» a 10-13 itens (Fizeste um trabalho satisfatório.)

- «±» à maioria dos itens (Precisas de refazer o texto.)
- «Não» a mais de 10 itens (Pede ajuda ao teu professor.)

TEXTO A

1. Lê a reportagem de Joana Loureiro.

Saltar o cerco



Criatividade

Aulas especiais

Integrada no projeto *Escolas no Teatro*, a turma do 10.º ano da professora Paula Cruz, que leciona Literatura Portuguesa na Escola Secundária do Cerco, já assistiu às seguintes peças:

— *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente;

— *O Ano do Pensamento Mágico*, de Joan Didion;

— *O Deus da Matança*, de Yasmina Reza.

Todas as incidências estão registadas num blogue, como parte do trabalho final que a turma se comprometeu a fazer, a partir desta experiência.

Eurídice abraça o punhal que matou o seu filho Hemon, tal como se o embalasse, e a emoção instala-se entre o público que vê a peça *Antígona*, no Teatro Nacional de

S. João (TNSJ), no Porto. É uma assistência muito especial. Tiago, o único rapaz da turma de Literatura Portuguesa, do 10.º ano, da Escola Secundária do Cerco, segura as lágrimas, sentado ao lado de Filipa e Raquel. Se ali está, às amigas o deve. «Fui atrás delas, porque puxam por mim e ralham comigo quando estou desatento. Com outros rapazes perder-me-ia. E preciso de fazer o Secundário, tenho um emprego à minha espera.» Não tem sido um ano fácil para Tiago, marcado pela morte do pai. Estas experiências no teatro, ou a leitura do livro *Morreste-me*, de José Luís Peixoto, emprestado pela professora, ajudaram-no a fazer o luto. «São coisas que mexem muito comigo, mas levam-me a enfrentar a realidade.» Não é a primeira vez que Paula Cruz, a professora, partilha a biblioteca com os alunos, com idades entre 15 e 16 anos. No entanto confessa: «Às vezes, penso que os faço infelizes, porque os faço pensar.»

A identificação pessoal com os dramas transpostos para o palco tem sido comum, na turma, transformando a experiência teatral numa catarse.

Desde o início da temporada 2009/2010 do TNSJ, este é o quarto espetáculo a que assistem (*ver caixa*). O dinheiro para os bilhetes sai dos bolsos de cada um. «É fácil convencê-los a pagar, eles gostam e precisam de sair do Cerco, para criarem hábitos alternativos às idas aos centros comerciais e ao cinema», diz Paula Cruz.

Hoje, organizam dramatizações de textos, frequentam apresentações de livros, falam destes como «muito mais do que palavras bonitas, porque podem ligar-se à nossa história e ajudar-nos», defende Filipa. Continuam a carregar o estigma de pertencer a um dos bairros mais problemáticos do Porto.

A primeira vez que entraram naquela sala de espetáculos, perguntaram: «Eles sabem que nós somos do Cerco?» O carimbo, emocional, é completamente invisível. Estamos perante um grupo de adolescentes, semelhante a qualquer outro, com os ténis e os blusões da moda. Mas quase todos testemunharam histórias de toxicodependência, alcoolismo, prostituição, abandono, violência doméstica. No entanto, os rostos preservam uma doçura e uma alegria impressionantes e as palavras reivindicam para a sua escola uma normalidade ilusória. Paula Cruz revela: «Cada vez tenho mais a certeza de que alguns nos dão o que nunca tiveram.»

Fazer a ponte

Entrar no Cerco é percorrer um lugar esquecido, onde se misturam, em retalhos, habitações sociais com zonas quase rurais. Ninguém acredita que está no Porto.

Poucos minutos distanciam o bairro do centro histórico, mas ultrapassar as vias rápidas que o emparedam é uma aventura. No *nosso* grupo de alunos, há quem enjoe nos autocarros e mal domine as linhas do metro. Durante um dia inteiro dedicado à

Antígona, a natural rebeldia juvenil não se revela. Numa visita guiada pelas ruas da Baixa, desconhecidas de muitos, permanecem em bando e não se afastam das professoras, suas aliadas. Curiosamente, vão fazer o roteiro das Donas Emparedadas de S. Nicolau, mulheres que, na Idade Média, se isolaram entre quatro paredes, para expiar os seus pecados.

Esta é apenas uma das ligações construídas à volta daquela tragédia grega. Aos poucos, sentem crescer as referências culturais e são capazes de relacionar vários temas. Desde o início do ano letivo, já compararam a figura de Antígona com a de Catarina Eufémia, do poema de Sophia de Mello Breyner, piscando o olho ao 25 de Abril de 1974.

Logo atrás, veio a poesia de Adília Lopes: «Antígona / não aprendeu / a ceder / aos desastres.» Em Filosofia, era inevitável abordarem o Complexo de Édipo, pai de Antígona, na mitologia grega. Em História, claro, começaram com a Grécia. E fizeram, ainda, a ponte com Inês de Castro. Não há cedências dos professores, a fasquia é alta. «E os alunos não querem defraudar as expectativas», diz Paula Cruz. Este tipo de iniciativas fortalece os laços com a escola, marcada por uma elevada taxa de insucesso, abandono e absentismo. «Ganham uma grande vontade de continuar a estudar, de não se deixar ficar para trás.»



Piparote no medo

120 O dia será preenchido com uma dose dupla de teatro, o lugar do sonho. À tarde, assistem à leitura encenada da glosa nova de *Antígona*, escrita por António Pedro — uma das personalidades mais inovadoras do teatro português durante o período da ditadura —, que aproxima a retórica de protesto do original grego à realidade portuguesa. Nas aulas, já tinham abordado a peça e Joana comentava: «A palavra é um trunfo.» Mal sobe o pano, é Juliana quem sussurra: «A música mete medo, parece um velório. Não me vou rir.» Estava enganada. Pouco depois, as personagens dos velhos que vão comentando a ação — a partir dos camarotes, como nos *Marretas* —, ou da equipa técnica, que constantemente interrompe a tragédia, despertam as gargalhadas. Escrito em 1954, o texto relembra a responsabilidade de dar bom uso à liberdade. Filipa reforça a sua atualidade: «Antígona exprimiu as suas opiniões, enquanto outros se calavam, com medo.» Para Paula Cruz, podem «aprender com Antígona a lutar pela justiça e a manter-se fiéis a si próprios».

Depois das palmas, os atores — uma mistura de profissionais do TNSJ com estudantes do Balletteatro — sentam-se no palco e disponibilizam-se para conversar com o público. A timidez instala-se, apesar de o ence-

nador, Nuno M. Cardoso, insistir: «O teatro não tem uma tela que nos divide.» Cátia, com aspirações a atriz, lança a primeira pergunta para os mais novos: «Já se sentem atores?» As respostas batem nas teclas da exigência, da paixão e do trabalho. Nada que a assuste. «Quando se quer muito uma coisa, não se desiste.» Recorda a primeira vez em que foi ao teatro como algo «demasiado bom», frase que repete constantemente. «Vi os *Tambores na Noite* [de Brecht] e pensei: “O que é isto?” Aquela lua vermelha do cenário, todas as luzes... Não imaginava que fosse tão bonito!»

Fora da sala, Filipa aprova a experiência. «Nunca tinha tido oportunidade de falar com atores e foi muito bom sentir essa proximidade. Percebemos que são pessoas normais.» À noite, a turma regressará à sala histórica do Porto, desta vez para assistir à *Antígona* original, de Sófocles. É sexta-feira e os bilhetes esgotaram-se. O cenário, de cortiça, semelhante à superfície rugosa de uma cratera vulcânica, fascina-os. E, cada vez mais, veem o teatro como uma arte maior. O público abandona a sala. Mas a turma sobe ao palco e coloca-se lado a lado com os atores para uma fotografia coletiva. Cátia não consegue conter o sorriso. Mais tarde, há de relembra a frase que mais a marcou: «Não nasci para odiar, mas para amar.»

Visão, 25 de março de 2010 (texto adaptado).

1.1 Que papel desempenha o teatro no projeto apresentado?

1.2 Refere as competências desenvolvidas pelo teatro neste contexto.

1.3 De que modo o teatro e as experiências que proporciona podem promover o sucesso educativo?

1.3.1 Justifica com exemplos.

1.4 Relembra uma ida ao teatro.

1.4.1 Relata-a aos teus colegas e ouve os relatos deles.

1.4.2 O que podes concluir desta partilha de experiências?

TEXTO B

2. Atenta nos testemunhos dados por duas atrizes de gerações diferentes.

A atriz estreante

Carolina Villaverde

16 anos

Estreou-se, a convite de Luís Miguel Cintra, na peça *A Cidade*, mas ainda não decidiu se quer ser atriz — talvez opte por Ciências Políticas, o que, acredita, não é
5 assim tão diferente...



«Desde criança que pensava que podia trabalhar no teatro. Sou fã do Teatro da Cornucópia, que é quase uma segunda casa para mim. Habituei-me a ir lá, quando a minha
10 mãe fez cenários para peças deles. A partir dos 11 anos, passei a não ter medo de ir ao teatro sozinha, porque ali conhecia toda a gente. Quando o Luís Miguel Cintra me desafiou para entrar em *A Cidade*, disse logo que
15 sim. Ele queria alguém que gostasse muito de teatro e que tivesse a ingenuidade da primeira experiência no palco. Depois desta experiência, não sou atriz — mas pode ser que venha a ser. Sinto-me alguém do teatro. Gostei de
20 ouvir os risos e sobretudo os aplausos. Na última apresentação de *A Cidade*, chorei baba e ranho, quando, no final, bateram palmas. Com uma certeza fiquei: quero trabalhar para um público. Ainda não decidi se
25 será no teatro ou em Ciências Políticas, num palanque a falar para as pessoas. Os políticos são dos maiores atores de sempre. Talvez opte pelas Ciências Políticas. A vida instável de atriz sempre me causou algum medo. Além
30 disso, o teatro nunca desaparecerá, continuarei a ser espectadora.

Acho impressionante como muitas pessoas da minha idade nunca foram ao teatro. Para mim, é uma outra educação, não a dos
35 livros, mas uma outra diferente, que nos faz pensar na nossa vida e que fica cá dentro e nos ajuda depois.»

Visão, 25 de março de 2010 (texto adaptado).

A atriz veterana

Adelaide João

82 anos

Não gosta de dizer a idade e afiança que, se estiver velha, é só do pescoço para baixo. Na cabeça, tem falas inteiras de peças de teatro, como uma de *Pranto de Maria* 5 *Parda*, de Gil Vicente, que recitou durante a sessão fotográfica. Ligada ao grupo de teatro O Bando durante vários anos, também já nos habituámos a vê-la no cinema e na televisão.



«Desde que me conheço que represento. 10 Comecei a fazer teatro no colégio, em miúda, sem aprender nada. Ouvia a Milu, que era da minha idade, na rádio (não havia televisão) a cantar, decorava as cantigas dela e cantava-as, ao fim de semana, para os meus 15 pais. Nos passeios de família, dizia ao meu pai para acender os holofotes — os faróis do carro — e cantava as músicas.

A minha história como atriz começou logo assim. Na Philips, onde trabalhei, havia 20 um grupo de teatro. Eu, que sempre fui uma malcriada, andava toda contente quando havia ensaios e tratava toda a gente bem. Eles já sabiam...

Não é que não saiba fazer mais nada, 25 porque sei, mas em cima de um palco sinto uma alegria muito grande. Gosto de representar para o público. Nunca me sinto realizada, porque um ator tem muitas dúvidas e acha sempre que pode fazer melhor, mas 30 representar é o que me dá prazer. Gosto de fazer tudo, gosto muito de televisão, que foi onde comecei.

O teatro está bem entregue, há malta jovem muito talentosa. No meu tempo, ir 35 para o teatro era uma perdição, agora as famílias adoram ver as meninas e os meninos no teatro. Ainda bem.»

Visão, 25 de março de 2010 (texto adaptado).

2.1 A que grupos de teatro pertencem as duas atrizes?

2.2 Apresenta os diferentes motivos que as fazem gostar de representar.

2.3 Que perspetiva é apresentada pela «atriz estreante», relativamente aos políticos?

2.4 Como encara «a atriz veterana» o futuro do teatro?

2.5 Pesquisa informações sobre as companhias de teatro referidas pelas atrizes.

O MODO DRAMÁTICO

O texto dramático é aquele que é escrito por um autor com a finalidade de ser representado. Deste modo, cabe ao leitor não só ler o que está escrito na peça, mas também imaginar o modo como esse texto pode ser posto em cena, ou seja, transformado em espetáculo. Se analisarmos a origem da palavra «teatro» (do grego «*theatron*»), verificamos que ela significa «o que se vê». Assim, é em palco que o texto dramático ganha vida, passando, então, a teatro propriamente dito. Este é uma ficção que procura imitar a vida, podendo definir-se como a arte de parecer e de exprimir a realidade, representando-a.

No texto dramático, há um texto principal (as falas das personagens, sob a forma de diálogo, monólogo e aparte) e um texto secundário (as didascálias), fornecendo informações cénicas (movimento das personagens, tom de voz, sentimentos que as animam, luz, som, guarda-roupa e adereços).

■ Categorias do texto dramático

Ação — é o desenrolar dos acontecimentos, através do diálogo e da movimentação das personagens.

ESTRUTURA	Interna	Exposição — apresentação das personagens e da situação inicial.
		Conflito — sucessão de acontecimentos ou peripécias que conduzem ao seu ponto culminante (clímax).
		Desenlace — conclusão da ação dramática.
	Externa	Ato — grande divisão do texto dramático; corresponde à mudança de cenário (visível na subida e descida do pano em palco).
		Cena — divisão do ato, determinada pela entrada ou saída de uma ou mais personagens.

Personagens — são os agentes da ação.

RELEVO	Principal — assume um papel preponderante, à volta da qual gira toda a ação.	
	Secundária — desempenha um papel de menor relevo, auxiliando a personagem principal.	
	Figurante — não intervém diretamente na ação, servindo apenas como figura decorativa.	
COMPOSIÇÃO	Modelada ou redonda — o seu comportamento altera-se ao longo da ação.	
	Plana — comporta-se sempre do mesmo modo.	
	Tipo — representa um determinado grupo ou estrato social.	
PROCESSO DE CARACTERIZAÇÃO	Direta	Autocaracterização — feita pela própria personagem.
		Heterocaracterização — feita pelas outras personagens.
	Indireta	Deduzida pelo espectador a partir do comportamento, atitudes ou falas da personagem.

Espaço — é o lugar, ambiente ou atmosfera interior onde decorre a ação.

ESPAÇO	Cénico — corresponde ao ambiente recriado onde se movem as personagens (luz, som, guarda-roupa, adereços).
	Representado — ambiente recriado pelos atores, interligado à ação e ao espaço cénico.

Tempo — é o momento em que a ação se desenrola.

TEMPO	De representação — é curto e corresponde à duração do espetáculo.
	Representado — corresponde ao momento histórico recriado pelos atores.

■ Breve glossário teatral

Peça	Texto que serve de base à representação.
Ato	Divisão do texto dramático (a ação decorre num mesmo espaço), que poderá permitir uma alteração de cenário, a mudança da indumentária dos atores ou a entrada e saída de personagens.
Cena	Subdivisão (tradicional) de cada um dos atos do texto dramático determinada pela entrada ou saída de personagens.
Dramaturgo	Autor de um texto dramático.
Encenador	Aquele que concebe, orienta ou dirige toda a encenação.
Ator	Pessoa que interpreta um papel, encarnando uma personagem.
Papel	Parte da peça teatral que cabe a cada ator desempenhar.
Aparte	Palavra ou expressão que o ator diz para si, mas de maneira a ser ouvido pelo público.
Deixa	Palavra ou palavras, ditas no fim da fala de uma personagem, que indicam que esse ator acabou de falar e que determinam que outra personagem deve falar.
Ponto	Pessoa que, numa representação teatral, lê a peça em voz baixa, para auxiliar a memória dos atores.
Palco	Espaço da representação.
Caracterização	Maquilhagem do ator, com ou sem emprego de postições ou cabeleiras, de acordo com a personagem que vai interpretar.
Figurinista	Técnico que elabora o modelo de vestuário utilizado pelos atores de uma peça teatral, tendo em conta as exigências psicológicas e simbólicas das personagens a interpretar.
Bastidores	Espaços que contornam o palco onde os atores esperam pela sua entrada; é o espaço do palco que não é visto pelo público.
Cenário	Lugar onde se desenrola a ação (ou parte da ação) de uma peça teatral; é, também, a decoração do espaço de representação numa peça de teatro.
Cenógrafo	Autor das maquetas do cenário, supervisionando a sua construção e montagem. Responsável pelos objetos de cena e decoração.
Sonoplasta	Técnico responsável por toda a parte sonora (captação, criação, edição e seleção de temas musicais, e ruídos) necessária para a produção de uma peça teatral.
Contrarregista	Pessoa que, durante a representação, segue o guião, dá o sinal para o início e o fim do espetáculo e para a execução das tarefas dos demais técnicos e entrada dos atores em cena.
Marcação	Definição da movimentação dos atores em palco em função do texto da peça (saídas, entradas, posturas, etc.).
Didascália	Indicação cénica que serve para indicar como determinada ação, cena, espaço ou fala devem ser feitos numa peça de teatro.

A INTERJEIÇÃO

A interjeição pertence a uma classe aberta de palavras invariáveis. Pode assumir um tom exclamativo ou interrogativo, que serve para expressar emoções ou sentimentos. No discurso oral, é acompanhada de gestos que reforçam o seu valor expressivo. O seu significado pode variar com o contexto e com a entoação.

VALOR EXPRESSIVO DAS INTERJEIÇÕES			
Alegria	Ah!, Oh!, ...	Espanto	Ah!, Oh!, ..
Aplauso	Bravo!, Bis!, Viva!, ...	Impaciência	Apri!, Bolas!, Irra!, ...
Chamamento	Pst!, Eh!, Olá!, ...	Ordem	Alto!, Basta!, Caluda!, Chiu!, Psiu!, Silêncio!, ...
Cumprimento	Olá!, Oi!, ...	Regozijo	Bem feita!, Boa!, Toma!
Desejo	Oxalá!, Oh!, ...	Silêncio	Caluda!, Chiu!, Psiu!, Silêncio!, ...
Dor	Ai!, Ui!, ...	Surpresa	Ah!, Ena!, ...
Encorajamento	Coragem!, Eia!, Força!, Vamos!, ...	Terror	Céus!, Credo, Ui!, ...

Quando expressões de duas ou mais palavras funcionam como interjeições, denominam-se **locuções interjetivas**: *Por amor de Deus!; Ai a minha vida!; Essa agora!; Muito bem!; ...*

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Identifica as interjeições no texto que se segue e indica o seu valor expressivo.

O Amigo do Computador

Cena 4

(Gil está sentado no sofá em frente da televisão ligada. Toca o seu telemóvel e ele atende.)

- GIL Tá? Sim? *(Pausa breve)* Ah, és tu, mãe... Já te pintaram o cabelo? *(Pausa)* Vou baixar o som da televisão que não tou a ouvir bem. *(Pega no comando da televisão e baixa o som.)* Diz lá, mãe. *(Pausa breve)* A Sara? Tá lá dentro, no quarto do Sérgio
- 5 ao computador. *(Pausa)* Não. O Sérgio ainda não chegou. Ah! É verdade, ele ligou à Sara a avisar que não vem jantar. *(Pausa)* [...] O pai também ligou a dizer que não vem. *(Pausa breve)* Ah, já sabias... *(Pausa breve. Levanta-se e dá uns passos.)* Traz uma piza grande para casa, com camarões, atum e cogumelos, okay? [...] Tá bem, eu ponho a mesa. O quê? *(Contrafeito)* Tá bem, eu vou tomar banho... Tchau, mãe,
- 10 beijinhos. Até logo. *(Desliga o telemóvel e poisa-o no sofá. Faz ar refilão. Chega-se à boca de cena.)* Que mania de me mandar tomar banho! Fogo! Ainda ontem tomei!

MARIA TERESA MAIA GONZALEZ, *O Amigo do Computador*, Verbo, 2006.

O VERBO

É a classe gramatical que constitui o núcleo significativo de uma frase e exprime uma ação, uma qualidade ou um estado localizados no tempo (presente, passado ou futuro). Pertence a uma classe aberta de palavras que flexiona em tempo, modo, pessoa e número. É a classe de palavras mais variável em português.

■ Subclasses do verbo

SUBCLASSES DO VERBO			Exemplos
Principal (seleciona constituintes que desempenham uma função sintática: sujeito, complemento direto, complemento indireto, etc.)	Transitivo (seleciona um complemento)	Direto (seleciona um complemento direto)	<i>A criança viu o filme.</i>
		Indireto (seleciona um complemento indireto, ou, dependendo do verbo, um complemento oblíquo)	<i>O Hugo ligou ao amigo.</i>
		Direto e indireto (seleciona um complemento direto e um complemento preposicionado que pode ser um complemento indireto ou um complemento oblíquo)	<i>A Ana escreveu uma carta ao amigo.</i>
	Transitivo-predicativo (seleciona um complemento direto e um predicativo do complemento direto)		<i>A turma considera o professor muito exigente.</i>
	Intransitivo (não tem complemento mas seleciona um sujeito)		<i>O Marco adoeceu. A árvore caiu.</i>
Copulativo (é o verbo de ligação entre o sujeito e o predicativo do sujeito que completa o sentido do verbo — <i>ser, estar, ficar, continuar, permanecer</i>)			<i>A Sofia é simpática. O Pedro continua bom aluno.</i>
Auxiliar (antecede o verbo principal numa mesma oração, mas não seleciona nem sujeito nem complementos — <i>ter, haver, ser</i>)	Dos tempos compostos (verbos <i>ter</i> e <i>haver</i> + particípio passado)		<i>O João tinha feito o jantar.</i>
	Da passiva (verbo <i>ser</i> + particípio passado)		<i>O queijo foi comido pelo rato.</i>
	Temporal (verbo <i>ir</i> + infinitivo)		<i>Vou comprar um dicionário.</i>
	Aspetual (verbos <i>estar, ficar, continuar, andar, ir, vir, começar a</i> + infinitivo, e <i>deixar, acabar de</i> + infinitivo)		<i>Ele começou a rir. A Leonor anda a evitar-me. O João acabou de fazer a cama.</i>
	Modal (verbos <i>haver de, poder, dever, ter de</i> + infinitivo)		<i>O Rui pode estar doente.</i>

■ Conjugações verbais

Em português, os verbos agrupam-se em três conjugações, de acordo com a respetiva vogal temática (-ar, -er e -ir). O verbo «pôr» e os seus derivados («antepor», «compor», «supor», etc.) pertencem à 2.ª conjugação, o que se explica pelo facto de «pôr» derivar da forma do português antigo «poer».

CONJUGAÇÕES VERBAIS		
1.ª conjugação (-ar)	2.ª conjugação (-er)	3.ª conjugação (-ir)
<i>acabar, achar, cantar, chorar, dar, estar, estudar, falar, voar, ...</i>	<i>comer, escrever, dizer, haver, ler, saber, ser, ter, ver, viver, ..., pôr (e derivados)</i>	<i>cair, conduzir, dormir, falir, ir, rir, sair, sorrir, vir, ...</i>

■ Flexão verbal

TIPOLOGIA VERBAL		Exemplos
Verbos regulares (verbos que respeitam a flexão do paradigma a que pertencem)		Quase todos os verbos da 1.ª conjugação
Verbos irregulares (verbos cuja flexão se afasta do paradigma a que pertencem, apresentando irregularidades a nível do radical ou dos sufixos da flexão)		<i>caber; cair; crer; dar; dizer; fazer; medir; ouvir; poder; ...</i>
Verbos defetivos (verbos que não se conjugam em todas as formas possíveis num paradigma flexional regular)	Impessoais (verbos que flexionam apenas no infinitivo e na 3.ª pessoa do singular)	<i>chover; nevar; relampejar; trovejar; ...</i>
	Unipessoais (verbos que flexionam apenas no infinitivo e na 3.ª pessoa do singular e plural)	<i>cacarejar; chilrear; ladrar; miar; uivar; ...</i>

FLEXÃO DO VERBO			Exemplos
Pessoa gramatical	1.ª pessoa (é a pessoa que fala)		<i>durmo/dormimos</i>
	2.ª pessoa (é a pessoa a quem se fala)		<i>dormes/dormis</i>
	3.ª pessoa (é a pessoa de quem se fala)		<i>dorme/dormem</i>
Número	Singular		<i>canto/cantas/canta</i>
	Plural		<i>cantamos/cantais/cantam</i>
Modo (indica a atitude do locutor em relação ao facto apresentado)	Formas verbais finitas (admitem variação em tempo, pessoa e número)	Indicativo (apresenta um facto como real)	<i>Eu como na cantina.</i>
		Conjuntivo (exprime uma possibilidade, uma dúvida ou um desejo) ¹	<i> Talvez vá ao cinema.</i>
		Imperativo (apresenta o enunciado como ordem, conselho, convite ou pedido)	<i>Sê cuidadoso!</i>
		Condicional (considera a realização da ação dependente de uma condição ou surge ligado à delicadeza ou ao princípio da cortesia) ²	<i>Seria bom ajudares a mãe.</i>

(cont.)

FLEXÃO DO VERBO (cont.)					Exemplos
Modo (cont.)	Formas verbais não finitas (não admitem variação em tempo)	Infinitivo	Pessoal (apresenta flexão de pessoa e número)	Simples	É importante estudares diariamente.
			Impessoal (equivalente a um nome mas sem qualquer flexão)	Composto	Foi uma sorte termos conseguido os bilhetes.
				Simples	Sorrir é imprescindível.
			Composto	Foi preciso ter visto para acreditar.	
		Particípio passado (equivalente a um adjetivo, com flexão em género e número; expressa o resultado da ação)			Concluídas as tarefas, foram brincar.
		Gerúndio (equivalente a um adjetivo ou advérbio; exprime o resultado da ação)	Simples	Começou o programa saudando os telespectadores	
			Composto	Participou no concurso, tendo escrito um conto.	
Tempo (identifica o momento em que se realiza a ação)	Tempos simples	Presente (situa a ação no momento da enunciação)			Tenho aulas no Bloco C.
		Pretérito (situa a ação no momento anterior ao da enunciação)	Imperfeito (indica uma ação passada e prolongada coincidente com outra também passada)	O João estava em casa quando eu cheguei.	
			Perfeito (indica uma ação passada completamente realizada)	O Manuel leu o livro todo.	
			Mais-que-perfeito (indica uma ação anterior a outra também passada)	Quando a mãe entrou no quarto, já o Rui arrumara todos os brinquedos.	
		Futuro (situa a ação no momento posterior ao da enunciação)			Terei a aula de apoio ao estudo amanhã.
	Tempos compostos	Pretérito	Perfeito do indicativo	O Miguel tem lido muito.	
			Mais-que-perfeito do indicativo	A tempestade tinha começado na costa.	
			Perfeito do conjuntivo	Ela talvez tenha comido .	
			Mais-que-perfeito do conjuntivo	O nevão talvez tivesse caído na véspera.	
		Futuro	do indicativo	Eles terão dormido até tarde.	
			do conjuntivo	Se eles tiverem estudado , terão boa nota.	
	Condicional			Eles teriam estudado .	

■ Valor aspetual dos verbos

O aspeto verbal expressa a estrutura temporal interna de uma situação, a partir de informação lexical e gramatical. Apesar de se relacionar com a categoria tempo, é independente desta.

ASPETO VERBAL			Exemplos
Lexical (valor que resulta das propriedades do verbo)	Situações estativas (indicam processos durativos mas não dinâmicos e têm que ver com o estado de coisas que se mantêm inalteráveis no tempo)		Ela conhece o País.
	Eventos (indicam processos dinâmicos)	Durativos (exprimem ações que decorrem durante um determinado período de tempo)	A Luísa dormiu durante quatro horas.
		Não durativos (ou pontuais) (indicam um estado de coisas pontual, que ocorre num curto espaço de tempo)	O João caiu .
Gramatical (valor que combina as informações dadas pelo aspeto lexical com as que são fornecidas pelos diferentes tempos verbais, verbos auxiliares, quantificadores ou modificadores)	Imperfeito (refere um processo em realização)		Estudo na biblioteca.
	Perfeito (apresenta um processo terminado no momento da enunciação)		Estudei na biblioteca.
	Habitual (apresenta a ação como um hábito, um costume)		Habitualmente, leio um pouco antes de dormir.
	Genérico (apresenta um facto como permanentemente válido, verdadeiro)		As crianças que se deitam tarde têm mais dificuldades na leitura.
	Iterativo (exprime uma ação ou estado de coisas que se repete com frequência)		A Ana tem tossido nos últimos dias.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Completa o quadro que se segue no teu caderno.



Forma verbal	Pessoa	Número	Tempo	Modo	Verbo
salvais	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
tapava	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
trepam	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
nadasse	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
quebrará	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
tem visto	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
tinha lido	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

¹ Além destes valores que o conjuntivo adquire quando usado em frases simples, ele é, também, o modo de muitas estruturas subordinadas, nas quais não tem, necessariamente, estes sentidos. Veja-se o exemplo: *Embora esteja a chover, vou à praia.*

² O condicional nem sempre é um modo. Pode ser um tempo, que numa ação situada no passado se projeta para o futuro. Veja-se o exemplo: *A Maria disse que concluiria o trabalho logo que chegasse a casa.* Temos aqui três momentos: aquele em que a Maria fala e dois no futuro, um que implica a chegada a casa e outro, posterior a esse, que se relaciona com a conclusão do trabalho.

O PRONOME

O pronome pertence a uma classe fechada de palavras que substituem nomes na frase, evitando a sua repetição. Apresenta variação em número e em género, de acordo com o nome que substitui.

■ Pessoais

Indicam as pessoas que são referenciadas no ato de fala (o locutor, o destinatário e a pessoa de quem se fala) e podem desempenhar as funções de sujeito, complemento direto, complemento indireto e complemento oblíquo.

Formas tónicas — possuem um acento e ocorrem em posição de sujeito (*eu, tu, nós, ...*) ou como oblíquos, caso em que surgem como complemento de preposições (*de mim, a ela, com eles, comigo, ...*).

FUNÇÃO DE SUJEITO Ex.: **Eles** dizem que aqui se come bem.

FUNÇÃO DE COMPLEMENTO OBLÍQUO Ex.: Ela falou bem de **ti**.

Formas átonas — são formas que não possuem acento próprio e que ocorrem junto a formas verbais, podendo surgir associadas a várias funções sintáticas.

FUNÇÃO DE COMPLEMENTO DIRETO Ex.: Vi-**o**.

FUNÇÃO DE COMPLEMENTO INDIRETO (sem preposição) Ex.: Dei-**lhe** uma prenda.

REFLEXO Ex.: Ela acha-**se** preparada.

NOTA:

- Os pronomes pessoais **o, a, os, as** podem surgir combinados e podem apresentar as variantes seguintes:
me + o (a, os, as) → mo (ma, mos, mas); te + o (a, os, as) → to (ta, tos, tas);
lhe + o (a, os, as) → lho (lha, lhos, lhas); nos + o (a, os, as) → no-lo (no-la, no-los, no-las);
vos + o (a, os, as) → vo-lo (vo-la, vo-los, vo-las).
- Os pronomes pessoais **o, a, os, as** podem assumir formas diferentes, de acordo com a terminação da forma verbal. Passam a:
 - lo, -la, -los, -las**, respetivamente, depois de formas verbais terminadas em «-r», «-s» ou «-z», consoantes estas, que se suprimem.
 Exs.: *amar + o → amá-lo; amas + o → ama-lo; faz + o → fá-lo; diz + o → di-lo.*
 - no, -na, -nos, -nas**, respetivamente, depois de formas verbais terminadas em nasal.
 Exs.: *amam-no; traziam-nas; dão-no.*

■ Demonstrativos

Substituem um nome e indicam a sua localização em relação aos intervenientes da enunciação — têm um valor deítico —, podendo estar próximos do locutor, próximos do interlocutor ou afastados de ambos. Distinguem-se dos determinantes demonstrativos porque não podem coocorrer com um nome nem ser precedidos de determinantes. Pelo contrário, os determinantes têm de estar sempre à esquerda de um nome.

Exs.: **Isso** preocupa-me. → pronome demonstrativo

Este livro é meu. → determinante demonstrativo

	Variáveis (flexionam em género e em número)				Invariáveis (não flexionam)
Posição do objeto	Singular		Plural		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Próximo do locutor	<i>este</i>	<i>esta</i>	<i>estes</i>	<i>estas</i>	<i>isto</i>
Próximo do interlocutor	<i>esse</i>	<i>essa</i>	<i>esses</i>	<i>essas</i>	<i>isso</i>
Afastado de ambos	<i>aquele</i>	<i>aquela</i>	<i>aqueles</i>	<i>aquelas</i>	<i>aquilo</i>
	<i>o mesmo</i>	<i>a mesma</i>	<i>os mesmos</i>	<i>as mesmas</i>	
	<i>o</i>	<i>a</i>	<i>os</i>	<i>as</i>	
	<i>tal</i>		<i>tais</i>		

NOTA:

- As formas **o, a, os, as** são formas átonas equivalentes a **este (esta, estes, estas), esse (essa, esses, essas), aquele (aquela, aqueles, aquelas)**. Utilizam-se antes de:
 - Pronome relativo **que**. **Ex.:** *A matéria de que ele gosta menos é a que está a estudar agora.*
 - Preposição **de**. **Ex.:** *O texto mais original é o do meu colega.*
- As formas **tal, tais** são equivalentes a **este (esta, estes, estas, isto), esse (essa, esses, essas, isso), aquele (aquela, aqueles, aquelas, aquilo)**.
Ex.: *Não disse tal.*
- A maior parte dos pronomes demonstrativos é variável em género e em número. As formas **isto, isso, aquilo** são invariáveis e nunca se referem a pessoas. Os adjetivos que com elas se relacionam usam-se no masculino singular.
Ex.: *Aquilo é estupendo.*

■ Possessivos

Substituem o nome e estabelecem uma relação de posse entre o possuidor, o objeto possuído e os intervenientes do discurso — têm um valor de **deítico**, referindo-se a um participante do discurso, podendo veicular informação referente ao grau de proximidade (teu) ou de afastamento (vosso/seu) entre os interlocutores. Localizam, no espaço ou no tempo, o grau de aproximação ou de afastamento. Variam em género, número e pessoa e, geralmente, são precedidos de artigo definido.

Número	Pessoa	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um possuidor	1. ^a	<i>meu</i>	<i>minha</i>	<i>meus</i>	<i>minhas</i>
	2. ^a	<i>teu</i>	<i>tua</i>	<i>teus</i>	<i>tuas</i>
	3. ^a	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>
Vários possuidores	1. ^a	<i>nosso</i>	<i>nossa</i>	<i>nossos</i>	<i>nossas</i>
	2. ^a	<i>vosso</i>	<i>vossa</i>	<i>vossos</i>	<i>vossas</i>
	3. ^a	<i>seu</i>	<i>sua</i>	<i>seus</i>	<i>suas</i>

Indefinidos

Expressam uma ideia imprecisa acerca dos nomes que substituem.

Variáveis (flexionam em género e em número)				Invariáveis (não flexionam)	Locuções indefinidas (são expressões com pronomes indefinidos)
Singular		Plural			
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino		
<i>algum</i>	<i>alguma</i>	<i>alguns</i>	<i>algumas</i>	<i>algo</i> <i>alguém</i> <i>nada</i> <i>ninguém</i> <i>outrem</i> <i>tudo</i>	<i>cada um</i> <i>cada qual</i> <i>fosse quem fosse</i> <i>quem for</i> <i>quem quer que seja</i> <i>fosse o que fosse</i> <i>o que for</i> <i>o que quer que</i> <i>o que quer que seja</i> <i>qualquer que seja</i> <i>seja qual for</i>
<i>nenhum</i>	<i>nenhuma</i>	<i> nenhuns</i>	<i>nenhumas</i>		
<i>todo</i>	<i>toda</i>	<i>todos</i>	<i>todas</i>		
<i>um</i>	<i>uma</i>	<i>uns</i>	<i>umas</i>		
<i>muito</i>	<i>muita</i>	<i>muitos</i>	<i>muitas</i>		
<i>pouco</i>	<i>pouca</i>	<i>poucos</i>	<i>poucas</i>		
<i>tanto</i>	<i>tanta</i>	<i>tantos</i>	<i>tantas</i>		
<i>outro</i>	<i>outra</i>	<i>outros</i>	<i>outras</i>		
<i>qualquer</i>		<i>quaisquer</i>			

NOTA:

- Os pronomes **alguém**, **outrem** referem-se a pessoas desconhecidas ou a pessoas cujo nome não se quer revelar. **Ex.:** *Alguém partiu o vidro.*
- O pronome **ninguém** refere-se a pessoas, mas designa a quantidade nula. **Ex.:** *Ninguém me telefonou.*
- Os pronomes **tudo**, **nada**, **algo** substituem seres inanimados. **Ex.:** *Tudo estava excelente.*

Interrogativos

Introduzem perguntas sobre a **identidade**, a **qualidade** ou a **quantidade** de pessoas ou coisas. A interrogação pode ser feita de maneira direta ou indireta. Inserem-se no início da oração interrogativa.

Variáveis (flexionam em género e em número)				Invariáveis (não flexionam)
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
quanto	quanta	quantos	quantas	
qual		quais		

NOTA:

- O pronome **quem** refere-se sempre a pessoas. **Ex.:** *Quem fez este desenho?*
- O pronome **que** designa tanto os seres animados como os inanimados. Sempre que não surge no início da frase, a forma **o que** é substituída por **o quê**. **Exs.:** *O que perguntaste? / Perguntaste o quê?*
- O pronome **qual(quais)** indica uma escolha e refere-se a pessoas ou coisas. **Ex.:** *Qual preferes?*

4. O pronome **quanto(s)** indica a quantidade e refere-se tanto a pessoas como a coisas. Só é pronome relativo se ocorrer isolado, caso surja antes de um nome, especificando-o, é quantificador. Ex.: **Quantos** *desejas?* (pronome) / **Quantos** *livros desejas?* (quantificador)

■ Relativos

Substituem um nome ou outros pronomes e introduzem uma oração subordinada relativa.

Variáveis (flexionam em género e em número)				Invariáveis (não flexionam)
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	que quem
<i>o qual</i>	<i>a qual</i>	<i>os quais</i>	<i>as quais</i>	

NOTA:

- As formas **que**, **qual** podem referir-se a seres animados ou seres inanimados. Exs.: *A subida à serra **que** queremos fazer vai demorar umas horas.* / *Surgiram repentinamente grandes ondas acerca das **quais** se tinha ouvido falar.*
- A forma **quem** refere-se a pessoas e não apresenta marcas, nem de género, nem de número. Ex.: *Os músicos de **quem** falas são muito talentosos.*
- A palavra **onde** é classificada como advérbio relativo e é equivalente às formas **em que**, **no qual** (*na qual*, *nos quais*...). Ex.: *Os países **onde** vivi (= **nos quais** vivi).*
- As palavras **quanto(s)**, **quanta(s)** são incluídas na classe dos quantificadores relativos.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

- Classifica os pronomes destacados nas frases seguintes.
 - A família vai de férias. Para onde vai **ela**?
 - A mãe comprar-l**he**-ia uns ténis se ele precisasse.
 - Não vou ouvir o CD hoje, ouvi-l**o**-ei amanhã.
 - O meu estojo está comigo. Onde está o **teu**?
 - Alguém** viu o meu pai?
 - Tudo** isto é fantástico, amigos!
 - Aqueles** chegaram de autocarro, os outros de avião.
 - Qual** dos cães te parece mais saudável?
 - Os amigos de **quem** falaste chegarão amanhã.
- No teu caderno, completa as frases com os pronomes necessários.
 -  O livro que ... comprei é um policial.
 - Chamei o Miguel e contei-... o que tinha visto.
 - A Maria e a Joana são colegas. Todas as tardes ... vão para casa juntas.
 - Se pudesse, escrever-...-ia mais vezes.
 - Ontem encontrei o Manuel na livraria. ... foi comprar um livro para oferecer.
 - Quando o João fizer anos, oferecer-...-ei um *tablet*.

Lê o excerto que se segue com atenção. Se necessário, consulta o glossário.

Falar Verdade a Mentir

DUARTE, BRÁS FERREIRA, JOAQUINA

DUARTE — Com efeito sempre é o maior falador!

BRÁS FERREIRA — Tenho de te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, estava em dúvida...

DUARTE — O quê! Pois meu tio?...

5 BRÁS FERREIRA — Mas acabou-se, com isto acabou-se. Vamos já imediatamente a casa do General e apresenta-me como teu sogro: quero-lhe agradecer.

JOAQUINA (*aparte*) — Está perdido!

DUARTE (*atrapalhado*) — Hoje é... domingo... hoje está ele da outra
10 banda na sua quinta da Lameda. É um sítio delicioso, a Lameda, à borda do Tejo, uma vista, uns ares... Vamos lá, uma, duas, três vezes na semana: sempre lhe digo, senhor Brás, que há ali um bilhar em que eu tenho feito as bolas mais espantosas... o outro dia carambolei¹... Eu lhe digo como: a negra estava...

15 BRÁS FERREIRA — Sim, sim; mas não é hoje que o General há de jogar no tal bilhar, porque ainda agora este Tomás José Marques me disse que tinha estado com ele esta manhã. Assim, como eu não estou para ir só, vamos.

DUARTE — Amanhã, cada vez que quiser; mas hoje é-me impossível.

20 BRÁS FERREIRA — Então porquê?

DUARTE — Tenho uns amigos à minha espera esta manhã — um pequeno-almoço de rapazes... mas contamos com o meu caro sogro.

BRÁS FERREIRA — Eu não posso: prometi de ir almoçar com o barão da Granja.

25 DUARTE — Aí está! E eu que tinha mandado fazer um almoço magnífico, um verdadeiro *ambigu*², champanhe, já se sabe. Um cerceal³ da Madeira que bate quantos *hocas*⁴ e *johannisbergs*⁵ tem o Reno; — torta de camarões e ostras, e dois faisões que me chegaram ontem de Inglaterra pelo vapor, coisa preciosa! (*Joaquina parece tomar*
30 *sentido na lista dos pratos.*)

BRÁS FERREIRA — Ora vá — pois seja... Mas ainda não são dez horas: o teu almoço há de ser como o meu, para o meio-dia: e daqui lá, temos tempo de sobejo para ir a casa do General. Assim, anda, vem. Então que é isso?

35 DUARTE, *aparte* — Está teimoso com a tal visita.

JOAQUINA, *aparte* — O pobre rapaz não sabe com que santo se há de pegar!

¹ **carambolar** atingir duas bolas numa só tacada (bilhar); ludibriar; intrujar.

² **ambigu** refeição popular entre a nobreza britânica, durante os séculos XVII-XVIII, que consistia numa mistura de coisas.

³ **cerceal** espécie de vinho da Madeira.

⁴ **hocas** vinho de uma região sérvia, Velika Hoca.

⁵ **johannisbergs** vinho da Alemanha central muito apreciado.

BRÁS FERREIRA — Então! Que tens tu? Que pasmaceira é essa? Não podes sair de casa por meia hora?

40 DUARTE — Pois enfim, meu tio, já que não há outro remédio, vou-lhe dizer... já não lhe posso ocultar o que eu tanto desejava... saiba que não posso sair de casa esta manhã nem um minuto. (*baixo*) Tenho um desafio e estou à espera do meu adversário.

BRÁS FERREIRA — Oh meu Deus!

45 JOAQUINA — Bem no sabia eu: aqui temos outra.

BRÁS FERREIRA — E então aquele almoço que tu me dizias ainda agora?

DUARTE — Lá está... lá está o almoço, posto lá, à espera... Um dos rapazes que aí vem almoçar é que me há de servir de padrinho.

BRÁS FERREIRA — Isso! outra cabeça doida como a tua: haviam de fazê-la
50 bonita... Não senhor, toca-me a mim: eu é que hei de arranjar esse negócio.

DUARTE — Ora, não se meta nisto, deixe cá a gente. Pode comprometê-lo... nós somos rapazes, é outra coisa.

BRÁS FERREIRA — Nada, nada! quero saber como isso é, como isso foi,
55 senão adeus casamento.

DUARTE, *aparte* — Que diacho de homem! (*alto*) E o seu almoço em casa do barão da Granja?...

BRÁS FERREIRA — Importa-me cá almoço nem meio almoço! que espere o almoço. Trata-se da tua vida, da tua honra... Tu, filho do meu maior
60 amigo, e agora meu filho, que és quase como se o fosses já! Vamos, fala, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por miúdo.

ALMEIDA GARRETT, *Falar Verdade a Mentir*, Porto Editora, 1993.

Responde, de forma clara e completa, às questões que se seguem.

1. Atenta nas personagens intervenientes.

1.1 Identifica-as.

1.2 Estabelece a relação existente entre as personagens masculinas. Fundamenta a tua opinião.

2. Relê a terceira fala de Duarte.

2.1 Explica o uso das reticências.

2.2 Relaciona o seu discurso com a última intervenção de Joaquina: «O pobre rapaz não sabe com que santo se há de pegar!» (II. 36-37).

2.3 Tendo em conta o estudo que já fizeste das duas primeiras cenas da peça em causa, que conclusão podes tirar do comportamento de Duarte? Justifica a tua resposta.

3. Repara nas falas de Joaquina.

3.1 O que têm elas em comum?

3.2 Que função desempenham?

4. Considera agora o diálogo final entre Duarte e Brás Ferreira.
 - 4.1 Que concluis quanto à atitude das duas personagens?
 - 4.2 Como interpretas a fala de Joaquina?
5. Verifica que o excerto apresentado é um texto dramático.
 - 5.1 Explica, por palavras tuas, o conceito de «didascália».
 - 5.1.1 Retira do texto dois exemplos ilustrativos.
 - 5.2 Que parte do excerto corresponde ao texto principal? Fundamenta.
 - 5.2.1 E que partes constituem o texto secundário? Justifica.
6. Atenta no provérbio seguinte e relaciona-o com o texto que acabaste de ler: «A mentira é como uma bola de neve; quanto mais rola, mais engrossa.»
7. Presta atenção às frases seguintes.
 - a) «Vamos já imediatamente a casa do General e apresenta-me como teu sogro [...]» (Il. 5-6)
 - b) «[...] confesso-te que tinha desconfiado, [...]» (Il. 2-3)
 - c) «Tenho uns amigos à minha espera esta manhã [...] mas contamos com o meu caro sogro.» (Il. 21-22)
 - 7.1 Identifica e classifica as conjunções nelas presentes.
 - 7.2 Delimita as orações e classifica-as.
8. Faz corresponder os exemplos da coluna B aos tempos e modos verbais.



A	B
(a) Presente do indicativo	(1) estava
(b) Pretérito perfeito do indicativo	(2) tinha estado
(c) Imperativo	(3) tenho
(d) Pretérito imperfeito do indicativo	(4) acabou-se
(e) Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo	(5) anda

9. Relê as frases seguintes.
 - a) «BRÁS FERREIRA — Tenho de te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, [...]» (Il. 2-3)
 - b) «BRÁS FERREIRA — [...] apresenta-me como teu sogro: quero-lhe agradecer.» (Il. 6-7)
 - 9.1 Identifica e classifica os pronomes.
10. O excerto termina com Duarte a tentar desculpar-se uma vez mais... Elabora um texto dramático, imaginando a mentira inventada por Duarte e as possíveis reações de Brás Ferreira. Tem em conta as indicações seguintes:
 - Inclui didascálias com informações sobre o espaço, a movimentação das personagens e o tom de voz.
 - Inclui falas em que surjam situações de monólogo, diálogo e aparte.
 Planifica a tua redação, respeitando a estrutura do texto dramático, e redige-a com correção.



Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta unidade, avalia o teu desempenho e indica o nível que atingiste. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.

I. ORALIDADE

	1	2	3	4	5	Pág.
Uso um tom de voz audível.						
Articulo corretamente as palavras.						
Respeito o uso da palavra pelos outros.						
Adequo a linguagem às situações de comunicação em que participo.						
Utilizo expressões adequadas para exprimir o meu ponto de vista.						
Exponho os meus argumentos de forma coerente.						
Participo responsavelmente no debate.						
Compreendo discursos orais.						

II. LEITURA

	1	2	3	4	5	Pág.
Compreendo a especificidade do texto dramático (falas e didascálias).						
Localizo a ação no tempo e no espaço.						
Caracterizo as personagens intervenientes na ação.						
Identifico o conflito dramático.						
Classifico os diferentes tipos de cómico.						
Reconheço aparte, monólogo e diálogo.						
Comparo textos diferentes.						
Analiso os diferentes elementos de um cenário.						
Compreendo a expressividade das figuras de retórica.						
Identifico arcaísmos.						

III. GRAMÁTICA

	1	2	3	4	5	Pág.
Reconheço o valor expressivo das interjeições.						
Conjugo corretamente o verbo nos diferentes tempos e modos verbais.						
Distingo o valor dos diversos modos verbais.						
Interpreto a importância dos sinais de pontuação.						
Aplico as regras da flexão do pronome em género e em número.						
Identifico as funções sintáticas de segmentos frásicos.						

IV. ESCRITA

	1	2	3	4	5	Pág.
Planifico um texto de opinião.						
Ordeno a informação nos textos que produzo.						
Elaboro um guião dramático.						
Recorro a conectores para estruturar o meu discurso.						
Assinalo corretamente os parágrafos.						
Pontuo com propriedade um texto.						
Utilizo a linguagem escrita com correção ortográfica e sintática.						
Revejo os textos que produzo.						

Agora soma a tua pontuação e verifica o teu desempenho.

0-79: Não satisfaz (Precisas de estudar muito mais e esclarecer as tuas dúvidas, procurando a ajuda do teu professor.)

80-129: Satisfaz (Precisas de rever os conteúdos abordados e consolidar conhecimentos!)

130-144: Satisfaz bem (Desenvolveste um bom trabalho. Deves continuar a estudar!)

145-160: Satisfaz plenamente (Parabéns! O teu desempenho foi excelente! Continua!)

3

Versos com reversos

TEXTO POÉTICO

146 **HIPERPÁGINA** — A Poesia no tempo...

OS QUATRO ELEMENTOS NA POESIA...

- 149 «Um caminho de palavras», António Ramos Rosa
149 «Onda que, enrolada, tornas», Fernando Pessoa
150 «No alto mar», Sophia de M. B. Andresen
150 «O vento», Sophia de M. B. Andresen
151 «Canção do sementeiro», Miguel Torga
152 «No comboio descendente», Fernando Pessoa
154 «A fada das crianças», Fernando Pessoa
156 «Infância», Carlos Drummond de Andrade
158 «Comigo me desavim», Sá de Miranda
159 «Trovas», Luís de Camões
160 «As minhas asas», Almeida Garrett
161 «O palácio da ventura», Antero de Quental
162 «Em todos os jardins», Sophia de M. B. Andresen
164 «Poema», Sophia de M. B. Andresen
166 «Na praia lá da Boa Nova, um dia», António Nobre
167 «As gaivotas», Eugénio de Andrade
168 «As palavras», Eugénio de Andrade

QUATRO POETAS VISTOS POR UM POETA

- 170 «Sophia» e «No Largo da Portagem», Manuel Alegre
171 «Fernando Pessoa *à la minute*»,
e «Eugénio de Andrade», Manuel Alegre

POEMAS DA LUSOFONIA

- 173 «Namoro», Viriato Cruz
176 «Ilha nua», Alda Espírito Santo
177 «Partindo», Eugénio Tavares
178 «Poema ancestral», Crisódio T. Araújo
179 «A canção mais recente», Cassiano Ricardo

- 180 **LER MAIS** — «Dois dedos de conversa»
e «Soneto digital», Fernando Aguiar

182 **FICHA INFORMATIVA 16** — O modo lírico

185 **FICHA INFORMATIVA 17** — O estilo

187 **TESTE FORMATIVO**

189 **AUTOAVALIAÇÃO**

144





Os calceteiros

Escrevem na rua:
juntam
cuidadosamente
palavras.

Pegam-lhes
sílaba a sílaba,
escolhem, unem,
completam,
tocam
ao de leve por cima
e continuam.

Com o maço
e o suor
assinam.

ANTÓNIO OSÓRIO,
Casa das Sementes, Poesia Escolhida,
Assírio & Alvim, 2006.

ANALISAR A IMAGEM E O TEXTO

1. O que representa a imagem?
2. O texto apresentado remete para
 - a) o carácter intuitivo da poesia.
 - b) o trabalho árduo e minucioso da escrita.
 - c) a semelhança entre o trabalho do calceteiro e o do escritor.

A Poesia no tempo...

A poesia acompanhou a História e a evolução da língua portuguesa. Foi-se alterando como bem cultural, à medida dos tempos, das épocas, dos autores, servindo os mesmos temas de modos diferentes, utilizando formas poéticas distintas. Eis alguns dos marcos da poesia portuguesa...

IDADE MÉDIA

Non chegou, madr', o meu amigo

Non chegou, madr', o meu amigo,
e oj' est' o prazo saído!
Ai, madre, moiro d'amor!

Non chegou, madr', o meu amado,
e oj' est' o prazo passado!
Ai, madre, moiro d'amor!

E oj' est' o prazo saído!
Por que mentiu o desmentido?
Ai, madre, moiro d'amor!

E oj' est' o prazo passado!
Por que mentiu o perjurado?
Ai, madre, moiro d'amor!

Por que mentiu o desmentido,
pesa-me, pois per si é falido.
Ai, madre, moiro d'amor!

Por que mentiu o perjurado,
pesa-me, pois mentiu a seu grado,
Ai, madre, moiro d'amor!

D. DINIS (CV 169, CBN 531),
A Lírica Trovadoresca
(de Segismundo Pina),
Editora da USP, 1996.

Século XIV
Dom Dinis

A fermosura desta fresca serra

A fermosura desta fresca serra
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do Sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra;

Enfim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos oferece,
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me anoja e me aborrece,
Sem ti, perpetuamente estou passando,
Nas mores alegrias, mor tristeza.

LUÍS DE CAMÕES, *Rimas*, Almedina, 1994.

RENASCIMENTO

Século XVI
Luís de Camões



Quando eu sonhava, era assim

Quando eu sonhava, era assim
Que nos meus sonhos a via;
E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar.
Agora a vejo fixar...
Para quê? — Quando era vaga,
Uma ideia, um pensamento,
Um raio de estrela incerto
No imenso firmamento,
Uma quimera, um vão sonho,
Eu sonhava — mas vivia:
Prazer não sabia o que era,
Mas dor, não na conhecia...

ALMEIDA GARRETT, *Folhas Caídas*,
Europa-América, 1997.

Século XIX
Almeida Garrett

ROMANTISMO

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

FERNANDO PESSOA,
Obra Poética e em Prosa,
Lello & Irmão, 1986.



Século XX
Fernando Pessoa

MODERNISMO

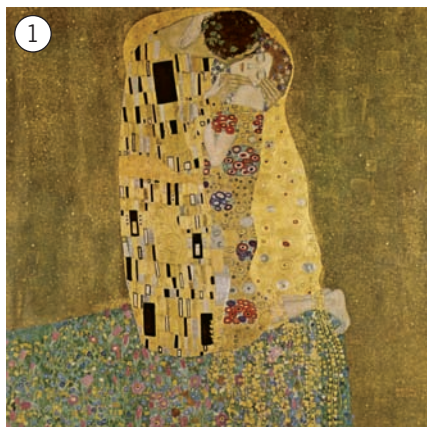
APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Qual destes autores está mais distante do nosso tempo e qual está mais próximo?
 - 1.1 Já tinhas ouvido falar de algum destes poetas?
 - 1.1.1 O que sabias dele(s)?
 - 1.2 Realiza uma pesquisa sobre os autores. Troca informações com os teus colegas.
2. Lê os poemas apresentados.
 - 2.1 Indica em que século a língua portuguesa se torna autónoma e mais próxima do que é atualmente.
 - 2.2 De qual dos poemas apresentados gostaste mais? Justifica a tua escolha.

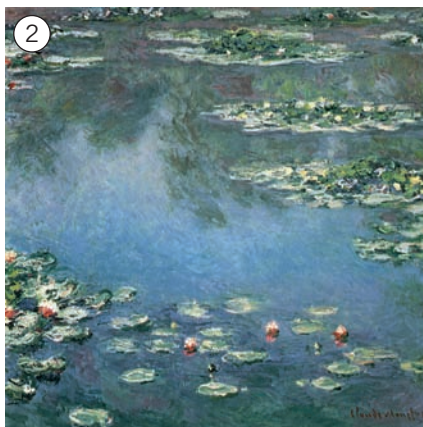
1. Observa os cinco quadros.

1.1 Descreve-os oralmente à turma, identificando os elementos primordiais com os quais se relacionam.

OS QUATRO ELEMENTOS NA POESIA...



O Beijo, de Gustav Klimt, 1907-1908, Österreichische Galerie Belvedere (Viena).



Nenúfares, de Claude Monet, 1904, coleção privada.



Sol Nascente, de Claude Monet, 1869, Musée Marmottan Monet (Paris).



O Sol, de Edvard Munch, 1912, Munch Museum (Oslo).



Campo de Trigo com Corvos, de Vincent van Gogh, 1890, Van Gogh Museum (Amesterdão).

1. Lê, agora, os poemas seguintes.

1.1 Liga cada um deles a um dos quadros apresentados na página anterior.

TEXTO A

Um caminho de palavras

Sem dizer o fogo — vou para ele. Sem enunciar as pedras, sei que as piso — duramente, são pedras e não são ervas. O vento é fresco: sei que é vento, mas sabe-me a fresco ao mesmo tempo que a vento. Tudo o que sei, já lá está, mas não estão os meus passos nem os meus braços.

5 Por isso caminho, caminho, porque há um intervalo entre tudo e eu, e nesse intervalo caminho e descubro meu caminho.

Mas entre mim e os meus passos há um intervalo também: então invento os meus passos e o meu próprio caminho. E com as palavras de vento e de pedra, invento o vento e as pedras, caminho um caminho de palavras.

10 Caminho um caminho de palavras
(porque me deram o sol)
e por esse caminho me ligo ao sol
e pelo sol me ligo a mim

15 E porque a noite não tem limites
alargo o dia e faço-me dia
e faço-me sol porque o sol existe

Mas a noite existe
e a palavra sabe-o

ANTÓNIO RAMOS ROSA, *Sobre o Rosto da Terra*, Livraria Nacional, 1961.

TEXTO B

Onda que, enrolada, tornas

Onda que, enrolada, tornas,
Pequena, ao mar que te trouxe
E ao recuar te transtornas
Como se o mar nada fosse,

5 Porque é que levas contigo
Só a tua cessação,
E, ao voltar ao mar antigo,
Não levas meu coração?

Há tanto tempo que o tenho
10 Que me pesa de o sentir,
Leva-o no som sem tamanho
Com que te oiço fugir!

FERNANDO PESSOA, *Obra Poética e em Prosa*, Lello & Irmãos Editores, 1986.

TEXTO C

No alto mar

No alto mar
 A luz escorre
 Lisa sobre a água.
 Planície infinita
 5 Que ninguém habita.

O Sol brilha enorme
 Sem que ninguém forme
 Gestos na sua luz.

Livre e verde a água ondula
 10 Graça que não modula

São claros e vastos os espaços
 Onde baloiça o vento
 E ninguém nunca de delícia ou de tormento
 Abriu neles os seus braços.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,
Obra Poética I, Círculo de Leitores, 1992.

TEXTO D

O vento

O vento sopra contra
 As janelas fechadas

Na planície imensa
 Na planície absorta,
 5 Na planície que está morta

E os cabelos do ar ondulam loucos
 Tão compridos que dão a volta ao mundo

Sento-me ao lado das coisas
 E bordo toda a noite a minha vida

10 Aqueles dias tecidos
 Que tinham um ar de fantasia
 Quando vieram brincar dentro de mim

E o vento contra as janelas
 Faz-me pensar que eu talvez seja um pássaro.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,
Obra Poética I, Círculo de Leitores, 1992.



TEXTO E

Canção do sementeador

Na terra negra da vida,
Pousio do desespero,
É que o Poeta semeia
Poemas de confiança.

5 O Poeta é uma criança
Que devaneia.

Mas todo o sementeador
Semeia contra o presente.
Semeia como vidente

10 A seara do futuro,
Sem saber se o chão é duro
E lhe recebe a semente.

MIGUEL TORGA, *Nihil Sibi*,
Coimbra Editora, 1956.

2. Como decerto reparaste, estes poemas relacionam-se com os quatro elementos primordiais: Água, Fogo, Terra e Ar.

2.1 Relaciona cada um dos pares que estabeleceste (texto/imagem) com o elemento correspondente.

3. Considera o poema «No alto mar».

3.1 Comenta a relação do texto com os quatro elementos. Justifica a tua resposta com dados do poema.

4. Recorda as características do texto poético.

4.1 Completa o texto que se segue, recorrendo às palavras que te damos na caixa lateral. Responde no teu caderno com a ajuda dos números.



A poesia relaciona-se com a ____ (1) ____ de ____ (2) ____, emoções de um sujeito poético, mas também com uma utilização ____ (3) ____ da linguagem e da sua disposição ____ (4) ____ na folha de papel.

Assim, o poema espraia os seus ____ (5) ____ e as suas ____ (6) ____ no branco da ____ (7) ____ e a acompanhar essa dança de ____ (8) ____ há o ____ (9) ____ que a ____ (10) ____ e as ____ (11) ____ lhe conferem. A linguagem da ____ (12) ____ é, pois, cheia de ____ (13) ____.

____ (14) ____, ou seja, permitindo vários sentidos, a poesia nasce ainda da sequência de ____ (15) ____, comparações, ____ (16) ____ e anáforas, que entretecem uma teia de sentidos, ____ (17) ____ e sentimentos, que só um ____ (18) ____ excecional, o ____ (19) ____, consegue ____ (20) ____ para se expressar e exprimir o ____ (21) ____ que o rodeia e que, poeticamente, ____ (22) ____.

diferente
estrofes
expressão
gráfica
imagens
metáforas
mundo
musicalidade
página
palavras
poesia
poeta
polissémica
recriar
repetições
rima
ritmo
sensações
sentimentos
ser
transfigura
versos

ANTES DE LER

1. Observa a ilustração.
 - 1.1 Discute com a turma a situação representada.
2. Costumas viajar de comboio?
 - 2.1 Descreve um episódio que tenhas presenciado numa dessas viagens.



BIOGRAFIA

Fernando Pessoa

(1888-1935)

Natural de Lisboa, **Fernando António Nogueira Pessoa** é um dos maiores poetas do século xx, não só a nível nacional como também a nível internacional, sendo a sua obra objeto de diversificados estudos um pouco por todo o Mundo. A sua vida decorreu predominantemente em Lisboa, com uma passagem, durante a infância e a adolescência, pela África do Sul, onde estudou num colégio inglês. De regresso a Lisboa, inscreveu-se no Curso de Letras, que nunca terminou, desenvolvendo a sua atividade profissional como empregado de escritório. Apesar de ter publicado só um livro em vida, *Mensagem*, deixou uma vasta obra poética que tem sido publicada e que o poeta assinou em seu nome pessoal, mas também sob outros nomes, a quem atribui distintas identidades e diferentes estilos — os heterónimos (Alberto Caeiro; Ricardo Reis; Álvaro de Campos; entre outros). A sua colaboração na revista *Orpheu* (1915) foi determinante para a consolidação do Modernismo Português.

Obra: *Mensagem*; *O Livro do Desassossego*; *Poemas Ingleses*; ...

Prepara a leitura do poema e lê-o em voz alta.

No comboio descendente

No comboio descendente
 Vinha tudo à gargalhada,
 Uns por verem rir os outros
 E os outros sem ser por nada —
 5 No comboio descendente
 De Queluz à Cruz Quebrada.

No comboio descendente
 Vinham todos à janela,
 Uns calados para os outros
 10 E os outros a dar-lhes trela —
 No comboio descendente
 De Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente
 Mas que grande reinação!
 15 Uns dormindo, outros com sono,
 E os outros nem sim nem não —
 No comboio descendente
 De Palmela a Portimão.

FERNANDO PESSOA, *O Melhor do Mundo são as Crianças*
 (de Manuela Nogueira), Assírio e Alvim, 1998.



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Lê o poema de Fernando Pessoa.
 - ✂ 1.1 Classifica as afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F).
 - (A) O poema é sobre um comboio onde só viajavam pessoas tristes.
 - (B) O comboio parte de Queluz.
 - (C) No comboio todos faziam o mesmo: cantar.
 - (D) O poema é composto por quatro estrofes de cinco versos.
 - (E) O poema apresenta rima cruzada e interpolada.
 - (F) Quanto à métrica, os versos são decassilábicos.
 - (G) Existe um verso que se repete três vezes em cada estrofe.
 - 1.2 Corrige as afirmações falsas.

2. Repara que o comboio do poema é «descendente».
 - 2.1 Justifica essa característica.
 - 2.2 Elabora o seu percurso, da estação de partida à estação de chegada.
3. Explica o sentido das seguintes passagens:
 - a) «Uns calados para os outros / E os outros a dar-lhes trela» (vv. 9-10)
 - b) «Mas que grande reinação!» (v. 14)

GRAMÁTICA

4. Relê o poema e transcreve:
 - a) três adjetivos;
 - b) dois pronomes;
 - c) cinco nomes comuns;
 - d) quatro nomes próprios;
 - e) uma conjunção coordenativa copulativa;
 - f) uma conjunção coordenativa adversativa;
 - g) uma conjunção coordenativa disjuntiva.
5. Constrói um campo lexical para «comboio».



EXPRESSÃO ESCRITA

6. Produz um texto *pastiche* a partir deste poema, imaginando que o meio de transporte utilizado era o autocarro. Planifica o teu texto e redige-o com correção linguística.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

PASTICHE

Texto que imita outro, utilizando a mesma estrutura, a mesma rima e a mesma métrica, no caso da poesia.

EXPRESSÃO ORAL

7. Prepara com a turma uma leitura coral do poema.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

8. Faz uma pesquisa sobre os aspetos seguintes.
 - A história dos caminhos de ferro em Portugal.
 - A atual situação da Linha do Tua e do Ramal da Lousã.
 - A evolução do comboio desde as origens à atualidade.
- 8.1 Podes elaborar um cartaz, uma notícia ou uma reportagem que ilustre os resultados da tua pesquisa.
Planifica adequadamente o teu texto e revê-o muito bem antes de o dares por concluído.

@ <http://www.cp.pt>
<http://www.fmnf.pt>

ANTES DE LER

1. Relembra alguns momentos da tua infância, nomeadamente:
 - histórias que te foram contadas;
 - quem as contou.
2. Partilha com a turma essas recordações.



Prepara a leitura do poema e lê-o em voz alta.

A fada das crianças

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,
Voando pela noite silenciosa,
A fada das crianças, vem, luzindo.
Papoulas a coroam, e, cobrindo
5 Seu corpo todo, a tornam misteriosa

À criança que dorme chega leve,
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,
Os seus cabelos de ouro acaricia —
E sonhos lindos, como ninguém teve,
10 A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam:
Cavalos e soldados e bonecas,
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,
15 E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas...
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,
Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

FERNANDO PESSOA, *O Melhor do Mundo são as Crianças* (de Manuela Nogueira), Assírio e Alvim, 1998.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Atenta na personagem muito especial que é apresentada na primeira estrofe.
 - 1.1 Identifica-a.
 - 1.2 Caracteriza-a com recurso a expressões do texto.
2. Centra-te na segunda e na terceira estrofes.
 - 2.1 Indica o que fazia a criança.
 - 2.2 Refere a ação da fada.
 - 2.2.1 O que provoca na criança?
 - 2.3 Descreve o que acontece a seguir.

3. Nota que, na última estrofe, tudo volta à normalidade.

3.1 Justifica a afirmação proferida.

4. Transcreve exemplos dos recursos expressivos apresentados.



Figuras	Exemplos
Metáfora	(1)
Adjetivação	(2)
Enumeração	(3)
Aliteração	(4)

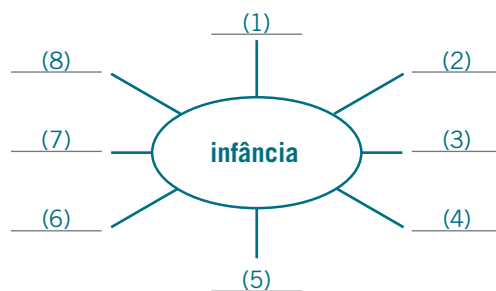
Consulta a ficha informativa 17, «O estilo», na página 185.

5. Analisa o poema quanto à forma, tendo em atenção:

- a) o número de estrofes e o número de versos que as compõem;
- b) a rima;
- c) a métrica.

GRAMÁTICA

6. Faz o levantamento dos vocábulos do texto que constituem o campo lexical de «infância».



7. Relê a seguinte passagem: «[...] volta a melhor das fadas / Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.» (vv. 19-20)

7.1 Reescreve a frase no plural.

EXPRESSÃO ESCRITA

8. E tu?... Acreditas em fadas, em elfos e noutros seres extraordinários?

8.1 Cria um pequeno texto em que respondas a esta questão, não ultrapassando as 150 palavras. Planifica a tua redação e não te esqueças de a rever antes de a dares por concluída.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

EXPRESSÃO ORAL

9. Partindo da resposta que elaboraste para a questão 8, prepara uma exposição oral em que apresentes os argumentos que sustentam a tua opinião. Estrutura devidamente a tua apresentação para que o teu ponto de vista fique bem claro.

9.1 Confronta a tua opinião com a dos teus colegas.

TEXTO ARGUMENTATIVO, página 53.

1. Ouve o poema e completa os versos com os vocábulos em falta.



Infância



BIOGRAFIA

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Nasceu em Itabira (Minas Gerais) e faleceu no Rio de Janeiro.

A sua poesia tem grande relevo na literatura brasileira e a sua obra revela uma capacidade para refletir sobre o indivíduo, a poesia, a existência, o amor; bem como capacidade para jogar com a linguagem, muitas das vezes com uma inocência que conduz, todavia, a uma reflexão profunda.

É ainda de notar que foi um dos iniciadores do Movimento Modernista Brasileiro.

Obra: *Sentimento do Mundo*; *A Rosa do Povo*; *Boitempo*; *Amar se Aprende Amando*; ...



Meu pai montava a cavalo, ia para o (1).

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão (2) dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras

- 5 lia a história de Robinson Crusoe,
comprida história que não (3) mais.

No meio-dia branco de luz uma (4) que aprendeu
a ninar nos longes da (5) — e nunca se esqueceu
chamava para o café.

- 10 Café preto que nem a preta velha
café (6)
café bom.

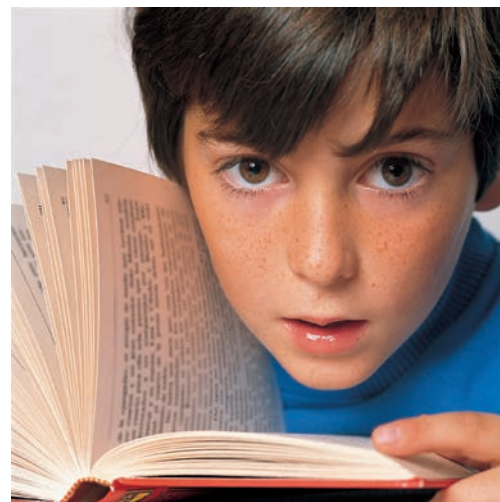
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:

- 15 — Psiu... Não (7) o menino.

Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um (8)... que fundo!

Lá longe meu pai (9)
no mato sem fim da fazenda.

- 20 E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de (10) Crusoe.



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE,
Antologia Poética,
Dom Quixote, 2001.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Observa que o sujeito poético revive as suas memórias de infância.
 - 1.1 Que personagens evoca?
 - 1.2 O que fazia cada uma delas? Justifica.
2. Considera as expressões que se seguem.
 - a) «[...] meu pai campeava [...]» (v. 18)
 - b) «E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusoe.» (vv. 20-21)
 - 2.1 Explica-as por palavras tuas, tendo em conta o contexto.
3. Transcreve uma anáfora e comenta o seu valor expressivo.

4. Considera a estrutura formal do poema.
- Classifica-o quanto ao número de estrofes.
 - Como se denominam as estrofes quanto ao número de versos?

GRAMÁTICA

5. Relê o texto e transcreve:
- uma interjeição;
 - uma expressão exclamativa.
6. No poema, podemos encontrar expressões que são próprias da variedade do português do Brasil.
- 6.1 Justifica a afirmação e transcreve duas expressões que a comprovem.
7. Transcreve exemplos dos tempos verbais solicitados.



Tempos verbais	Exemplos
Presente do indicativo	(1)
Pretérito perfeito	(2)
Pretérito imperfeito	(3)
Imperativo	(4)
Gerúndio	(5)
Infinitivo	(6)

Consulta a ficha informativa 14, «O verbo», na página 132.

8. Transcreve os adjetivos que qualificam os nomes apresentados.



Nomes	Adjetivos
mãe	(1)
irmão	(2)
menino	(3)
história	(4)
meio-dia	(5)
café	(6)
preta	(7)
suspiro	(8)

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Também tu deves ter memórias de infância...
- 9.1 Escreve um texto de 150 a 200 palavras, em que evoques um episódio da tua infância, referindo também as pessoas que te marcaram afetivamente. Planifica a tua redação e tem o cuidado de a reler, no fim, para corrigires o que estiver menos bem.
- Para esta tipologia textual, podes basear-te nas orientações fornecidas na Oficina de Escrita 1 (pp. 60-63).

Portefólio

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

1. Com base no título do poema, apresenta hipóteses sobre o seu assunto.

Lê com atenção o poema de Sá de Miranda que se segue. Em caso de necessidade, consulta o glossário.

Comigo me desavim

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS
CURRICULARES

Comigo me desavim¹,
sou posto em todo perigo;
não posso viver comigo
nem posso fugir de mim.

- 5 Com dor, da gente fugia,
antes que esta assi crecesse;
agora já fugiria
de mim, se de mim pudesse.
Que meo² espero ou que fim
10 do vão³ trabalho que sigo,
pois que trago a mim comigo,
tamanho imigo⁴ de mim?

SÁ DE MIRANDA, *Obras Completas*, Sá da Costa, 1943.

¹ desavim fiquei zangado;
entrei em conflito.

² meo meio.

³ vão inútil.

⁴ imigo inimigo.



BIOGRAFIA

Sá de Miranda (1481-1558)

Francisco de Sá de Miranda, poeta português, nasceu em Coimbra e morreu em Amares (Braga), com 76 anos. Filho de Gonçalo Mendes, cónego da Sé de Coimbra, e de Inês de Melo (solteira), pouco se sabe dos seus primeiros anos de vida. Estudou Gramática, Retórica e Humanidades na Escola de Santa Cruz (Coimbra). Mais tarde, frequentou a Universidade, em Lisboa, onde fez o curso de Leis alcançando o grau de doutor em Direito. Data desta altura a sua forte amizade com Bernardim Ribeiro.

Para Sá de Miranda, o poeta era um profeta, devendo denunciar os vícios da sociedade, sobretudo da Corte, o abandono dos campos e a preocupação exagerada do luxo. A sua linguagem é sóbria, forte, trabalhada, hermética, difícil de entender e demasiado dura. Mesmo assim, Sá de Miranda é o escritor do século XVI mais lido depois de Camões. A sua verticalidade e a sua coerência impuseram-se.

Compôs cantigas, vilancetes e esparsas, ao gosto dos poetas do século XV, concebeu as primeiras comédias clássicas portuguesas — *Estrangeiros* e *Vilhalpandos* —, deixou uma importante obra epistolográfica e uma série de élogos. A sua obra foi publicada postumamente, em 1595.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Explicita o problema com que o sujeito poético se debate.
2. Identifica a hipotética solução que o «eu» apresenta para este problema.
 - 2.1 Essa solução é viável? Justifica a resposta através da transcrição de versos do poema.
3. Considera a estrutura formal do poema.
 - 3.1 Indica o número de estrofes que o compõem.
 - 3.2 Classifica as estrofes quanto ao número de versos.
 - 3.3 Faz o esquema rimático do poema, classificando a rima.

1. Realiza uma pequena investigação sobre o modelo de beleza feminina no século XXI e partilha as tuas conclusões com os restantes elementos da turma.

Lê com atenção o poema de Luís de Camões que se segue. Em caso de necessidade, consulta o glossário.

Trovas

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS
CURRICULARES

A ã cativa¹ com quem andava d'amores na Índia, chamada Bárbara

Aquela cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.

5 Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
10 nem no céu estrelas,
me parecem belas
como os meus amores.

Rosto singular,
olhos sossegados,
15 pretos e cansados,
mas não de matar.

Õa graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
20 de quem é cativa.

Pretos os cabelos,
onde o povo vão²
perde opinião
que os louros são belos.

25 Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.

Leda³ mansidão
30 que o siso⁴ acompanha;
bem parece estranha,
mas bárbara⁵ não.

Presença serena
que a tormenta⁶ amansa;
35 nela enfim descansa
toda a minha pena⁷.

Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo,
é força que viva.

LUÍS DE CAMÕES, *Rimas* (ed. Álvaro da Costa Pimpão), Atlântida Editora, 1973.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Explica o significado dos versos «Aquela cativa / que me tem cativo» (vv. 1-2).
2. Considera a passagem: «Eu nunca vi rosa / em suaves molhos / que para meus olhos / fosse mais fermosa.» (vv. 5-8).
 - 2.1 Identifica a figura de estilo e explicita o seu valor expressivo.
3. Caracteriza fisicamente a figura feminina que é descrita ao longo do poema.
4. Explicita o sentido dos versos «Pretos os cabelos, / onde o povo vão / perde opinião / que os louros são belos» (vv. 21-24).
5. Faz a caracterização psicológica de Bárbara e transcreve versos que comprovem a tua resposta.



BIOGRAFIA

Luís de Camões

(1524?-1580)

Nascido provavelmente em Lisboa em 1524, Luís Vaz de Camões pertencia a uma família da pequena nobreza, de origem galega. Dos seus estudos pouco se conhece, mas tudo leva a crer que terá passado por Coimbra, talvez pelo Mosteiro de Santa Cruz. Entre 1542 e 1545, durante o reinado de D. João III, foi para Lisboa, depressa conquistando fama de bom poeta e galanteador, chegando a ser desterrado para Constância por se ter enamorado da infanta D. Maria.

Esteve em Ceuta entre 1549 e 1551, onde terá perdido um dos olhos, e em 1552, embarcou para a Índia. Na viagem de regresso, naufragou na foz do rio Mekong, salvando apenas o manuscrito d'*Os Lusíadas*. Regressado a Lisboa, entretanto, conseguiu publicar a epopeia em 1572, melhorando consideravelmente as suas condições de vida, graças a uma tença de 15 000 réis concedida por D. Sebastião. Mas, a 10 de junho de 1580, mergulhado no pesadelo do desaparecimento do rei em Alcácer-Quibir, Camões acaba por morrer. É por isso que, neste dia, se festeja o Dia de Portugal.

Obra: *Os Lusíadas*; *Rimas*; *El-Rei Seleuco*; *Filodemo*; *Anfitriães*; ...

¹ cativa escrava.

² vão ignorante.

³ Leda alegre.

⁴ siso juízo; bom senso.

⁵ bárbara selvagem, rude (trocadilho com o nome «Bárbara»).

⁶ tormenta tempestade.

⁷ pena sofrimento.

1. Realiza uma pequena investigação sobre a simbologia da cor branca e partilha as tuas conclusões com os restantes elementos da turma.

Lê com atenção o poema de Almeida Garrett que se segue. Em caso de necessidade, consulta o glossário.

Ver biografia de Almeida Garrett na página 100.

As minhas asas

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS
CURRICULARES

- | | |
|---|--|
| <p>Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu.</p> <p>5 — Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que mas deu:
Eu inocente como elas,
Por isso voava ao céu.</p> <p>Veio a cobiça da terra,
10 Vinha para me tentar;
Por seus montes de tesouros
Minhas asas não quis dar.
— Veio a ambição, co'as grandezas,
Vinhão para mas cortar,
15 Davam-me poder e glória
Por nenhum preço as quis dar.</p> <p>Porque as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra
20 Batia-as, voava ao céu.</p> | <p>Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrelas,
E já suspenso da terra,
La voar para elas,
25 — Deixei descair os olhos
Do céu alto e das estrelas...
Vi entre a névoa da terra,
Outra luz mais bela que elas.</p> <p>E as minhas asas brancas,
30 Asas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao céu.</p> <p>Cegou-me essa luz funesta¹
De enfeitados amores...
35 Fatal amor, negra hora
Foi aquela hora de dores!
— Tudo perdi nessa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel² do deleite³,
40 O acre⁴ prazer das dores.</p> <p>E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu
Pena a pena me caíram...
Nunca mais voei ao céu.</p> |
|---|--|

¹ funesta fatal; nociva, prejudicial.

² fel líquido amargo e viscoso que é segregado pelo fígado, biliar; (fig.) sabor muito amargo.

³ deleite prazer suave e demorado; voluptuosidade.

⁴ acre amargo; azedo.

ALMEIDA GARRETT, *Flores sem Fruto*, Edições Vercial, 2012.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Explica o significado simbólico das «asas brancas» (v. 1) que o sujeito poético tinha.
2. Tendo em conta a segunda estrofe, explica a que tentações foi o «eu» sujeito em troca das suas asas.
3. Identifica a tentação a que o sujeito poético acabou por sucumbir, justificando a resposta através de citações do texto.

1. Partindo da imagem apresentada, procede à evocação de histórias de cavaleiros andantes que conheças, fazendo referência às características psicológicas que, em geral, são atribuídas a estas personagens.

Lê com atenção o poema de Antero de Quental que se segue.
Em caso de necessidade, consulta o glossário.

O palácio da ventura

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS
CURRICULARES

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino¹ do amor, busco anelante²
O palácio encantado da Ventura³!

- 5 Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante⁴
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:

- 10 Eu sou o Vagabundo, o Deserdado
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor⁵...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

ANTERO DE QUENTAL, *Sonetos Completos*, Verbo, 2006.

¹ paladino cavaleiro andante; (fig.) defensor acérrimo.

² anelante ansioso.

³ Ventura felicidade.

⁴ fulgurante muito brilhante.

⁵ fragor estrondo forte.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Caracteriza o estado de espírito do sujeito poético na primeira estrofe.
2. «Por desertos, por sóis, por noite escura» (v. 2)
 - 2.1 Identifica a figura de estilo presente no verso anterior e explicita o seu valor expressivo.
3. Explica de que forma o estado emocional do «eu» se altera nos dois primeiros versos da segunda estrofe (vv. 5 e 6).
4. Mostra que o contraste entre o aspeto exterior do «palácio encantado da Ventura» (v. 4) e aquilo que o «eu» encontra no seu interior vem tornar mais pungente o desfecho do poema.
5. Explicita o significado simbólico do desenlace do processo de busca realizado pelo cavaleiro andante.



La Belle Dame sans Merci, de John William Waterhouse, 1893.



BIOGRAFIA

Antero de Quental

(1842-1891)

Antero Tarquínio de Quental nasceu em Ponta Delgada, no seio de uma família nobre, e aí morreu com 49 anos. Em 1852, vai estudar para Lisboa e com 16 anos inicia o curso de Direito em Coimbra. Assume-se, então, como uma figura influente no meio estudantil coimbrão, participando em várias manifestações académicas e manifestando as primeiras ideias socialistas.

Em 1865, iniciou a Questão Coimbrã, sendo atacado por instigar a revolução intelectual. Três anos depois, regressou a Lisboa e formou o Cenáculo, com os amigos Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. Foi um dos fundadores do Partido Socialista Português. Em 1871, fundou o jornal *A República* e, no ano seguinte, a revista *O Pensamento Social*, juntamente com José Fontana. É o grande criador de uma poesia filosófica romântica, influenciada pelos modelos alemães, revelando uma oscilação entre a vertente combativa e a vertente intimista.

Obra: *Sonetos de Antero*; *Odes Modernas*; *Bom Senso e Bom Gosto*; *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*; *Sonetos Completos*; ...

1. Reflete sobre o facto de a Natureza ser um tema recorrente na poesia.
 - 1.1 Prepara uma pequena apresentação oral, em que descrevas à turma um local atrativo, de interesse turístico, que tenhas visitado. Se possível, socorre-te de um suporte informático.

Prepara a leitura do poema e lê-o em voz alta.

Em todos os jardins

Em todos os jardins hei de florir,
Em todos beberei a lua cheia,
Quando enfim no meu fim eu possuir
Todas as praias onde o mar ondeia.



- 5 Um dia serei eu o mar e a areia,
A tudo quanto existe me hei de unir,
E o meu sangue arrasta em cada veia
Esse abraço que um dia se há de abrir.

Então receberei no meu desejo

- 10 Todo o fogo que habita na floresta
Conhecido por mim como num beijo.

Então serei o ritmo das paisagens,
A secreta abundância dessa festa
Que eu via prometida nas imagens.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,
Obra Poética, Círculo de Leitores, 1992.



Consulta a ficha informativa 16,
«O modo lírico», na página 182.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. A composição poética apresentada é um soneto.
 - 1.1 Prova a veracidade desta afirmação partindo da análise formal do poema.
 - 1.2 Elabora o esquema rimático do poema e classifica os tipos de rima.
2. Observa que o sujeito poético formula um conjunto de desejos.
 - 2.1 Enumera-os, transcrevendo as correspondentes passagens do poema.
 - 2.2 Com que intenção o faz?
3. Transcreve passagens ilustrativas da presença dos quatro elementos da Natureza.



Elementos da Natureza	Exemplos
Água	(1)
Terra	(2)
Ar	(3)
Fogo	(4)

4. Verifica que a metáfora surge como uma constante nos tercetos.

4.1 Ilustra a afirmação com três exemplos do poema.

Consulta a ficha informativa 17, «O estilo», na página 185.

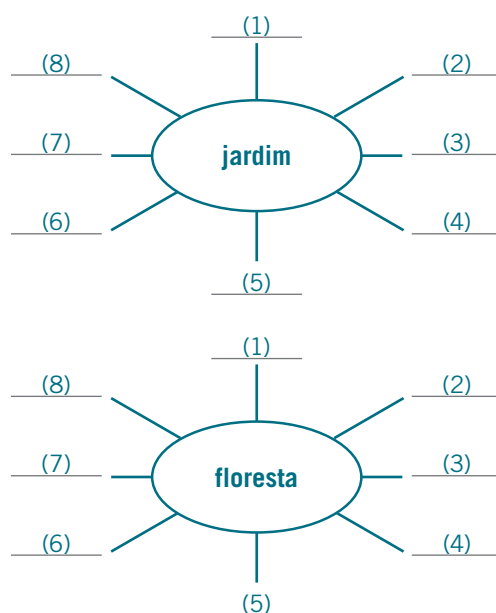
5. Identifica o recurso expressivo usado em cada um dos exemplos.



Figuras	Exemplos
(1)	«Em todos beberei a lua cheia» (v. 2)
(2)	«Um dia serei eu o mar e a areia» (v. 5)
(3)	«Conhecido por mim como num beijo.» (v. 11)

GRAMÁTICA

6. Constrói os campos lexicais de «jardim» e «floresta».



7. A palavra «fogo» (v. 10) é polissémica, ou seja, tem mais do que um sentido.



Identifica o significado (coluna B) que a palavra assume em cada uma das frases da coluna A e construirás o seu campo semântico.

A	B
(a) Fogo!	(1) espetáculo de pirotecnia
(b) Aquele prédio tem oito fogos.	(2) casa; habitação
(c) Os bombeiros apagaram o fogo.	(3) voz de comando para disparar; tiro
(d) O fogo de artifício foi fantástico.	(4) irresponsabilidade
(e) Há pessoas que brincam com o fogo.	(5) incêndio

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Produz um poema em que o título seja uma das palavras que a seguir se apresentam: «jardim», «floresta», «mar» ou «fogo». Tem em atenção as características desta tipologia textual.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

1. Ouve a leitura do poema com atenção.

1.1 Partilha com os teus colegas as tuas impressões sobre o mesmo.



Poema **LeR**⁺

PLANO NACIONAL
DE LECTURA



A minha vida é o mar o abril a rua
O meu interior é uma atenção voltada para fora
O meu viver escuta
A frase que de coisa em coisa silabada

5 Grava no espaço e no tempo a sua escrita

Não trago Deus em mim mas no mundo O procuro
Sabendo que o real o mostrará

Não tenho explicações
Olho e confronto

10 E por método é nu meu pensamento

A terra o sol o vento o mar
São a minha biografia e são meu rosto

Por isso não me peçam cartão de identidade
Pois nenhum outro senão o mundo tenho

15 Não me peçam opiniões nem entrevistas
Não me perguntem datas nem moradas
De tudo quanto vejo me acrescento

E a hora da minha morte aflora lentamente
Cada dia preparada

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN,
Obra Poética I, Círculo de Leitores, 1992.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Considera o poema como uma autobiografia poética da autora.



1.1 Identifica os versos que ilustram as ideias abaixo mencionadas.

Autobiografia poética de Sophia de Mello Breyner	
Relação próxima com a Natureza	(1)
Identificação com as coisas que transporta para os poemas	(2)
Presença do Divino no mundo exterior	(3)
Perseguição constante do real	(4)
Conceção instintiva do poema	(5)
Busca da pureza original	(6)
Aversão pelas datas e pelos atos públicos	(7)

2. Agora que conheces melhor o conteúdo do poema, justifica algumas das suas características formais.
- Ausência de pontuação.
 - Irregularidade do número de versos que constituem cada estrofe.
 - Recurso constante à enumeração.
 - Presença de verbos que traduzem sensações.

3. Transcreve exemplos dos recursos expressivos apresentados.



Figuras	Exemplos
Anáfora	(1)
Enumeração	(2)
Metáfora	(3)
Personificação	(4)

Consulta a ficha informativa 17, «O estilo», na página 185.

4. Considera a estrutura formal do poema.

- Indica o número de estrofes que o compõem.
- Classifica-as quanto ao número de versos.

Consulta a ficha informativa 16, «O modo lírico», na página 182.

GRAMÁTICA

5. A palavra «terra» (v. 11) é polissémica, ou seja, tem mais do que um sentido. Identifica o significado (coluna B) que a palavra assume em cada uma das frases da coluna A e construirás o seu campo semântico.



A	B
(a) A Terra é também conhecida por «Planeta Azul».	(1) porção de terra colocada numa peça decorativa, o vaso, para conter flores/plantas
(b) Antigamente, esta terra era um baldio.	(2) condutor de potencial elétrico nulo
(c) Aqueles vasos têm pouca terra.	(3) localidade, território, região
(d) Na terra dos meus pais há sempre uma festa no verão.	(4) planeta primário do sistema solar, em que habitamos
(e) Esta instalação elétrica tem ligação à terra.	(5) parte do solo cultivável

6. Retira do poema marcas da primeira pessoa presentes nas classes de palavras seguintes: pronome, verbo e determinante.
7. Reescreve os versos seguintes, substituindo os pronomes assinalados pelos nomes correspondentes: «Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro / Sabendo que o real o mostrará.» (vv. 6-7)

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Atenta na quarta estrofe.

- Elabora a tua biografia, também em verso, pondo em destaque os momentos mais importantes do teu percurso vivencial.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

1. Debate com os teus colegas a importância do sonho na vida do ser humano.



BIOGRAFIA

António Nobre

(1867-1900)

António Pereira Nobre nasceu no Porto e aqui morreu, prematuramente, aos 32 anos, vítima de tuberculose pulmonar. Passou a infância no norte do País, e em 1888 foi cursar Direito para Coimbra, mas não se inseriu na vida estudantil coimbrã, reprovando por várias vezes. Em 1890, decidiu partir para Paris, onde se licenciou em Ciências Políticas na Escola Livre de Ciências Políticas. Ali aderiu ao simbolismo e conheceu Eça de Queirós, na altura cônsul de Portugal naquela cidade. Ainda em Paris, escreveu também a maior parte dos poemas que viriam a integrar a coletânea *Só*, publicada em 1892, e que viria a constituir um dos marcos da poesia portuguesa do século XIX; este foi mesmo o seu único livro publicado em vida. Apesar de escassa, a obra de António Nobre influenciou decisivamente o modernismo português (e os seus grandes nomes, como Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro) a tornar a escrita simbolista mais coloquial e leve. A sua poesia insere-se nas correntes ultrarromântica, simbolista, decadentista e saudosista.

Na praia lá da Boa Nova, um dia

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS CURRICULARES

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lazúli e coral!

- 5 Naquelas redondezas, não havia
Quem se gabasse dum domínio igual:
Oh Castelo tão alto! parecia
O território dum Senhor feudal!

Um dia (não sei quando, nem sei d'onde)

- 10 Um vento seco de mau sestro¹ e spleen²

Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso Conde,
Naquela idade em que se é conde assim...

ANTÓNIO NOBRE, *Só*,
Oficina do Livro, 2009.

¹ *sestro* sorte; fado.

² *spleen* melancolia, tédio, tristeza.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Identifica a fase da vida do sujeito poético a que é feita referência nas duas primeiras estrofes.
2. Relaciona a expressão «o que é a fantasia» (v. 3) com o significado simbólico do castelo edificado pelo sujeito poético.
3. Explica o facto de a palavra «Castelo» ser escrita com maiúscula inicial.
4. Explicita o contraste que se estabelece no poema entre o presente e o período da vida do sujeito poético referido nas duas primeiras estrofes.
5. Relaciona o poema com o texto «O palácio da ventura», de Antero de Quental (p. 161).

ANTES DE LER

1. Ouve o tema «Gaivota», interpretado pela banda portuguesa The Gift.
 - 1.1 Que importância tem a gaivota para a concretização do refrão?
 - 1.2 Qual é o tema da canção?

Prepara a leitura do poema e lê-o em voz alta.

As gaivotas

As gaivotas. Vão e vêm. Entram
pela pupila.
Devagar, também os barcos entram.
Por fim o mar.
5 Não tardará a fadiga da alma.
De tanto olhar, tanto
olhar.

EUGÉNIO DE ANDRADE, *Antologia Breve*,
Fundação Eugénio de Andrade, 1999.



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. O poema retrata uma experiência do sujeito poético.
 - 1.1 A qual dos cinco sentidos se pode associar essa experiência?
 - 1.1.1 Transcreve o verbo que justifica a tua resposta.
2. Nota que o sujeito poético vai observando gradualmente a realidade.
 - 2.1 Identifica os elementos que ele observa e como surgem.
3. Centra-te na passagem seguinte: «Não tardará a fadiga da alma.» (v. 5).
 - 3.1 Explica o sentido do verso.
4. A experiência evocada pelo sujeito poético provoca no leitor sentimentos.
 - 4.1 Que sentimentos provoca em ti o poema?

GRAMÁTICA

5. Atenta nos versos seguintes.
 - a) «Vão e vêm. Entram.» (v. 1)
 - b) «Não tardará a fadiga.» (v. 5)
 - 5.1 Identifica o tempo e o modo em que se encontram as formas verbais.
 - 5.1.1 Justifica o seu emprego.

EXPRESSÃO ESCRITA

6. Partindo da palavra «gaivota» e, em trabalho de pares, produz um poema acróstico.
 - 6.1 Organiza, com a tua turma, um jornal de parede para publicarem os acrósticos criados.



BIOGRAFIA

Eugénio de Andrade
(1923-2005)

É o pseudónimo literário de José Fontinhas, natural da Póvoa da Atalaia (Beira Baixa). Depois de ter vivido em Lisboa e em Coimbra, passou a residir no Porto, onde foi criada uma fundação com o seu nome. Autor de uma vasta obra lírica, os seus poemas caracterizam-se por uma exploração límpida e pura da palavra, sempre aliada à musicalidade, possuindo um sentido rítmico bastante apurado. Recebeu o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio Jean Malrieu (para o melhor livro de poesia traduzido em França), o Grande Prémio Vida Literária, o Prémio Camões, o Prémio D. Diniz, da Fundação Casa de Mateus, entre outros.

Obra: *As Mãos e os Frutos*;
Os Amantes sem Dinheiro;
As Palavras Interditas;
Coração do Dia; *O Sal da Língua*; ...

ANTES DE LER

1. Atenta no provérbio: «Palavras, leva-as o vento; o que escrito fica o vento não pode levar.»
 - 1.1 Como o interpretas?
 - 1.2 Que outros provérbios conheces relacionados com o vocábulo «palavra»?

Prepara a leitura do poema e lê-o em voz alta.



As palavras

São como um cristal,
as palavras.

Algumas, um punhal,
um incêndio.

5 Outras,
orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.

Inseguras navegam:
barcos ou beijos,

10 as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,
leves.

Tecidas são de luz
e são a noite.

15 E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem
as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas,
nas suas conchas puras?

EUGÉNIO DE ANDRADE, *Coração do Dia*,
Iniciativas Editoriais, 1958.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Lê o poema e escolhe as hipóteses corretas.



- 1.1 Na primeira estrofe, o poeta...

- (A) ... define as palavras.
- (B) ... fala de cristais, punhais e incêndios.
- (C) ... define orvalho.

- 1.2 Na segunda estrofe, o poeta...

- (A) ... fala das memórias.
- (B) ... diz como surgem as palavras.
- (C) ... afirma a insegurança da comunicação.

- 1.3** Na terceira estrofe, o sujeito poético...
- (A) ... apresenta o dia e a noite.
 - (B) ... continua a definição de palavras.
 - (C) ... associa as palavras ao paraíso.
- 1.4** Finalmente, o sujeito poético revela-se incapaz de definir as palavras porque...
- (A) ... utiliza frases interrogativas.
 - (B) ... utiliza uma linguagem negativa.
 - (C) ... assume a sua perplexidade.
- 1.5** O poema é composto por...
- (A) ... duas quadras e dois tercetos.
 - (B) ... duas quintilhas e duas quadras.
 - (C) ... quatro tercetos.
- 1.6** O poema tem...
- (A) ... versos brancos.
 - (B) ... rima interpolada.
 - (C) ... rima emparelhada e cruzada.
- 1.7** Nos dois primeiros versos do poema, está presente...
- (A) ... uma personificação.
 - (B) ... uma metáfora.
 - (C) ... uma comparação.
- 1.8** Nos dois últimos versos, encontramos...
- (A) ... uma adjetivação.
 - (B) ... uma hipérbole e uma comparação.
 - (C) ... uma anáfora e uma adjetivação.

GRAMÁTICA

- 2.** Relê o poema e transcreve, para o teu caderno, dois ou mais exemplos das classes de palavras que se seguem.
- | | |
|--------------|------------------|
| a) Nomes | e) Determinantes |
| b) Adjetivos | f) Preposições |
| c) Verbos | g) Conjunções |
| d) Pronomes | |

EXPRESSÃO ESCRITA

- 3.** Atenta nos versos: «São como um cristal, / as palavras. / Algumas, um punhal [...]» (vv. 1-3).
- 3.1** Num texto original e criativo, que não exceda as 200 palavras, comenta os três versos transcritos, dando exemplos concretos de palavras-cristal e palavras-punhal. Relembra as etapas da escrita e inicia a tua tarefa pela respetiva planificação, escrevendo palavras-cristal e palavras-punhal.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

1. O que te sugere o título desta sequência de textos: «Quatro poetas vistos por um poeta...»?



BIOGRAFIA

Manuel Alegre (1936)

Natural de Águeda, estudou em Coimbra, onde nasceu a sua consciência política e se envolveu na luta contra o regime salazarista. Esteve em Angola durante a Guerra Colonial, mas o seu ideal antifascista obrigou-o a um exílio prolongado em Paris e Argel. Após o 25 de Abril de 1974, regressou à Pátria e, desde então, tem participado ativamente na vida política do País, tendo desempenhado inclusivamente o cargo de vice-presidente da Assembleia da República. Recebeu o Prémio Fernando Pessoa em 1999.

Obra: *O Canto e as Armas;* *O Homem do País Azul;* *Alma;* *30 Anos de Poesia;* *A Terceira Rosa;* *Senhora das Tempestades;* *Cão como Nós;* *Rafael;* *O Quadrado e Outros Contos;* ...

Prepara a leitura dos quatro poemas que se seguem e lê-os em voz alta.

QUATRO POETAS VISTOS POR UM POETA...

TEXTO A

Sophia

Da lusitana antiga fidalguia
um dizer claro e justo e franco
uma concreta e certa geometria
uma estética do branco
5 debruado de azul.

Sua escrita é de nau e singradura
e há nela o mar o mapa a maravilha.

Sophia lê-se como quem procura
a ilha sempre mais ao sul.

MANUEL ALEGRE,
Obra Poética,
Dom Quixote, 1995.



TEXTO B

No Largo da Portagem

Todos os dias o poeta vem ao centro
sobe ao seu consultório e embarca para dentro.
Diante da folha branca vai de viagem
navega sobre o tempo e nunca para.

5 Há nele o canto de raiz e o verso vagabundo
da sua janela chega à outra margem
e dá a volta ao mundo
no Largo da Portagem.

MANUEL ALEGRE,
Coimbra nunca Vista,
Dom Quixote, 2003.



TEXTO C

Fernando Pessoa *à la minute*

De repente em Lisboa
uma corrente de ar.

É Pessoa
a passar.

- 5 Anónimo entre anónimos
vai em pessoa ou heterónimos.

Pessoa apessoado
sentado no Chiado.

- Pessoa é quem
10 é mais pessoa quanto mais ninguém.

Há por aí Pessoa a rodos
Pessoa somos todos.

Coitado dele que já foi paúlco
agora é quase um emprego público.

- 15 Pessoa é múltiplo e só um
Pessoa somos todos e nenhum.

MANUEL ALEGRE,
Obra Poética,
Dom Quixote, 1995.



TEXTO D

Eugénio de Andrade

Há em Eugénio de Andrade
uma tensão extrema
substantivos e verbos trazem os elementos
respiração da terra no poema
5 a vida intensa a breve eternidade
e as sílabas do sul entre o verão e os ventos.

MANUEL ALEGRE,
Obra Poética,
Dom Quixote, 1995.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Nota que os poemas que acabaste de ler refletem a visão do poeta sobre quatro dos autores que estudaste nesta unidade.

1.1 Reproduz um quadro como o seguinte no teu caderno e completa-o com informações dos textos.



Tópicos de análise		Texto A	Texto B	Texto C	Texto D
Referências biográficas		(1)	(1)	(1)	(1)
Perfil literário		(2)	(2)	(2)	(2)
Aspetos formais	n.º de estrofes	(3)	(3)	(3)	(3)
	tipo de estrofes	(4)	(4)	(4)	(4)
	rima	(5)	(5)	(5)	(5)
	métrica	(6)	(6)	(6)	(6)

Consulta a ficha informativa 16, «O modo lírico», na página 182.

2. Identifica os recursos expressivos evidenciados em cada um dos exemplos.



Consulta a ficha informativa 17, «O estilo», na página 185.

Texto	Exemplos	Figuras
A	«Da lusitana antiga fidalguia» (v. 1)	(1)
	«um dizer claro e justo e franco» (v. 2)	(2)
	«Sua escrita é de nau e singradura» (v. 6)	(3)
	«Sophia lê-se como quem procura a ilha sempre mais ao sul.» (vv. 8-9)	(4)
B	«Há nele o canto de raiz e o verso vagabundo» (v. 5)	(5)
C	«Há por aí Pessoa a rodos» (v. 11)	(6)
	«Pessoa somos todos e nenhum.» (v. 16)	(7)
D	«respiração da terra no poema» (v. 4)	(8)
	«e as sílabas do sul entre o verão e os ventos.» (v. 6)	(9)

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

3. Pesquisa outros textos da autoria dos poetas com que contactaste nesta unidade e constrói um cartaz apelativo para afixares na tua sala de aula.

1. O que te sugere o título «Poemas da Lusofonia»?

1.1 Em interação com os teus colegas, estabelece aqui um paralelo com a informação da hiperpágina «O Mundo Português», na unidade 1.

POEMAS DA LUSOFONIA



Namoro

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com a letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de novembro brincando de artista nas acácias floridas
5 espalhando diamantes na fímbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas.

Sua pele macia — era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
10 tão rijo e tão doce — como o maboque...
Seus seios, laranjas — laranjas do Loje
seus dentes... — marfim...
Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

15 Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninjo tipografou:
«Por ti sofre o meu coração»
Num canto — SIM, noutro canto — NÃO
E ela o canto do NÃO dobrou.

20 Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.

25 Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.

30 Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
afaguei-lhe as mãos...

35 falei-lhe de amor... e ela disse que não.



BIOGRAFIA

Viriato da Cruz

(1928-1973)

Nasceu em Angola, tendo sido um dos mentores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (1948) e da revista *Mensagem* (1951-1952). Foi membro-fundador e secretário-geral do MPLA. Dissidente deste movimento, esteve exilado em Portugal e noutros países europeus, fixando-se posteriormente na China. Teve grande importância no desenvolvimento da literatura angolana, caracterizando-se a sua obra pelo apego a certos valores africanos, quer quanto à temática, quer quanto à forma. A sua produção está dispersa por publicações periódicas e representada em várias antologias.

Obra: *Poemas*.

Andei barbado, sujo, e descalço,
 como um mona-ngamba.
 Procuraram por mim
 «— Não viu... (ai, não viu...?) Não viu Benjamim?»

40 E perdido me deram no morro da Samba.

E para me distrair
 levaram-me ao baile do sô Januário
 mas ela lá estava num canto a rir
 contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário
 45 Tocaram uma rumba dancei com ela
 e num passo maluco voámos na sala
 qual uma estrela riscando o céu!
 E a malta gritou: «Aí Benjamim!»
 Olhei-a nos olhos — sorriu para mim
 pedi-lhe um beijo — e ela disse que sim.

VIRIATO DA CRUZ, *No Reino de Caliban II*
 (org. Manuel Ferreira),
 Plátano, 1997.

COMPREENSÃO DO ORAL / EXPRESSÃO ORAL

1. O poema acima transcrito encontra-se musicado.
 - 1.1 Ouve a música interpretada por Fausto.
 - 1.2 Conta a história de Benjamim aos teus colegas.
 - 1.3 Apresenta a tua opinião sobre a importância do namoro na adolescência.



2. Observa o quadro de Lino Damião.
 - 2.1 Faz um levantamento dos motivos africanos presentes na pintura.
 - 2.2 Justifica a predominância do azul.

Jovens Pescando na Chicala,
 de Lino Damião,
 sem data.

COMPREENSÃO DA LEITURA

3. Atenta nas duas primeiras estrofes.
 - 3.1 Partindo das palavras do sujeito poético, caracteriza a sua amada.

4. Completa, no teu caderno, tendo em conta o comportamento do sujeito poético.



Estratégias de sedução amorosa			
1	Enviou-lhe uma carta	6	
2		7	
3		8	
4		9	Dançou com ela
5	Esperou-a de tarde, na fábrica	10	

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

5. Lê a letra da música que se segue com atenção.

Postal dos Correios

Querida mãe, querido pai. Então que tal?
Nós andamos do jeito que Deus quer
Entre os dias que passam menos mal
Lá vem um que nos dá mais que fazer.

- 5 Mas falemos de coisas bem melhores:
A Laurinda faz vestidos por medida
O rapaz estuda nos computadores
Dizem que é um emprego com saída

Cá chegou direitinha a encomenda

- 10 Pelo «expresso» que parou na Piedade
Pão de trigo e linguiça p'ra merenda
Sempre dá para enganar a saudade.

Espero que não demorem a mandar
Novidades na volta do correio

- 15 A ribeira corre bem ou vai secar?
Como estão as oliveiras de «candeio»?

Já não tenho mais assunto p'ra escrever
Cumprimentos ao nosso pessoal
Um abraço deste que tanto vos quer
Sou capaz de ir aí pelo Natal.

Rio Grande, EMI-Valentim de Carvalho, 1996.

- 5.1 Identifica o remetente e o destinatário da mensagem.
5.2 De que tipo de carta se trata? Justifica a tua resposta.
5.3 Enumera os assuntos que são abordados ao longo da carta.



Ilha nua



BIOGRAFIA

Alda Espírito Santo

(1926-2010)

Também conhecida por Alda Graça, nasceu em São Tomé, em 1926, mas recebeu a sua educação em Portugal. Sendo uma das mais conhecidas poetisas africanas de língua portuguesa, ocupou alguns cargos de relevo nos governos de São Tomé e Príncipe, nomeadamente como ministra da Educação e Cultura, Ministra da Informação e Cultura, e deputada. Os seus poemas aparecem nas mais variadas antologias lusófonas, bem como em jornais e revistas de São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

Obra: *O Jogral das Ilhas; É Nosso o Solo Sagrado da Terra.*

¹ **ossobô** n. m. ave de belas cores, cujo canto, segundo a tradição, anuncia chuva. Tem ainda a força mítica que o associa a regiões paradisíacas.

Coqueiros e palmares da Terra Natal
Mar azul das ilhas perdidas na conjuntura dos séculos
Vegetação densa no horizonte imenso dos nossos sonhos.

Verdura, oceano, calor tropical

5 Gritando a sede imensa do salgado mar
No deserto paradoxal das praias humanas

Sedentas de espaço e de vida

Nos cantos amargos do ossobô¹

Anunciando o cair das chuvas

10 Varrendo de rijo a terra calcinada

Saturada do calor ardente

Mas faminta da irradiação humana

Ilhas paradoxais do Sul do Sará

Os desertos humanos clamam

15 Na floresta virgem

Dos teus destinos sem planuras...



ALDA ESPÍRITO SANTO, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, Ulmeiro, 1978.

COMPREENSÃO DO ORAL

1. Ouve a leitura expressiva do poema.
 - 1.1 Constrói o campo lexical de «ilha».
 - 1.2 Explica o título atribuído ao poema.
2. Observa o quadro de Armindo Machado.



Sem título, de Armindo Machado, 2002.

- 2.1 Faz o levantamento dos elementos que são simultaneamente mencionados no poema e representados no quadro.
- 2.2 Aprecia o quadro criticamente, tendo em conta:
 - as figuras femininas;
 - as atividades representadas;
 - as cores utilizadas.



Partindo

Triste, por te deixar, de manhãzinha
Desci ao porto. E logo, asas ao vento,
Fomos singrando, sob um céu cinzento,
Como, num ar de chuva, uma andorinha.

- 5 Olhos na Ilha eu vi, amiga minha,
A pouco e pouco, num decrescimento,
Fugir o Lar, perder-se num momento
A montanha em que o nosso amor se aninha.

Nada pergunto; nem quero saber

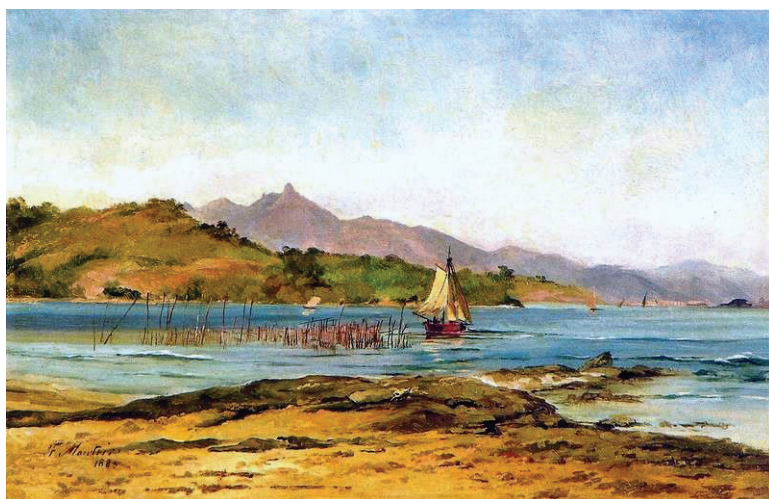
- 10 Aonde vou: se voltarei sequer;
Quanto, em ventura ou lágrimas, me espera

Apenas sei, ó minha primavera,
Que tu me ficas lagrimosa e triste.
E que sem ti a Luz já não existe.

EUGÉNIO TAVARES, *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do Século XX: Cabo Verde* (org. Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco), UFRJ, 1999.

COMPREENSÃO DO ORAL

1. Ouve a leitura expressiva do poema.
 - 1.1 A quem se dirige o sujeito poético?
 - 1.2 Identifica o tema da composição.
2. Observa o quadro de Antônio Firmino Monteiro.



Paisagem, de Antônio Firmino Monteiro, 1885, Museu Afro Brasil (São Paulo).

- 2.1 Estabelece uma ligação entre a paisagem representada e aquilo que conheces de Cabo Verde.



BIOGRAFIA

Eugénio Tavares

(1867-1930)

Nasceu na ilha Brava (Cabo Verde), sendo considerado a figura cimeira da vida cultural, política e social de Cabo Verde do seu tempo. Foi poeta, ensaísta, compositor e jornalista. Ficou conhecido como «Camões de Cabo Verde».

Obra: *Mornas e Cantigas Crioulas; Em Viagem; Amor que Salva; Desafronta.*



Poema ancestral



Lembra os dias antigos
 Em que cantavas a pureza
 Na nudez dos teus passos e gestos
 Ou dançavas na inocente vaidade

5 Ao som dos «babadok».
 Relembra as trevas da tua inquietação
 E o silêncio das tuas expectativas,
 As chuvas, as memórias heroicas,
 Os milagres telúricos,

10 Os fantasmas e os temores.
 Tenta lembrar a herança milenar dos teus avós
 Traduzida em sabedoria
 E verdade de todos.
 Recorda a festa das colheitas,

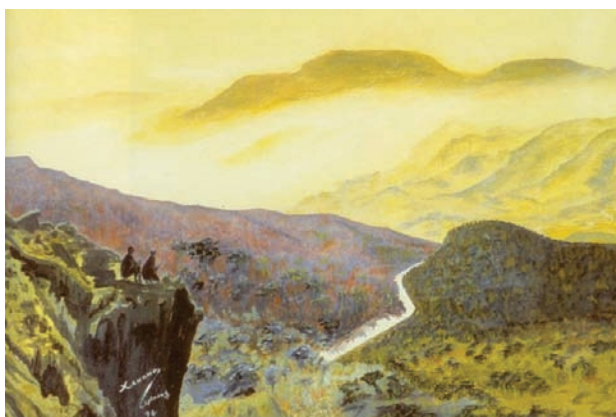
15 A harmonia dos teus ritos,
 A lição antiga da liberdade,
 Filha da natureza.
 Recorda a tua fé guerreira,
 A lealdade,

20 E a ternura do teu lar sem limites,
 Nos caminhos do inesperado
 Ou no imprevisto da partilha definitiva.
 Lembra pela última vez
 Que a história da tua ancestralidade
 É a história da tua Terra Mãe...

CRISÓDIO T. ARAÚJO (poeta timorense),
<http://www.revista.agulha.nom.br/cta02.html>, 23 de julho de 2011.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Este poema encerra uma forte mensagem.
 - 1.1 Apresenta duas passagens ilustrativas dessa mensagem.
 - 1.2 Relaciona o poema com a história recente de Timor.



Sem título,
 de Xanana Gusmão,
 1994.



A canção mais recente

O poeta
com a sua lanterna
mágica está sempre
no começo das coisas.

5 É como a água, eternamente matutina.

Pouco importa que a noite
lhe ponha a pena
do silêncio na asa.
Ele tem a manhã

10 em tudo quanto faça.

Além disso o amanhã
nunca deixará de ter pássaros.

CASSIANO RICARDO, *Poesias Completas*, José Olímpio, 1957.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. O poema apresenta uma visão pessoal sobre o que é ser poeta.

1.1 Justifica a afirmação.

1.2 E tu? O que é, para ti, ser poeta?

2. Observa o quadro de Cândido Portinari.

2.1 Explica o título atribuído pelo pintor.



Flora e Fauna Brasileiras, de Cândido Portinari, c. 1934, coleção Roberto Marinho (Rio de Janeiro).

3. Relê o poema.

3.1 Substitui o vocábulo «pena» por um sinónimo.

3.2 Adianta um possível significado para o vocábulo «manhã».



BIOGRAFIA

Cassiano Ricardo

(1891-1974)

Autor brasileiro, formado em Direito, foi um dos líderes do Modernismo. Versátil, criativo, lírico e satírico, crítico e memorialista, valeu-se de uma técnica sempre ousada e renovada, às vezes desconcertante mas sempre fascinante.

Obra: *Dentro da Noite*; *A Fruta de Pã*; *Vamos Caçar Papagaios*; *Borrões de Verde e Amarelo*; *Martim Cererê*; *Jeremias sem Chorar*.



BIOGRAFIA

Fernando Aguiar (1956)

Este autor foi, a partir dos anos 80, um dos grandes vultos da Poesia Experimental, salientando-se também o seu papel como *performer*. A sua poesia caracteriza-se pela manipulação de letras em associação com outras formas de expressão, tais como o movimento, o som e a luz e, no caso das *performances*, o próprio corpo.

Obra: *O Dedo; Poemas + ou – Histó(é)ricos*.

TEXTO A

Dois dedos de conversa



TEXTO B

Soneto digital



FERNANDO AGUIAR, *Antologia de Poesia Experimental Portuguesa*, Angelus Novus, 2004.

1. Observa os poemas experimentais apresentados.
 - 1.1 Partindo da descodificação dos seus títulos, explica o seu conteúdo.
2. Considera a definição de «poesia experimental» fornecida em nota lateral.
 - 2.1 Relaciona-a com os poemas.
3. Justifica a afirmação: O texto B é um soneto.
 - 3.1 Faz o seu esquema rimático.
 - 3.1.1 Classifica a rima.
4. A experiência evocada pelo sujeito poético provoca sentimentos no leitor. Que sentimentos provoca em ti o poema?
5. Observa agora as duas reproduções que se seguem.

POESIA EXPERIMENTAL

Designação muito abrangente para textos poéticos diversificados e criados a partir de meados do século xx, transmitindo uma preocupação ideológica. Além disso, alguns refletem sobre a criação poética. Considerados textos de vanguarda, empregam variedade de signos e de suportes, utilizando até escritas noutros sistemas fonético-visuais e gráficos que não o código linguístico/alfabético.

QUADRO A



Fernando Pessoa — *Heterónimo*, de Costa Pinheiro, 1978, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

QUADRO B



A Poesia Está na Rua II, de Maria Helena Vieira da Silva, 1974, coleção privada.

- 5.1 Faz uma pesquisa sobre a vida e a obra dos autores dos quadros.
 - 5.1.1 Prepara uma apresentação oral em que exponhas à turma os resultados da tua pesquisa. Se possível, faz a apresentação com o auxílio de um suporte informático.
- 5.2 Explica o título atribuído ao segundo quadro — *A Poesia Está na Rua II*.
- 5.3 Atribui outro título ao primeiro quadro.

O MODO LÍRICO

Na poesia, predomina a subjetividade do «eu», que expõe o seu mundo interior, sentimentos, emoções e sensações. A poesia pode ser também uma forma de intervenção no real e é sempre uma transfiguração do real pela linguagem. Através de um discurso de primeira pessoa, em que as palavras ganham novos sentidos, o sujeito poético revela a sua visão do Mundo e a sua experiência pessoal. No entanto, na poesia não existe só discurso de primeira pessoa. Quando assume uma perspetiva mais coloquial, também o «tu» pode surgir como marca do destinatário da mensagem (objeto poético).

No texto poético, não são só os sentidos das palavras que produzem significação, também o seu som e a musicalidade que suscitam no leitor têm significado. Ritmo e musicalidade, produzidos por assonâncias, por aliterações e pela rima, são também portadores de sentido.

Finalmente, até a mancha gráfica, que o poema revela aos olhos do leitor, encerra a sua mensagem.

■ Breve glossário poético

Estrofe — é um conjunto de versos separados de outros graficamente por um espaço.

Métrica — é a medida do verso que se obtém através da escansão do verso.

Para se determinar a medida de um verso, ou seja, para se fazer a sua escansão (contagem das sílabas métricas), é importante ter em atenção duas regras:

- As sílabas métricas contam-se até à sílaba tónica da última palavra de cada verso.
- Quando uma palavra termina em vogal e a seguinte se inicia também por vogal, faz-se uma sinalefa, ou seja, juntam-se as sílabas e conta-se apenas uma (elisão das vogais).

Rima — é a correspondência de sons a partir da vogal tónica final de cada verso de um poema. Contribui para o ritmo e a musicalidade do poema, favorecendo a sua memorização.

Ritmo — resulta da alternância entre sílabas tónicas e átonas das palavras que compõem o poema. É essa sucessão que torna o ritmo do poema lento e pausado, ou rápido e sincopado.

Verso — é o conjunto de sons formado por uma ou mais palavras que correspondem a uma linha do poema. Versos rimados são os que rimam entre si. Versos brancos ou soltos são os que não apresentam qualquer tipo de rima.

■ Estrofes

Tipos de estrofes

MONÓSTICO — é uma estrofe com um verso.

DÍSTICO — é uma estrofe com dois versos.

TERCETO — é uma estrofe com três versos.

QUADRA — é uma estrofe com quatro versos.

QUINTILHA — é uma estrofe com cinco versos.

SEXTILHA — é uma estrofe com seis versos.

SÉTIMA — é uma estrofe com sete versos.

OITAVA — é uma estrofe com oito versos.

NONA — é uma estrofe com nove versos.

DÉCIMA — é uma estrofe com dez versos.

IRREGULAR — é uma estrofe com mais de dez versos.

■ Métrica

Tipos de versos

MONOSSÍLABO — é um verso com uma sílaba métrica.

DISSÍLABO — é um verso com duas sílabas métricas.

TRISSÍLABO — é um verso com três sílabas métricas.

TETRASSÍLABO — é um verso com quatro sílabas métricas.

PENTASSÍLABO OU REDONDILHA MENOR — é um verso com cinco sílabas métricas.

HEXASSÍLABO — é um verso com seis sílabas métricas.

HEPTASSÍLABO OU REDONDILHA MAIOR — é um verso com sete sílabas métricas.

OCTOSSÍLABO — é um verso com oito sílabas métricas.

ENEASSÍLABO — é um verso com nove sílabas métricas.

DECASSÍLABO — é um verso com dez sílabas métricas:

- **verso heroico** (acentuado, essencialmente, na 3.^a, na 6.^a e na 10.^a sílabas);
- **verso sáfico** (acentuado, essencialmente, na 4.^a, na 8.^a e na 10.^a sílabas).

HENDECASSÍLABO — é um verso com onze sílabas métricas.

DODECASSÍLABO — é um verso com doze sílabas métricas.

Contagem das sílabas métricas (escansão) — em cada verso contam-se as sílabas de todas as palavras até à última sílaba tónica.

Ex.: *Menino franzino,*

quase pequenino,

pequenino, triste,

neste mundo só...

JOSÉ RÉGIO, «Onomatopeia»

1	2	3	4	5	
Me	ni	no	fran	zi	no,
qua	se	pe	que	ni	no,
pe	que	ni	no,	tris	te,
nes	te	mun	do	só...	

As sílabas tónicas finais estão assinaladas a negrito: todos os versos desta quadra têm, assim, cinco sílabas métricas, pois as últimas sílabas átonas não se contam.

■ Rima

Disposição

EMPARELHADA — quando os versos rimam dois a dois: *aabbcc*

CRUZADA — quando os versos rimam alternadamente: *abab*

INTERPOLADA — quando os dois versos que rimam estão separados por dois de rima diferente: *abba*

ENCADEADA — quando a última palavra do verso rima com uma palavra do meio do verso seguinte.

Correspondência de sons

CONSOANTE — quando há correspondência de sons vocálicos e sons consonânticos, a partir da sílaba tónica.

TOANTE — quando há correspondência de sons vocálicos, a partir da sílaba tónica.

Acentuação

AGUDA — quando os versos terminam com uma palavra aguda.

GRAVE — quando os versos terminam com uma palavra grave.

ESDRÚXULA — quando os versos terminam com uma palavra esdrúxula.

Valor

RICA — quando as palavras que rimam pertencem a classes de palavras diferentes.

POBRE — quando as palavras que rimam pertencem à mesma classe de palavras.

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Lê o poema que se segue, de Miguel Torga.

Brinquedo

Foi um sonho que eu tive:
Era uma grande estrela de papel,
Um cordel
E um menino de bibe.

- 5 O menino tinha lançado a estrela
Com ar de quem semeia uma ilusão;
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Presa pelo cordel à sua mão.

- Mas tão alto subiu
10 Que deixou de ser estrela de papel.
E o menino, ao vê-la assim, sorriu
E cortou-lhe o cordel.

MIGUEL TORGA, *Diário I*, Coimbra Editora, 1941.

- 1.1 Considera as estrofes do poema.

1.1.1 Indica o número de estrofes que compõem o poema.

1.1.2 Classifica as estrofes quanto ao número de versos.

- 1.2 Foca-te agora na rima.

1.2.1 Indica a rima presente na primeira estrofe.

1.2.2 Classifica a rima da segunda estrofe quanto ao valor e à acentuação.

1.2.3 Faz o esquema rimático do poema.

1.2.3.1 Classifica os diferentes tipos de rima quanto à disposição.

- 1.3 Classifica o quinto verso da segunda estrofe quanto ao número de sílabas métricas.

- 1.4 Faz a escansão da última estrofe.

O ESTILO

Chama-se **estilo** ao modo pessoal e único com que um autor utiliza a língua para criar sentidos, podendo ser entendido como uma fuga à norma, ou língua-padrão. O poeta explora não só o sentido das palavras como também a sua materialidade (som e mancha gráfica), de forma a transportar para o universo de sentidos que é o poema os sentimentos que pretende transmitir e fazer sentir ao leitor. Assim, quando falamos de **figuras** (ou recursos expressivos), pensamos no poder de **sugestão** e **expressividade** que o autor consegue transmitir à **linguagem**, pela exploração dos **níveis fónico, sintático e interpretativo**.

FIGURAS	Definição	Exemplos
Adjetivação	Uso abundante de adjetivos.	<i>Pelo Sonho é que vamos, comovidos e mudos.</i> SEBASTIÃO DA GAMA
Alegoria	Proposição de duplo sentido, um literal (a realidade) e outro simbólico (o pensamento). Pode apresentar-se sob a forma de metáfora ou imagem que associa uma realidade abstrata a um termo metafórico.	<i>Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal.</i> PADRE ANTÓNIO VIEIRA, <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>
Aliteração	Repetição sucessiva de sons consonânticos idênticos.	<i>O Portugal futuro é um país aonde o puro pássaro é possível.</i> RUY BELO, «O Portugal Futuro»
Anáfora	Repetição da mesma palavra ou expressão no início de frases ou versos sucessivos.	<i>Tempo para nascer e tempo para morrer, Tempo para plantar e tempo para arrancar o plantio.</i> Eclesiastes
Antítese	Oposição ou contraste entre duas ideias, objetos ou seres.	<i>Aquela triste e leda madrugada.</i> CAMÕES
Antonomásia	Substituição de um nome próprio por um nome comum ou de um nome comum por um nome próprio.	<i>Para se ter uma ideia da forma como o Poeta escreveu e pontuou existem as edições fac-similadas.</i> («o Poeta» por «Camões») ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO
Apóstrofe	Invocação de alguém, real ou fictício, sob forma exclamativa.	<i>Campo, que te estendes com verdura bela</i> CAMÕES
Comparação	Apresentação de duas objetividades distintas postas em paralelo. Estabelece-se uma relação de semelhança através da conjunção «como» ou seu equivalente.	<i>São como cristal as palavras.</i> EUGÉNIO DE ANDRADE
Enumeração	Apresentação sucessiva de vários elementos.	<i>Ocorrem-me em revista exposições, países: Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!</i> CESÁRIO VERDE
Eufemismo	Utilização de termos que suavizam uma expressão penosa, trágica, desagradável ou indecorosa.	<i>Chegar ao fim dos seus dias; deixar o mundo; ter chegado a sua hora (= morrer)</i>
Gradação	Disposição de palavras em progressão de sentido (ascendente e descendente).	<i>Mais dez, mais cem, mais mil e mais um bilião.</i> MACHADO DE ASSIS
Hipérbole	Exagero de uma determinada realidade, de forma negativa ou positiva.	<i>[...] da alma um fogo me sai, da vista um rio.</i> CAMÕES

Ironia	Utilização da expressão contrária ao que na realidade se quer dizer. Na oralidade resulta, frequentemente, da entoação utilizada.	<i>As pessoas sensíveis não são capazes De matar galinhas Porém são capazes De comer galinhas.</i> SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
Metáfora	Transposição do significado de uma expressão para outro campo semântico diferente do inicial.	<i>Amigo é um sorriso [...].</i> ALEXANDRE O'NEILL
Perífrase	Figura que consiste em dizer com várias palavras o que se poderia dizer com uma única.	<i>E os que leem o que escreve, [...] (= os leitores)</i> FERNANDO PESSOA
Personificação	Atribuição de características próprias do homem a seres inanimados e a animais irracionais.	<i>Abrem-se rindo conchas redondas [...].</i> SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
Pleonasmo	Repetição de uma ideia numa frase; redundância.	<i>Vi claramente visto [...].</i> LUÍS DE CAMÕES, <i>Os Lusíadas</i>
Repetição	Repetição de uma ou mais palavras.	<i>Velho, velho, velho Chegou o inverno.</i> EUGÉNIO DE ANDRADE
Símbolo	Relação indireta entre um objeto ou um ser animado e uma ideia, um conceito, um sentimento ou um estado de alma (através de metonímias e de metáforas).	<i>Numa mão sempre a espada, na outra a pena.</i> LUÍS DE CAMÕES, <i>Os Lusíadas</i>

APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Lê o poema de Manuel Alegre.

As Mãos

Com mãos se faz a paz se faz a guerra.
Com mãos tudo se faz e se desfaz.
Com mãos se faz o poema — e são de terra.
Com mãos se faz a guerra — e são a paz.

5 Com mãos se rasga o mar. Com mãos se lavra.
Não são de pedras estas casas, mas
de mãos. E estão no fruto e na palavra
as mãos que são o canto e são as armas.

E cravam-se no Tempo como farpas
10 as mãos que vês nas coisas transformadas.
Folhas que vão no vento: verdes harpas.

De mãos é cada flor, cada cidade.
Ninguém pode vencer estas espadas:
nas tuas mãos começa a liberdade.

MANUEL ALEGRE, *30 Anos de Poesia*, Dom Quixote, 1995.

1.1 Identifica os recursos expressivos presentes nos versos um, cinco e onze.

1.2 Comenta o valor expressivo da anáfora presente na primeira estrofe.

Lê o poema que se segue com atenção.

O jardim



O jardim está brilhante e florido,
Sobre as ervas, entre as folhagens,
O vento passa, sonhador e distraído,
Peregrino de mil romagens.

- 5 É maio ácido e multicolor,
Devorado pelo próprio ardor,
Que nesta clara tarde de cristal
Avança pelos caminhos
Até os fantásticos desalinhos
10 Do meu bem e do meu mal.

- E no seu bailado levada
Pelo jardim deliro e divago,
Ora espreitando debruçada
Os jardins do fundo do largo,
15 Ora perdendo o meu olhar
Na indizível verdura
Das folhas novas e tenras
Onde eu queria saciar
A minha longa sede de frescura.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *Obra Poética*, Círculo de Leitores, 1992.

Responde, de forma clara e completa, às questões que se seguem.

1. Repara na atitude do sujeito poético.
 - 1.1 Caracteriza essa atitude. Justifica com elementos do texto.
 - 1.2 Identifica os desejos que a voz poética expressa, recorrendo ao poema.
2. Relê a passagem: «O jardim está brilhante e florido [...]» (v. 1).
 - 2.1 Indica quatro características do espaço onde se encontra o «eu» lírico.
 - 2.2 Situa a ação evocada no tempo.
 - 2.2.1 Transcreve expressões que ilustrem a tua resposta.
3. Considera os versos seguintes.
 - a) «O vento passa, sonhador e distraído, / Peregrino de mil romagens.» (vv. 3-4)
 - b) «Na indizível verdura / Das folhas novas e tenras [...]» (vv. 16-17)
 - 3.1 Explica o seu significado por palavras tuas.
 - 3.2 Identifica os recursos expressivos presentes nos versos citados.

4. Observa a forma do poema.

4.1 Refere o número de estrofes que o compõem.

4.1.1 Classifica-as quanto ao número de versos.

4.2 Faz a escansão da primeira estrofe.

4.2.1 Classifica-a quanto à sua métrica.

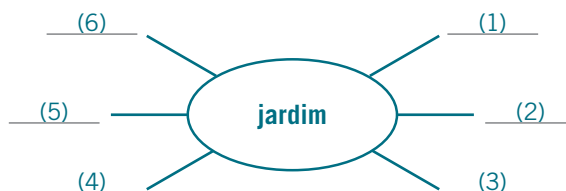
4.3 Classifica a rima do poema quanto ao esquema rimático e ao seu acento.

5. Liga os nomes aos adjetivos que os qualificam.



A	B
(a) jardim	(1) ácido e multicolor
(b) vento	(2) indizível
(c) maio	(3) fantásticos
(d) tarde	(4) brilhante e florido
(e) desalinhos	(5) clara
(f) verdura	(6) sonhador e distraído

6. Transcreve seis vocábulos que pertençam ao campo lexical de «jardim».



7. Identifica o processo de formação das palavras seguintes.

	Derivação			Composição	
	por prefixação	por sufixação	por parassíntese	morfológica	morfossintática
«brilhante»					
«florido»					
emagrecer					
«multicolor»					
fim de semana					
«indizível»					
«bailado»					
socioeconómico					

8. Nota que o poema remete para a conjugação equilibrada dos quatro elementos: a terra («o jardim»), o ar («O vento»), a água («sede de frescura») e o fogo («o ardor»).

8.1 Escolhe um destes quatro elementos, aquele com que te identifies mais, e produz uma composição poética. Respeita a estrutura desta tipologia textual.



Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta unidade, avalia o teu desempenho e indica o nível que atingiste. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.

I. ORALIDADE

	1	2	3	4	5	Pág.
Uso um tom de voz audível.						
Articulo corretamente as palavras.						
Respeito o uso da palavra pelos outros.						
Adequo a linguagem às situações de comunicação em que participo.						
Utilizo expressões adequadas para exprimir o meu ponto de vista.						
Exponho os meus argumentos de forma coerente.						
Participo responsavelmente no debate.						
Compreendo discursos orais.						

II. LEITURA

	1	2	3	4	5	Pág.
Reconheço a especificidade do texto poético.						
Leio de forma expressiva.						
Distingo tema e assunto.						
Identifico e caracterizo o sujeito poético.						
Compreendo a importância do plano fónico na construção do sentido do texto.						
Identifico a estrutura estrófica.						
Faço corretamente a escansão métrica.						
Classifico os diferentes tipos de rima.						
Reconheço as figuras de retórica.						
Comento a expressividade sugerida pelas figuras.						
Reconheço diferentes realizações poéticas em língua portuguesa.						
Analiso os elementos da poesia experimental.						
Interpreto pinturas de artistas lusófonos.						

III. GRAMÁTICA

	1	2	3	4	5	Pág.
Identifico as diferentes classes de palavras.						
Distingo o valor dos diferentes tempos e modos verbais.						
Construo adequadamente o campo lexical.						

IV. ESCRITA

	1	2	3	4	5	Pág.
Planifico o texto de acordo com a tipologia sugerida.						
Ordeno a informação no texto que produzo.						
Confiro pessoalidade ao meu texto.						
Recorro a conectores para estruturar o meu discurso.						
Invisto na criatividade do meu texto.						
Pontuo com propriedade um texto.						
Utilizo a linguagem escrita com correção ortográfica e sintática.						
Revejo o texto que produzo.						

Agora soma a tua pontuação e verifica o teu desempenho.

0-79: Não satisfaz (Precisas de estudar muito mais e esclarecer as tuas dúvidas, procurando a ajuda do teu professor.)

80-129: Satisfaz (Precisas de rever os conteúdos abordados e consolidar conhecimentos!)

130-144: Satisfaz bem (Desenvolveste um bom trabalho. Deves continuar a estudar!)

145-160: Satisfaz plenamente (Parabéns! O teu desempenho foi excelente! Continua!)

4

Quotidiano em caixa alta

192 **HIPERPÁGINA** — A Imprensa em Portugal

NOTÍCIA

194 «Agricultura urbana e sustentabilidade em debate»

REPORTAGEM

198 «A Casa de José Saramago abre oficialmente nesta sexta-feira»

PUBLICIDADE

200 «O Banco Alimentar precisa do herói que há em si»,
e «A origem de um novo ritual — Terra Nostra
gourmet»

202 **OFICINA DE ESCRITA 4**

204 **OFICINA DE ESCRITA 5**

207 **OFICINA DE ESCRITA 6**

211 **LER MAIS** — «*Bartoon*», «*Made in Madeira*»,
«Cortiça, Cultura, Natureza, Futuro.»
e «Tente adivinhar o futuro desta criança.»

213 **FICHA INFORMATIVA 18** — A notícia

214 **FICHA INFORMATIVA 19** — A reportagem

215 **TESTE FORMATIVO**

217 **AUTOAVALIAÇÃO**





«Numa democracia, inimaginável sem liberdade de imprensa, sem liberdade de opinião, sem expressão de visões contraditórias, a imprensa desempenha um papel que não pode de forma alguma contribuir para calar o que é inoportuno ou incómodo. Quando o faz de forma equilibrada, rigorosa, sem sensacionalismos ou exageros, funciona como um dos indispensáveis contrapesos que limitam e permitem controlar os poderes escolhidos democraticamente.»

JOSÉ MANUEL FERNANDES, *Livro de Estilo*, Público, 2005.

ANALISAR A IMAGEM E O TEXTO

1. O que representa a imagem?
2. O texto apresentado remete para
 - a) a missão da imprensa.
 - b) o papel da imprensa numa sociedade democrática.
 - c) o caráter sensacionalista da imprensa.

A imprensa em P

Tudo começou com Gutenberg

A necessidade de comunicar faz parte da essência humana e, por isso, desde os primórdios da Humanidade, passa por várias etapas, consoante a evolução dos tempos. A invenção da Imprensa, cerca de 1438, por Gutenberg, vai constituir um passo decisivo na divulgação dos livros, em particular, e da informação, em geral. Até aos nossos dias, a imprensa/tipografia foi-se modernizando, passando-se das máquinas totalmente manuais até às completamente computadorizadas.



Máquina de impressão manual em madeira

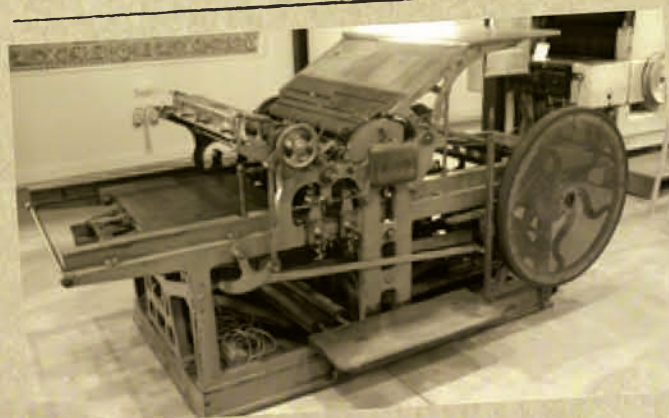
Este tipo de prelo em madeira é um melhoramento do prelo do século xv, tendo a sua tipologia perdurado do século xvi ao século xviii. Admite-se que seja um dos primeiros prelos que funcionaram na Real Imprensa da Universidade, fundada em Coimbra em 1772, pelo Marquês de Pombal. Este exemplar do século xviii é um dos únicos exemplares existentes em Portugal e dos poucos em todo o mundo.

O prelo era acionado por dois operários, os impressores, que repartiam alternadamente o trabalho de acordo com várias etapas sequenciais.

Máquina de impressão manual em ferro

A construção de prelos em ferro que se verificou desde o final do século xviii e início do século xix, quer no continente americano (1797), quer na Europa (1795), permitiu sobretudo uma melhoria da rapidez de impressão.

O primeiro prelo de impressão Albion Press foi construído em 1825 por J.M. Powell na Inglaterra, e a partir daí difundido em todo o mundo. Este prelo manual, raro pelo seu tamanho, foi utilizado ao longo dos primeiros anos do jornal *O Comércio do Porto*.



Máquina de impressão a motor

Esta máquina planocilíndrica de 1907 pode funcionar manualmente ou a motor. A introdução do motor foi um grande avanço naquela época, realizando maiores tiragens em menor tempo e com menos pessoal envolvido. Foi o início de uma nova era.

Portugal

Pequena cronologia do jornalismo em Portugal

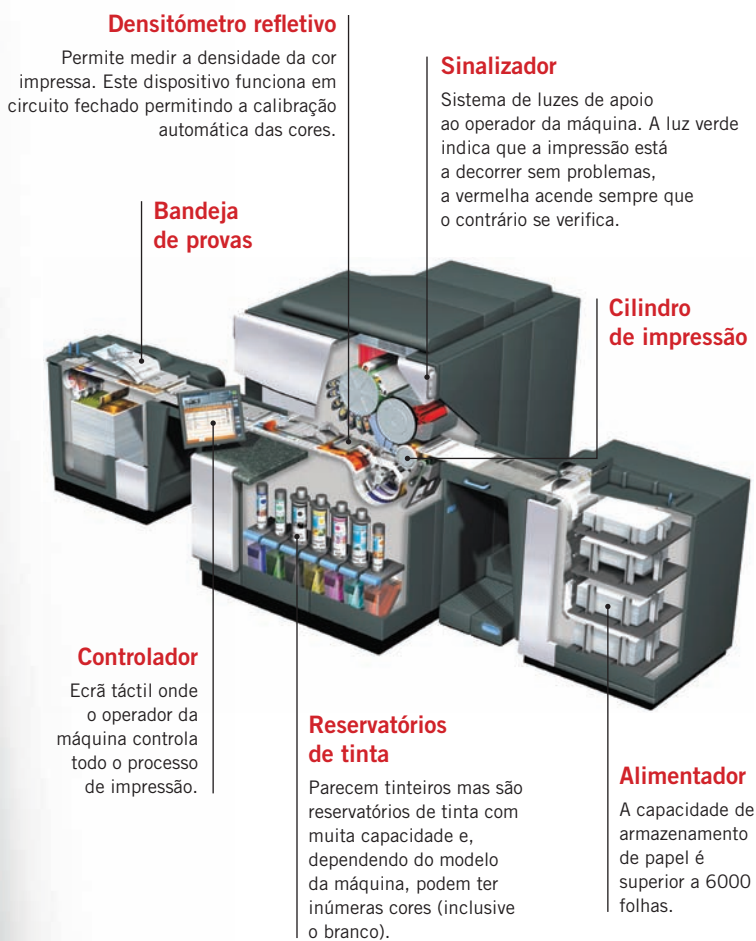
- 1626: *Relação Universal do que Succedeu em Portugal e Mais Províncias do Occidente e Oriente*
- 1641: *Gazeta da Restauração*
- 1663: *Mercúrio Português*
- 1715: *Gazeta de Lisboa*
- 1741: *Mercúrio Político e Histórico*
- 1752: *Mercúrio Filosófico*
- 1753: *Mercúrio Gramatical*
- 1761: *Gazeta Literária ou Notícia Exata dos Principais Escritos que Modernamente se Vão Publicando na Europa*
- 1762: *Gazeta Extraordinária de Londres*
- 1763: *Hebdomadário Lisbonense*
- 1779: *Jornal Enciclopédico Dedicado à Rainha Nossa Senhora e Destinado para Instrução Geral com a Notícia dos Novos Descobrimentos em todas as Ciências, e Artes*
- 1794: *Mercúrio Histórico, Político e Literário de Lisboa*
- 1808: *Gazeta do Rio de Janeiro A Minerva Lusitana*
- 1809: *Diário do Porto; Diário Lisbonense*
- 1814: *O Português*
- 1826: *O Periódico dos Pobres*
- 1854: *O Comércio do Porto*
- 1864: *Diário de Notícias*
- 1866: *Diário Popular; Jornal de Notícias*
- 1869: *O Primeiro de Janeiro*
- 1881: *O Século*
- 1900: *O Mundo*
- 1921: *Diário de Lisboa*
- 1945: *A Bola*
- 1949: *Record*
- 1973: *Expresso*
- 1979: *Correio da Manhã*
- 1985: *O Jogo*
- 1990: *Público*
- 1999: *Diário Digital*
- 2001: *Destak*
- 2006: *Sol*
- 2007: *i*
- 2009: *Metro*

Fonte: www.museudaimprensa.pt

Impressão digital... o futuro

Em produção gráfica, a impressão digital é um método de impressão no qual a imagem é gerada a partir da entrada de dados digitais diretamente do computador para a impressora.

Os equipamentos de impressão digital de grandes formatos têm uma resolução cada vez melhor, pelo que os gráficos, as imagens e os textos são impressos com nitidez, apresentando uma qualidade cada vez mais elevada.



APLICA OS TEUS CONHECIMENTOS

1. Dos títulos apresentados do século XIX, quais estão ainda em circulação?
2. Agrupa os títulos a partir do século XX em diários e semanários.
3. Identifica os jornais desportivos.
4. Pesquisa a periodicidade dos jornais *Diário Digital* e *Expresso*.
5. O que distingue os jornais *Destak* e *Metro* dos restantes?

1. Todos os dias somos confrontados com vários meios de comunicação social.
 - 1.1 Dialoga com a turma sobre a frequência com que acedes às notícias através de jornais, de revistas, da televisão, da rádio ou da Internet.

NOTÍCIA

Congresso Internacional no Seixal

Agricultura urbana e sustentabilidade em debate

Nos dias 7 e 8 de abril de 2011, o Auditório Municipal do Seixal recebe o Congresso Internacional de Agricultura Urbana e Sustentabilidade, que propõe o debate e a troca de experiências sobre uma temática que é hoje em dia reconhecida como parte da solução para os problemas do crescimento urbano. A iniciativa conta com a presença do secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural, Rui Barreiro, e do presidente da Câmara Municipal do Seixal, Alfredo Monteiro.

O congresso irá apresentar sessões temáticas, *workshops*, exposições e exibição de filmes, promovidos por especialistas nacionais e internacionais sobre os temas do Planeamento e Políticas Públicas, Saúde, Nutrição e Segurança Alimentar, Integração Social, Participação Cívica e Cidadania, Educação Ambiental, Agricultura Sustentável e Saúde Pública.

A importância da Agricultura Urbana cresceu rapidamente nas últimas duas décadas, passando a fazer parte da agenda internacional, quer em termos de desenvolvimento de políticas quer de concretização de projetos. As iniciativas promovidas e o trabalho desenvolvido neste âmbito refletem-se hoje na efetiva consciencialização das autoridades nacionais e locais sobre a importância que o acesso aos meios para produção de alimento tem nas comunidades urbanas, tendo essas mesmas autoridades começado a trabalhar com os agricultores urbanos em vez de estar contra eles.

Durante a última década, o município do Seixal, através dos seus cidadãos, técnicos e políticos, tem procurado estratégias de concretização de projetos de Agricultura Urbana e organiza, este ano, este congresso internacional, em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa e com a Escola Superior Agrária de Coimbra.



No dia 7 de abril, comemora-se o Dia Mundial da Saúde e o congresso assinala o momento com a «Caminhada da primavera Seixal Saudável», que se realiza no dia 10 de abril, domingo, e que inclui uma visita às hortas urbanas existentes na zona da Quinta da Princesa.

A iniciativa é organizada pela Câmara Municipal do Seixal, em colaboração com a Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa e a Escola Superior Agrária de Coimbra — Grupo de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Urbana.

As inscrições podem ser realizadas através dos Serviços *online*, no *site* da Câmara Municipal do Seixal.

www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=260996&mostra=2,
4 de abril de 2011 (texto adaptado).

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Atenta na estrutura da notícia transcrita.
 - 1.1 Identifica as diversas partes que a constituem.
 - 1.1.1 Delimita-as, justificando a tua resposta.
2. Atenta nas informações fornecidas.
 - 2.1 Refere o nome das várias entidades que participam no acontecimento em causa.
 - 2.2 Indica o nome do evento.
 - 2.2.1 Enumera as diversas atividades realizadas no seu âmbito.
3. Repara agora no que constitui o núcleo desta notícia.
 - 3.1 Quem participa no congresso?
 - 3.2 Onde se realiza?
 - 3.3 Quando se realiza?
 - 3.4 Que razão presidiu à escolha do local?
 - 3.5 O que justifica a organização deste congresso?
 - 3.6 Que instituições são por ele responsáveis?
4. Considera a referência que é feita ao dia 7 de abril.
 - 4.1 O que se comemora?
 - 4.2 Que iniciativas prevê o congresso para assinalar essa data?
 - 4.3 Relaciona essa comemoração com a temática em debate.
5. Observa, agora, o cartaz que acompanha a notícia.
 - 5.1 Interpreta a imagem que o constitui.
6. Completa com exemplos da notícia apresentada.



Características da linguagem	Exemplos
Vocabulário simples.	(1)
Utilização predominante do nome e do verbo.	(2)
Frases de tipo declarativo.	(3)
Discurso de 3.ª pessoa.	(4)

Consulta a ficha informativa 18, «A notícia», na página 213.

EXPRESSÃO ESCRITA

7. De acordo com a notícia, nota que a sustentabilidade das cidades passa pela agricultura urbana.
 - 7.1 Respeitando a estrutura tradicional da notícia, escreve um texto que dê conta de uma iniciativa neste âmbito, promovida pela autarquia da localidade em que resides. Planifica o texto e revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

8. Prepara a leitura destas quatro notícias e lê-as em voz alta.

TEXTO A

Fado de Joana Amendoeira em Guimarães

A fadista Joana Amendoeira atua este sábado no Centro de Artes e Espetáculos São Mamede, em Guimarães. O concerto baseia-se essencialmente no seu mais recente álbum, *Sétimo Fado*, e está marcado para as 22 horas.

Joana Amendoeira será acompanhada por Pedro Amendoeira (guitarra portuguesa), Pedro Pinhal (viola), Davide Zaccaria (violoncelo), Paulo Paz (contrabaixo) e Filipe Raposo (piano).

Editado em 2010, *Sétimo Fado* foi apresentado recentemente em Madrid, por ocasião do seu lançamento no mercado espanhol através da «Le Chant du Monde» (Harmonia Mundi Iberia), que vai passar a distribuir os discos da fadista para todo o Mundo.

Natural de Santarém, a cantora editou o primeiro disco em 1998, sob o título *Olhos Garotos*. O segundo registo, *Aquela Rua*, surgiu dois anos mais tarde.

Jornal de Notícias, 8 de abril de 2011.

TEXTO B

Portuguesa faz descoberta sobre peixe do Tejo

A bióloga Raquel Vasconcelos estudou o sistema auditivo do xarroco.

Investigadora no Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, descobriu que aquele peixe, que é muito comum no estuário do Tejo, consegue discriminar sons complexos. «Foi uma

surpresa», confessou a bióloga ao DN. Este peixe não era considerado especialista em discriminação auditiva porque não possui estruturas de amplificação do som ligadas ao ouvido interno.

Diário de Notícias, 10 de abril de 2011.

TEXTO C

Coimbra

Jovens cientistas premiados

Os vencedores das Sétimas Olimpíadas Júnior são conhecidos hoje, às 16h00, no Departamento de Química da Universidade de Coimbra. O prémio distingue alunos dos 8.º e 9.º anos de escolaridade e resulta de uma iniciativa conjunta da Sociedade Portuguesa de

Química e de diferentes universidades portuguesas. Os vencedores da final nacional disputam as olimpíadas europeias de ciência, que decorrerão em 2012, na Lituânia.

Diário As Beiras, 2 de abril de 2011.

TEXTO D

Cursos de condução de bicicleta em meio urbano

A Câmara Municipal de Lisboa, em colaboração com a Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta, vai promover cursos de condução de bicicleta em meio urbano, todos os sábados de 30 de abril a 21 de maio.

«O objetivo é munir o cidadão da capacidade de circulação em bicicleta, quer na forma básica, quer em estrada, preparando-o para utilizar a bicicleta no quotidiano na cidade de Lisboa, em segurança», explicam os organizadores.

Estes cursos vão realizar-se todos os sábados de 30 de abril a 21 de maio, das 08h30 às 13h00, no Parque Desportivo Municipal de S. João de Brito — Av. Brasil.

São 8 horas por nível de aprendizagem.

Nível 1 — Para aqueles que desejam aprender a andar de bicicleta num ambiente sem trânsito. Quatro sessões de 2 horas.

Nível 2 — Para aqueles que sabem andar de bicicleta mas que gostariam de aprender a andar na estrada. Duas sessões de 4 horas.

Público, 10 de abril de 2011.

8.1 No teu caderno, elabora um quadro semelhante ao seguinte e regista as informações pedidas sobre as notícias que acabaste de ler.



Textos	A	B	C	D
Partes				
Estrutura da notícia				
Título	(1)	(1)	(1)	(1)
Lead	(2)	(2)	(2)	(2)
Quem?	(3)	(3)	(3)	(3)
O quê?	(4)	(4)	(4)	(4)
Quando?	(5)	(5)	(5)	(5)
Onde?	(6)	(6)	(6)	(6)
Corpo da notícia	(7)	(7)	(7)	(7)
Conteúdo da notícia				
Tema	(8)	(8)	(8)	(8)
Título vs. conteúdo	(9)			

8.2 Apresenta as tuas conclusões à turma.

1. Visiona o vídeo intitulado «José Saramago — a Casa».

1.1 Partilha com a turma as tuas ideias sobre os aspetos seguintes.

- O significado do logótipo.
- A identificação da ilha.
- A caracterização da paisagem.
- As fotografias (realidade e sugestão).
- A opinião do autor sobre a relação trabalho/tempo.
- O espaço da casa mais valorizado.

Prepara a leitura da seguinte reportagem e lê-a em voz alta.

REPORTAGEM

Morte do Nobel português faz amanhã nove meses

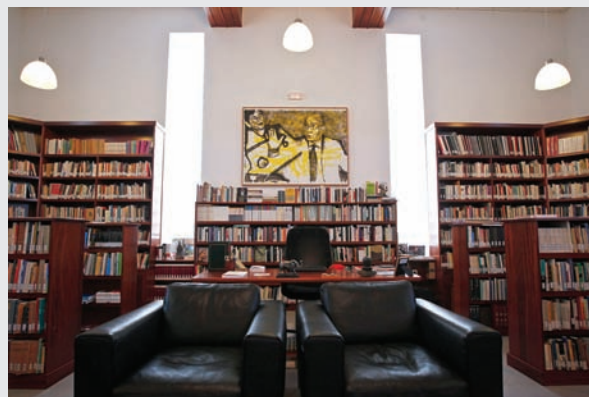
A Casa de José Saramago abre oficialmente nesta sexta-feira

POR ISABEL COUTINHO, EM LANZAROTE

No jardim da entrada da casa de José Saramago, em Tias, na ilha de Lanzarote, nas Canárias, andavam hoje à tarde muito atarefados os jardineiros. A Casa — como se lê no letreiro por cima da campinha — está a ser preparada para a inauguração oficial amanhã, dia em que se cumprem nove meses da morte de José Saramago, da Casa e Biblioteca de José Saramago, que a partir de segunda-feira abrirá ao público com visitas guiadas.

Entre palmeiras, catos, uma árvore de onde saem as folhas de louro utilizadas na cozinha, Pilar del Río pedia a um dos jardineiros: «Podem pôr as estrelas coloridas ali a um canto do jardim, numa disposição bonita e artística?». Esta tarde já muitos dos amigos, editores (virão os de Portugal, Itália e Espanha), tradutores de José Saramago chegaram à ilha e, amanhã, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa, a vereadora da cultura, Catarina Vaz Pinto e a diretora da Casa Fernando Pessoa, Inês Pedrosa, participarão no evento oficial marcado para as 20h. A ajudar nos preparativos para a abertura da Casa e da Biblioteca estavam hoje à tarde em Tias, a filha do escritor, Violante, e a sua neta, Ana Saramago.

As visitas à casa, onde o Prémio Nobel da Literatura português passou a maior parte dos seus últimos



18 anos e onde morreu no dia 18 de junho de 2010, incluem não só um percurso por espaços íntimos, como o escritório onde escreveu *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*; a sala e a cadeira onde se sentava todas as noites rodeado de quadros que artistas fizeram a partir dos seus livros; o quarto do casal, onde o escritor morreu; uma passagem pela cozinha, onde será servido um café português; mas também a visita à biblioteca, num edifício ao lado.

Durante a cerimónia de amanhã, Inês Pedrosa lerá um fragmento de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, em português, e o mesmo excerto será lido por uma artista canária. Pilar del Río explicará os motivos por que abre ao público um espaço tão íntimo. [...]

Público, 17 de março de 2011.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Lê a reportagem com atenção.
 - 1.1 Identifica o seu autor e o nome do jornal onde foi publicada.
 - 1.2 Onde se encontram os repórteres para a realização desta reportagem?
2. Observa a entrada da reportagem.
 - 2.1 Indica o motivo que justifica a reportagem.
 - 2.1.1 Refere a efeméride associada ao evento.
 - 2.2 Justifica o nome atribuído ao local.
3. Repara na figura feminina que se destaca no texto.
 - 3.1 Identifica-a e refere o que a unia a José Saramago.
 - 3.2 Quem a auxilia nos preparativos?
4. Considera o espaço a inaugurar.
 - 4.1 O que o torna tão especial?
 - 4.2 Descreve o roteiro das visitas.
 - 4.3 Refere o alinhamento da cerimónia da inauguração.
5. Atenta na estrutura da reportagem apresentada.
 - 5.1 Identifica as partes que a constituem.
 - 5.2 Apresenta três características que provem que se trata de uma reportagem.

ROTEIRO

Um **roteiro**, ou itinerário, é uma descrição pormenorizada de uma viagem (caminhos, ruas, etc., de uma região ou povoação e todos os acidentes marítimos e geográficos), de uma visita a um espaço público (trajeto: salas, jardim, etc.; experiências) ou de uma atividade económica (roteiro gastronómico, das pescas, etc.). É também a designação dada ao livro onde se encontram registados todos os pormenores de uma viagem/atividade económica importante.

GRAMÁTICA

6. Relê as frases seguintes e identifica as funções sintáticas.
 - a) «A Casa de José Saramago abre oficialmente nesta sexta-feira.» (título)
 - b) «Durante a cerimónia de amanhã, Inês Pedrosa lerá um fragmento de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* [...]» (ll. 34-35)

EXPRESSÃO ESCRITA

7. Lê o início do romance de Saramago intitulado *Ensaio sobre a Cegueira* (Caminho, 1995).

«O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. Na passadeira de peões surgiu o desenho do homem verde. A gente que esperava começou a atravessar a rua pisando as faixas brancas pintadas na capa negra do asfalto, não há nada que menos se pareça com uma zebra, porém assim lhe chamam.»

 - 7.1 Redige uma reportagem a partir do excerto. Planifica o texto e revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 19, «A reportagem», na página 214.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

8. Visiona o filme-documentário intitulado *José e Pilar*, de Miguel Gonçalves Mendes.
9. Pesquisa informação relativa à vida e obra de José Saramago e traça o seu perfil biográfico e literário. Prepara uma apresentação oral em que exponhas à turma os resultados da tua pesquisa. Se possível, socorre-te de um suporte informático.

ANTES DE LER

1. Diariamente, somos expostos a várias campanhas publicitárias.
 - 1.1 Dialoga com os teus colegas sobre o poder da publicidade nos dias de hoje.

PUBLICIDADE

TEXTO A



RECOLHA DE ALIMENTOS NOS DIAS 3 E 4 DE MAIO.

Para fazer chegar alimentos a milhares de pessoas durante o ano inteiro, o Banco Alimentar precisa das suas super qualidades. Já há muitos heróis a contribuir, mas queremos mais. Porque, por mais simples que seja a sua contribuição, além de ser um acto heróico, ela faz toda a diferença. Contribua na próxima Campanha de Recolha de Alimentos, nos dias 3 e 4 de Maio. Seja o nosso herói.



Visão, 19 de maio de 2010.

TEXTO B



Visão, 19 de maio de 2010.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Observa o texto A.
 - 1.1 A que valores faz apelo o anúncio?
 - 1.2 Comenta o logótipo da instituição em causa.
 - 1.3 Identifica a palavra do *slogan* que estabelece a ligação com a imagem.

2. Considera o texto B.

2.1 Explica a relação existente entre a marca do produto e os elementos icónicos apresentados no anúncio.

2.2 Porque é que se pode dizer que este anúncio publicitário promove uma região de Portugal?

2.3 Relaciona a marca *Terra Nostra* com a ilha de São Miguel.

3. No teu caderno, elabora um quadro semelhante ao seguinte e completa-o com o resultado da análise que fizeres aos anúncios publicitários apresentados.

	Texto A	Texto B
Produto publicitado	(1)	(1)
Público a que se destina	(2)	(2)
Tipo de publicidade	(3)	(3)
Respeito pela sigla AIDMA	(4)	(4)
<i>Slogan</i>	(5)	(5)
Tipos de frases dominantes	(6)	(6)
Classes de palavras mais utilizadas	(7)	(7)
Partes constituintes	(8)	(8)
Recursos linguísticos mais relevantes	(9)	(9)
Comentário ao aspeto gráfico	(10)	(10)

GRAMÁTICA

4. Relê o texto A.

4.1 Identifica três palavras escritas com a grafia anterior ao Acordo Ortográfico.

4.2 Reescreve-as conforme o novo Acordo, explicando as mudanças ocorridas.

EXPRESSÃO ESCRITA

5. Imagina que tens de fazer um anúncio publicitário.

5.1 Escolhe o «produto» que queres publicitar e redige esse anúncio, respeitando as partes que o constituem, bem como a sigla AIDMA. Revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

6. Com os teus colegas, e sob orientação do diretor de turma, identifica um comportamento a modificar na tua escola e desenvolve uma campanha publicitária para esse efeito. Depois de identificares o problema, deves propor um novo comportamento, criar um *slogan* apelativo e eficaz, produzir imagens chamativas, etc.

Numa unidade vocacionada para o texto informativo e em que surge também o texto publicitário, não poderíamos deixar de te sensibilizar para a riqueza turística do nosso país.

Neste sentido, propomos-te a OFICINA DE ESCRITA: **Vem conhecer a minha TERRA — traz um amigo também!**

O objetivo desta OFICINA é produzir em grupo um **cartaz publicitário**, onde promovas a tua terra ou a tua região.

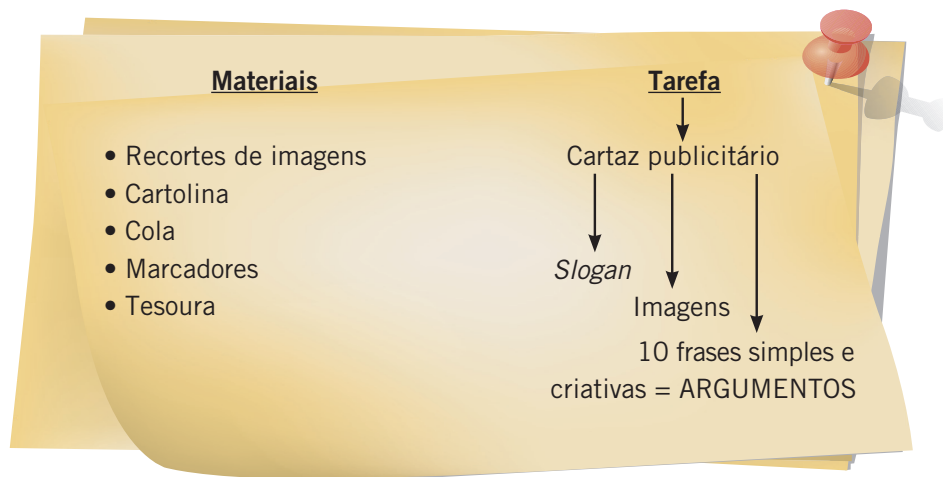


OUVIR/FALAR

Como estratégia de motivação, sugerimos a visualização do vídeo promocional do concelho de Pampilhosa da Serra, região que vale a pena conhecer pelos variados pontos de interesse que oferece: http://www.youtube.com/watch?v=p_gf8RU1yv8.

Em grande grupo, reflete sobre os mecanismos de construção do texto, tendo em conta os seguintes aspetos: a animação inicial, as imagens, a música, as palavras-chave e o *slogan*.

É chegado o momento de formar os grupos: cada grupo não deve exceder cinco elementos, constituído por alunos da mesma localidade ou região.



Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

ESCREVER

1.ª ETAPA

PLANIFICAÇÃO

- Elaborar uma lista de **palavras-chave** ou ideias a desenvolver.
- Estabelecer a estrutura textual: simulando a disposição dos vários elementos do cartaz.
- Concretizar o plano.
- Definir os conteúdos de gramática:
 - frases imperativas e exclamativas;
 - adjetivos e expressões valorativas;
 - metáforas; jogos de palavras...

2.ª ETAPA

TEXTUALIZAÇÃO

- Produzir o *slogan* e as dez frases argumentativas, seguindo o plano traçado como guia e utilizando os conhecimentos relativos aos conteúdos gramaticais selecionados;
- Respeitar a pessoa e os tempos verbais;
- Adequar o registo de língua ao contexto;
- Investir na riqueza vocabular e estilística.

3.ª ETAPA

REVISÃO

- Aperfeiçoar o texto, verificando os aspetos seguintes:
 - ortografia e pontuação;
 - acentuação e estruturação frásica.

4.ª ETAPA

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ESCRITA

Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta OFICINA DE ESCRITA, **avalia** o teu desempenho, indicando o nível que atingiste na concretização de cada uma das etapas de escrita. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.



1.ª ETAPA	PLANIFICAÇÃO	Não	±	Sim
	Respeitei o tema da tarefa proposta.			
	Selecionei um conjunto de palavras-chave e ideias.			
	Esquematizei, utilizando as ideias selecionadas.			
	Defini previamente os conteúdos gramaticais.			
2.ª ETAPA	TEXTUALIZAÇÃO	Não	±	Sim
	Produzi o cartaz de acordo com a planificação.			
	Respeitei os tempos verbais.			
	Utilizei a linguagem de forma criativa.			
	Adequiei o registo de língua ao texto produzido.			
3.ª ETAPA	REVISÃO	Não	±	Sim
	Verifiquei a ortografia e a acentuação.			
	Revi a pontuação e a construção frásica.			
4.ª ETAPA	AVALIAÇÃO	Não	±	Sim
	Empenhei-me na realização da Oficina de Escrita.			
	Criei um bom clima de trabalho no grupo.			
	Respeitei as opiniões dos meus colegas.			
	Segui as orientações do professor.			

Analisa o teu desempenho. Se respondeste:

- «Sim» a 18-20 itens (Fizeste um excelente trabalho.)
- «Sim» a 14-17 itens (Fizeste um bom trabalho.)
- «Sim» a 10-13 itens (Fizeste um trabalho satisfatório.)

- «±» à maioria dos itens (Precisas de refazer o texto.)
- «Não» a mais de 10 itens (Pede ajuda ao teu professor.)

Propomos-te nesta OFICINA DE ESCRITA a construção de um possível **roteiro** a realizar na tua terra ou região, sobre a qual elaboraste o cartaz publicitário na Oficina de Escrita 4.

ROTEIRO

Um **roteiro**, ou itinerário, é uma descrição pormenorizada de uma viagem (caminhos, ruas, etc., de uma região ou povoação e todos os acidentes marítimos e geográficos), de uma visita a um espaço público (trajeto: salas, jardim, etc.; experiências) ou de uma atividade económica (roteiro gastronómico, das pescas, etc.).

É também a designação dada ao livro onde se encontram registados todos os pormenores de uma viagem/atividade económica importante.

O tipo de linguagem a usar num roteiro deve respeitar os seguintes parâmetros:

- Registo de língua cuidado (formal);
- Predominância de presente e/ou futuro do indicativo, e do presente do conjuntivo;
- Utilização da segunda pessoa do plural ou da terceira do singular/plural;
- Clareza, precisão e objetividade;
- Modos expositivo, descritivo e/ou narrativo.

De seguida, apresenta-se um excerto de um modelo possível de roteiro.

Figuras de Lisboa

Duração total: 3 horas

Descrição:

Debaixo do arco central da **Praça do Comércio**, atentemos no próprio monumento. Projetado por Veríssimo José da Costa, tem esculturas de Calmels que representam grandes figuras portuguesas: Viriato, o herói arcaico da independência, Vasco da Gama, o que abriu novos mundos ao mundo, Nuno Álvares Pereira, o heroico condestável dos combates contra os espanhóis, e o reconstrutor da cidade, o Marquês de Pombal.

É exatamente na direção do Marquês que apontaremos o nosso destino, por isso, começemos o percurso pela **Rua Augusta**. A terceira transversal é a **Rua da Conceição**, uma das raras por onde ainda passam os elétricos na cidade, e que é uma das poucas ruas da Baixa que continuou a tradição da organização por «mesteres», já que ainda hoje aí se concentram os retroseiros.



Logo depois da esquina, no primeiro andar do n.º 93, podemos observar uma placa que indica o sítio exato onde nasceu o poeta modernista Mário de Sá-Carneiro (1890-1916); companheiro de Fernando Pessoa, preferiu Paris à capital portuguesa e nessas paragens escolheu morrer, muito novo, deixando atrás de si um rasto de génio e rebeldia.

Por entre o bulício de gentes diversíssimas ocupadas nos afazeres do consumo e dos negócios, vamos encontrar ao fundo da Rua Augusta a grande praça da cidade que é o **Rossio**. No n.º 26, viveu e iniciou a sua vida literária Eça de Queirós (1845-1900), o romancista que passa incólume de geração em geração, pelo génio e humor com que descreve o carácter português. Por baixo, podemos entrar no famoso **Café Nicola**, onde se evoca, em pinturas assinadas por F. Santos, datadas de 1935, a biografia do literato e boémio Bocage (1765-1805). Do lado direito, à entrada, um soneto regista o carácter do poeta pré-romântico.



<http://e-cultura.pt/Itinerarios>, consultado em 15 de abril de 2014
(com adaptações e supressões).

Para dar corpo ao roteiro, é necessário, pois, seguir um método que corresponde a diferentes etapas: **planificação**, **textualização**, **revisão** e **avaliação**.

Consulta a ficha informativa 1,
«Como escrever melhor...»,
na página 20.

1.ª ETAPA

PLANIFICAÇÃO

Antes de se redigir um roteiro, devem cumprir-se as seguintes etapas:

- 1.º Elaborar um guião para preparar a atividade que será relatada e, no decorrer desta, tomar notas pessoais e recolher informações;
- 2.º Planificar o roteiro com base no guião e nos dados recolhidos — só com o plano do texto se deve iniciar a redação;
- 3.º Consoante a atividade apresentada, recorrer à descrição, à narração e à exposição.

2.ª ETAPA

TEXTUALIZAÇÃO

- Produzir o texto, seguindo o plano traçado como guia e utilizando os conhecimentos relativos aos conteúdos gramaticais selecionados;
- Marcar corretamente os parágrafos;
- Respeitar a pessoa gramatical e os tempos verbais;
- Produzir frases curtas e objetivas;
- Diversificar a construção frásica, nomeadamente no que diz respeito aos conectores e ao vocabulário;
- Adequar o registo de língua ao contexto.

3.ª ETAPA

REVISÃO

- Aperfeiçoar o texto, verificando os aspetos seguintes:
 - ortografia e acentuação;
 - pontuação;
 - estruturação frásica;
 - variedade vocabular (uso de vocábulos de sentido equivalente);
 - repetições (supressão de ideias; deslocação de segmentos textuais; ...)

4.ª ETAPA

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ESCRITA

Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta OFICINA DE ESCRITA, **avalia** o teu desempenho e indica o nível que atingiste na concretização de cada uma das etapas de escrita. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.



1.ª ETAPA

PLANIFICAÇÃO

	Não	±	Sim
Respeitei a minha perspetiva face ao tema.			
Selecionei um conjunto de palavras-chave.			
Organizei as ideias em função do esquema tripartido.			
Esquematizei, utilizando as ideias selecionadas.			
Defini previamente os conteúdos gramaticais.			

2.ª ETAPA

TEXTUALIZAÇÃO

	Não	±	Sim
Produzi o meu texto de acordo com a planificação.			
Assinalei corretamente os parágrafos.			
Respeitei os tempos verbais.			
Apliquei devidamente os diversos conectores.			
Adequeei o registo de língua ao texto produzido.			

3.ª ETAPA

REVISÃO

	Não	±	Sim
Verifiquei a ortografia e a acentuação.			
Revi a pontuação e a construção frásica.			
Substituí alguns vocábulos, evitando a repetição.			
Suprimi algumas ideias redundantes.			
Desloquei alguns segmentos textuais.			

4.ª ETAPA

AVALIAÇÃO

	Não	±	Sim
Empenhei-me na realização da Oficina de Escrita.			
Criei um bom clima de trabalho na aula.			
Respeitei o trabalho dos meus colegas.			
Segui as orientações do professor.			
Melhorei a minha expressão escrita.			

Analisa o teu desempenho. Se respondeste:

«Sim» a 18-20 itens (Fizeste um excelente trabalho.)

«Sim» a 14-17 itens (Fizeste um bom trabalho.)

«Sim» a 10-13 itens (Fizeste um trabalho satisfatório.)

«±» à maioria dos itens (Precisas de refazer o texto.)

«Não» a mais de 10 itens (Pede ajuda ao teu professor.)

A **carta de apresentação** surge sempre que alguém pretende candidatar-se a um emprego ou cargo e deve ser acompanhada de um **currículo**. Tem como funções a apresentação de uma candidatura, a informação do envio do currículo e o eventual pedido de realização de uma entrevista. Por isso, e tal como o currículo, tem de transmitir uma imagem favorável da pessoa que a escreveu.

Propomos-te nesta OFICINA DE ESCRITA a redação de uma **carta de apresentação**, com o correspondente **currículo**, que pode ser enviado em anexo a um pedido de emprego ou a uma resposta a um anúncio.

A CARTA DE APRESENTAÇÃO

A carta de apresentação deve ser breve e direta e incluir as partes constitutivas de qualquer carta (cabeçalho, saudações, corpo da carta, despedidas e assinatura):

Cabeçalho:

- Identificação do emissor (à esquerda) — nome e morada da pessoa que escreve a carta;
- Local e data;
- Destinatário (à direita) — pessoa ou empresa a quem vai dirigida, endereço (que não tem de estar tão completo como no envelope);
- Possível **referência** de classificação (palavra ou código numérico) — as fórmulas mais comuns são: *V/Ref.^a XXX* (a nossa referência) e *S/Ref.^a XXX* (a sua referência);
- Assunto (opcional) — uma palavra ou expressão-chave.

Saudação inicial — vocativo: sempre seguido de vírgula (tratamento de cortesia, sem esquecer o cargo da pessoa a quem se dirige), as fórmulas mais comuns são: *Excelentíssimo(s) Senhor(es)*, *Excelentíssimo Senhor Diretor*, *Excelentíssimo Senhor Doutor*, etc.

Corpo da carta (contexto ou assunto): localiza-se duas ou três linhas após a saudação. Deve ser redigido com clareza, precisão e coerência; pode conter introdução (com o assunto da carta), desenvolvimento (o candidato explicita os motivos por que considera ser a pessoa adequada para desempenhar aquela função) e conclusão (com uma síntese do que foi dito antes).

Despedida: num parágrafo breve, o candidato saúda o destinatário convidando-o a contactá-lo para uma entrevista. Pode terminar com: *Com os melhores cumprimentos*, *Sinceros cumprimentos*, *Atentamente*, *Cordialmente*, etc.

Assinatura: inclui a rubrica do remetente e, por baixo desta, o seu nome completo e, opcionalmente, o cargo exercido.

O tipo de linguagem a usar deve respeitar os seguintes parâmetros:

- Registo de língua cuidado (formal);
- Clareza, precisão, coerência e objetividade;
- Predominância da primeira pessoa do presente e/ou futuro do indicativo;
- Utilização da segunda pessoa do plural, no possessivo («Vossa»);
- Modos expositivo, descritivo e/ou narrativo na apresentação dos factos.

Atualmente, muitas cartas de apresentação são enviadas por correio electrónico, mas seguem a maioria dos princípios das cartas tradicionais.

Exemplo de carta de apresentação e respetivo *curriculum vitae*:

Cabeçalho da carta

Carlos Alexandre da Silva Azevedo
Rua Bernardino Ribeiro, 34
4000-661 Porto
Contactos: 221 345 678 / 969 685 486

Destinatário

À Computex
Direção de Recursos Humanos
Rua Maria Amália, 166
4100-002 Porto

Local e data

Porto, 28 de abril de 2014

Referência

V/Ref.^a: 622/14
Engenheiro de sistemas

Ex.^{mos} Senhores,

Saudação inicial

Corpo

Em resposta ao vosso anúncio publicado no diário *Público* do dia 26 de abril de 2014, anunciando uma vaga para o vosso Departamento de Engenharia, venho apresentar a minha candidatura a esse lugar.

Tenho 26 anos e terminei a minha licenciatura em Engenharia Informática e de Computadores em 2010. Presentemente, sou engenheiro de *software* na empresa Computerland, o que me tem permitido adquirir uma experiência prática apreciável. Possuo um grande sentido de responsabilidade e, nas funções que tenho desempenhado, dei provas de flexibilidade e iniciativa.

Junto envio o meu *Curriculum Vitae*, estando disponível para uma eventual entrevista que entendam por necessária.

Na esperança de ser brevemente contactado, despeço-me com os meus melhores cumprimentos.

Porto, 28 de abril de 2014

Despedida



Carlos Alexandre da Silva Azevedo

Assinatura

CURRICULUM VITAE

Dados pessoais

Nome: Carlos Alexandre da Silva Azevedo

Data e Local de nascimento: 29/11/1988, no Porto

Nacionalidade: Portuguesa

Morada: Rua Bernardino Ribeiro, 34 — 4000-661 Porto

BI: 12345678

NIF: 123456789

e-mail: carlos.silvazevedo@tecn.com

Contactos: 221 345 678 / 961 234 567

Formação académica

2010 Finalização da licenciatura em Engenharia Informática e de Computadores, no Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa.

2006 Finalização do Ensino Secundário na Escola Secundária D. Sancho I, em Vila Nova de Famalicão.

Experiência profissional

2013- Engenheiro de Software, na Computerland (Matosinhos).

2011-2012 Analista-programador, na Computerland (Matosinhos).

2010-2011 Bolsa de Iniciação à Investigação concedida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento do projeto DIXI+, realizado no INESC (Instituto de Engenharia e Sistemas de Computadores).

Conhecimentos profissionais

Sistemas operativos: Windows e Linux;

Linguagens de programação: Visual Basic, Pascal, ML, SQL, Prolog, PHP, Java, HTML, HTML5 e CSS3;

Office: Word, Excel, PowerPoint, Access e outros;

Construção de páginas web em projeto DIXI+ (sintetizador de fala) do INESC;

Webdesign: DreamWeaver, FireWorks, Macromedia Flash, Adobe Photoshop, CorelPaint, PhotoPaint e Corel Draw;

Inteligência artificial.

Outros dados de interesse

Carta de condução e veículo próprio.

Gosto por desportos radicais.

Consulta a ficha informativa 1,
«Como escrever melhor...»,
na página 20.

Para dar corpo à carta, é necessário, pois, seguir um método que corresponde a diferentes etapas: **planificação**, **textualização** e **revisão**.

Planificação	Elaborar um esqueleto da carta, com as partes estruturais indispensáveis (ver estrutura da carta, pág. 207)
Textualização	Produzir o texto com coerência, tendo em conta a finalidade em causa: — marcar corretamente os parágrafos; — produzir frases curtas e objetivas; — diversificar a construção frásica, nomeadamente no que diz respeito aos conectores e ao vocabulário; — adequar o registo de língua ao contexto.
Revisão	Aperfeiçoar o texto, verificando os aspetos seguintes: — ortografia e acentuação; — pontuação; — estruturação frásica; — variedade vocabular (uso de vocábulos de sentido equivalente); — repetições (supressão de ideias; deslocação de segmentos textuais; ...)

Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta OFICINA DE ESCRITA, **avalia** o teu desempenho e indica o nível que atingiste na concretização de cada uma das etapas de escrita. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.



1.ª ETAPA	PLANIFICAÇÃO	Não	±	Sim
	Respeitei a estrutura da tipologia textual em causa.			
	Selecionei um conjunto de palavras-chave.			
	Esquematizei, utilizando as ideias selecionadas.			
2.ª ETAPA	TEXTUALIZAÇÃO	Não	±	Sim
	Produzi o meu texto de acordo com a planificação.			
	Assinalei corretamente os parágrafos.			
	Respeitei os tempos verbais.			
	Apliquei devidamente os diversos conectores.			
	Adequiei o registo de língua ao texto produzido.			
3.ª ETAPA	REVISÃO	Não	±	Sim
	Verifiquei a ortografia e a acentuação.			
	Revi a pontuação e a construção frásica.			
	Substituí alguns vocábulos, evitando a repetição.			
	Suprimi algumas ideias redundantes.			
	Desloquei alguns segmentos textuais.			
4.ª ETAPA	AVALIAÇÃO	Não	±	Sim
	Empenhei-me na realização da Oficina de Escrita.			
	Criei um bom clima de trabalho na aula.			
	Respeitei o trabalho dos meus colegas.			
	Segui as orientações do professor.			
	Melhorei a minha expressão escrita.			

Analisa o teu desempenho. Se respondeste:

«Sim» a 18-20 itens (Fizeste um excelente trabalho.)

«Sim» a 14-17 itens (Fizeste um bom trabalho.)

«Sim» a 10-13 itens (Fizeste um trabalho satisfatório.)

«±» à maioria dos itens (Precisas de refazer o texto.)

«Não» a mais de 10 itens (Pede ajuda ao teu professor.)

TEXTOS A



Luís Afonso in *Público*, 16 de abril de 2011.

TEXTOS B



<http://www.visitmadeira.pt>, 29 de julho de 2011.

TEXTOS C



<http://www.apcor.pt>, 29 de julho de 2011.

TEXTO D



<http://www.souzacruz.com.br>,
29 de julho de 2011.

1. Analisa a linguagem (tanto verbal como icônica) dos quatro textos apresentados e preenche o quadro que se segue no teu caderno, distinguindo elementos informativos e elementos persuasivos.

Textos	Elementos informativos	Elementos persuasivos
A	(1)	(2)
B	(1)	(2)
C	(1)	(2)
D	(1)	(2)

2. Diferencia os quatro textos quanto à respetiva intencionalidade.

A NOTÍCIA

A notícia constitui o centro do texto jornalístico. Trata-se de uma narrativa breve de um acontecimento da atualidade com interesse geral e em que predomina a apresentação de factos. A sua finalidade é, portanto, informativa, mas deve captar a atenção do leitor, o que é conseguido através de títulos curtos, expressivos e apelativos que sintetizam o essencial da informação divulgada.

No jornalismo atual, é comum aparecer a designação de «breves» para as notícias mais curtas que se restringem praticamente ao *lead*. Da mesma maneira, é também natural encontrarmos com frequência notícias que não obedecem à técnica da pirâmide invertida.

■ Características

Atual — relata um acontecimento da atualidade.

Interessante — o acontecimento deve ter interesse para o leitor.

Objetiva — o relato é fiel e rigoroso.

■ Estrutura

Apresenta uma estrutura **tripartida** que parte do essencial para o acessório, pelo que a mesma é representada por uma pirâmide invertida.

Título — deve ser curto, informativo e expressivo, podendo, eventualmente, ser precedido por um antetítulo e/ou seguido de um subtítulo.

Lead (cabeça ou parágrafo-guia) — corresponde, normalmente, ao primeiro parágrafo da notícia, onde se resume o acontecimento, se cativa a atenção do público e se dá resposta a quatro perguntas: **Quem?** / **O quê?** / **Onde?** / **Quando?**

Corpo da notícia — corresponde ao desenvolvimento da notícia e fornece pormenores sobre o acontecimento, respondendo a duas perguntas: **Como?** / **Porquê?**



■ Linguagem

Para cumprir o seu objetivo principal — informar — a notícia apresenta uma linguagem com características muito próprias.

Clara — articulação de parágrafos e frases recorrendo a palavras ou expressões que indiquem o tempo, o lugar, o modo, a causa, a consequência, etc.

Simples — uso de frases de tipo declarativo.

Objetiva — predomínio do uso do nome e do verbo, evitando adjetivos valorativos e frases feitas; discurso na 3.ª pessoa.

Corrente — recurso a vocabulário acessível a todos.

A REPORTAGEM

A reportagem constitui um género jornalístico mais livre, em que prevalece a intencionalidade informativa, reforçada por um trabalho de investigação mais acentuado por parte do jornalista e um contacto mais direto com o contexto e os intervenientes. Texto assinado e extenso, a reportagem decorre da perspetiva individual do repórter relativamente ao facto ou acontecimento que a origina, sendo, pois, mais subjetiva do que a notícia.

■ Características

Atual — informa sobre um facto atual.

Interessante — informa sobre um facto de interesse geral.

Objetiva — valoriza a objetividade dos factos, mas detém-se no seu *como* e no seu *porquê*.

Subjetiva — apresenta com frequência comentários pessoais do repórter.

Extensão — informa com maior pormenor; resulta da observação do repórter, que vê, ouve, sente e anota, deslocando-se ao local; é acompanhada de fotografias e integra falas dos intervenientes; é assinada (o nome do repórter pode surgir no início ou no fim da reportagem).

■ Estrutura

Título — pode ser precedido por um antetítulo e/ou seguido de um subtítulo.

Introdução ou entrada (*lead*) — apresentação do tema de forma atrativa e original, para despertar o interesse do leitor; deve responder às questões: **Quem?** / **O quê?** / **Onde?** / **Quando?**

Desenvolvimento ou corpo — narração pormenorizada dos factos, incluindo citações dos intervenientes e/ou comentários do repórter; deve responder às questões: **Como?** / **Porquê?**

Conclusão — resumo do que foi apresentado, com comentários do repórter e apelando à reflexão do leitor.

Caixa — parte destacada do corpo da reportagem, facultativa, com um tipo de letra diferente.

■ Linguagem

Clara — articulação de parágrafos e frases recorrendo a palavras ou expressões que indiquem o tempo, o lugar, o modo, a causa, a consequência; uso de frases de tipo declarativo.

Corrente — recurso a vocabulário acessível a todos. No entanto, pode explorar outro tipo de recursos que a notícia não admite.

Objetiva — predomínio do uso do nome e do verbo, discurso na 3.^a pessoa, com possíveis marcas da 1.^a pessoa; recurso a citações e alguns recursos estilísticos característicos da narrativa literária.

Lê a notícia que se segue com atenção.

Alentejo

Turismo no Património do Tempo

Portalegre assiste desde ontem ao debate *O Alentejo: Património do Tempo*, um 1.º Congresso Internacional dedicado ao tema, que hoje prossegue. Enquanto se vai conversando, no Centro de Artes do Espetáculo de Portalegre — ou só assistindo (entrada gratuita, mas mediante inscrição prévia) —, vai-se delineando o futuro turístico da região neste que é o «maior e mais significativo congresso de turismo realizado neste ano em Portugal», segundo o presidente da Entidade Regional de Turismo do Alentejo, António Ceia da Silva. Objetivo: «contribuir para uma maior variedade de produtos de *touring* cultural na região».

Ceia da Silva anunciou o reforço de campanhas promocionais a preços «apelativos» — incluindo a promoção *Conquista el Alentejo* para Espanha, que até promete participação nos custos do combustível aos turistas que pernoitem nas unidades hoteleiras da

região; e campanhas para o turismo sénior luso (*Parece Aneidota*) ou para urbanos (*Alentejo, tempo para ser feliz*), cada uma delas com chamarizes vários.

No congresso, participam cerca de 500 especialistas, nacionais e estrangeiros, que abordam e destrinçam vários temas (*Fruição do Património em Portugal: o Estado da Arte, Dos Recursos aos Produtos, A Criação Artística Contemporânea como Forma de Revitalização Patrimonial, O Branding Cultural e Operacionalização ou A Comercialização Turístico-Cultural*).

Ontem, uma gala serviu para provar as iguarias alentejanas (campeãs nas nomeações para as 7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa), onde foram entregues os Prémios Turismo do Alentejo 2011 (maravilhas da Net: por estas alturas, a lista dos premiados já deve estar *online* no nosso *site*). M.G.

Fugas, 16 de abril de 2011 (texto adaptado).

Responde, de forma clara e completa, às questões que se seguem.

1. Relê o *lead* e completa o quadro seguinte.



Quem?	(1)
O quê?	(2)
Onde?	(3)
Quando?	(4)

1.1 O «corpo da notícia» deve responder a duas perguntas. Transcreve essas passagens.



Como?	(1)
Porquê?	(2)

1.2 Consideras que a notícia apresentada respeita a técnica da pirâmide invertida? Justifica a tua resposta.

Presta atenção à reportagem que se segue.

De copa em copa

Sem medo das alturas

O desafio é sempre chegar à próxima árvore. Sem temor e em segurança — até se ter, de novo, os pés bem assentes no chão

A primeira subida não é longa, mas nem por isso o monitor Marco descarta as regras obrigatórias que impõem a qualquer participante o uso de capacete, 5 arnês, cordas, mosquetões e roldanas, instrumentos que permitem estar sempre ligado à chamada linha da vida. A cada novo desafio não se avança sem primeiro se verificar se está tudo em ordem. Caminhando em cima de 10 um cabo, tremelizando por cima de uma rede, fazendo equilíbrio sobre os diversos obstáculos até se chegar ao desafio final: 70 metros em *slide*, sobrevoando o lago das rãs. Em poucos minutos, enfrentam-se os medos e testa-se a destreza física. É assim o arborismo, 15 uma das atividades disponíveis no Bioparque, uma zona florestal localizada em Pisão, Carvalhais, São Pedro do Sul. «Dada a riqueza paisagística da região, não faltam pretextos para o visitante se manter ocupado e em contacto com a natureza», explica Adriano Azevedo, um 20 dos motores da transformação deste antigo viveiro de carvalhos em parque. Seja no percurso das sensações que entra numa mina e obriga a explorar a visão e a audição para terminar descalço no jardim das plantas aromáticas, seja na viagem de 170 metros em slide 25 por cima da piscina ou nos passeios em charrete e a cavalo, seja usando uma das trinta bicicletas disponíveis, ou fazendo canoagem num dos rios da região, Vouga, Paiva e Teixeira.

Susana Valente não esperou por dias melhores 30 e mesmo com tempo chuvoso ficou num dos *bungalows* do parque, local onde já esteve com um grupo de jovens, em setembro. «A equipa é fantástica e as atividades muito bem organizadas», conta. «Nunca cá tinha vindo nesta altura, mas estou a gostar também da paisagem, nesta época do ano», acrescenta a jovem de Anadia. 35 Além disso, «é mais sossegado», explica, antes de continuar o percurso dos treze moinhos recuperados ao longo da ribeira da Contença e que ainda moem farinha, para o fabrico de pão. Catarina Rodrigues, a coordenadora 40 do espaço, destaca as melhorias realizadas no parque, nos últimos tempos, no sentido de aumentar o conforto e intensificar as experiências. «Queremos potenciar este lugar, proporcionando um contacto com o património e apostando no conceito de família.» Até os campos 45 de férias, da Páscoa e do verão, incluem muitas atividades *outdoor*, com monitores bem preparados para atividades intensas não só jogos, mas também a participação em trabalhos nas estufas. «Ficarão sujos, mas felizes, ao mesmo tempo que aprendem como crescem alguns alimentos.»

ANDREIA FERNANDES SILVA, *Visão* n.º 1101,
10 a 16 de abril de 2014 (com adaptações).

Responde, de forma clara e completa, às questões que se seguem.

2. Identifica, no texto anterior, elementos característicos de uma reportagem.
3. Transcreve as frases que demonstram que a segurança é um aspeto fundamental nas atividades desenvolvidas no Bioparque.
4. Tendo em conta as informações apresentadas no texto, explica em que consiste o arborismo.
5. Enumera as outras atividades oferecidas pelo parque de São Pedro do Sul que são enunciadas na reportagem.



Tendo em conta as capacidades trabalhadas nesta unidade, avalia o teu desempenho e indica o nível que atingiste. Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.

I. ORALIDADE

	1	2	3	4	5	Pág.
Uso um tom de voz audível.						
Articulo corretamente as palavras.						
Respeito o uso da palavra pelos outros.						
Adequo a linguagem às situações de comunicação em que participo.						
Utilizo expressões adequadas para exprimir o meu ponto de vista.						
Partilho com a turma opiniões relativamente ao poder dos <i>media</i> .						
Comento de forma pertinente documentos audiovisuais.						
Compreendo discursos orais.						

II. LEITURA

	1	2	3	4	5	Pág.
Identifico a estrutura, as características e a linguagem da notícia.						
Identifico a estrutura, as características e a linguagem da reportagem.						
Reconheço a especificidade do texto publicitário.						
Distingo informação de manipulação.						
Distingo anúncio comercial de anúncio institucional.						
Analiso textos icónicos.						
Compreendo a importância dos jogos de linguagem nos textos dos <i>media</i> .						
Reconheço o valor dos recursos expressivos no discurso dos <i>media</i> .						
Identifico a estrutura, as características e a linguagem do roteiro.						
Identifico a estrutura, as características e a linguagem da carta de apresentação.						

III. GRAMÁTICA

	1	2	3	4	5	Pág.
Domino a noção de antónimo.						
Identifico as classes de palavras dominantes.						
Identifico as funções sintáticas de segmentos textuais.						
Aplico as regras de transformação do discurso indireto para o direto.						
Distingo o valor dos diferentes tempos e modos verbais.						
Relaciono os diferentes tipos de frase com a intencionalidade comunicativa.						

IV. ESCRITA

	1	2	3	4	5	Pág.
Planifico o texto de acordo com a tipologia sugerida.						
Respeito a estrutura dos textos que me são solicitados.						
Tenho em atenção o público-alvo do texto.						
Recorro a conectores para estruturar o meu discurso.						
Invisto na criatividade do meu texto.						
Pontuo com propriedade um texto.						
Utilizo a linguagem escrita com correção ortográfica e sintática.						
Revejo o texto que produzo.						

Agora soma a tua pontuação e verifica o teu desempenho.

0-79: Não satisfaz (Precisas de estudar muito mais e esclarecer as tuas dúvidas, procurando a ajuda do teu professor.)

80-129: Satisfaz (Precisas de rever os conteúdos abordados e consolidar conhecimentos!)

130-144: Satisfaz bem (Desenvolveste um bom trabalho. Deves continuar a estudar!)

145-160: Satisfaz plenamente (Parabéns! O teu desempenho foi excelente! Continua!)

COMEÇAR A LER...

1. Propomos-te a leitura integral do conto «Assobiando à vontade», de Mário Dionísio. Em seguida, responde às atividades que te são propostas.



BIOGRAFIA

Mário Dionísio (1916-1993)

Mário Dionísio de Assis Monteiro nasceu a 16 de julho de 1916 em Lisboa e aí morreu em 1993.

Frequentou o Liceu Camões e mais tarde o Liceu Gil Vicente. Licenciou-se em Filologia Românica, foi professor de Liceu e na Faculdade de Letras de Lisboa.

Além de contista, poeta e romancista, também se dedicou à pintura e participou em diversas exposições.

Foi talvez o primeiro teórico do Neorrealismo em Portugal, tendo colaborado na coleção «Novo Cancioneiro», determinante na consagração do Neorrealismo.

Em 1963, recebeu o Grande Prémio de Ensaio da Sociedade Portuguesa de Escritores com *A Paleta e o Mundo* (um estudo sobre a pintura), e em 1982, o Prémio do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários.

Obra: *As Solicitações e Emboscadas; O Riso Dissonante; Terceira Idade; O Dia Cinzento e Outros Contos; Monólogo a Duas Vozes; Não Há Morte nem Princípio; ...*

Assobiando à vontade



Àquela hora o trânsito complicava-se. As lojas, os escritórios, algumas oficinas, atiravam para a rua centenas de pessoas. E as ruas, as praças, as paragens dos elétricos, que tinham sido planeadas quando não havia nas lojas, nos escritórios e nas oficinas tanta gente, ficavam repletas dum momento para o outro. Nos largos passeios das grandes praças havia encontrões. As pessoas de aprumo tinham de fechar os olhos àquele desacato e não viam remédio senão receber e dar encontrões também e praguejar algumas vezes. Os elétricos apinhavam-se na linha à frente uns dos outros. Seguiam morosamente, carregados até aos estribos e por fora dos estribos, atrás, no salva-vidas, com as tais centenas de pessoas que saltavam àquela hora apressadamente das lojas, dos escritórios, das oficinas. Além disso, nos dias bonitos como aquele, as ruas da Baixa enchiam-se de elegantes que iam dar a sua volta, às cinco horas, pelas lojas de novidades e pelas casas de chá, para matar o tempo de qualquer maneira, ver caras conhecidas, cumprimentar e ser cumprimentadas, e só voltavam a casa à hora do jantar.

A multidão propunha uma confraternização à força. Era preciso pedir desculpa ao marçano que se acabava de pisar, implorar às pessoas penduradas no elétrico que se apertassem um pouco mais para se poder arrumar um pé, nada mais que um pé, num cantinho do estribo, muitas vezes sorrir para gente que nunca se tinha visto antes e apetecia insultar. Os elegantes e as elegantes achavam naturalmente tudo isto muito aborrecido. Sobre tudo a necessidade absoluta de seguir naquelas plataformas repletas em que não viajavam só cavalheiros, mas muitos homenzinhos pouco corretos e onde esses mesmos homenzinhos e mulheres vulgares deitavam um cheiro insuportável. Que fazer, no entanto, senão atirar-se uma pessoa também para aquele mar de gente que empurrava, furava, pisava e barafustava até chegar ao carro? Que fazer senão empurrar, furar, pisar e barafustar também?

O carro seguia morosamente e repleto como os outros. Felizmente, ainda havia alguns homens corretos na cidade e algumas mulherezinhas que conheciam o seu lugar. Só graças a isso as senhoras que tinham arriscado os seus sapatos e os seus chapéus naquela refrega e alguns cavalheiros respeitáveis conseguiam sentar-se.

Nos primeiros momentos de viagem, as pessoas voltavam-se nos bancos, preocupadas, tentando ver se o marido, uma amiga, um filho, não teriam ficado em terra. Os que seguiam de pé ousavam dar um passo no interior do carro, a ver se teria ficado algum lugar vago por acaso. Havia logo protestos na plataforma. Depois as pessoas acomodavam-se



o melhor que podiam, punham os braços no ar para livrar os embrulhos
 40 do aperto, fechavam bem os casacos e as malas onde levavam o dinheiro,
 o condutor puxava energeticamente o cordão da campainha muitas vezes,
 lotação completa, e o carro arrastava-se em silêncio.

Os senhores respeitáveis, com compreensível e muda zanga dos
 companheiros do lado, começavam a desdobrar os jornais da tarde e a
 45 ler as notícias por alto. As senhoras, visivelmente mal dispostas, compu-
 nham os chapéus e as golas dos casacos. Tiravam os espelhinhos da mala
 e passavam tudo em revista: o chapéu, os cabelos, os olhos, os lábios.
 Era incrível. Uma tinha ficado com o chapéu completamente de banda,
 outra perdera uma luva na confusão. Depois guardavam os espelhos,
 50 acomodavam-se melhor, percorriam com os dedos os anéis duma mão e
 da outra, para ver se estavam no lugar, se estavam todos. Olhavam umas
 para as outras, muito sérias, como quem não repara em nada. Recupera-
 vam pouco a pouco a dignidade que aquele despropósito da subida para
 o carro evaporara.

55 Nas curvas, as rodas chiavam nas calhas, debaixo do grande peso.
 Silêncio enfim — embora de vez em quando cortado pela campainha,
 quando alguém tinha a triste ideia de querer descer, pelo desdobrar dos
 jornais, pela voz dos populares, encaixados na plataforma da frente.

Tudo voltara à normalidade. A marcha do carro, a cobrança dos
 60 bilhetes, a separação entre as pessoas, que rigorosamente não conse-
 guiam separar-se umas das outras um centímetro que fosse. E, assim,
 morosamente, por curvas e retas, por ruas e praças, aquele carro cum-
 pria o seu destino de acarretar gente e ser insultado, numa das várias
 linhas que ligavam o centro da cidade aos bairros relativamente novos,
 65 onde a separação entre a chamada classe média e as camadas mais bai-
 xas da população não fora ainda convenientemente estabelecida.

Em dada altura, porém, na plataforma de trás levantou-se burbu-
 rinho. Protestos. Indignação. Cabeças voltaram-se no interior do carro.
 E viu-se um homenzinho a empurrar toda a gente e a dizer que havia
 70 lugares à frente, que o deixassem passar. Em vão lhe asseguravam que
 não havia lugar nenhum, que não podia passar, que não fosse bruto.
 O homem empurrava e teimava que havia lugares à frente. Tanto empur-
 rou que furou. Tanto furou que conseguiu entrar no interior do elétrico,
 avançou e foi sentar-se num lugar de lado que estava efetivamente vago
 75 lá à frente, ao lado duma senhora por sinal opulenta.

Foi um espanto geral e silencioso. Ninguém tinha reparado no
 lugar. E menos que ninguém, como é fácil de compreender, a própria
 senhora opulenta. Todos os atrevidos têm sorte.

O homem, que usava um chapéu coçado e um sobretudo castanho
 80 bastante lustroso nas bandas, não se sentou propriamente. Enterrou-se no
 lugar, com as mãos enfiadas pelas algibeiras dentro. Que sujeito! Devia ser
 mais novo do que parecia por causa do cabelo grisalho e da barba por fazer.

A senhora opulenta franziu a testa e remexeu-se no lugar, se assim se pode dizer, como quem procura ocupar menos espaço. Na verdade, apenas se instalou melhor. A sua intenção era fazer o homenzinho reparar na inconveniência da atitude que tomara. Mas ele não viu nada disso ou fingiu que não viu. Olhou vagamente as pessoas que tinha na frente, estendeu os lábios e começou a assobiar. A assobiar muito à vontade no interior do carro!

Primeiro, foi um assobio baixinho, pouco seguro, impercetível quase. Depois, a pouco e pouco, o sujeitinho entusiasmou-se. E o assobio aumentou de intensidade. Ouvia-se já em todo o elétrico. Os passageiros, que tinham recuperado com tanto custo a sua dignidade, fingiam que não davam pelo homem nem pelo assobio. E sossegaram quando o condutor se dirigiu ao recém-vindo. Ia aconselhá-lo a calar-se, com certeza. Mas qual! Com o maço dos bilhetes na mão e de alicate espetado, limitou-se a dizer: «O senhor?» O passageiro tirou a mão da algibeira e, sem deixar de assobiar, estendeu-a com a palma voltada para cima. Esperou que lhe levassem a moeda, recebeu o bilhete e tornou a enfiar a mão pela algibeira dentro. Toda a gente seguia a cena, interessada. Mas, quando o homem olhou as pessoas, ao acaso, voltaram todas os olhos como se ele afinal não existisse.

O assobio, umas vezes, era baixo, mal se ouvia, outras vezes, alto, muito alto, com trinados ridículos e irritantes. Ninguém sabia o que ele assobiava. E o homem também não. Qualquer coisa que lhe apetecia que fosse assim mesmo. Às vezes repetia os sons como um estribilho. Outras vezes, porém, a maior parte das vezes, passava a novas combinações, ora brandas, ora violentas, sem querer saber para nada das que ficavam para trás.

As pessoas começavam a olhar umas para as outras à socapa. Já se tinha visto coisa assim? Um ou outro cavalheiro levantava os olhos do jornal, franzia a testa, fitava com dureza o homem do chapéu coçado e sobretudo castanho, na esperança de que ele, envergonhado, parasse com aquilo. A senhora opulenta, no auge do espanto, nem se atrevia a olhar para lado nenhum, vexadíssima porque, sem ter culpa nenhuma, se encontrava em plena zona do escândalo. A que uma pessoa está sujeita!

E, no silêncio do carro, o assobio aumentava de volume. Talvez, no fundo, aquele gorjeio ridículo não fosse desagradável de todo. Simplesmente, um elétrico não é o local mais próprio para exposições daquelas. Porque não interferiria o condutor? O condutor era a autoridade do carro. Porque não interferiria? Estava-se a ver. Era tão bom como ele. A verdade, porém, é que não se conhecia nenhum regulamento que impedisse os passageiros de assobiar. Colados aos vidros do elétrico, havia papéis que proibiam fumar, cuspir no carro. Era proibido abrir as janelas durante os meses de Inverno. Mas nem uma palavra a respeito de assobios.



De repente, uma criança que ia sentada junto duma janela e já se sentia enfasiada de olhar para a rua interessou-se pelo homem. Achava-lhe tanta graça, com o seu chapéu coçado, o seu sobretudo castanho, o seu assobio... Era uma criança muito pálida, de cabelos louros e encaracolados, vestida de azul. Interessou-se tanto pelo homem que começou a bater palmas. Mas uma senhora nova e bonita, que ia ao lado dela, segurou-lhe as mãos com gentileza e afastou-lhas. Devia ir calada e quietinha. Era muito feio fazer barulho no elétrico. Uma menina bonita não fazia barulho. «Que disse eu à minha filha?» No entanto, a senhora nova e bonita não antipatizava com o homem. Olhava os embrulhos de papel vistoso que trazia nos joelhos e pensava: se não pudesse mais e comesse também a assobiar? No fundo, admirava a sem-cerimónia do homem do chapéu coçado. Não seria adorável ela própria, uma senhora casada e mãe duma garota de cinco anos, começar a assobiar num elétrico se lhe apetecesse? Quando era da idade da filha, a senhora bonita ia muitas vezes ao campo vestida com coisas velhas para poder atirar-se para a relva à vontade. Tinha uma voz muito suave e muito fresca, gostava de fazer precisamente aquilo que uma menina bonita não deve fazer. Os amigos do pai pegavam-lhe ao colo, atiravam-na ao ar. E ela ria, ria, ria até ficar sufocada. A mãe dizia: «Pronto, pronto, vamos a ter juízo, não se ri assim dessa maneira.» E, quanto mais lho diziam, mais lhe apetecia rir, rir, rir.

De vez em quando, um passageiro saía. A plataforma do carro ia-se esvaziando. E, pouco a pouco, os que ficavam foram-se habituando àquele estúpido assobio. Os cavalheiros tinham esquecido os jornais. Algumas senhoras sorriam. Já se vira um disparate assim? Principalmente a senhora opulenta não podia mais. Apertava os lábios. Sentada num banco de lado, encontrava os olhos de toda a gente. Era irresistível. E a senhora bonita pensava em ar livre e nos tempos da infância. Na escola aprendera a assobiar e a lançar o pião. Havia vozes que tinham ficado dentro dela: «Uma menina a assobiar, Nini?».

Em dada altura, o homem, sem deixar de assobiar, levantou-se e puxou o cordão da campainha. Era um homenzinho insignificante, ainda novo e já de cabelos grisalhos, chapéu coçado, sobretudo castanho muito lustroso nas bandas. Mas havia nele uma indiferença soberana pelo elétrico inteiro. Toda a gente o olhava. Com desprezo? Com ironia? Com inveja? Abriu a porta, fechou-a e saltou com o carro ainda em andamento.

As pessoas voltaram-se então umas para as outras, não resistiram mais e riram mesmo. Que homenzinho patusco! Desculpavam-se, explicavam-se sem palavras. Entendiam-se. Um minuto de simplicidade e simpatia iluminou-as. A criança que batera palmas limpou com a mão o vidro embaciado da janela à procura do estranho passageiro. Viu-o atravessar a rua, seguir pelo passeio agarrado às casas, desaparecer.

Só então a senhora nova e bonita, que era a mãe da criança, abriu os olhos. Ninguém hoje lhe chamava Nini. Nini era a filha. Ela agora



é que dizia à filha: «Uma menina a assobiar, Nini! Uma menina bonita não faz barulho.»

Ficara nos lábios e nos olhos de todos um sorriso de bondosa ingenuidade. Depois esse sorriso foi-se apagando. Morreu. As pessoas tomaram consciência da sua momentânea quebra de compostura. Lembraram-se dos seus embrulhos, dos seus anéis, dos seus jornais. Que patetice! Não havia outra palavra para aquilo. Que patetice! Os cavalheiros começaram a ler os títulos das notícias. As senhoras deram um toque nas golas dos casacos. A criança tornou a olhar para a rua.

Tudo voltou, pesadamente, a encher-se de silêncio e dignidade.

MÁRIO DIONÍSIO, *O Dia Cinzento e Outros Contos*, Europa-América, 1997.

COMPREENSÃO DA LEITURA

2. Lê a passagem: «A multidão propunha uma confraternização à força.» (l. 16).
 - 2.1 Explica a razão por que esta confraternização forçada desagradava às pessoas «elegantes» (l. 21).
3. Mostra de que forma a distribuição dos passageiros no elétrico é uma réplica da hierarquia social.
4. «Em dada altura, porém, na plataforma de trás levantou-se burburinho. Protestos. Indignação. Cabeças voltaram-se no interior do carro.» (ll. 67-68)
 - 4.1 Que motivo esteve na origem deste alvoroço?
 - 4.2 A que classe social pertence o homem que provoca esta agitação no elétrico? Justifica a tua resposta.
 - 4.3 Relaciona a classe social desta personagem com a reação que a «senhora opulenta» (l. 78) e os restantes passageiros tiveram face ao seu comportamento.
5. Depois de se sentar, o homem «estendeu os lábios e começou a assobiar» (ll. 87-88).
 - 5.1 Como reagiram os passageiros a este comportamento?
 - 5.2 Há, no entanto, uma criança que tem uma atitude diferente em relação ao assobio. Explica porquê.
6. «Mas uma senhora nova e bonita, que ia ao lado dela, segurou-lhe as mãos com gentileza e afastou-lhas.» (ll. 132-133)
 - 6.1 A mãe da menina ficou verdadeiramente indignada com a atitude do homem? Justifica a tua resposta.
 - 6.2 Por que motivo o assobio do homem leva a senhora a recordar-se da infância?
7. «Em dada altura, o homem, sem deixar de assobiar, levantou-se e puxou o cordão da campainha.» (ll. 157-158)
 - 7.1 De que forma veio o comportamento deste homem alterar o ambiente vivido no elétrico?

A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho



BIOGRAFIA

Mário de Carvalho (1944)

Nasceu em Lisboa. Licenciou-se em Direito, mas exerce as profissões de jornalista e escritor. Publicou o seu primeiro livro de contos em 1981 e, a partir daí, a sua produção literária tem sido muito regular e objeto de reconhecimentos pela atribuição de prémios variados. As suas obras revelam uma marcada veia humorística, que serve a intenção crítica. Demonstra também uma predileção pela inserção da História no universo da ficção narrativa. Não pertencendo a nenhuma escola literária, Mário de Carvalho tem, no entanto, uma obra coesa em que impera a fantasia criada a partir do real e em que a ironia surge como uma constante em relação com o mundo do real quotidiano. Dos muitos prémios que recebeu, destacam-se os seguintes: Prémio Cidade de Lisboa (1982); Prémio D. Dinis (1986); Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores (1991, 1995).

Obra: *Contos da Sétima Esfera*; *Casos do Beco das Sardinheiras*; *O Livro Grande de Tebas*; *Os Alferes*; *Água em Pena de Pato*; *Era Bom Que Trocássemos Uma Ideia sobre o Assunto*; ...

ANTES DE COMEÇAR...

1. Partindo da informação que te é dada em nota lateral, completa o quadro que se segue, relativo ao perfil biográfico e literário do autor em causa. Podes enriquecê-lo, realizando uma pesquisa em enciclopédias ou na Internet. Responde no teu caderno.

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Estudos/Habilitações literárias: _____

Profissão: _____

Obras publicadas: _____

Perfil literário: _____

Prémios recebidos: _____

Outros aspetos que consideres relevantes: _____

COMEÇAR A LER...

1. Lê o texto «A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho», de Mário de Carvalho.

O grande Homero às vezes dormitava, garante Horácio. Outros poetas dão-se a uma sesta, de vez em quando, com prejuízo da toada e da eloquência do discurso. Mas, infelizmente, não são apenas os poetas que se deixam dormir. Os deuses também.

- 5 Assim aconteceu uma vez a Clio, musa da História, que, enfadada da imensa tapeçaria milenária a seu cargo, repleta de cores cinzentas e coberta de desenhos redundantes e monótonos, deixou descair a cabeça loura e adormeceu por instantes, enquanto os dedos, por inércia, continuavam a trama. Logo se enlearam dois fios e no desenho se empolou um nó, destoante da lisura do tecido. Amalgamaram-se então as datas de 10 4 de junho de 1148 e de 29 de setembro de 1984.

- Os automobilistas que nessa manhã de setembro entravam em Lisboa pela Avenida Gago Coutinho, direitos ao Areeiro, começaram por apanhar um grande susto, e, por instantes, foi, em toda aquela área, 15 um estridente rumor de motores desmultiplicados, travões aplicados a

fundo, e uma sarabanda de buzinas ensurdecidora. Tudo isto de mistura com retinir de metais, relinchos de cavalos e imprecações guturais em alta grita.

É que, nessa ocasião mesma, a tropa do almóada Ibn-el-Muftar, composta de berberes, azenegues e árabes em número para cima de dez mil, vinha sorrateira pelo valado, quase à beira do esteiro de rio que ali então desembocava, com o propósito de pôr cerco às muralhas de Lixbuna, um ano atrás assediada e tomada por hordas de nazarenos odiosos.

Viu-se de repente o exército envolvido por milhares de carros de metal, de cores faiscantes, no meio de um fragor estrondoso — que veio substituir o suave pipilar dos pássaros e o doce zunido dos moscardos — e flanqueado por paredes descomunais que por toda a parte se erguiam, cobertas de janelas brilhantes. Assustaram-se os beduínos, volteando assarapantados os cavalos, no estreito espaço de manobra que lhes era deixado, e Ali-ben-Yussuf, lugar-tenente de Muftar, homem piedoso e temente a Deus, quis ali mesmo apelar-se para orar, depois de ter alçado as mãos ao céu e bradado que Alá era grande.

De que Alá era grande estava o chefe da tropa convencido, mas não lhe pareceu o momento oportuno para louvaminhas, que a situação requeria antes soluções práticas e muito tato. Travou os desígnios do adjunto com um gesto brutal, levantou bem alto o pendão verde e bradou uma ordem que foi repetida, de esquadrão em esquadrão, até chegar à derradeira retaguarda, já muito próxima da Rotunda da Encarnação: — Que ninguém se mexesse!

E el-Muftar, cofiando a barbicha afilada, e dando um jeito ao turbante, considerava, com ar perspicaz, o pandemónio em volta: — Teriam tombado todos no inferno corânico? Teriam feito algum agravo a Alá? Seriam antes vítimas de um passe da feitiçaria cristã? Ou tratar-se-ia de uma partida de *jinns* encabriolados?

Enquanto o árabe refletia, do alto do seu puro-sangue, o agente de segunda classe da PSP, Manuel Reis Tobias, em serviço à entrada da Avenida Gago Coutinho, meio escondido por detrás das colunas



de um prédio, no propósito sábio e louvável de surpreender contraventores aos semáforos, entendeu que aquilo não estava certo e que havia que proceder.

Sentindo-se muito desacompanhado para tomar conta da ocorrência, transmitiu para o posto de comando, pelo intercomunicador da mota, uma complicada mensagem, plena de números e de cifras, que podia resumir-se assim:

Uma multidão indeterminada de indivíduos do sexo masculino, a maior parte dos quais portadores de armas brancas e outros objetos contundentes, cortantes e perfurantes, com bandeiras e trajos de carnaval, montados em solípedes, tinham invadido a Avenida Gago Coutinho e parte do Areeiro em manifestação não autorizada. Dado que se lhe afigurava existir insegurança para a circulação de pessoas e bens na via pública, aguardava ordens e passava à escuta.

De lá lhe disseram que iriam providenciar e que se limitasse a presenciar as ocorrências, mas sem intervir por enquanto.

Um imediato telefonema para o governador civil e deste para o ministro confirmou que não se encontravam previstos desfiles, de forma que a máquina policial se viu movida a ingerir-se no caso. Soaram as sirenes no quartel de Belém e, poucos minutos depois, alguns pelotões da Polícia de Intervenção vinham a caminho, com grande alarde de sereias e pisca-piscas multicores.

Entretanto, Ibn-el-Muftar via pela frente uma grande multidão apeada que apostrofava os seus soldados. Eram os automobilistas que haviam saído dos carros e que, entre irritados e divertidos, se empenhavam numa ruidosa assuada. Que devia ser algum reclame, diziam uns; que era mas era para um filme, diziam outros.

Ao mouro, aquela peonagem toda não se afigurou particularmente ameaçadora, tanto mais que a turba circundante, de estranhas vestimentas vestida, não parecia exhibir armas de qualquer natureza. De maneira que Ibn-el-Muftar optou por manobrar cautelosamente no pouco espaço ao dispor.

Com alguns sinais do alfange fez com que um ou dois esquadrões formassem, com dificuldade, no parque de estacionamento do Areeiro, e uma falange de gente de pé se arrumasse no terreiro da estação de serviço do lado contrário, enquanto o grosso da tropa ocupava a placa central relevada. Decidiu não se deixar impressionar com os trejeitos pouco amistosos que lhe vinham de dentro dos objetos metálicos com rodas que havia por toda a parte, nem com as caras que o fitavam por detrás de um estranho material transparente. Se era uma encantação, melhor era deixar que passasse — segredou para ben-Yussuf que lhe respondeu, desconfiado e muito pálido: — inch Allah!

Manuel da Silva Lopes, que conduzia um daqueles irritantes camiões carregados de grades de cerveja que a Providência encarregou de

ensarilhar os trânsitos em Lisboa, resolveu em má hora abandonar o volante, appear-se, e, decerto enciumado pela concorrência, apontar um
 95 calhau miúdo que foi ecoar no broquel do beduíno Mamud Beshewer, que, por ainda não ter acordado de tudo isto, era um dos mais quietos da tropa.

Desprezivamente, Ibn-Muftar deu uma ordem e logo vinte archeiros enristaram os arcos, apontaram aos céus, e expediram, com um zunido
 100 tenso, uma saraivada de setas, que obrigou toda a gente a meter-se nos automóveis e a procurar refúgio nas portadas dos prédios ou atrás dos camiões. Veio do Areeiro um grande apupo, desta vez convicto, em uníssonos.

Ora foi este clamor que o comissário Nunes, recém-chegado à
 105 Alameda D. Afonso Henriques, à frente dos seus pelotões de choque, interpretou mal. Aí estava a assuada, o arruído, considerou o comissário. Era, uma vez mais, a canalha a desafiar a polícia.

— Toca a varrer isto tudo até ao Areeiro — disse. E, puxando do apito, pôs a equipa em ação, à bastonada, a eito, por aqui e por além.

110 Aquilo não era uma pouca de gente que se varresse assim sem mais nem ontem, de modo que os pelotões de polícia de intervenção progrediam com dificuldade e só conseguiram chegar ao Areeiro algum tempo depois, após muita cabeça partida e duas baixas nas suas hostes, de agentes que tinham sido sabiamente atraídos a vãos de escadas por populares
 115 mais expeditos.

Expulsa parte da multidão para o Bairro dos Atores, no meio de uma tremenda algazarra, o comissário Nunes, ofegante, reagrupou os seus homens na Praça do Areeiro, em cima da placa relvada, com grande prejuízo das dalias e hortênsias ali plantadas.

120 Mas Ibn-el-Muftar mostrava-se então sobremaneira irritado por todos os rumores e confusões em torno, e em especial pela zipada de água que alguém havia deixado cair de uma das janelas e que lhe impregnara o manto e a cota de malha.

Quando viu aqueles peões de escudo e viseira, formados em frente,
 125 pensou que era, enfim, a guarda avançada de Ibn-Arrik, o cão tomador de Lixbuna, que vinha aí travar-lhe o passo, a coberto de um encantamento mágico.

Num ápice, rompeu uma carga de cavaleiros berberes, aos gritos de guerra, de alfange em riste, ladeando automóveis, amolgando *capots*,
 130 e aproximando-se inexoravelmente dos rapazes do comissário Nunes. Estes, em consciência, não se sentiam preparados para enfrentar cargas de cavalaria moura: a formatura oscilou, rodopiou, desfez-se e, quando os primeiros alfanges assomavam ao lado de um autocarro da Carris, já os briosos homens da Polícia de Intervenção corriam a bom correr até
 135 à cervejaria Munique, onde se refugiavam atrás do balcão, deixando a moirama senhora da placa central da Praça do Areeiro.

Por essa altura já a tropa do Ralis e a da Escola Prática de Administração Militar, ali ao Lumiar, tinham recebido ordens para intervir. E em boa hora, porque o comissário Nunes e a sua gente, acuados na Muni-

140 que, a ver passar árabes a cavalo, de ar ameaçador e façanhudo, sentiam-se cada vez menos seguros.

Os blindados do Ralis não conseguiram passar além do Bairro da Encarnação. Ocuparam a faixa da esquerda, para chegarem mais depressa, e acabaram por ver-se envolvidos num medonho engarrafamento com camiões TIR.

145

Mais sorte teve o capitão Aurélio Soares, à frente da sua companhia de intendentes. Largaram as viaturas em frente do Vavá, na Avenida dos Estados Unidos, e abalaram em passo de corrida por ali abaixo, pela faixa relvada, até estabelecerem contacto com a tropa de Ibn-el-Muftar,

150 no cruzamento com a Gago Coutinho.

O capitão Aurélio trazia instruções para proceder a um reconhecimento, avaliar a situação e agir em conformidade, mas sempre com moderação. De maneira que dispôs a sua gente em atiradores, depois de afastar os civis com berros enérgicos, e mediu o que tinha pela frente:

155 eram milhares de mouros, a maior parte dos quais a cavalo, que se apertavam na Gago Coutinho, por entre os automóveis e o tráfego da hora de ponta.

— Estas coisas só me acontecem a mim! — lamentava-se o capitão para consigo, esquecido dos muitos milhares de lisboetas que se encontravam no momento confrontados com o fenómeno. — Bom, vamos lá a ver...

160

E comandou alto, para o lado:

— Venha você daí comigo, ó nosso alferes, e traga uma secção pra segurança!

165 Cautelosamente, os sete homens, de dedo no gatilho, aproximaram-se da mourama.

Nessa ocasião, Ibn-el-Muftar e o seu estado-maior desciam a Avenida para observar o estado geral do exército, e vinham encarar com a embaixada do capitão Soares, que, à cautela, acenava com um trapo branco, emprestado pelos locatários de um rés do chão da vizinhança. Ao árabe, por instinto, afigurou-se-lhe serem aqueles homens militares e, embora não percebesse bem o significado do pendão branco que o capitão brandia, não lhe pareceu que as intenções fossem suspeitas. As circunstâncias, por outro lado, com toda aquela estranha balbúrdia em

175 volta, aconselhavam a contemporização. Assim, dispôs-se desde logo a parlamentar.

A trote, rompeu pela frente de um piquete da Companhia dos Telefones, que olhava para tudo aquilo com um ar espantado, dirigiu-se ao capitão, e saudou, de mão no peito:

180 — Salam aleikum.



E o capitão Soares, que tinha feito uma comissão na Guiné, em contacto com gente muçulmana, respondeu automaticamente, curvando-se um pouco:

— Aleikum salam.

185 Neste momento, a deusa Clio acordou do seu sonho, num sobresalto, e logo atentou no erro cometido. Num credo, desfez a troca de fios e reconduziu cada personagem a seu tempo próprio.

De maneira que, assim como haviam surgido, assim se sumiram os árabes da Avenida Gago Coutinho, deixando o capitão Soares e todos os
190 outros a coçar a cabeça, abismados.

Ibn-el-Muftar, por seu lado, logo que viu despejarem-se os campos daquelas gentes, daqueles objetos e daqueles prédios, soltou um suspiro de alívio e resolveu arrepiar caminho, desistindo de atacar Lixbuna, onde, aliás, e ao contrário do que pensava, já Ibri-Arrik o esperava, com
195 máquinas de guerra e fogos acesos nas muralhas. O árabe considerou todas aquelas aparições de mau agouro, pouco propiciadoras de investidas felizes contra Lisboa, e desistiu da cidade.

A musa Clio não teve poderes para fazer com que os eventos já verificados regressassem ao ponto zero. Disso nem o pai dos deuses seria
200 capaz. Mas pôde obnubilar a memória dos homens com borrifos de água do rio Letes, de maneira que, poucos segundos após os acontecimentos narrados, nem a tropa moura de Ibn-el-Muftar se lembrava do encantamento que lhe tinha surgido ao caminho, nem o comissário Nunes sabia o que estava a fazer escondido atrás do balcão da Munique, nem
205 o capitão Soares sabia porque estava ali a flunar com a tropa no fundo da Avenida dos Estados Unidos, nem o guarda de segunda classe da PSP, Manuel Tobias, sabia porque se tinha dado aquele engarrafamento, nem o coronel Vaz Rolão, do Ralis, sabia como tinha ido parar à estrada e deixado que uma autometralhadora se enfeixasse num camião TIR.

210 Ao Ibn-Muftar não foi muito gravoso o acontecimento, pois aproveitou o caminho de regresso para talar os campos de Chantarim, nas margens do Tejo, com grande vantagem de troféus e espólios.

Pior foi para o comissário Nunes, o capitão Soares e o coronel Rolão explicarem em processo marcial o que se encontravam a fazer
215 naquelas zonas à frente de destacamentos armados. Falou-se muito em insurreição, nesses dias, e os jornais acompanharam apaixonadamente o correr dos processos.

Quanto à deusa Clio, foi privada de ambrósia por quatrocentos anos o que, convenhamos, não é seguramente castigo dissuasor de novas distrações.

MÁRIO DE CARVALHO,
A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho e Outras Histórias,
Caminho, 2004 (texto adaptado).

2. Lê, agora, a lenda de Martim Moniz.

Martim Moniz

Martim Moniz é a designação de uma conhecidíssima praça da nossa velha Lisboa. Nos tempos nebulosos e semiobscuros da formação do reino de Portucale foi nome de um homem, o homem que segundo a lenda possibilitou a conquista da riquíssima cidade moura à beira do Tejo.

Tal como para outros casos, Afonso Henriques aproveitou a passagem dos cruzados a caminho da Terra Santa — neste caso flamengos e colonenses — para tentar o assalto de tão cobiçada cidade. Pôs-se cerco às muralhas, prepararam-se os homens e as gigantescas máquinas de guerra medievais. [...] Entretanto, iam sendo feridas escaramuças, porque pequenos grupos, tanto de um lado como de outro, se exercitavam em surtidas.

De uma das vezes, um grupo cristão, entre os quais se encontrava Martim Moniz, dirigiu-se a uma das portas da cidade, assaltando-a de surpresa. Os mouros acorreram a defender aquela entrada, mas como era quase impossível atuarem pelo lado de dentro entreabriram o portão para deixar passar para o lado de fora um grupo que dizimasse os assaltantes cristãos. Num ímpeto de coragem, à força de espadeiradas, Martim Moniz insinuou-se entre os batentes, tentando penetrar nas defesas mouras. Os companheiros, apercebendo-se do seu intento e vendo que Martim estava a pontos de ser esmagado pelos sitiados que pressionavam de dentro, empurraram a porta com fúria. Os mouros, sem poderem sair nem fechar a porta, procuraram então matar o cristão que se insinuava e defendia o melhor que lhe era possível.

Na dura peleja ali gerada, os cristãos acabaram por levar a melhor e aproveitando o corpo do homem atravessado nos batentes, mais morto que vivo, de cabeça aberta por um alfange, penetraram finalmente dentro dos muros de Lisboa. Martim Moniz entrou com eles, semimorto, mas, ainda assim, matando quantos inimigos as suas últimas forças lho permitiram.

Atrás de Martim e do seu grupo entrou o exército sitiante, completando pela força o que a coragem de um permitira. Martim Moniz morreu à porta de Lisboa, mas Afonso Henriques e os seus aliados tomaram e saquearam aquela que fora uma das mais ricas e poderosas cidades árabes da Península.

Diz ainda a lenda que o próprio Afonso Henriques ordenou que aquela entrada de Lisboa passasse a designar-se pelo nome do homem que com o sacrifício da sua vida proporcionara a conquista do castelo pelos cristãos. [...]

FERNANDA FRAZÃO (recolha), *Lendas Portuguesas*, Amigos do Livro, s/d (texto adaptado).



O Cerco de Lisboa por D. Afonso Henriques, de Joaquim R. Braga, c. 1840, Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto).



2.1 Relaciona o conto de Mário de Carvalho com a lenda de Martim Moniz.

	<i>A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho</i>	«Martim Moniz»
Ação	(1)	(2)
Espaço	(3)	(4)
Tempo	(5)	(6)
Personagens	(7)	(8)

3. Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações sobre o conto.



- (A) A narrativa inicia-se com uma referência a Clio, a deusa da Ciência.
- (B) Clio adormeceu e os fios da sua tapeçaria enredaram-se.
- (C) Cruzaram-se os fios de dois tempos e de dois espaços diferentes.
- (D) Encontraram-se, então, os automobilistas de 1984 com os mouros de 1148.
- (E) Os mouros conheciam bem o espaço em que se encontravam: tudo lhes era familiar.
- (F) As hostes de Ibn-el-Muftar professavam a fé cristã.
- (G) Os beduínos encaravam os acontecimentos como um castigo de Alá.
- (H) O agente Manuel Tobias, da PSP, sentiu que devia tomar providências.
- (I) Tobias identificou o grupo dos mouros como um conjunto de mascarados em manifestação não autorizada.
- (J) Como não estavam previstas manifestações, o governador civil enviou pelotões da Polícia de Intervenção.
- (K) Os transeuntes pensaram tratar-se de uma cena para um filme ou para publicidade.
- (L) Ibn-el-Muftar ficou impressionado e temeroso com o aparato de automobilistas e peões.
- (M) Foi Manuel da Silva Lopes, condutor de um camião de cerveja, que gerou a confusão.
- (N) Ibn-el-Muftar ordenou aos seus archeiros que respondessem imediatamente à provocação do condutor.
- (O) O comissário Nunes apaziguou os ânimos.
- (P) O chefe mouro pensou que as hostilidades tinham acabado.
- (Q) O comissário Nunes sentiu-se incapaz perante o ímpeto dos berberes.
- (R) Diversas forças policiais e militares dirigiram-se à Avenida Gago Coutinho para ajudar as tropas do comissário.
- (S) O chefe árabe dispôs-se a negociar com o capitão Soares, que conhecia a sua língua.
- (T) Clio acordou do seu sonho e colocou os fios da História no lugar, como se nada se tivesse passado.

TRABALHO DE GRUPO

Para aprofundares os teus conhecimentos acerca do conto *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho*, propomos-te um trabalho de grupo em que analyses o tempo e o espaço, a ação e as personagens, o narrador e os modos de expressão.

GRUPO I — TEMPO E ESPAÇO

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Nota que o tempo condiciona toda a estrutura do conto.
 - 1.1 Localiza a ação no tempo.
 - 1.1.1 Justifica com uma expressão do texto.
 - 1.2 Refere os dois tempos históricos que se cruzam no texto.
 - 1.2.1 Faz o levantamento das expressões que remetem para cada um dos períodos.
 - 1.3 Caracteriza o tempo histórico mais longínquo, partindo das informações dadas pelo texto.
2. A ação decorre num espaço sobejamente conhecido.
 - 2.1 Identifica-o.
 - 2.2 Transcreve as expressões que dão informações espaciais.
 - 2.3 Partindo do texto, apresenta o trajeto percorrido pelo exército mouro.
 - 2.3.1 Pede ajuda ao teu professor de Geografia e elabora um cartaz onde assinales esse trajeto num mapa de Lisboa.
 - 2.4 Descreve as alterações que o espaço central da ação foi sofrendo ao longo dos tempos.
3. Atenta na caracterização do espaço, em que surgem referências que nos remetem para diversas sensações.
 - 3.1 Transcreve dois exemplos de sensações visuais, de sensações auditivas e de sensações tácteis.
4. Explica o sentido da seguinte passagem: «[...] com o propósito de pôr cerco às muralhas de Lixbuna, um ano atrás assediada e tomada por hordas de nazarenos odiosos.» (II. 22-24)
5. Identifica os recursos expressivos presentes nos exemplos.



Figuras	Exemplos
(1)	«[...] enfadada da imensa tapeçaria milenária a seu cargo [...]» (II. 5-6)
(2)	«[...] composta de berberes, azenegues e árabes [...]» (I. 20)
(3)	«[...] homem piedoso e temente a Deus [...]» (II. 31-32)

GRAMÁTICA

6. Identifica os sinónimos correspondentes aos vocábulos do texto.



A	B
(a) «inércia» (l. 8)	(1) confusão
(b) «sarabanda» (l. 16)	(2) gritaria
(c) «hordas» (l. 23)	(3) escudo
(d) «encabriolados» (l. 45)	(4) escurecer
(e) «assuada» (l. 74)	(5) passividade
(f) «broquel» (l. 95)	(6) multidões
(g) «contemporização» (l. 175)	(7) cedência
(h) «obnubilar» (l. 200)	(8) encabrestados

- 6.1 Produz duas frases em que empregues dois significados à tua escolha.

7. Atenta no quinto parágrafo do conto.

- 7.1 Transcreve dois vocábulos onomatopaicos.

- 7.1.1 Reescreve as frases, substituindo as onomatopeias por sinónimos.

- 7.2 Completa com o hiperónimo e os hipónimos correspondentes.



Hiperónimos	Hipónimos
metal	(1)
(2)	amarelo, vermelho
pássaro	(3)

8. Centra-te nos sexto, sétimo e oitavo parágrafos.

- 8.1 Transcreve duas frases simples.

- 8.2 Transcreve duas frases complexas.

- 8.2.1 Classifica os elementos que ligam essas frases complexas.

- 8.2.2 Delimita e classifica as orações que as compõem.

- 8.3 Transcreve um exemplo de:

- a) uma frase negativa imperativa;
b) uma frase afirmativa interrogativa.

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Imagina que a deusa Clio adormeceu novamente e as tropas de Ibn-el-Muftar atacam uma vez mais, desta feita, o local onde vives!

- 9.1 Produz um texto original e criativo, em que relates e descrevas essa invasão. Planifica-o e revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

GRUPO II — AÇÃO E PERSONAGENS

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Relê os três primeiros parágrafos do conto.
 - 1.1 Identifica a personagem em evidência.
 - 1.1.1 O que tem ela de tão especial? Justifica.
 - 1.1.2 Refere a sua importância para o desenrolar da ação. Fundamenta a tua resposta.
 - 1.2 Que função é desempenhada por estes parágrafos?
2. Verifica que, ao longo do texto, interagem dois grupos distintos de personagens.
 - 2.1 Identifica-os.
 - 2.2 Que papel desempenham na história?
3. Considera a passagem: «Num ápice, rompeu uma carga de cavaleiros berberes, aos gritos de guerra, de alfange em riste [...]» (ll. 128-129).
 - 3.1 Identifica as duas personagens que se destacam neste exército.
 - 3.1.1 Explica a posição hierárquica que cada uma delas ocupa.
 - 3.1.2 Caracteriza-as diretamente.
 - 3.2 Transcreve do texto expressões que retratem este povo.
 - 3.2.1 Que efeito provocou nos lisboetas a sua aparição?
4. Observa que toda esta situação insólita foi testemunhada por um agente da autoridade.
 - 4.1 Indica o nome do agente e a sua patente.
 - 4.2 O que fazia ele na Avenida Gago Coutinho?
 - 4.3 Que diligências tomou perante o que viu?
5. Relê a passagem que se inicia em: «Eram os automobilistas que haviam saído dos carros e que, entre irritados e divertidos, se empenhavam numa ruidosa assuada.» (ll. 72-74).
 - 5.1 Qual foi a reação dos lisboetas perante o sucedido? Justifica-a por palavras tuas.
 - 5.2 Identifica o elemento que sobressai neste grupo.
 - 5.2.1 Qual foi a sua atitude?
6. Verifica que, com a chegada do comissário Nunes, a situação se torna mais tensa.
 - 6.1 Comprova a veracidade desta afirmação com dados do texto, relativamente à reação dos mouros e dos lisboetas.
 - 6.2 Como caracterizarias a atitude do capitão Aurélio Soares?
7. Atenta na atitude da deusa Clio no fim do conto.
 - 7.1 O que faz ela para remediar o seu erro?
 - 7.2 Qual é o desfecho da história? Ilustra a tua resposta com elementos do texto.

8. Identifica os recursos expressivos presentes nos exemplos.



Figuras	Exemplos
(1)	«Viu-se de repente o exército envolvido por milhares de carros de metal [...]» (Il. 25-26)
(2)	«Eram os automobilistas que haviam saído dos carros e que, entre irritados e divertidos [...]» (Il. 72-73)
(3)	«[...] a guarda avançada de Ibn-Arrik, o cão tomador de Lixbuna [...]» (Il. 125-126)

GRAMÁTICA

9. Faz corresponder os vocábulos do texto aos seus sinónimos.



A	B
(a) «amalgamaram-se» (l. 10)	(1) dissimulada
(b) «sorradeira» (l. 21)	(2) ladeado
(c) «flanqueado» (l. 28)	(3) infratores
(d) «assarapantados» (l. 30)	(4) afagando
(e) «louvaminhas» (l. 35)	(5) juntaram-se
(f) «cofiando» (l. 41)	(6) cavalos
(g) «contraventores» (Il. 49-50)	(7) orações
(h) «solípedes» (l. 59)	(8) espantados

10. Exemplifica com passagens do discurso direto e indireto.



Discurso	Exemplos
Direto	(1)
Indireto	(2)

11. Identifica as funções sintáticas dos constituintes das frases abaixo.

- a) «E el-Muftar [...] considerava, com ar perspicaz, o pandemónio [...]» (Il. 41-42)
 b) «Nessa ocasião, Ibn-el-Muftar e o seu estado-maior desciam a Avenida para observar o estado geral do exército [...]» (Il. 167-168)

EXPRESSÃO ESCRITA

12. Imagina que o capitão e o almóada Ibn-el-Muftar se encontram e travam um diálogo. Recria essa conversa. Planifica o texto e revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

GRUPO III — NARRADOR E MODOS DE EXPRESSÃO

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Atenta na figura do narrador.
 - 1.1 Classifica-o quanto à presença, à ciência e à posição.
 - 1.1.1 Justifica a tua resposta.
 - 1.2 Mostra de que modo se manifesta a ironia crítica do narrador à medida que a ação avança.
2. Verifica que, no conto, estão presentes os quatro modos de expressão.
 - 2.1 Transcreve um exemplo de cada um deles para o teu caderno.



Modos de expressão	Exemplos
Narração	(1)
Descrição	(2)
Diálogo	(3)
Monólogo	(4)

- 2.2 Identifica os tempos verbais que predominam nos momentos narrativos e descritivos. Justifica.
 - 2.3 Na tua opinião, que importância tem o diálogo na dinâmica narrativa?
3. Explica o sentido das passagens seguintes.
 - a) «[...] vinte archeiros enristaram os arcos, apontaram aos céus, e expediram, com um zunido tenso, uma saraivada de setas [...]» (ll. 98-100)
 - b) «Falou-se muito em insurreição, nesses dias, e os jornais acompanharam apaixonadamente o correr dos processos.» (ll. 215-217)
4. Centra-te no título do conto.
 - 4.1 Comenta-o, tendo em conta o estudo que desenvolveste da obra em causa.
 - 4.2 Atribui-lhe outro título que te pareça sugestivo. Justifica a tua opção.
5. Identifica os recursos expressivos presentes nos exemplos.



Figuras	Exemplos
(1)	«[...] a maior parte dos quais portadores de armas brancas e outros objetos contundentes, cortantes e perfurantes [...]» (ll. 57-58)
(2)	«[...] a turba circundante de estranha vestimenta vestida [...]» (ll. 77-78)
(3)	«[...] que lhe vinham de dentro dos objetos metálicos com rodas [...]» (l. 86)
(4)	«[...] ladeando automóveis, amolgando capots, e aproximando-se inexoravelmente dos rapazes do comissário Nunes.» (ll. 129-130)

GRAMÁTICA

6. Faz corresponder os vocábulos do texto aos seus sinónimos.



A	B
(a) «apostrofava» (l. 72)	(1) misturar
(b) «ensarilhar» (l. 93)	(2) carrancudo
(c) «saraivada» (l. 100)	(3) inquilinos
(d) «façanhudo» (l. 140)	(4) injuriava
(e) «mourama» (l. 166)	(5) ofensivo
(f) «locatários» (l. 170)	(6) néctar
(g) «gravoso» (l. 210)	(7) descarga
(h) «ambrósia» (l. 218)	(8) mouros

7. Reproduz este quadro no teu caderno e completa-o com a correta conjugação das formas verbais, nos tempos e modos indicados, na segunda pessoa do singular.



Infinitivo	Indicativo			Gerúndio	Conjuntivo	Condicional	Imperativo
Impessoal	Presente	Perfeito	Imperfeito		Imperfeito		
arrepiar	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
(8)	vais	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)
(15)	(16)	deixaste	(17)	(18)	(19)	(20)	(21)
(22)	(23)	(24)	dormitavas	(25)	(26)	(27)	(28)

8. Reproduz este quadro no teu caderno e preenche-o com vocábulos do texto.



Nomes	Adjetivos	Conjunções	Advérbios
(1)	(4)	(7)	(10)
(2)	(5)	(8)	(11)
(3)	(6)	(9)	(12)

9. Constrói o campo lexical dos vocábulos «trânsito», «guerra» e «tapeçaria».

EXPRESSÃO ESCRITA

10. Imagina que eras repórter de uma estação de rádio e te encontravas na Avenida Gago Coutinho quando a invasão aconteceu.

- 10.1 Elabora um texto em que relates em direto todos os acontecimentos. Planifica a tua redação, tendo em conta a especificidade deste tipo de discurso, e escreve com correção linguística.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20, e a ficha informativa 18, «A notícia», na página 213.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

11. Apresenta à turma o trabalho realizado em grupo fazendo uma exposição oral. Deves ter em conta o tempo de que dispões para a apresentação, bem como os suportes utilizados para o efeito.
12. Organiza, juntamente com os teus professores de Português, Geografia, História e EMRC, uma visita de estudo a Lisboa, com os seguintes pontos de interesse:
 - a) Avenida Gago Coutinho.
 - b) Alameda D. Afonso Henriques.
 - c) Praça do Areeiro.
 - d) Museu da Cidade.
 - e) Castelo de São Jorge.
 - f) Mesquita central de Lisboa.

@ Sites que podes consultar para organizar a visita de estudo:
<http://lisboainteractiva.cm-lisboa.pt/>
<http://www.museudacidade.pt/Visitas/Paginas/default.aspx>
<http://www.castelodesaojorge.pt/>
<http://www.comunidadeislamica.pt/index.php>

13. Elabora um folheto em que promovas o autor e o conto que foi objeto de estudo. Para isso, tem em atenção as indicações que a seguir te são facultadas relativamente à elaboração de um folheto. Segue a planificação e escreve com correção.

COMO ELABORAR UM FOLHETO

Um folheto deve dividir-se em três partes e cada uma dessas partes deve integrar as informações seguintes:

1. Capa
 - Nome da atividade (deve aparecer destacado, ser apelativo e, se possível, ilustrado);
 - Data/local;
 - Nome da entidade promotora ou dos responsáveis.
2. Interior
 - Objetivos a atingir;
 - Informação em que se apresentam as razões que movem tal iniciativa;
 - Imagens alusivas à temática em questão.
3. Contracapa
 - Agradecimentos;
 - Contactos;
 - Ficha técnica.

14. Procede agora à avaliação dos diversos trabalhos, preenchendo a ficha de hetero-avaliação e autoavaliação que te é proposta na página seguinte.



HETEROAVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO DO TRABALHO DE GRUPO ¹

Nome _____

N.º _____ Turma _____ Ano de Escolaridade _____ Data ____/____/____

Tema do trabalho _____

I. O GRUPO, DURANTE A ELABORAÇÃO DO TRABALHO, ...

1 2 3 4 5

... mostrou respeito pelos colegas.					
... participou ativamente.					
... revelou método e organização.					
... beneficiou da colaboração de todos os elementos.					

II. O GRUPO, DURANTE A APRESENTAÇÃO DO TRABALHO, ...

1 2 3 4 5

... mostrou rigor na utilização dos conceitos.					
... revelou criatividade.					
... utilizou uma linguagem clara e precisa.					
... usou materiais de apoio variados.					
... respeitou o tempo previsto.					

III. EU, DURANTE A ELABORAÇÃO DO TRABALHO, ...

1 2 3 4 5

... elaborei um plano e cumpri-o.					
... fiz uma pesquisa prévia.					
... participei de forma organizada.					
... ouvi e aceitei as opiniões dos colegas.					
... partilhei com os outros ideias que fizeram avançar o trabalho.					

IV. EU, DURANTE A APRESENTAÇÃO DO TRABALHO, ...

1 2 3 4 5

... colaborei na apresentação final.					
... utilizei um tom de voz adequado.					
... gostei de participar.					

Grupo _____ Nível _____

Participantes _____

¹ Fotocopia esta grelha, preenche-a e guarda-a no teu caderno diário.

«O mar do Norte, verde e cinzento, rodeava Vig, a ilha, e as espumas varriam os rochedos escuros. Havia nesse começo de tarde um vaivém incessante de aves marítimas, as águas engrossavam devagar, as nuvens empurradas pelo vento sul acorriam e Hans viu que se estava formando a tempestade. Mas ele não temia a tempestade e, com os fatos inchados de vento, caminhou até ao extremo do promontório.

O voo das gaivotas era cada vez mais inquieto e apertado, o ímpeto e o tumulto cada vez mais violentos e os longínquos espaços escureciam. A tempestade, como uma boa orquestra, afinava os seus instrumentos.

Hans concentrava o seu espírito para a exaltação crescente do grande cântico marítimo. Tudo nele estava atento como quando escutava o cântico do órgão da igreja luterana, na igreja austera, solene, apaixonada e fria.

Para resistir ao vento, estendeu-se ao comprido no extremo do promontório. Dali via de frente o inchar da ondulação cada vez mais densa como se as águas se fossem tornando mais pesadas.

Agora as gaivotas recolhiam a terra. Só a procelária abria rente à vaga o voo duro. À direita, as longas ervas transparentes, dobradas pelo vento, estendiam no chão o caule fino. Nuvens sombrias enrolavam os anéis enormes e, sob uma estranha luz, simultaneamente sombria e cintilante, os espaços se transfiguravam. De repente, começou a chover.

A família de Hans morava no interior da ilha. Ali, o rumor marítimo só em dias de temporal, através da floresta longínqua, se ouvia.

Mas ele vinha muitas vezes até à pequena vila costeira e, esgueirando-se pelas ruelas, caminhava ao longo do cais, ao lado de botes e veleiros, atravessava a praia e subia ao extremo do promontório. Ali, no respirar da vaga, ouvia o respirar indecifrado da sua própria paixão.»



Ver biobibliografia de Sophia de Mello Breyner Andresen, na página 108.

ANTES DE COMEÇAR...

EXPRESSÃO ORAL

1. Atenta na capa do livro de Sophia de Mello Breyner onde se insere esta história.

1.1 O que te sugere o título *Histórias da Terra e do Mar*?

GUIÃO DE LEITURA

COMPREENSÃO DA LEITURA

Responde, de forma clara e completa, às questões que se seguem.

1. Ordena as sequências narrativas de acordo com a informação do conto. Começa pela letra (G).

(A) Sören descreveu o lugar do naufrágio do Elseneur e pediu ao filho que lhe promettesse que nunca haveria de ser marinheiro.
(B) Hans tornou-se capitão de um navio e homem de confiança de Hoyle.
(C) Hoyle recolheu Hans.
(D) O cargueiro inglês entrou na barra de um rio de uma cidade do Sul.
(E) Hans pediu para construírem um navio naufragado em cima da sua sepultura.
(F) Hans compreendeu que jamais regressaria a Vig.
(G) Hans anunciou ao pai que queria ser marinheiro.
(H) Hans abandonou o «Angus».

2. Sören, o pai de Hans, é autoritário e intransigente.
 - 2.1 Por que motivo não queria ele que o filho se tornasse marinheiro?
 - 2.2 Consideras que esta maneira de ser de Sören terá influenciado a fuga de Hans para concretizar o seu sonho de ser marinheiro? Justifica a tua resposta com passagens do conto.
3. Hans fugiu de Vig num cargueiro inglês em direção a uma cidade do Sul (o Porto).
 - 3.1 Por que razão decidiu Hans não prosseguir viagem e ficar nesta cidade?
 - 3.2 Quem era Hoyle e como conheceu Hans?
 - 3.2.1 O que representava Hans para ele?
 - 3.3 Que projeto de vida formulou Hans nesta cidade?
4. Explica o que levou Hans, depois de navegar pelo mundo, a renunciar às viagens.
5. Por que motivo, depois de se tornar um homem de negócios, Hans deixou de viver as viagens como o fizera no passado?
6. O que levou Hans a aperceber-se, quando a mãe morreu, de que nunca mais regressaria a Vig?
7. Considera o tempo da história.
 - 7.1 Quanto tempo se passa desde que a história começa até que termina? Transcreve expressões que evidenciem os vários momentos.
8. Nesta história, existem momentos de narração, descrição e diálogo.
 - 8.1 Transcreve um exemplo de cada um desses momentos.
9. Relaciona o título «Saga» com a globalidade do conto.

10. A palavra «mar» é polissémica, pois tem mais do que um sentido. Identifica o significado (coluna B) que a palavra assume em cada uma das frases da coluna A e construirás o seu campo semântico.

A	B
(a) O mar cobre 73 % da superfície do planeta Terra.	(1) porção de água salgada entre massas continentais muito próximas
(b) Eu não te prometi um mar de rosas...!	(2) imensidade; grande quantidade
(c) O mar Morto tem dez vezes mais sal que os demais oceanos.	(3) extensão de água salgada que cobre a superfície terrestre
(d) Que mar de gente!	(4) serenidade; tranquilidade

EXPRESSÃO ORAL

11. Debate com os teus colegas o motivo por que Hans pediu que construíssem um navio naufragado em cima da sua sepultura.
12. Lê o poema de Miguel Torga que se segue.

Vasco da Gama

Somos nós que fazemos o destino
 Chegar à Índia ou não
 É um íntimo desígnio da vontade.
 Os fados a favor
 5 E a desfavor,
 São argumentos da posteridade.

O próprio génio pode estar ausente
 Da façanha.
 Basta que nos momentos de terror,
 10 Persistente,
 O ânimo enfrente
 A fúria de qualquer Adamastor.

O renome é o salário do triunfo.
 O que é preciso, pois, é triunfar.
 15 Nunca meia viagem consentida!
 Nunca meia medida
 Do vinho que nos há de embriagar!

MIGUEL TORGA, *Antologia Poética*,
 Dom Quixote, 1999.

- 12.1 Procede, em conjunto com os restantes elementos da turma, à identificação de semelhanças e diferenças entre o modo como a figura de Vasco da Gama é caracterizada no poema de Miguel Torga e o percurso biográfico de Hans.



BIOGRAFIA

Mia Couto (1955)

Pseudónimo de António Emílio Leite Couto, Mia Couto nasceu na Beira (Moçambique). Foi diretor da Agência de Informação de Moçambique, da revista *Tempo* e do *Jornal de Notícias* de Maputo. Estreou-se em 1983 com um livro de poesia, mas foi na ficção narrativa que se notabilizou, cultivando o romance e o conto. As suas obras estão traduzidas em várias línguas. Segundo Saramago, Mia Couto utiliza a língua portuguesa de forma «subtilmente diferente, capaz de comunicar coisas novas».

Obra: *Raiz de Orvalho*; *Vozes Anoitecidas*; *Cronicando*; *Cada Homem É Uma Raça*; *Estórias Abensonhadas*; *Contos do Nascer da Terra*; *Mar Me Quer*; *Tradutor de Chuvas*; *A Confissão da Leoa*; ...

O fintabolista



ANTES DE COMEÇAR...

1. Coloca por ordem as sequências que se seguem e que constituem a biografia de Mia Couto. Começa pela letra (E).

(A)	Com 14 anos, publica os seus primeiros textos poéticos no jornal <i>Notícias da Beira</i> . Em 1972, inicia a frequência do curso de Medicina na capital moçambicana.
(B)	Onze anos volvidos, retoma a frequência do ensino superior, escolhendo desta vez o curso de Biologia, que conclui, na Universidade Eduardo Mondlane.
(C)	Tanto a sua poesia como a sua prosa utilizam expressivamente uma linguagem recriada pela formação de sugestivos neologismos, pela exploração da oralidade de forma simples, assumindo, por vezes, alguma ingenuidade.
(D)	Assim, publicou <i>Vozes Anoitecidas</i> (1986), <i>Cronicando</i> (1988), valendo-lhe este último o Prémio Anual da Crónica, e <i>Cada Homem É Uma Raça</i> (1990), entre outras obras que abordam a narrativa curta.
(E)	Mia Couto, nascido na Cidade da Beira (Moçambique) em julho de 1955, é filho do poeta Armando Couto e, desde a adolescência, colabora em jornais e revistas moçambicanos.
(F)	O seu primeiro romance, <i>Terra Sonâmbula</i> , data de 1992, seguindo-se, em 1997, <i>A Varanda do Frangipani</i> .
(G)	Para Mia Couto, a literatura é um caminho de busca de uma identidade longínqua, em que se misturam diversidades culturais e raciais e que lhe permite o tratamento da condição humana pela focalização de personagens individuais, quase tipificadas e que, de quando em quando, revelam a faceta humorística e satírica do escritor.
(H)	No que respeita ao texto dramático, convém destacar <i>As Mãos dos Pretos</i> (1989) e <i>Ninguém Me Vem Buscar</i> (1981).
(I)	Colabora em diversos jornais e, em 1974, depois da independência, abandona o curso de Medicina e envereda pela atividade jornalística.
(J)	De 1983, com as poesias de <i>Raízes de Orvalho</i> , à atualidade, Mia Couto explora diversos caminhos de escrita, notabilizando-se essencialmente no romance, na dramaturgia e, sobretudo, no conto.

COMEÇAR A LER...

1. Propomos-te aqui a leitura integral do conto literário «O Fintabolista». Posteriormente, realiza as atividades que te são propostas.

(Ninguém pode imaginar a pequenez da minha cidadezinha. Lá, porém, há gente que me dá os bons-dias.)

Sempre onde chego é um lugar. Mas abrigo maior não encontrei senão nas paragens da memória. É lá que reside minha cidadezinha natal,
5 que se acende devagarinhosa, como barco saindo de um lodoso escuro.

Esse lugar se senta em minha meninice como se o único território fosse o tempo. Esse outro tempo escorria em obediência a segretos mandados de preguiça. Os acontecimentos do mundo ali aportavam sempre tarde, bem depois de atravessarem distâncias tais que se desbotava a realidade que lhes tinha ditado origem.
10

As notícias da Europa nos chegavam como tábuas de navios naufragados para além de extensas neblinas. Essas novidades desembarcavam húmidas em nossas mãos, moldáveis à nossa ideia. O tamanho e gravidade das acontecências éramos nós que ditávamos. Assim destrocado, o mundo parecia um brinquedo.
15

Engigantecidos ficámos foi quando o nosso patrício Eusébio fintou o universo até penetrar nos relvados no Campeonato Mundial. Wembley e Maracanã passaram a estadiózitos no bairro da nossa infância. O nosso pé sonhava em chuteiras e cada chuto disputava cabeçalhos de jornais. De noite nos desenhávamos em figura dos livrinhos de cromos.
20

Nesse tempo, a mais mundial das guerras era a que opunha o meu bairro aos restantes bairros da Beira. No centro desse conflito estava o campeonato de futebol em que assanhávamos soco e batota. Ali estava a nossa honra, partíamos de casa como fazem os guerreiros ao despedirem-se das famílias.
25

Não que a futebolada fosse a única disputa. Passámos por anterior batalha — o basquetebol. Mas na bola ao cesto nós não estávamos tão bem aquilatados. Aquilo era modalidade de gente rica. Tanto estávamos desfasados que, em meio de decisiva batalha, o nosso pivô interrompeu a partida para perguntar ao árbitro se não podia encestar com a cabeça.
30

Faltavam-nos jogadores altos. O nosso mais alto era o Tony Candeiro que era cardíaco — tinha pouca válvula para muito coração. A mais centimétrica corrida e já ele exibia um tom arroxeado semelhando a flor do nenúfar. Pedíamos uma pausa para o Tony reganhar a visão e ele, passados segundos, interrompia a ofegação para gemer um «contínuemos!».
35

E lá seguíamos, perdendo sempre. A única vez que ganhámos nem demos por isso. O esforço tinha sido tal que nem deitámos tento no resultado. Estávamos deitando fresco sobre o Tony quando os adversários nos vieram congratular. Nós retorquimos, surpresos: *Ganhámos?!!*
40



Desistidos da elitista modalidade, regressámos ao futebol, atividade mais a jeito da nossa condição. E foi então que me vi convertido num glorioso avançado de centro. Minha fama emergiu numa jogada
 45 confusa — todas as jogadas para mim eram confusas — quando um poderoso remate disparou a bola na minha direção. Minha única reação foi proteger os óculos, fechando os olhos e desviando a cabeça da trajetória. Por instantes, deixei de ver o estádio. Senti a bola raspar-me o penteado. Soube depois que esse impensado reflexo tinha feito «anichar
 50 caprichosamente o esférico no fundo das redes adversárias». Com estas palavras o meu feito se maiusculizou na história do meu bairro. No final do jogo fui conduzido em ombros, me aplicaram a vitalícia braçadeira de capitão. Com duvidoso mérito, ganhara o estatuto de comandar a minha equipa e a honra do meu bairro.

55 Acontecia, no entanto, que a minha equipa sofria de carência grave de rematadores. Passávamos o jogo fintando de um ao outro lado do campo sem nunca nos decidirmos a rematar. Ainda adotámos a tática de chutar alto para aproveitar a altura do nosso Tony Candeeiro mas ele, com sua falta de válvula, assim que saltava, perdia a visão.

60 *Falta-nos a concretização*, dizia o Senhor Herberto, nosso ilustre treinador, um goês cinquentão que suspeitávamos nunca ter sequer assistido a uma partida de futebol. Queixava-se assim: *vocês só fintam, não rematam*. E suspirava: *somos uma equipa de fintabolistas*. Entre esforçados empates e involuntárias vitórias lá conseguimos chegar à
 65 finalíssima do campeonato interbairros. O Senhor Herberto que estava sempre calado trouxe então a solução — que tinha ouvido falar que, na vila de Marromeu, havia um jovem dotado de poderosíssimo remate. De tal modo, que era conhecido pelo «Chimbo de Marromeu». Com seu vertiginoso pontapé o moço já tinha derrubado postes e árvores e só
 70 de mencionar o seu nome os guarda-redes eram acometidos de terrores imobilizantes.

A proposta era contratar o «Chimbo» pagando-lhe para que ele atuasse como avançado da nossa equipa. A ideia foi como pedra em charco. Enviou-se logo mensagem para o mercenário rematador. A res-
 75 posta veio célere: «Chego no próprio dia da grande final. Eis o meu preço — 150 escudos. Pagos, claro, antes do encontro.»

Exultámos. O dinheiro era uma fortuna, mas nós cobriríamos a parada roubando afincadamente as carteiras dos nossos velhos. O otimismo era tal que deixámos de treinar. O treinador disse que a imobi-
 80 lidade era boa conselheira e os treinos só serviam para esfolar canela e gastar sapatilha.

Na tarde da finalíssima o estádio estava repleto. Até as miúdas lá estavam, com seus risos e segredinhos. Já nos preparávamos para entrar em campo e nem sombra do famoso «Chimbo». Marromeu era longe,
 85 teria ele conseguido apanhar a carreira?



Mas eis que, no derradeiro instante, surge garboso e portentoso o nosso avançado vindo diretamente das savanas de Marromeu. Vê-lo entrar em campo foi como um bálsamo para a nossa angústia. Ali estava ele, fardado diferente da nossa equipa, camisete azul-clara com estrelas
 90 prateadas que faiscavam ao fulgor do sol. Penteado até à risca, o nosso precioso reforço entrou em campo com aqueles saltinhos que só os grandes profissionais usam para aquecer o próprio corpo e o ânimo da multidão. O mais espantoso eram as pernas, cilindroides, tão grossas em baixo como em cima. O moço nem deu as confianças. Sem sequer nos
 95 olhar, continuando a saltitar, cochichou-nos:

— *O dinheiro, já têm?*

Herberto respondeu que já tinha colocado no lugar combinado. *E a tática?*, perguntou o contratado, sempre aos pulinhos. A tática herbertiana era a mais simples: «passar o esférico imediatamente ao Chimbo de
 100 Marromeu». E lá começou o jogo.

Na primeira jogada, a bola vem a meus pés e eu, ofuscado pelo sol, levanto a perna ao acaso. A bola toca no meu joelho, ganha efeito, passa por cima de dois adversários, e vai na direção de Tony. Este salta e, obviamente, sem visão, cabeceia o esférico com a nuca. Atónitos com a
 105 arquitetura destas trocas estavam o adversário, o público e, mais que todos, nós próprios. A bola volta a ficar comigo e a nossa claque urra, frenética:

— *Passa ao Chimbo, passa ao Chimbo!*

Eu fiz a bola rolar para os pés do nosso salvador. Ele não rematou logo.

Deixou a bola parar e, com estilo de exímio executante, deu uns
 110 passinhos para trás para ganhar balanço. Um silêncio se instalou em todo o campo como se o universo inteiro se atentasse no virtuosismo do futebolista. O Chimbo, qual búfalo, deflagrou um tropel em direção à bola. O barulho dos seus passos e a poeira que se levantou à sua passagem foram tais que eu fechei os olhos. Esperava escutar o vigoroso bater
 115 da bola. Mas o tudo que ouvi foi um tímido «trrrr», igual a um rasgão de roupa, uma costura se desfazendo. Quando reabri os olhos ainda vi a perna gorda do Chimbo chutando o ar e uma suspeitosa mancha castanha lhe surgindo nos calções. O mercenário rematara em falso, com impulso tal, que se borrara em vergonhoso descuido.

120 O que se passou em seguida foi o maior embaraço — o glorioso rematador saindo em soluços, rodeado por nós que parecíamos nem dar pelos odores castanhos que lhe escorriam pelas pernas. Enquanto ele se retirava ainda um de nós balbuciou:

— *Eh pá... e o nosso dinheiro?*

125 Contudo, já o mercenário escapava pelos caniços que rodeavam o estádio. Me recordo ainda de ver rebrilhar, entre as densas folhagens, as estrelas prateadas do seu espantoso fardamento. Com o poente daquelas estrelas se extinguia a minha ilusão de ser campeão mundial de futebol.

COMPREENSÃO DA LEITURA

-  **2.** Depois de leres o conto, resolve a seguinte ficha de verificação de leitura, indicando a opção correta.

2.1 A ação decorre em...

- (A) ... Portugal.
(B) ... Angola.
(C) ... Moçambique.

2.2 O protagonista do conto é...

- (A) ... uma criança.
(B) ... um adulto.
(C) ... um velho.

2.3 O narrador é...

- (A) ... heterodiegético.
(B) ... autodiegético.
(C) ... homodiegético.

2.4 A ação narrada passa-se na década de...

- (A) ... 1970.
(B) ... 1980.
(C) ... 1960.

2.5 A atividade desportiva favorita dos miúdos era...

- (A) ... o basquetebol.
(B) ... o futebol.
(C) ... o atletismo.

2.6 O Tony Candeeiro tinha problemas de...

- (A) ... coração.
(B) ... intestinos.
(C) ... fígado.

2.7 O treinador da equipa chamava-se...

- (A) ... Chimbo.
(B) ... Marromeu.
(C) ... Herberto.

2.8 O narrador era...

- (A) ... guarda-redes.
(B) ... avançado.
(C) ... defesa.

2.9 A «arma secreta» para a final do campeonato era...

- (A) ... Eusébio.
(B) ... Chimbo.
(C) ... o narrador.

2.10 Durante o jogo, Chimbo...

- (A) ... lesionou-se.
(B) ... abandonou o campo.
(C) ... marcou muitos golos.

-  **3.** Delimita os três momentos que constituem a ação do conto. Responde no teu caderno.

Introdução	Desenvolvimento			Conclusão
	Basquetebol	Futebol (contratação do Chimbo)		
		Antes	Depois	
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

- 4.** Relê os primeiros dois parágrafos do conto.

4.1 Para que espaço e tempo nos remete o narrador?

4.1.1 Transcreve duas expressões que comprovem a tua resposta.

4.2 Que sentimentos ligam o narrador a esse espaço e a esse tempo?

- 5.** Atenta agora nos três parágrafos seguintes.

5.1 Como eram recebidas as notícias oriundas da Europa?

- 5.2 Em que tempo histórico se situa a ação principal? Justifica a tua resposta.
- 5.3 Que sonhos tinham os adolescentes nessa altura?
 - 5.3.1 Encontras semelhanças com os sonhos dos jovens de hoje? Justifica.
- 5.4 De que forma se realça a importância do futebol para o narrador e os seus amigos?
- 5.5 Transcreve uma expressão que prove que o conto é autobiográfico.
6. Considera a frase: «Passámos por anterior batalha — o basquetebol.» (ll. 26-27).
 - 6.1 Caracteriza a personagem que se evidencia neste episódio.
 - 6.1.1 Comenta a sua alcunha.
 - 6.2 Comenta o desfecho hilariante deste episódio.
 - 6.3 Por que razão o grupo do narrador se sentia inapto para a prática desta modalidade? Ilustra a tua resposta com dados do texto.
 - 6.3.1 Que tipo de espaço é salientado?
7. Considera a passagem: «Desistidos da elitista modalidade, regressámos ao futebol [...]» (l. 42).
 - 7.1 Que facto foi responsável pela fama do narrador no seu bairro?
 - 7.2 Qual foi o seu prémio?
 - 7.3 Como encarou ele o que lhe sucedeu?
 - 7.4 Que problema tinha a equipa?
 - 7.4.1 Como o tentou resolver?
 - 7.5 Que explicação deu o senhor Herberto?
 - 7.5.1 Relaciona-a com o título atribuído ao conto.
8. Lê a frase seguinte: «Entre esforçados empates e involuntárias vitórias lá conseguimos chegar à finalíssima do campeonato interbairros.» (ll. 63-65).
 - 8.1 Que solução era defendida pelo treinador com o intuito de derrotar a equipa adversária?
 - 8.1.1 Como reagiu a equipa?
 - 8.1.2 De que modo procederam os jogadores para angariar fundos?
 - 8.1.3 Qual foi a atitude da equipa e do treinador depois de a solução estar assegurada?
9. Relê a frase: «Na tarde da finalíssima o estádio estava repleto.» (l. 82).
 - 9.1 Que grupo se destacava no meio da paisagem humana?
 - 9.1.1 Qual era a sua atitude?
 - 9.2 Qual era a preocupação dos jogadores antes de entrarem em campo?
 - 9.3 Finalmente, quem apareceu?
 - 9.4 Caracteriza a figura que se destaca durante o jogo.
 - 9.4.1 A personagem correspondeu às expectativas criadas? Porquê?
 - 9.4.2 Que lição de vida aprendeu o narrador com este episódio?

10. Explica o sentido das expressões que se seguem.

- a) «(Ninguém pode imaginar a pequenez da minha cidadezinha. Lá, porém, há gente que me dá os bons-dias.)» (ll. 1-2)
- b) «Mas abrigo maior não encontrei senão nas paragens da memória.» (ll. 3-4)
- c) «Engigantecidos ficámos foi quando o nosso patrício Eusébio fintou o universo [...]» (ll. 16-17)
- d) «Com estas palavras o meu feito se maiusculizou na história do meu bairro.» (ll. 50-51)



11. Transcreve um exemplo para cada recurso expressivo. Responde no teu caderno.

Figuras	Exemplos
Comparação	(1)
Personificação	(2)
Metáfora	(3)
Antítese	(4)
Hipérbole	(5)
Adjetivação	(6)

11.1 Explica o valor expressivo de duas figuras à tua escolha.

GRAMÁTICA

12. Descobre na sopa de letras os oito neologismos presentes no conto. Podes encontrá-los na vertical ou na horizontal.



T	A	S	O	H	N	I	R	A	G	A	V	E	D
A	D	E	G	L	H	A	C	I	N	I	O	N	E
C	T	C	R	E	S	C	O	L	E	L	G	G	S
U	O	Z	I	L	U	C	S	U	I	A	M	I	C
G	T	L	O	G	E	T	N	O	N	R	E	G	O
F	F	I	N	T	A	B	O	L	I	S	T	A	N
A	I	R	O	B	I	E	F	W	F	E	I	N	S
T	B	K	E	T	U	D	I	D	A	N	L	T	E
O	T	A	R	A	H	N	I	L	E	B	A	E	G
C	I	L	I	N	D	R	O	I	D	E	R	C	U
D	B	F	A	T	I	A	I	R	A	M	G	I	I
R	L	T	S	O	D	I	T	S	I	S	E	D	D
E	T	A	F	A	R	T	E	L	A	S	R	O	O
A	C	O	N	T	E	C	E	N	C	I	A	S	R

NEOLOGISMO

Os **neologismos** resultam de um processo lexical designado neologia, que consiste na incorporação no léxico de uma língua de novos vocábulos para designar novas realidades (objetos, práticas, conceitos).

Exs.: *bloguista*, *navegar* (Internet).

Quando os neologismos são importações de outras línguas, chamam-se empréstimos.

Exs.: *call center*, *blog*.

13. Nota que o conto contém alguns nomes compostos.

13.1 Indica-os.

13.2 Forma o plural dos vocábulos que se seguem.

- a) bel-prazer d) porta-voz
b) girassol e) recém-nascido
c) guarda-fatos f) vaivém

14. Indica o processo de formação das palavras seguintes.

- a) cidadezinha d) aquilatados g) arroxeados
b) meninice e) desfasados h) involuntárias
c) gravidade f) encestar i) acometidos



15. No teu caderno, elabora um quadro semelhante ao seguinte e completa-o com os adjetivos nos graus indicados.

Graus dos adjetivos							
Normal	Comparativo			Superlativo			
	de superioridade	de inferioridade	de igualdade	Relativo		Absoluto	
				de superioridade	de inferioridade	sintético	analítico
extensas							
	mais fraco						
		menos dotado					
			tão grossas				
				o maior			
					o menos apto		
						poderosíssimo	
							muito ágil

16. Identifica as funções sintáticas dos constituintes das frases.

- a) «Os acontecimentos do mundo ali aportavam sempre tarde [...]» (II. 8-9)
b) «No final do jogo fui conduzido em ombros [...]» (II. 51-52)
c) «Enviou-se logo mensagem para o mercenário rematador.» (I. 74)
d) «Na tarde da finalíssima o estádio estava repleto.» (I. 82)

17. Delimita as orações que compõem as frases e classifica-as.

- a) «O dinheiro era uma fortuna, mas nós cobriríamos a parada [...]» (II. 77-78)
b) «O otimismo era tal que deixámos de treinar.» (II. 78-79)
c) «Quando reabri os olhos ainda vi a perna gorda do Chimbo [...]» (II. 116-117)

-  **18.** No teu caderno, elabora um quadro semelhante ao seguinte e completa-o com a conjugação das formas verbais apresentadas nos seus diferentes tempos e modos, na segunda pessoa do singular.

Infinitivo	Indicativo				Conjuntivo	Condicional	Imperativo
Impessoal	Presente	Perfeito	Imperfeito	Mais-que-perfeito	Imperfeito		
proteger							
	chegas						
		encontraste					
			aportavas				
				ganharas			
					fosses		
						descobririas	
							passa

- 19.** Identifica a classe de palavras — nome, adjetivo, advérbio, quantificador, conjunção — dos vocábulos seguintes.

- | | | |
|------------------|----------------------|-------------|
| a) afincadamente | f) sempre | k) extensas |
| b) ali | g) cento e cinquenta | l) húmidas |
| c) bola | h) vez | m) lá |
| d) obediência | i) Chimbo | n) lodoso |
| e) outro | j) e | o) mas |

EXPRESSÃO ESCRITA

Portefólio

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

- 20.** Imagina que o Chimbo do Marromeu escreveu uma carta, onde justificava o sucedido e reembolsava o dinheiro.

- 20.1** Escreve essa carta, respeitando as características próprias deste tipo de texto. Faz, no fim, a necessária revisão linguística.

DEPOIS DE LER...

- No conto, aparece mencionada uma das maiores referências do futebol mundial, Eusébio.
 - Realiza uma pesquisa sobre a vida e a carreira desportiva do «Pantera negra».
 - Com a ajuda dos professores de Educação Física e de Educação Visual, elabora um cartaz (ou outro suporte), apresentando à escola essa figura ímpar do desporto internacional. Planifica e estrutura devidamente a forma de apresentação da informação e não descures a correção linguística.

Diário de Anne Frank



Apresentamos-te aqui um pequeno excerto, mas deves ler a obra na íntegra.

Sábado, 4 de março de 1944

Querida Kitty:

Este sábado é, desde há meses e meses, o primeiro que não se passou aborrecido, triste e desesperado. E isto por causa do Peter.

5 Quando hoje de manhã fui ao sótão para estender o meu avental lavado, estava lá o pai, que estuda todos os dias com o Peter. Perguntou-me se eu não queria ficar a estudar com eles. Claro que quis e falámos primeiro francês. Expliquei umas coisas ao Peter e depois passámos para o inglês. O pai leu-nos umas passagens de um livro de Dickens e, con-

10 fesso, senti-me no sétimo céu, assim sentada ao lado do pai e tão próxima do Peter.

Às onze desci. Quando meia hora depois voltei para cima, o Peter já me esperava junto da escada. Conversámos até à uma menos um quarto. Sempre que pode, isto é, quando ninguém está a ouvir, ele diz-me depois

15 do almoço:

— Até logo, Anne.

Ah, como me sinto contente! Ele gostará de mim? Seja como for, o Peter é um ótimo rapaz e acho que nos havemos de entender muito bem.

A Sra. Van Daan gosta de nos ver juntos. Mas hoje perguntou um

20 tanto trocista:

— Posso deixar-vos sós lá em cima?

— Claro que pode — protestei. — A senhora quer ofender-me?

De manhã à noite folgo em ver o Peter.

Tua Anne

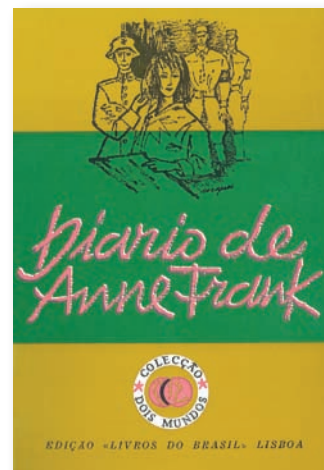
ANNE FRANK, *O Diário de Anne Frank*, Livros do Brasil, 2011.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Considera a passagem: «Este sábado é, desde há meses e meses, o primeiro que não se passou aborrecido, triste e desesperado.» (II. 3-4).
 - 1.1 Explicita o motivo que esteve na origem da mudança de estado de espírito de Anne.
2. Os sentimentos de Anne em relação a Peter são retribuídos? Justifica a tua resposta com passagens do texto.

EXPRESSÃO ESCRITA

3. Escreve agora tu uma página do teu diário e partilha-a com a turma.



BIOGRAFIA

Anne Frank (1929-1945)

Annelies Marie Frank foi uma adolescente alemã de origem judaica, vítima do Holocausto, que ficou conhecida por um diário que escrevia com regularidade, em forma de cartas, a uma amiga imaginária. Este é atualmente um dos livros mais traduzidos em todo o mundo.

Anne Frank nasceu a 12 de junho de 1929 em Frankfurt, Alemanha, e morreu a 12 de março de 1945, aos 15 anos de idade, no campo de concentração de Bergen-Belsen, também na Alemanha.

Obra: *Diário de Anne Frank*; *Contos do Esconderijo*; *Diário de Uma Jovem*; *Uma História para Hoje*; *Anna Frank*.



O Mundo em Que Vivi

LER+ EDUCAÇÃO LITERÁRIA
PLANO NACIONAL DE LEITURA
MC METAS CURRICULARES

Apresentamos-te aqui um pequeno excerto, mas deves ler a obra na íntegra.

Em frente da loja do Sr. Meyer, numa casinha pintada de amarelo no meio de um jardim cercado por grades, morava a bruxa da aldeia, a velha menina Stefanie Kohn. Dizia-se que não arranjava marido por ser feia, pois nada constava dum qualquer noivo morto na penúltima guerra ou por doença, nem de levandades da própria Stefanie que tivessem afastado os pretendentes. De resto, era bruxa. E quem é que queria casar com uma bruxa?

Magricela, sempre de preto, de cabeça achatada, cabelo oleoso e olhos esbugalhados: foi assim que Stefanie Kohn se me gravou na memória. Ao mesmo tempo que os meninos escarneciam dela, temiam-na. O avô explicava-me que ela não era bruxa, mas uma boa velhinha que, além do mais, pertencia à «nossa gente»¹ e por isso eu nunca devia participar em brincadeiras de mau gosto.

Numa tarde, estava eu a brincar com um grupo de meninos no terreiro da igreja, quando Alfred, o filho do padeiro, propôs fazermos uma visita à bruxa. Corremos pela rua abaixo. Eu bem queria ficar para trás, mas contra a minha vontade fui correndo com os outros, que, chegados à casa da bruxa, começaram aos gritos:

— Bruxa má! Bruxa má! Sai cá para fora! Mostra-te à gente!

Senti-me miserável. Não abri a boca. Desejava estar longe, muito longe, e no entanto fiquei como que pregada ao chão. A bruxa saiu da casa limpando as mãos molhadas ao avental.

— Canalha infernal!, ralhou. Se não se põem daqui para fora...

E pegou na vassoura encostada às grades, agitando-a no ar. Recuámos uns passos. Depois Ina recobrou ânimo:

— Estão a ver? Estão a ver? A vassoura!

— À meia-noite voa na vassoura! Para o Blocksberg! Uuuuuu!, gritou Alfred.

Nesse momento alguém passou na rua e dispersou-nos com modos enérgicos.

À noite o avô lamentou:

— Não te julgava capaz de tanta maldade, Rose. Tanto mais que a menina Kohn é da nossa gente.

«A nossa gente», «a nossa gente», eu detestava ouvir falar da «nossa gente». Antes Stefanie fosse bruxa a valer e não pertencesse à «nossa gente».

¹ Tal como a narradora e a sua família, Stefanie Kohn era judia.



BIOGRAFIA

Ilse Losa (1913-2006)

Nasceu em Hannover, na Alemanha, mas o facto de ser judia criou-lhe bastantes problemas, acabando por ter de sair do país. Viveu em Inglaterra, onde teve os seus primeiros contactos com escolas infantis e com os problemas das crianças. Mais tarde, refugiou-se em Portugal, na cidade do Porto, onde casou e adquiriu a nacionalidade portuguesa. Em 1984, recebeu o Grande Prémio Gulbenkian, pelo conjunto da sua obra para crianças. Com o livro *À Flor do Tempo* recebeu o Grande Prémio da Crónica, em 1998.

Obra: *O Mundo em Que Vivi*; *Histórias quase Esquecidas*; *Rio sem Ponte*; *Aqui Havia Uma Casa*; *Sob Céus Estranhos*; *Caminhos sem Destino*; *À Flor do tempo*; ...

No dia seguinte a avó fez comigo uma «visita de reparação» à bruxa. Surpreendida, verifiquei que as bruxas viviam da mesma maneira e gostavam das mesmas coisas que toda a gente. Na sala airosa de Stefanie Kohn havia plantas no friso da janela e um armário de pau lustroso, donde ela tirou uma lata, que me estendeu:

— Tira, Rose, são bolinhos feitos em casa.

Tirei um bolinho, polvilhado de açúcar. Trinquei-o com prazer, mas no mesmo instante vieram-me à mente Hänsel e Gretel, cuja desgraça começara por terem trincado os doces da bruxa. A avó examinou as plantas da janela e pediu um pé dos brincos-de-princesa. A bruxa tirou uma tesoura do cestinho de costura e cortou, com carinho maternal, o delicado rebento. Satisfeita, verifiquei que não havia no friso nenhuma roseira como a nossa. E como havia de haver? Bruxas não tinham parentes na América e muito menos em Nova Iorque, a cidade das rosas vermelhas! Quando nos despedimos, Stefanie baixou-se para me beijar. Com terror vi-lhe os olhos esbugalhados perto dos meus e depressa virei a cabeça, de maneira que o beijo falhou o alvo.

À noite, na cama, cismeí naquela visita. Triste destino o de Stefanie Kohn, que tinha uma sala bonita, plantas no friso da janela, um cestinho de costura e fazia bolinhos polvilhados de açúcar, sendo, apesar disso, bruxa. Ou...?

Quando no dia seguinte informei a Ina da nossa visita e das minhas dúvidas sobre se Stefanie Kohn seria de facto bruxa, ela não quis saber disso. Provavelmente não lhe apetecia admitir que a bruxa da aldeia, afinal, não era bruxa nenhuma.

ILSE LOSA, *O Mundo em Que Vivi*, Edições Afrontamento, 1987.

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Que motivos aponta Rose para justificar o facto de Stefanie Kohn não se ter casado?
2. Indica como era tratada Stefanie Kohn pelos meninos da aldeia.
3. Que conselhos deu o avô à narradora a propósito de Stefanie Kohn?
 - 3.1 Explica como Rose acabou por não dar a devida atenção a essas palavras.
 - 3.1.1 Como se sentiu Rose por ter tido essa atitude?
4. De que forma o comportamento de Rose, aquando da sua visita a casa de Stefanie Kohn, mostra a ambiguidade dos seus sentimentos em relação a esta personagem?

EXPRESSÃO ESCRITA

5. Escreve um pequeno texto em que registes as memórias que guardas do dia em que entraste para o 1.º ano do ensino básico.

«Os Lusíadas» para Gente Nova

Apresentamos o excerto inicial d'«Os Lusíadas» para Gente Nova, de Vasco Graça Moura, esperando despertar a tua curiosidade para a **leitura integral** da obra.

Sabemos muito pouco de Camões

Sabemos muito pouco de Camões
 Mal sabemos quem foram os seus pais,
 Quanto ao seu nascimento há discussões,
 Dos seus estudos não se sabe mais.
 5 Passou dezassete anos aos baldões
 Na Índia e em paragens orientais.
 Fazia belos versos muitas vezes.
 N' *Os Lusíadas* canta os portugueses.

Quando voltou a Portugal, saiu
 10 O seu livro. Camões era tão pobre
 Que não se sabe como o conseguiu.
 Talvez tivesse a ajuda de algum nobre
 E ajuda com certeza ele pediu.
 Enfim, o livro sai e se descobre
 15 Que aquele altivo português de gema
 Pusera a nossa História num poema.

Esse poema chama-se epopeia
 Que era uma forma usada antigamente
 Em que um herói levando uma vida cheia
 20 De combates terríveis segue em frente
 E acaba vencedor, porque guerreia
 Em nome do seu povo e é tão valente
 Que em coragem e força é sobre-humano,
 O povo aqui é o *peito lusitano*.

VASCO GRAÇA MOURA, «Os Lusíadas» para Gente Nova,
 Gradiva, 2012.



BIOGRAFIA

Vasco Graça Moura

(1942-2014)

Escritor e político, Vasco Navarro da Graça Moura licenciou-se em Direito, pela Universidade Clássica de Lisboa, e exerceu advocacia entre 1966 e 1983. Mas, na década de 1980, enveredou pela carreira literária, tornando-se um nome central da literatura portuguesa da segunda metade do século xx. Depois do 25 de Abril de 1974, filiou-se no Partido Social Democrata, tendo chegado a exercer alguns cargos políticos. Desempenhou funções diretivas na RTP, na Imprensa Nacional e na Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, e em janeiro de 2012 foi nomeado para a presidência da Fundação Centro Cultural de Belém. Colaborou na revista *Quadrante* (Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa) iniciada em 1958. Foi distinguido com os Prémios de Poesia do PEN Clube Português e da Associação Portuguesa de Escritores e a Coroa de Ouro do Festival de Poesia de Struga (República da Macedónia). Recebeu igualmente a Ordem de Santiago da Espada, o Prémio Pessoa, o Prémio Vergílio Ferreira e o Prémio de Tradução 2007 do Ministério da Cultura de Itália.

Obra: *Luís de Camões: Alguns Desafios; Quatro Últimas Canções; Uma Carta no Inverno; Poemas com Pessoas; ...*

GUIÃO DE LEITURA

- I. Lê a introdução da obra e classifica as afirmações que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.
 - (A) A obra *Os Lusíadas* tem dez cantos, sendo estes constituídos por estrofes oitavas, com rima cruzada e emparelhada.
 - (B) A epopeia foi dedicada ao rei D. Sebastião.
 - (C) A introdução do plano mitológico ficou a dever-se ao facto de Camões ser pagão.
 - (D) O Poeta inspirou-se na *Ilíada* e na *Odisseia*, de Virgílio.

II. Responde, de forma completa e por palavras tuas, às seguintes questões.

Canto I

1. Qual é o objetivo da Proposição?
2. A quem pede o Poeta inspiração?
3. Que viagem é narrada n' *Os Lusíadas*?
4. Com que fim se reuniram os deuses no Olimpo?
 - 4.1 Identifica os deuses que se opunham e aqueles que apoiavam os portugueses, enunciando os motivos que estavam na origem da posição assumida por cada um deles.
 - 4.2 Refere que decisão foi tomada por Júpiter no fim.

Canto III

5. Enuncia os argumentos apresentados por Inês de Castro a D. Afonso IV para que este lhe poupasse a vida.

Canto IV

6. Identifica os motivos que tornavam a partida dos navegadores profundamente dolorosa, sobretudo para as suas mães e esposas.

Canto V

7. Enuncia os acontecimentos catastróficos anunciados pelo gigante Adamastor.
8. Reconta a história de amor de Adamastor.

Canto VI

9. Identifica o deus que ordenou a libertação dos ventos.
 - 9.1 Por que motivo o fez?
10. A quem pede ajuda Vasco da Gama no decorrer da tempestade?
11. Quem salvou os portugueses?
12. Como reagiu Vasco da Gama quando percebeu que tinham conseguido chegar à Índia?

Canto IX

13. Que prémio decide Vénus atribuir aos portugueses?
14. Explicita a crítica subjacente à referência à expedição que Cupido estava a preparar.

Canto X

15. Enuncia os motivos por que o Poeta se lamenta no fim deste canto.





BIOGRAFIA

Luísa Costa Gomes (1954)

Escritora e dramaturga, Luísa Costa Gomes nasceu em Lisboa no dia 16 de junho de 1954. Licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Lisboa e foi professora do ensino secundário.

Assinou algumas crónicas nos jornais *O Independente*, *Público* e *Diário de Notícias*. Faz tradução literária, nomeadamente para teatro. Atualmente, dirige e coordena a revista de contos *Ficções*, dedicada à divulgação do conto. Já foi distinguida com o Prémio D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus (*O Pequeno Mundo*, 1988), o Prémio Máxima de Literatura (*Olhos Verdes*, 1994), o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco (*Contos Outra Vez*, 1997), e o Prémio Fernando Namora (*Ilusão ou o Que Quiserem*, 2010). Estreou-se em 2010 como encenadora, com a peça de Heinrich von Kleist *O Príncipe de Homburgo*.

Obra: *Treze Contos de Sobressalto*; *O Gémeo Diferente*; *O Pequeno Mundo*; *Nunca Nada de Ninguém*; *Olhos Verdes*; *Contos Outra Vez*; *O Corvo Branco* (ópera, Expo'98); *Arte da Conversação* seguido de *Vanessa Vai à Luta*; *A Pirata*; *Setembro e Outros Contos*; *Ilusão (ou o Que Quiserem)*; ...

Vanessa Vai à Luta

EDUCAÇÃO LITERÁRIA
MC
METAS
CURRICULARES

Cena I

(A sala de estar da casa de VANESSA e de RODRIGO; os brinquedos estão espalhados por todo o lado. RODRIGO está sentado a ver televisão, muito quieto. Está a ver o TV Shop, que anuncia permanentemente aparelhos de ginástica e novas dietas milagrosas.)

5 *VANESSA brinca sozinha, sentada no chão. Tem na mão esquerda um Action Man e na direita uma Barbie. Faz um diálogo entre os dois).*

VANESSA — *(Voz do Action Man)* Anda cá, anda cá, és tão linda, dá-me um beijinho. *(Voz de Barbie)* Ai, que bruto! *(Action Man)* Ai sou bruto, parvalhona, és tão parva, ó minha estúpida, mas és tão
10 *linda! (Barbie)* Tu também és muito bonito, olha para estes músculos, és muito forte. *(dão beijinhos, entra o Ken)* Que é isso a mexer na minha mulher? Tira já as patas de cima da minha Barbie! *(Action Man)* Ai que medo, vê lá se te despenteias. Onde é que deixaste o teu carrinho encarnado descapotável? *(Ken e Action Man lutam)*
15 *Toma, toma, dou-te um murro que vais até à Irlanda! (Barbie)* Toma, monga, que ninguém te chamou cá! *(Lutam os três e Vanessa faz os sons da luta)*

(Ouve-se a MÃE chamar a VANESSA) — Vanessa! Vanessa!

VANESSA — *(continua impávida a luta do Ken, da Barbie e do Action Man; entram os Dragonball)* — Taran! Taran! Dragonboól Z,Z,Z!
20 *Amigos, olá, amigos, ajudem aqui! Goku, amigão, ajuda aqui a Barbie! Olá, Vegeta! Olá, Gohan, iá! O Ken e o Action Man já estão quase a morrer! O Goku é o mais forte de todos! Fusão! Fusão! Confusão! (Luta generalizada entre todos os bonecos, com a Barbie a fazer golpes de karaté)* Iá, iá! [...]

RODRIGO — Olha a mãe a chamar!

MÃE — Vanessa!

VANESSA — *(faz o relato)* Barbie dá um golpe de karaté e atira o Ken ao chão, magoa-se no braço, põe-se a chorar, ué, ué, ganda monga este
30 *Ken, dói muito, ué, ué, o Ken vai fazer queixa à professora, não é? O Ken é bué queixinhas.*

RODRIGO — Não ouves a Mãe chamar? Já está a chamar há imenso tempo.

VANESSA — *(continua a fingir que não ouve)* E iá, e iá, Barbie, não deixes, não deixes, ela é mais forte que todos, mais forte que todos,
35 *matou todos, e um, e dois, e três, venham cá, venham cá se querem apanhar, pch, paf, psss... (vai buscar outra Barbie, já muito estragada)* Anda, amiga, estás livre, ganhámos, ganhámos! Libertámos a Terra do Mal!

(A MÃE entra na sala, de avental e luvas de borracha).

40 VANESSA — *(rapidamente muda de estratégia)* Agora, todos amigos, *(põe os bonecos a dar beijinhos uns aos outros)* Estamos cansados de tanto brincar. Vamos tomar um chazinho? Vamos pôr uma linda toalha de renda na mesa, uma toalha muito branquinha e vamo-nos sentar todos a tomar um chazinho de camomila.

45 RODRIGO — *(muito fanhoso, com o nariz entupido, a respirar pela boca)* Ó Mãe, ela estava à luta com os bonecos, estava a atirar com os bonecos todos... A sala até estava a tremer...

VANESSA — *(entredentes)* Tu é que ficas a tremer daqui a bocado se não te calas...

50 RODRIGO — É que assim estragas e depois não tens. [...]

VANESSA — *(fingindo que não ouve)* Todos amigos, já passou, já vem a ambulância... Tiróri, Tiróri, agora com jeitinho... *(O Ken recomenda a luta)* Porta-te bem, agora vai tudo para o hospital ser operado ao fígado, salta para a ambulância... Vá, depressa. Rápido, não temos o dia todo...

MÃE — Estou farta de chamar, o que é que estás a fazer?

VANESSA — Tenho de levar esta malta toda para o hospital.

MÃE — Vens mas é ajudar-me a arrumar a cozinha.

55 VANESSA — Vai o Rodrigo que eu tenho mais que fazer. [...] Eles estão bué de doentes. Não os posso deixar sozinhos, coitados. O chá caiu-lhes mal, ficaram com dor de barriga. Apanharam uma gripe de África. Estão cheios de febre. *(Para o Ken)* Toma o xarope. Sabe a laranja.

MÃE — Vens secar a loiça e depois brincas.

VANESSA — Ela seca sozinha. Pões ao sol, na cozinha.

65 MÃE — Tens de começar a ajudar a Mãe.

VANESSA — O Rodrigo é que é bom para isso, limpa a loiça e assoa-se ao pano. *(levanta-se e vai ter com a Mãe. Para o RODRIGO, quando passa por ele)* Ranhoso!

LUÍSA COSTA GOMES, *A Arte da Conversação seguido de Vanessa Vai à Luta*,
Edições Cotovia, 2000 (texto com adaptações e supressões).



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Caracteriza psicologicamente Vanessa.
2. De que modo o facto de Rodrigo estar a ver anúncios publicitários do TV Shop contribui para a sua caracterização psicológica?
3. Por que razão altera Vanessa a forma como estava a brincar quando a mãe entra?
4. Por que motivo te parece que Vanessa ignora os constantes apelos da mãe?
5. Explica por que razão a mãe chama apenas Vanessa, para a ajudar na cozinha, permitindo que o filho continue a ver televisão.

Sonho de Uma Noite de Verão



ANTES DE COMEÇAR...

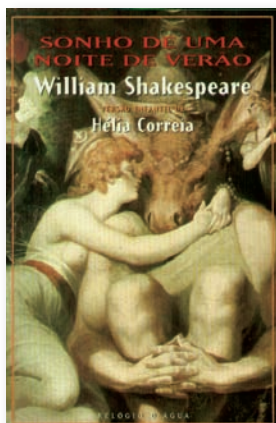
EXPRESSÃO ORAL

A. Exploração da capa do livro

1. Já ouviste falar de Shakespeare?
2. O que sabes sobre este autor?
3. E o que conheces sobre Hélia Correia?
4. Para que universo remete o título da obra?
5. Descreve as imagens da capa do livro.
6. Em que espaço se poderá passar a ação?

B. O autor e a tradutora

1. Partindo de informações que poderás pesquisar na Internet e também em dicionários e enciclopédias, elabora duas fichas biográficas como as que se seguem, no teu caderno.



William Shakespeare,
de John Taylor (?),
c. 1610, National Portrait
Gallery (Londres).

William Shakespeare

Naturalidade/nacionalidade: _____

Século em que viveu: _____

Perfil biográfico: _____

Obras: _____

Perfil literário: _____



Hélia Correia

Ano e local de nascimento: _____

Estudos/habilitações literárias: _____

Profissão: _____

Obras publicadas: _____

Perfil literário: _____

Prémios recebidos: _____

Outros aspetos que consideres relevantes: _____



C. O texto encenado

1. Pesquisa na Internet informações relacionadas com possíveis representações desta peça em Portugal.

1.1 Prepara uma apresentação oral e expõe os dados que recolheste à turma.

D. Exploração da estrutura externa do texto

1. Verifica em quantos atos e cenas se divide a versão do texto de Shakespeare.
2. Repara também no elenco de personagens. Em quantos subgrupos se divide?

COMEÇAR A LER...

EXPRESSÃO ORAL

1. Em trabalho de grupo, procede a uma leitura direcionada para a compreensão, o vocabulário, as atividades de gramática e a escrita.
 - A turma deve começar por formar os grupos e distribuir os atos por cada um deles.
 - Seguidamente, cada grupo deve definir a estratégia para resolução do questionário e escolher o modo como vai apresentar oralmente o trabalho final.
 - No trabalho de leitura que vais realizar, deves trabalhar com o livro. As páginas indicadas dizem respeito à edição da editora Relógio D'Água, 2003, com reimpressão em 2010.

GRUPO I — ATO I (pp. 11-23)

COMPREENSÃO DA LEITURA

1.  Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações seguintes, relativas às cenas que acabaste de ler.
 - (A) As duas cenas passam-se no mesmo tempo e no mesmo lugar.
 - (B) A cena I apresenta as personagens e o conflito.
 - (C) Na cena I, Teseu e Hipólita preparam as festas das bodas, que se realizam no dia seguinte.
 - (D) Nesta cena, Egeu vem queixar-se a Teseu: Hérmlia não quer cumprir o desejo de seu pai, preferindo Lisandro a Demétrio.
 - (E) Na cena I, Demétrio e Hérmlia planeiam fugir e contam a Helena.
 - (F) Helena é amiga de Hérmlia, mas gosta de Demétrio.
 - (G) Na cena II, a companhia composta por Marmelo, Atarrachado, Canelas, Gaitinhas, Biquinho e Lingrinhas prepara uma peça em honra das bodas do Duque.
 - (H) Nesta cena, Marmelo distribui os papéis e combina um ensaio ao nascer do dia, na cidade.
 - (I) O ensaio acontecerá junto ao carvalho do Duque.
 - (J) A peça que vão apresentar chama-se «A belíssima comédia de Píramo e Tisbe».
 - (K) Biquinho e Gaitinhas vão desempenhar papéis femininos.
 - 1.1 Transforma as afirmações falsas em verdadeiras.
2. Atenta nas personagens.
 - 2.1 Enumera as personagens pela ordem de entrada em cena.
 - 2.2 Apresenta as relações que se podem estabelecer entre as diferentes personagens, na cena I.
 - 2.3 Indica as profissões das personagens, na cena II.
 - 2.4 Distingue os dois grupos intervenientes.
 - 2.4.1 Relaciona-os com o espaço em que se encontram e as respetivas ações.
3. Considera, agora, o conflito.
 - 3.1 Qual te parece ser, no ato I, o conflito?
 - 3.1.1 Que solução arranjam Hérmlia e Lisandro para o resolver?
 - 3.2 Descreve o conflito interior de Helena. Justifica com dados do texto.
4. Repara no espaço e no tempo.
 - 4.1 Onde se passa a ação? Transcreve elementos do texto que corroborem a tua resposta.
 - 4.2 Que hipóteses podes apresentar quanto à sua duração? Justifica com dados do texto.

5. Observa, por fim, as falas das personagens e as indicações cénicas.
- 5.1 Indica duas situações de diálogo e uma de monólogo.
- 5.2 Que tipo de informação é dado pelas didascálias? Justifica com expressões do texto.

GRAMÁTICA

6. Apresenta um sinónimo para cada um dos vocábulos do texto.



Vocábulos	Sinónimos
«cessaria»	(1)
«intenso»	(2)
«bodas»	(3)
«suaves»	(4)
«audiência»	(5)
«mirones»	(6)

7. Considera a cena II.
- 7.1 Procura, no fim deste texto dramático (edição Relógio D'Água, pp. 22 e 23), dois verbos relativos a vozes de animais.
- 7.2 Produz duas frases em que os utilizes.
8. Transcreve da cena II:
- a) duas frases interrogativas; b) uma interjeição; c) dois vocativos.
9. Completa a conjugação no modo indicativo, na segunda pessoa do singular.



	Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
a)	vens	(1)	(2)
b)	(1)	passavas	(2)
c)	(1)	(2)	estarás
d)	(1)	mudavas	(2)
e)	deves	(1)	(2)
f)	(1)	dizias	(2)
g)	(1)	(2)	esperarás

10. Considera as frases seguintes.
- a) «Não, *Hérmia*, espera.»
- b) «A sua casa fica já para além deste ducado»
- c) «Aceito a minha pena.»
- d) «A lei é lei.»
- 10.1 Identifica as funções sintáticas dos segmentos destacados.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

EXPRESSÃO ESCRITA

11. Relê a fala de Hipólita: «— Vós e eu, chefes os dois de dois países em combate intenso. E eis-nos ambos ao amor rendidos.»

11.1 Produz um texto narrativo cuja história ilustre as palavras de Hipólita. Planifica a tua redação e revê-a no fim. Não ultrapasses as 150 palavras.

GRUPO II — ATO II (pp. 27-43)

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações seguintes, relativas às cenas que acabaste de ler.



- (A) As duas cenas passam-se no mesmo tempo e no mesmo lugar.
- (B) A cena I inicia-se com um diálogo entre uma Fada e o Duende Traquinas.
- (C) O Duende informa a Fada da zanga de Oberon e Titânia.
- (D) Nesta cena, Oberon e Titânia discutem por causa de Traquinas.
- (E) Titânia prepara uma partida a Oberon e pede a Traquinas que lhe arranje amores-perfeitos.
- (F) Entretanto, entram Demétrio e Helena.
- (G) Oberon, invisível, assiste à confissão desesperada de Helena, que está disposta a tudo por Demétrio.
- (H) No fim da cena, Titânia dá a Traquinas uma outra missão: deitar sumo a Demétrio para que este ame mais Helena do que ela lhe quer.
- (I) Oberon diz a Traquinas para regressar ao primeiro cantar do galo.
- (J) Na cena II, Titânia pede às Fadas para a adormecerem, cantando.
- (K) Assim que Titânia adormece, Traquinas lança-lhe um feitiço.
- (L) Lisandro e Hérnia também adormecem.
- (M) Entretanto, surge Helena, a quem Demétrio abandonou.
- (N) Demétrio confessa o seu amor a Hérnia.
- (O) A cena termina com Titânia, que acorda.

1.1 Transforma as afirmações falsas em verdadeiras.

2. Atenta nas personagens.

- 2.1** Qual é a função da pequena fada, que abre a cena I?
- 2.2** Que informações fornece Traquinas sobre Titânia e Oberon?
- 2.3** Quem é, afinal, Traquinas?
 - 2.3.1** Como é caracterizado?
- 2.4** O que une Titânia a Oberon?
- 2.5** O que podes dizer sobre a relação de Helena e Demétrio?
- 2.6** No início da cena II, assistimos a um ritual. Que personagens o preparam?
- 2.7** Como caracterizas os dois pares amorosos que agora se encontram no bosque?

3. Considera, agora, o conflito.
 - 3.1 Nas duas cenas deste ato verificamos que há dois conflitos paralelos. Identifica-os.
 - 3.2 Que personagem o agudiza?
 - 3.3 Que hipóteses podes apresentar quanto às possíveis soluções?
4. Repara no espaço e no tempo.
 - 4.1 Onde e quando se passa a ação?
 - 4.1.1 Justifica as tuas afirmações, relacionando este ato com o ato anterior.
5. Observa, por fim, as indicações cénicas.
 - 5.1 Que informações nos dão?
 - 5.1.1 Transcreve dois exemplos de cada uma dessas funções.

GRAMÁTICA

6. Considera o diálogo inicial da Fada e de Traquinas.
 - 6.1 Transcreve:
 - a) duas frases exclamativas;
 - b) duas frases interrogativas;
 - c) uma onomatopeia;
 - d) uma interjeição;
 - e) dois diminutivos.
 - 6.2 Justifica a utilização de reticências nas falas de Traquinas e da Fada.
7. Atenta, agora, na passagem seguinte.

«**TRAQUINAS** Tu bem o dizes. Sou esse que anda alegremente pela noite; e invento brincadeiras para fazer rir Oberon. Por exemplo, eu imito o relinchar da égua e engano com ele o cavalo mais nutrido.»

 - 7.1 Identifica os pronomes presentes no excerto.
 - 7.2 Reescreve a frase «[...] invento brincadeiras para fazer rir Oberon», explicitando o sujeito através de um pronome e substituindo o nome sublinhado pelo pronome correspondente.
 - 7.3 Transcreve:
 - a) uma oração subordinada relativa;
 - b) duas orações coordenadas copulativas.
8. Constrói frases que preencham as seguintes estruturas sintáticas, partindo da leitura deste ato.
 - a) Sujeito nulo subentendido + predicado (verbo + complemento direto) + modificador de valor locativo.
 - b) Sujeito + modificador apositivo + predicado (verbo + complemento indireto).
 - c) Sujeito + predicado (verbo + predicativo do sujeito).

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Escreve uma possível didascália, a inserir no início do ato, descrevendo o espaço cénico.

GRUPO III — ATO III (pp. 47-73)

COMPREENSÃO DA LEITURA

1.  Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmações, relativas às cenas que acabaste de ler.
- (A) A cena I inicia-se com a companhia a preparar o ensaio.
 - (B) É Canelas quem dirige o ensaio.
 - (C) O Duende Traquinas entra e assiste a uma parte do ensaio, achando Píramo muito esquisito.
 - (D) Biquinho surge com uma cabeça de burro.
 - (E) Entretanto, Canelas canta e acorda Titânia, que fica fascinada com tanta beleza e sensatez.
 - (F) Entram quatro Fadas a quem Titânia ordena que fiquem ao serviço de Traquinas.
 - (G) A cena II inicia-se com a entrada de Oberon e Traquinas.
 - (H) Traquinas enganou-se no nobre ateniense a quem deitou o sumo do amor-perfeito.
 - (I) Para desfazer o engano, Oberon manda Traquinas procurar Hérnia.
 - (J) Surge Hérnia, a quem Lisandro diz já não amar.
 - (K) Hérnia e Helena desentendem-se, não percebendo o que está a acontecer.
 - (L) Traquinas está divertido com a confusão que provocou e Oberon quer resolver o engano antes da chegada do dia.
 - (M) Os dois rivais querem lutar, mas não se conseguem encontrar.
 - (N) A cena termina com Traquinas a espremer um antídoto nos olhos de Demétrio, para desfazer o feitiço.
- 1.1 Transforma as afirmações falsas em verdadeiras.
2. Atenta nas personagens.
- 2.1 Enumera-as pela ordem de entrada em cena.
 - 2.2 Mostra que, neste ato, se juntam personagens dos diferentes grupos apresentados antes do ato I.
 - 2.3 De que modo as personagens da realidade se misturam com as da fantasia?
 - 2.4 Observa o segundo diálogo de Oberon e Traquinas. Que caracterização faz Oberon de Helena?
 - 2.5 Prova que o nome Traquinas está bem atribuído.
 - 2.6 Que sentimentos revela Helena ter para com os jovens atenienses e Hérnia? Justifica com dados do texto.

3. Considera, agora, o conflito.
 - 3.1 Mostra que este ato corresponde ao momento mais denso do conflito.
 - 3.2 Que personagem é responsável pelo conjunto de equívocos que se sucedem?
 - 3.2.1 Quem tenta resolver a situação e como?
4. Repara no espaço e no tempo.
 - 4.1 Relaciona este ato com o anterior, relativamente ao local e ao tempo em que decorre a ação.
 - 4.2 Transcreve a fala de Traquinas que ilustra a passagem do tempo.
5. Observa, por fim, as falas das personagens e as indicações cénicas.
 - 5.1 Transcreve uma fala de Hérnia que constitui monólogo e ao mesmo tempo aparte.
 - 5.2 Analisa as funções das didascálias. Justifica com elementos textuais.
 - 5.3 Explica por que razão algumas falas aparecem em itálico.

GRAMÁTICA

6. Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões destacadas.



A	B
(a) «Serei cavalo e mastim [...]»	(1) Predicado
(b) «Já percebi a malandrice. »	(2) Sujeito
(c) «A noite tira aos olhos a visão [...]»	(3) Complemento direto
(d) «Mas diz-me, amor , porque me abandonaste?»	(4) Complemento indireto
(e) «Tu amas Hérnia. »	(5) Vocativo
(f) « A tua voz fascina os meus ouvidos, [...]»	(6) Predicativo do sujeito

7. Reescreve as frases na passiva.
 - a) «[...] não dispenso a tua companhia.»
 - b) «Temos de corrigir erro tamanho.»
 - c) «[...] amaldiçoaste a minha vida.»
 - d) «A noite tira aos olhos a visão [...]»

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Produz um texto narrativo, de 150 a 200 palavras, em que recontes «a maroteira» e «a confusão» que tanto divertem Traquinas. Utiliza a 3.^a pessoa e o pretérito perfeito do indicativo. Planifica a tua redação e revê-a antes de a dares por terminada.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

GRUPO IV — ATO IV (pp. 77-88)

COMPREENSÃO DA LEITURA

1.  Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações seguintes, relativas às cenas que acabaste de ler.
 - (A) Enquanto os dois casais estão adormecidos, Titânia e as suas Fadas vão ocupar-se de Canelas.
 - (B) Oberon aproveita o sono de Mostardinha para lhe deitar sumo de artemísia.
 - (C) Titânia acorda e vê uma horrível criatura.
 - (D) Titânia e Oberon dançam enquanto os quatro namorados continuam a dormir.
 - (E) Na floresta, surgem Teseu, Hipólita, Egeu e o seu séquito.
 - (F) Egeu ordena aos caçadores que acordem os quatro namorados.
 - (G) Ao acordar, Demétrio diz amar Helena de todo o coração.
 - (H) Teseu decide fazer a caçada e depois seguir para o templo, onde todos se casarão.
 - (I) A cena termina com Canelas a acordar espantado com o sonho que teve.
 - (J) Na cena II, toda a companhia se reúne e Canelas dá ordem de marchar para o palácio para representar a comédia em honra de Teseu e Hipólita.
 - 1.1 Transforma as afirmações falsas em verdadeiras.
2. Atenta nas personagens.
 - 2.1 Identifica as que permanecem em cena vindas do ato anterior e as que entram pela primeira vez.
 - 2.2 Identifica as personagens do reino dos humanos que só entram agora.
 - 2.3 Refere as ações de Oberon e Traquinas para que tudo retome a normalidade.
 - 2.4 Que explicação apresenta Titânia para o que lhe sucedeu?
 - 2.5 Que sentimentos suscita na corte a observação dos namorados e de Canelas a dormir?
 - 2.6 Interpreta as atitudes dos namorados e de Canelas ao acordar e relaciona-as com o nome da peça.
3. Considera, agora, o conflito.
 - 3.1 Mostra que este ato corresponde ao desenlace do conflito.
 - 3.2 Explica a função da cena II.
4. Repara no espaço e no tempo.
 - 4.1 Prova que não há mudança de espaço, neste ato.
 - 4.2 Transcreve uma passagem que permite ter a noção da passagem do tempo.
5. Observa, por fim, as falas das personagens e as indicações cénicas.
 - 5.1 Analisa as indicações cénicas e o modo como interferem no desenrolar da ação.

GRAMÁTICA

6. Atenta na fala de Titânia.

«**TITÂNIA** (*para Canelas*) Senta-te aqui no meu florido leito para eu te fazer festas na carinha e te enfeitar com rosas os macios e sedosos cabelos e beijar tuas grandes orelhas, meu amor.»

6.1 Transcreve, para o teu caderno, os pronomes e os determinantes presentes nesta passagem.

7. Relê as frases que se seguem.

- a) «Contemos nossos sonhos pelo caminho.»
- b) «Quando for a minha deixa, chamem por mim [...].»
- c) «Esta noite julguei que amava um burro!»
- d) «A cotovia canta porque o dia se levanta.»

7.1 Identifica as frases simples e as frases complexas.

7.2 Delimita as orações das frases complexas e classifica-as.

7.2.1 Identifica e classifica as conjunções presentes nessas frases.

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Escreve duas didascálias em que descrevas os adereços utilizados na caracterização de Titânia e Oberon. Respeita a forma de redação destas indicações cénicas.

GRUPO V — ATO V (pp. 91-106)

COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações seguintes, relativas às cenas que acabaste de ler.



- (A) Hipólita e Teseu estão admirados com a história dos dois casais.
- (B) Filostrato estende uma lista de diversões para que os dois casais escolham o que querem ver.
- (C) Teseu escolhe a peça dos artesãos, contra a opinião de Filostrato.
- (D) Marmelo faz o prólogo.
- (E) Hipólita é muito crítica relativamente à representação.
- (F) No fim, Teseu prefere ver o epílogo a assistir à dança dos atores.
- (G) Com as doze badaladas chega a hora de dormir e Teseu anuncia a chegada das Fadas.
- (H) Traquinas entra, logo seguido de todos os do País das Fadas.
- (I) As Fadas dançam e cantam para abençoar os noivos.
- (J) A peça termina com o monólogo de Oberon.

1.1 Transforma as afirmações falsas em verdadeiras.

2. Atenta nas personagens.
 - 2.1 Identifica as relações que as unem.
 - 2.2 Refere os sentimentos predominantes.
 - 2.3 Prova que todos os níveis da ação se unem neste ato final.
 - 2.4 Mostra que Teseu representa o poder e a autoridade.
3. Considera, agora, o conflito.
 - 3.1 De que modo se retomou a normalidade?
 - 3.2 Mostra como, neste ato, se concretiza um exemplo de «teatro dentro do teatro.»
4. Repara no espaço e no tempo.
 - 4.1 Onde e quando se passam as ações deste momento da peça?
 - 4.2 Prova que a este respeito a peça apresenta uma certa circularidade.
 - 4.3 Tira conclusões quanto à duração da ação dramática.
5. Observa, por fim, as falas das personagens e as indicações cénicas.
 - 5.1 Mostra como as falas dos atores anunciam os seus papéis na peça a apresentar ao Duque e à sua esposa.
 - 5.2 Indica a função do monólogo final de Traquinas.
 - 5.2.1 Prova que esta fala do Duende estabelece interação com o público.

GRAMÁTICA

6. Relê o excerto.

«**TRAQUINAS** (*para o público*) Se acaso desagradámos, só tereis de desculpar. Somos as sombras de um sonho que acabastes de sonhar. Para a outra vez, garantimos que nos vamos emendar.»

 - 6.1 Transcreve as formas verbais.
 - 6.1.1 Identifica o tempo e o modo em que se encontram.
 - 6.2 Justifica o emprego da 1.^a e da 2.^a pessoas do plural na fala de Traquinas.
7. Completa as sequências nome-adjetivo-verbo.



	Nome	Adjetivo	Verbo
a)	(1)	breve	(2)
b)	(1)	(2)	chorar
c)	aplauso	(1)	(2)
d)	sonho	(1)	(2)

8. Identifica, na peça representada pelos artesãos:

- a) duas interjeições;
- b) uma onomatopeia.

EXPRESSÃO ESCRITA

9. Redige uma didascália em que presentes os adereços que servem de caracterização a Traquinas e em que refiras a sua movimentação no monólogo final da peça.

DEPOIS DE LER...

A. Ficha técnica do espetáculo

1. Na montagem de um espetáculo teatral, é necessário o contributo de muitos profissionais e de várias áreas.
 - 1.1 Faz o levantamento de todas essas áreas profissionais, partindo da observação da ficha artística do espetáculo, levado à cena no Teatro Nacional D. Maria II, em novembro de 2003. Consulta o *site* do Teatro Nacional.

EXPRESSÃO ORAL

2. Dialoga com a turma sobre a presença do cómico na peça de Shakespeare. Foquem os aspetos seguintes.
 - Que tipo de cómico se encontra na peça?
 - Qual é o momento que cada um considera mais cómico?
 - Que personagem suscita mais o riso? Porquê?

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

3. Visiona o filme *Sonho de Uma Noite de Verão*, realizado por Michael Hoffman em 1999.
4. Produz um texto de 100 palavras com as tuas impressões sobre o filme e a sua relação com a peça que acabaste de trabalhar. Planifica adequadamente a tua redação e revê-a no fim.
5. Com os teus colegas e solicitando a ajuda do professor de Educação Visual, publica os textos num jornal de parede. Tem em conta:
 - a disposição dos textos;
 - o carácter apelativo dos títulos;
 - a escolha de imagens que possam enriquecer o trabalho da turma.



A Ilha Encantada



Versão para jovens de *A Tempestade* de William Shakespeare

«No meu trabalho, comecei por atender aos pedidos das gentes mais sensatas e substituí *A Tempestade* — que, ao que dizem, podia causar estremecimento — por *A Ilha Encantada*, pois que é assim referida pelo autor.» (Hélia Correia)

Apresentamos-te aqui um pequeno excerto desta obra dramática, mas deves lê-la na íntegra.

Entram Próspero e Miranda.

MIRANDA: —

Se por tua magia, querido pai,
Puseste as águas neste estado, para-as.

- 5 O céu, parece, verteria breu
Malcheiroso, se o mar, subindo às nuvens,
Não apagasse os raios. Ai, sofri
Pelos que vi sofrer. A bela nau
(Que transporta sem dúvida algum nobre)
10 Feita em pedaços! Oh, como embateu
Contra o meu coração um tal clamor!
Pobre gente, morreu! Fosse eu um deus
Com poder e o mar soterraria
Antes que ele pudesse o bom navio
15 E a sua carga de almas engolir.

PRÓSPERO: —

Acalma-te. Não temas. Diz ao teu
Coração compassivo que nenhum
Mal sucedeu.

20 MIRANDA: —

Que dia horrível!

PRÓSPERO: —

Nada!

- Tudo o que eu fiz, por ti o fiz, querida
Que a teu respeito tudo ignoras, nem
25 Sabes de onde vim, nem que sou mais
Do que Próspero, o dono de uma pobre
Cabana, e um pai modesto.

MIRANDA: —

Saber mais

Não foi nunca uma ideia que eu tivesse.

30 PRÓSPERO: —

É tempo de informar-te. Vem, ajuda-me
A despir o meu traje de magia.
(*Para os trajes, no chão*)
Descansa, pois, aí, ó minha arte.

35 (*Para Miranda*)

Enxuga os olhos, fica sossegada;
O naufrágio que tanto te tocou
Fui eu que o planeei e nenhum mal
Aconteceu à gente do navio.

40 Senta-te. Eu tenho que dizer-te mais.

MIRANDA: —

Muita vez a contar-me começaste
Para às minhas perguntas te deteres,
Rematando: «Ainda não».

45 PRÓSPERO: —

Chegou a altura.

Presta bem atenção. Podes lembrar-te
Daquele tempo anterior à nossa vinda
Para esta cabana? Acho que não.
50 Nem três anos fizeras.

MIRANDA: — Posso, sim.

PRÓSPERO: —

E lembras-te de quê? De casa ou gente?
Que guardas na memória?

55 MIRANDA: —

Está tão longe
Que mais parece um sonho. Eu não dispunha
De umas cinco mulheres para me servirem?

PRÓSPERO: —

60 E até mais, Miranda. Mas como é
Que isso ainda está vivo em tua mente?
Que mais vês no abismo do passado?
Se te lembras de factos anteriores,
Também recordas como aqui chegámos.

65 MIRANDA: —

Não me recordo, não.

PRÓSPERO: —

Há doze anos,
Há doze anos, Miranda, o teu pai era
70 O Duque de Milão e poderoso.

MIRANDA: —

Não sois vós o meu pai?

PRÓSPERO: —

A tua mãe,
75 Um modelo de virtude, assim mo disse.
Tu não és menos que princesa e única
Herdeira do Ducado de Milão.

HÉLIA CORREIA, *A Ilha Encantada — Versão para Jovens*
de «A Tempestade» de William Shakespeare,
s.l., Relógio D'Água, 2013.



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Atenta na primeira didascália.
 - 1.1 Mostra que, através desta indicação cénica, é possível saber que estamos perante o início de uma cena.
2. Identifica o responsável pelo naufrágio da nau.
 - 2.1 Como reagiu Miranda a este acontecimento?
3. Que revelações faz Próspero a Miranda?

EXPRESSÃO ORAL

4. Prepara a leitura do excerto com um colega e dramatizem-no em aula.



BIOGRAFIA

Almada Negreiros

(1893-1970)

José de Almada Negreiros nasceu na ilha de São Tomé e faleceu em Lisboa. Filho de mãe mestiça, cedo ficou órfão e foi educado pelos avós maternos em Lisboa. Desde muito cedo revelou vocação para o desenho, e em 1913 fez a sua primeira exposição, que lhe valeu de Fernando Pessoa uma crítica elogiosa na revista *A Águia*. Almada inscreve-se no contexto do Modernismo, que o faz ser um caso especial na produção artística numa época de vanguardas. Com talentos múltiplos, Almada produziu textos muito diversificados no campo literário, dedicando-se também à dança, à pintura e à cenografia.

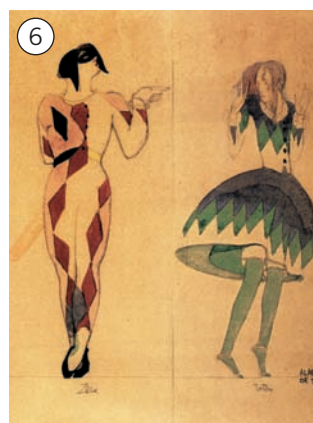
Obra: Manifesto

Anti-Dantas; A Cena do Ódio; A Engomadeira; A Invenção do Dia Claro; Nome de Guerra; Deseja-se Mulher.

Antes de Começar

ANTES DE COMEÇAR...

1. Propomos-te a leitura integral do texto dramático *Antes de Começar*, da autoria de Almada Negreiros.
 - 1.1 Partindo das informações biográficas constantes da nota lateral, elabora uma ficha biobibliográfica do autor, recorrendo também a outros dados que recolhas em dicionários de literatura, em enciclopédias, ou mesmo na Internet.
2. Observa as pinturas, todas elas da autoria de Almada Negreiros.



2.1 Faz corresponder a cada pintura uma das seguintes legendas.



- (A) Figurinos de Almada para o *Jardim de Pierrette*.
- (B) Capa da revista *De Teatro*, em que Almada colaborou.
- (C) *Autorretrato* de Almada (1930).
- (D) *Maternidade*, pintura a óleo (1935).
- (E) *Retrato do Poeta Fernando Pessoa*, em óleo sobre tela (1954).
- (F) Estudo para figurino de um diabo vicentino.

COMEÇAR A LER...

CENA ÚNICA

(Depois de subir o pano, ouve-se um tambor que se vai afastando. Quando já mal se ouve o tambor, o Boneco levanta-se, e vai espreitar ao fundo para fora. Entretanto a Boneca senta-se e está admirada de ver o Boneco a andar. Quando o Boneco volta para o lugar, fica admirado de ver a Boneca sentada a olhar para ele.)

- O BONECO — Tu também te mexes como as pessoas?!
- A BONECA — *(Muito baixinho.)* Chiu!...
- O BONECO — Só agora é que dei por isso!
- A BONECA — *(Idem.)* Chiu!...
- 10 O BONECO — Todas as noites puxo por ti e tu sempre uma boneca!!!
- A BONECA — *(Idem.)* Chiu!...
- O BONECO — Eu julgava que, de nós dois, era eu só que podia mexer-me!
- A BONECA — *(Sempre muito baixinho.)* Eu também julgava que de nós
- 15 dois, era eu a única que podia mexer-me!
- O BONECO — E nunca me sentiste a puxar por ti, todas as noites?!
- A BONECA — *(Idem.)* É que julgava que era o Homem que puxava por mim!
- O BONECO — E tu? Puxaste por mim alguma vez?
- 20 A BONECA — *(Idem.)* Nunca... nunca experimentei puxar por ti... Eu tinha pena se, ao puxar por ti, tu não te mexesses. Por isso nunca experimentei!...
- O BONECO — Pois eu, todas as noites, quando o tambor do Homem já vai muito longe, levanto-me e vou espreitar para fora...
- 25 A BONECA — Nunca te vi assim!... Às vezes, sentia puxarem por mim mas julgava que era o Homem... e deixava-me estar boneca...
- O BONECO — Se eu soubesse que tu eras como eu!
- A BONECA — Se eu soubesse que também tu eras assim!
- O BONECO — A culpa é tua! Eu bem puxei por ti, todas as noites!





30 A BONECA — Que pena! E eu que não adivinhava que eras tu! Olha, perdooas? Tu não imaginas como eu sou tímida!...

O BONECO — É asneira!...

A BONECA — Chiu!... Não fales tão alto!

O BONECO — Não está ninguém lá fora! Eu nunca me levanto sem ter
35 pensado primeiro se está alguém lá fora!... Só depois de ter pensado bem é que eu me levanto... E até hoje, ainda ninguém deu por nada... nem tu!

A BONECA — É verdade, nem eu...

O BONECO — Tu és muito tímida!

40 A BONECA — Pois sou...

O BONECO — E não há razão... pois se temos a certeza de que não está ninguém a ver! Faz algum mal?

A BONECA — Mas se vissem?

O BONECO — Não podem ver!

45 A BONECA — Tu tens a certeza de que não te podes enganar?

O BONECO — As pessoas é que se enganam! Nós os bonecos, nunca nos enganamos!!!...

A BONECA — A dizer a verdade, eu nunca me enganei... Mas nunca faço nada porque tenho medo de me enganar!...

50 O BONECO — (*A ralar.*) Pareces mais uma menina do que uma boneca!!!

A BONECA — Mas o que é que queres?... Eu sou assim... A ti que és boneco, não te fica mal levatares-te por tua própria iniciativa e sem que ninguém saiba... (*A crescer de interesse.*) Mas achas que
55 me ficava bem a mim, uma boneca, levantar-me por minha própria vontade, sem mais nem menos?

O BONECO — Estou-te a dizer que todas as noites me fartei de puxar por ti!...

A BONECA — Eu julgava que era o Homem!

60 O BONECO — Ora aí está! De que serviu eu ter puxado tanto por ti, se tu te punhas a julgar outras coisas!...

A BONECA — (*Perfil.*) Chiu!... Supõe tu que era o Homem.

O BONECO — Mas não era o Homem, era eu!!!

A BONECA — (*3/4.*) Mas eu é que não sabia!...

65 O BONECO — Olha! Digo-te outra vez: Pareces mais uma menina do que uma boneca!

A BONECA — E não dizes nada mal!... pois quantas e quantas vezes eu me esqueço de que sou uma boneca e me ponho a pensar *exatamente* como se fosse uma menina!

70 O BONECO — (Ri.) Isso é mesmo de boneca!

A BONECA — Mas que queres que eu faça? Eu sou assim... Não fui eu que me fiz!... E tu também não podes falar!... Tu levantas-te quando te apetece e mexes-te à tua vontade, como se fosses uma pessoa... e isto, para um boneco parece a mais!...

75 O BONECO — És mesmo parvinha de todo! É o que eu te digo: nem pareces uma boneca! Então tu não sabes, minha estupidezinha, que um boneco, quando não está ninguém a ver, se mexe à sua vontade?

A BONECA — Já me quis parecer isso... tenho pensado muito a esse respeito... mas a certa altura começa-me a doer a cabeça e nunca consegui, até hoje, pensar esse assunto todo até ao fim!

80 O BONECO — Tu és uma fraca!

A BONECA — Pois sou... Não tenho coragem nenhuma! Eu nem tive nunca coragem para me mexer da posição em que o Homem me deixasse!... E tu? Lembravas-te sempre, *exatamente*, da posição em que o Homem te tinha deixado?

85 O BONECO — Sempre!

A BONECA — Ah! Que boa memória que tu tens... Eu não sei se tenho boa memória. Nunca até hoje tive coragem para experimentar levantar-me da posição em que o Homem me tinha deixado...

90 O BONECO — Então como é que sabias que podias mexer-te?

A BONECA — Ouve! Eu explico-te: Quando já havia muito tempo que eu não sentia nada em redor de mim, depois de o tambor se ouvir lá muito ao longe... eu abria assim um bocadinho os olhos sem ninguém perceber... e ficava a perceber tudo... Depois experimentava muito devagarinho mexer um dedo qualquer, ao calhar, e mexia!... Outras vezes estendia um nadinha uma perna, que ninguém podia dar por isso... Experimentei aos poucochinhos mexer tudo, muito devagarinho, e tudo mexia... Ah! que se eu tivesse a certeza de que não me esqueceria da posição em que o Homem me tinha deixado... eu havia de me levantar uma voltazinha, para experimentar...

100 O BONECO — O que me espanta é que nunca tenhas dado por mim!

A BONECA — Não estás com certeza mais admirado do que eu... mas talvez seja por eu ficar quase sempre por acaso com a cara virada pró chão... e quando ficasse com a cara pra cima, também em nada podia reparar, pois mal te sentisse mexer, punha-me logo a julgar que era o Homem que estava a puxar por ti... e fazia-me imediatamente boneca... Foi sempre tão grande o medo que eu tinha de que o Homem soubesse que eu mexia, que à mais pequenina coisa me punha logo como morta...

110 O BONECO — Ouve lá! Porque é que falas tão baixo? A tua voz não dá mais do que isso?



A BONECA — Parece-me que dá... Ainda nunca experimentei gritar, mas tenho a certeza de que sou capaz de dar o grito que se ouve de mais longe!

115 O BONECO — Então porque falas tão baixo?

A BONECA — (*Muito baixinho.*) Chiu!... É por causa do Homem... Coitado, se ele soubesse que nós mexemos!... Tu já pensaste a sério a este respeito? Um dia, sem querer, tu julgas que o Homem não está aqui e ele está a ver-te! Que horror!!! Nem quero pensar!

120 O BONECO — Ora! Mesmo que o Homem me visse a mexer, julgava que era um sonho... Não acreditava...

A BONECA — Não é tanto assim!... Tu é que não sabes o que se passa! Há dias, o Homem estava todo bem-disposto, chamou a mulher dele e disse-lhe a apontar para mim: Não achas que ela — era eu — tem cara de quem está à espera de que a gente não esteja a ver para se pôr à sua vontade?

O BONECO — Foi o Homem quem disse isso assim?!

A BONECA — Juro-te pela minha boa sorte!!!

O BONECO — E a mulher do Homem o que é que disse?

130 A BONECA — A mulher do Homem disse assim (*Devagar.*) Olha que estás para aí a dizer uma coisa que já me tem vindo à ideia muitas vezes e sem eu querer!

O BONECO — Foi só isso o que eles disseram?

135 A BONECA — E achas pouco?!!! Os filhos deles também já andam desconfiados... e agora, em vez de irem brincar como dantes, vão-se pôr à espreita ali, daquele canto, à espera de que qualquer de nós se mexa...

O BONECO — Seja quem for, se vir um boneco a mexer sozinho julga sempre que é um sonho... e não acredita!

140 A BONECA — Faz tu o que quiseses: a mim é que eles não me hão de ver nunca a mexer sozinha!

O BONECO — Tu és uma medrosa!

A BONECA — Pois sou...

O BONECO — Mas eu já fui espreitar... não está ninguém aqui ao pé.

145 A BONECA — Tens a certeza? Tu nem sequer sabias o que eles tinham estado a dizer a nosso respeito!...

O BONECO — Sim, tenho a certeza! Foram todos juntos prá cidade chamar gente pró espetáculo daqui a bocado... O Homem levava o bombo e os pratos; quem tocava o tambor, hoje, era o filho mais velho; a mulher levava o cornetim e a filha ia à frente com o cartaz e os guizos.



- A BONECA — Logo hoje por infelicidade, a filha não me quis levar com ela! Quando está contente leva-me sempre na algibeira do casaco...
- 155 O BONECO — Já por várias vezes fomos os dois juntos dentro da mesma algibeira!...
- A BONECA — É verdade!... Nesse tempo não sabia que tu eras como eu...
- O BONECO — É verdade!... nem eu!... e podíamos ter falado tanto, dentro da algibeira!... Fartei-me de puxar por ti!...
- 160 A BONECA — Eu não sabia que eras tu!
- O BONECO — Era eu!
- A BONECA — Porque não me disseste ao ouvido?
- O BONECO — Eu não sabia que tu ouvias!
- 165 A BONECA — Pois ouvia!
- O BONECO — E tu nunca te aborrecias de estar sempre na posição em que o Homem te tinha deixado?
- A BONECA — Punha-me a pensar... Pensei muito! Pus por ordem todas as coisas que aconteceram comigo... Sei tudo de cor...
- 170 O BONECO — Conta, conta o que sabes!...
- A BONECA — Só há uma coisa que eu não sei e que também aconteceu comigo...
- O BONECO — O que foi?
- A BONECA — Não sei explicar a razão por que são tão pequenas as pessoas que vêm todas as noites ver o espetáculo!...
- 175 O BONECO — *(Ri.)* São assim tão pequenas porque ainda não chegaram a grandes... As pessoas pequenas chamam-se crianças.
- A BONECA — Isso não sabia eu... Era a única coisa que eu não tinha sido capaz de compreender!... Via umas pessoas maiores e outras mais pequenas, e não sabia a razão.
- 180 O BONECO — Ah! Ah! Ah!
- A BONECA — Naturalmente estás-me a enganar?...
- O BONECO — Não te estou a enganar, não... estou a rir-me do que terás para contar se não sabias que as pessoas antes de serem grandes começam por ser pequeninas!... *(Ri.)*
- 185 A BONECA — E não sabia! É alguma obrigação saber essas coisas? Se comesas a rir não te posso perguntar outra coisa que também não sei e que também aconteceu comigo...
- O BONECO — O que foi? Pergunta!
- 190 A BONECA — Pra onde é que vão as pessoas grandes?
- O BONECO — Vão ver outras coisas!





A BONECA — Então há outras coisas?

O BONECO — São só prá s pessoas grandes.

195 A BONECA — Ainda nunca vi... nunca aconteceu comigo... só sei do que já aconteceu comigo...

O BONECO — As coisas que há prá s pessoas grandes só quando acontecem connosco é que se compreendem.

A BONECA — Talvez que ainda venham a acontecer comigo!... Contigo já aconteceram?

200 O BONECO — Também ainda não... Só as crianças é que gostam de bonecos... As pessoas grandes fartaram-se de ver bonecos e foram ver outras coisas...

A BONECA — Naturalmente, estiveram que tempos à espera que nós mexêssemos, e como nunca nos mexêssemos nem dissêssemos nada, 205 aborreceram-se e foram-se embora!

O BONECO — Não sei se é assim como tu estás a dizer... Só sei que o Homem descobriu que as crianças gostavam de ver os bonecos a mexer como as pessoas...

A BONECA — O Homem teve uma boa lembrança de fazer mexer os bonecos por causa das crianças. 210

O BONECO — Do que as crianças gostavam mais era de chegar a ser bonecos!!!

A BONECA — Felizmente para o Homem, há sempre crianças por toda a parte!... Porque é que elas gostam de ver os bonecos mexer como as 215 pessoas?

O BONECO — É porque começam a pensar em muitas coisas que ainda não aconteceram com elas!

A BONECA — (*Devagar.*) E se fossem coisas que já tivessem acontecido com elas?

220 O BONECO — Essas já as crianças estão fartas de saber!

A BONECA — Ah!... Eu sou como as crianças... só sei do que já aconteceu comigo!...

O BONECO — Conta! Conta o que sabes!

A BONECA — Eu não sei se o que aconteceu comigo tem algum valor... 225 mas tu não calculas a porção de coisas sérias que têm passado p'la minha cabeça por causa do que aconteceu comigo!... Coisas de nada e que nunca mais acabam!

O BONECO — Tu és muito divertida!!!

A BONECA — Tu não me conheces! Tu estás habituado a ver-me só 230 por fora... nunca aconteceu contigo veres o que eu sou por dentro!...

O BONECO — Era isso mesmo que eu queria que tu contasses!

A BONECA — Tu sabes bem que eu não tenho história... A minha história é a daquela que me fez... Mas não sei mais nada... Assim eu sou-

235 besse contar-te a única história que eu sei!

O BONECO — Sabes, sim! Conta!

A BONECA — *(Pausa.)* Fui feita especialmente para a própria que me fez... e pra mais ninguém!... Talvez que a minha história não valha nada... mas foi feita só pra Ela!... Ela nunca pensou em mostrar-me

240 a mim... Longe estava Ela, quando me fez, de supor que eu havia de ir pró teatro! Ela fez-me de propósito só pra Ela, pra não estar sozinha... fui feita aos pedacinhos, de coisas que já não servem pra mais nada... Aqueles pedacinhos mais bonitos das coisas que já não serviam pra mais nada, guardava-os Ela pra me fazer a mim...

245 Achas que tem algum valor a minha história?

O BONECO — Conta, conta que eu gosto muito!

A BONECA — Fui feita aos pouquinho. Ela não podia estar sempre a tratar de mim... era só àquelas horas, depois de estar tudo pronto... Quando não havia mais nada que fazer... então é que chegava a

250 minha vez!... Mas não era porque Ela não me quisesse e muito, mas as outras coisas não podiam ficar por fazer... não achas? Era justo, eu estava depois das outras coisas... No fim de tudo, logo a seguir, era eu!... Mas quando chegava a minha vez, tu não imaginas, Boneco, a alegria que Ela trazia nos olhos!!! Via-se perfeitamente que não tinha pensado noutra coisa!... Achas que vale a

255 pena continuar?

O BONECO — Conta, conta! Eu gosto muito!... E parece-me que estou a reconhecer essa menina!...

A BONECA — Não há outra no mundo!... E se for a mesma tu sentes

260 logo... ainda que eu não te saiba contar a história dela!

O BONECO — Se for Ela, eu digo-te.

A BONECA — Tu não imaginas, Boneco, o que Ela fez por mim! Fui muito pensada!... Dia e noite não pensava noutra coisa... Ela cuidou imenso em dar-me um feitio que encantasse!... Fez tudo por

265 mim!... Eu era pra sair melhor do que saí... Ah! se eu fosse como Ela me tinha pensado!!! Mas eu estou contente... eles é que não sabem ver-me, eles veem-me só por fora e julgam que por dentro não tenho nada... Não é que eu seja por dentro diferente do que sou por fora, porque não sabem como eu sou por dentro... Ninguém sabe ver-me!... Oh! Ela, sim!... Se ao menos eles soubessem como eu fui feita!... Ah! Lembro-me tão bem!... Fui feita com o

270 coração!... Se o que sai do coração fosse igual ao que está por dentro... não era uma simples boneca vestida de seda... era outra coisa! Era o próprio coração por dentro! Nunca viste o coração por dentro?

275





O BONECO — *(Devagar.)* Vi! É uma boneca vestida de seda...

A BONECA — Oh! Como tu viste bem o coração!!! Dá-me a tua mão...
(Pausa.) Conta, conta como tu viste o coração!...

O BONECO — Não me perguntes nada... Deixa estar calado o meu coração... *(Pausa.)*

A BONECA — Ouve, Boneco! Tu achas que eu sou bonita? É porque Ela quis tanto fazer-me exatamente como era por dentro e por fora... E é por isso que eu me acho tão linda!... Por isso é que eu gosto tanto de mim... Olha bem pra mim... Já reparaste bem?... Os meus olhos... a minha boca... os meus cabelos... a cor dos meus olhos... a cor da minha boca... a cor dos meus cabelos... o meu feitio... a minha maneira de vestir... todas estas coisas são d'Ela!... Ela e eu somos uma coisa só!... Ela copiou-se exatamente em mim!...

O BONECO — Nós, os bonecos, somos o melhor retrato da idade de quem nos fez!!!

A BONECA — Ah!... Tu dizes tão certas as coisas! Vê-se perfeitamente que já aconteceram contigo!

O BONECO — Não me perguntes nada... Deixa estar calado o meu coração... *(Pausa.)*

A BONECA — Às vezes, o dia não vinha como Ela tinha esperado! Quando tal acontecia, nem eu sequer vinha a propósito... Nada lhe servia... Ninguém diria que era Ela própria que estava ali!... Mas outras vezes, tudo era d'Ela!... Ela é que animava todas as coisas... Ao pé d'Ela tudo era riqueza e alegria! Ela havia de fazer muita falta a quem não a conhecesse!... Tu não imaginas a porção de novidades que Ela tinha pra dar, se alguém lhas viesse pedir!... Nunca veio ninguém! Alguns ainda olharam mas não a viram... Nunca ninguém soube que Ela era a Rainha!

O BONECO — Parece-me que estou a reconhecer essa menina...

A BONECA — Uma grande Rainha que não tinha mais nada do que uma boneca feita por Ela!... Era eu, a boneca... Todos passaram diante d'Ela e ninguém se ajoelhou. Se a tivessem conhecido como eu a conheci todos ajoelhariam diante d'Ela!...

O BONECO — Parece-me que estou a reconhecer essa menina!...

A BONECA — Não há outra no mundo!

O BONECO — Mas... esta que eu digo não se parece contigo!

A BONECA — E por dentro? Também não se parece comigo?

O BONECO — Por dentro é que eu te acho tal e qual!

A BONECA — É que tu ainda não me viste bem por fora!

O BONECO — Talvez sejam parecidas só por dentro...

A BONECA — Isso não pode ser! O que uma pessoa é pra fora é igual ao que é pra dentro! É uma coisa só!... Isso que tu dizes não está certo... não é assim... Tu não sabes isso bem!... Isso ainda não aconteceu contigo!

320 O BONECO — Tudo o que acabas de dizer acontece comigo também!...

A BONECA — É porque tu ainda não me viste bem por dentro! Mas agora, já que nos conhecemos, havemos de falar muito... pra nos conhecermos ainda melhor um ao outro, por dentro e por fora... Deus queira que isto vá acontecer muito bem connosco!

325 O BONECO — Eu sou como tu... tudo o que aconteceu comigo eu sei de cor... é tudo tão fácil! Só, não sei...

A BONECA — Conta, conta!

O BONECO — Foi uma coisa que aconteceu comigo...

330 A BONECA — Não tenhas medo de contar!

O BONECO — Não, Boneca, ouve! Deixa estar calado o meu coração... ele está calado por causa de mim... pra que nem repare que ele está calado por causa de mim.

A BONECA — Se eu soubesse falar de outras coisas!... Mas eu só sei do que aconteceu comigo.

335 O BONECO — Não, Boneca... não digas nada... Deixa estar calado o meu coração... Eu não soube ouvir o coração... e o que ele quer é tão claro!

A BONECA — O que é claro é como a luz!

340 O BONECO — A luz não se engana!...

A BONECA — Nós é que nos enganamos com a luz.

O BONECO — É assim que acontece com a luz!... *(Pausa.)*

A BONECA — Ouve! Tu também sentes o coração dentro de ti muito grande... que não cabe dentro do peito? Ah! eu sou tão pequena! e o coração está dentro de mim... à espera pronto pra sair... pronto pra dar-se e a hora não chega!

345 O BONECO — Aquela hora que há...

A BONECA — Aquela hora que não passa... aquela hora que ainda não veio... aquela hora que deixa passar as outras adiante... as horas de esperar!...

350 O BONECO — Deixa estar calado o meu coração...

A BONECA — Dá-me a tua mão!... que eu saiba da tua mão... Que as tuas mãos não sejam as minhas!... que sejam outras mãos como as minhas... As minhas mãos não me bastam... faltam-me outras

355 mãos como as minhas!

O BONECO — É assim que bate o coração...





A BONECA — Dá-me a tua mão!... que os nossos corações sejam a repetição um do outro como é justo!... que as tuas mãos me tragam festas, me tragam paz... paz que se ganha!... *(Pausa.)* Dá-me as tuas palavras!... essas que tu guardas... essas palavras que não morrem, nem se matam!... essas que lembram o mar... o mar que nunca para... o mar que não se cansa... o mar que insiste... o mar que não se gasta.

O BONECO — Cala-te, coração! Deixa ouvir o mar...

A BONECA — Tu também viste o mar?

365 O BONECO — O mar foi feito por nossa causa!...

A BONECA — Ah!... É assim, juro-te, exatamente assim o mar... Oh! como tu o viste bem! Dá-me a tua mão pra ser tão grande o silêncio... *(Pausa.)* O mar!... não acaba nunca o mar!...

O BONECO — O mar começa sempre...

370 A BONECA — É como o coração dentro de mim!... E nunca sai do peito o coração!...

O BONECO — Como pode mudar-se o coração?...

A BONECA — Às vezes a luz brilha no mar... como se tivesse chegado a hora...

375 O BONECO — É a fé! É o coração que não se engana!

A BONECA — Mas quando o sol desaparece eu fico tão sozinha! Fico a pensar no que tem acontecido... e não sei o que me falta!... Se não fosse o luar, ainda ficava mais sozinha!... Se me ponho a pensar que o luar me faz companhia, sinto-me enganada! E nos dias em que chove, a chuva também foi enganada...

380

O BONECO — A quem acredita no coração tudo serve de engano.

A BONECA — Mas quando é o coração que fala, parece-me de mais pra mim.

O BONECO — O coração é maior que nós!

385 A BONECA — E eu sou tão pequenina! Pra que me deram um coração tão grande?...

O BONECO — Deus fez-nos um coração pra não sermos tão pequenos como nós...

A BONECA — Mas é que não tenho forças pra ele! Ele é grande de mais pra mim! Tu já reparaste bem como eu sou pequenina?

390

O BONECO — Tu és do tamanho dos que têm coração.

A BONECA — Ah!... é assim, juro-te, é exatamente assim como tu estás a dizer!... mas a hora não chega!... Eu saberei esperar... mas o tempo não espera!...

395 O BONECO — Assim, é não saber esperar!

A BONECA — Eu por mim não me importo... mas o coração?

O BONECO — O coração espera por nós!

A BONECA — Mas tu não vês que eu sou pequenina... que não tenho forças... que não sou como o mar que não se gasta!... tu não vês que eu passo depressa?...

O BONECO — Por mais depressa que passes, o teu coração espera por ti... o teu coração não espera mais ninguém... Se tu não vieres, o teu coração não espera mais ninguém... Se tu não vieres nunca, o teu coração não conta, não ouve. É como se não tivesse havido o teu coração. Por mais depressa que passes, dá-te inteira ao teu coração... Porque só sabe do tempo quem não traz coração... o tempo é pecado — e quem não sabe amar!!!

A BONECA — Ah!... é assim, juro! É exatamente assim que bate o coração!

O BONECO — Acredita no coração! Ele sabe de cor o que quer!... Não foi necessário ao coração ir aprender o que queria... A nossa cabeça é que precisa de aprender o que quer o coração!...

A BONECA — É assim que bate o coração...

O BONECO — O coração nunca está só... o nosso coração é nosso, ele não pode viver sem aquele a quem pertence... ele espera por nós!

A BONECA — Às vezes, a cabeça quer ser mais do que o coração... e fica de costas viradas pró coração!...

O BONECO — A cabeça não deve ser senão o que o coração quiser! Nunca é o coração que nos falta, somos nós que faltamos ao coração!

A BONECA — Ah!... é assim, juro, é assim que bate o coração!...

O BONECO — Só não entende o coração quem não sabe escutá-lo... Ele está sempre a contar aquela hora por que se espera... aquela hora existe pr'além da sabedoria... e que tem a forma simplicíssima dum coração natural!...

(Começa-se a ouvir um tambor lá muito ao longe. De repente, os Bonecos ficam na posição em que estavam ao princípio. O tambor vem-se chegando a pouco e pouco. Quando já está bastante perto, ouvem-se muitas vozes de crianças em grande alegria. Depois percebe-se que chegaram ao pé do teatro, e é quando começa a música com o bombo, os pratos, o cornetim, o tambor e os guizos. Abre-se a cortina do fundo e do lado de fora estão sentadas nos bancos muitas crianças com as pessoas que as acompanham. Quando já está quase a começar a representação, desce o pano.)

FIM

ALMADA NEGREIROS, *Antes de Começar*, Texto Editores, 1997 (texto adaptado).



COMPREENSÃO DA LEITURA

1. Explica por que razão a peça se inicia com a designação «Cena Única».

2. Realiza a seguinte ficha de verificação de leitura e transcreve, para o teu caderno, passagens que justifiquem as tuas respostas.



2.1 A ação passa-se...

- (A) ... num quarto de brinquedos.
- (B) ... numa loja de brinquedos.
- (C) ... num teatro.

2.2 O barulho do tambor marca...

- (A) ... a saída e a entrada do Homem em cena.
- (B) ... o início e o fim da peça.
- (C) ... a alegria dos bonecos.

2.3 As personagens principais são...

- (A) ... o Homem e os bonecos.
- (B) ... o Boneco e a Boneca.
- (C) ... os bonecos e as crianças.

2.4 O Boneco fica espantado porque...

- (A) ... o Homem saiu.
- (B) ... nunca tinha visto a Boneca mexer-se.
- (C) ... a Boneca olhava para ele.

2.5 A Boneca nunca sentira o Boneco...

- (A) ... mexer-se.
- (B) ... falar com ela.
- (C) ... puxar por ela.

2.6 A Boneca é tímida porque...

- (A) ... fala baixinho.
- (B) ... tem receio de que os meninos apareçam.
- (C) ... não fica bem a uma boneca mexer-se.

2.7 O diálogo entre os bonecos passa-se...

- (A) ... antes do espetáculo.
- (B) ... durante o espetáculo.
- (C) ... depois do espetáculo.

2.8 A Boneca recorda-se de uma pessoa especial, que é...

- (A) ... a sua mãe.
- (B) ... a pessoa que a criou.
- (C) ... a mulher do Homem.

2.9 O Boneco aconselha a Boneca a acreditar...

- (A) ... no coração.
- (B) ... na razão.
- (C) ... no Homem.

GRAMÁTICA

3. Identifica o recurso expressivo presente em cada um dos exemplos.



A	B
(a) «— Se eu soubesse [...] — Se eu soubesse [...]» (Il. 27-28)	(1) Metáfora
(b) «[...] fui feita aos pedacinhos [...]» (l. 242)	(2) Anáfora
(c) «[...] a alegria que Ela trazia nos olhos!!!» (l. 254)	(3) Uso do diminutivo
(d) «Fui feita com o coração!...» (Il. 271-272)	(4) Personificação
(e) «Deixa estar calado o meu coração...» (Il. 279-280)	(5) Hipérbole
(f) «Os meus olhos... a minha boca... os meus cabelos...» (Il. 284-285)	(6) Metáfora
(g) «O mar!... não acaba nunca o mar!...» (l. 368)	(7) Antítese
(h) «E eu sou tão pequenina! P'ra que me deram um coração tão grande?...» (Il. 385-386)	(8) Enumeração

4. Considera o seguinte excerto (Il. 122-132).

«A BONECA — Não é tanto assim!... Tu é que não sabes o que se passa! Há dias, o Homem estava todo bem disposto, chamou a mulher dele e disse-lhe a apontar para mim: Não achas que ela — era eu — tem cara de quem está à espera de que a gente não esteja a ver para se pôr à sua vontade?

O BONECO — Foi o Homem quem disse isso assim?!

A BONECA — Juro-te pela minha boa sorte!!!

O BONECO — E a mulher do Homem o que é que disse?

A BONECA — A mulher do Homem disse assim (*Devagar.*) Olha que estás para aí a dizer uma coisa que já me tem vindo à ideia muitas vezes e sem eu querer!»

- 4.1 Identifica dois momentos em que a Boneca utiliza o discurso direto de outras personagens.

4.1.1 Que sinais de pontuação deveriam estar presentes?

4.1.2 Transforma essas frases em discurso indireto.

5. Repara que todo o diálogo se caracteriza por uma enorme expressividade dada pelos sinais de pontuação.

5.1 Transcreve três frases exclamativas e outras três interrogativas.

5.2 Refere o valor expressivo da utilização das reticências.

6. Observa os diminutivos que surgem nas falas do Boneco e da Boneca.

6.1 Exemplifica a sua utilização.

6.2 Comenta a expressividade dos diminutivos em geral.

7. Transcreve exemplos de interjeições presentes no texto e descreve os sentimentos que lhes estão associados.



Interjeições	Sentimentos expressos
(1)	(2)
(3)	(4)
(5)	(6)

EXPRESSÃO ESCRITA

8. Verifica que o texto termina «antes de começar» a peça que o Homem vai apresentar a um público muito específico: crianças acompanhadas pelos pais.

- 8.1 Imagina e escreve a primeira cena dessa peça. Não te esqueças de utilizar o diálogo e as didascálias. Planifica devidamente o teu texto e revê-o no fim.

Consulta a ficha informativa 1, «Como escrever melhor...», na página 20.

APRENDER NOUTROS CONTEXTOS

9. Ordena as sequências, de modo a obteres um texto coerente sobre a peça que acabaste de trabalhar. Começa pela letra (D).



- (A) Assim, ficamos a saber que tanto o Boneco como a Boneca desconheciam que ambos se conseguiam mexer e falar como se fossem pessoas.
- (B) A peça termina com o regresso do Homem acompanhado pelo público que irá assistir à representação: crianças.
- (C) Esta costureira, criadora da Boneca, foi uma pessoa muito importante para a companheira do Boneco.
- (D) A peça de Almada Negreiros baseia-se num diálogo entre duas personagens, um Boneco e uma Boneca, que se encontram num teatro.
- (E) No fim, tanto o Boneco como a Boneca nos conduzem, através de um diálogo cheio de poesia, à descoberta do que é verdadeiramente importante: a humanidade que se encerra em cada um de nós e que muitas vezes não é visível aos olhos e, o mundo misterioso dos afetos, que nos deveria levar a desenhar no quotidiano um enorme coração.
- (F) Ficamos também a conhecer a história da boneca criada por uma costureira que nela trabalhava nas horas vagas, aproveitando restos de tecido para a construir.
- (G) Enquanto estas duas personagens encetam uma conversa que as conduz a um melhor conhecimento de si próprias e do outro, o Homem e a sua família afastam-se do teatro para chamar o público para a representação.

10. Já que falamos de teatro, porque não organizar uma ida ao teatro? Informa-te sobre uma peça que esteja em cena e que seja adequada à tua idade. Juntamente com o teu professor de Português, prepara a ida ao espetáculo.

Para fazeres uma análise mais aprofundada desta peça, propomos-te o seguinte guião, organizado em função das diferentes categorias do texto dramático.

GRUPO I — PERSONAGENS

1. O texto centra-se em duas personagens que dialogam.
 - 1.1 Identifica-as.
 - 1.2 Classifica-as quanto ao relevo.
 - 1.3 Caracteriza aquela que mais apreciaste, recorrendo a elementos do texto.
2. Ao longo do diálogo, as personagens referem-se a outras.
 - 2.1 Identifica as personagens mencionadas. Justifica a tua resposta com dados do texto.
3. Repara agora no diálogo estabelecido.
 - 3.1 Enumera os temas abordados. Ilustra a tua resposta com dados do texto.
4. A Boneca surge como uma personagem ingénua.
 - 4.1 Comprova esta afirmação.
5. Atenta nas personagens.
 - 5.1 Como explicas o facto de não terem nome próprio?
6. Explica, por palavras tuas, as citações apresentadas.



Citações	Explicação
«[...] e deixava-me estar boneca...» (l. 26)	(1)
«Fui feita com o coração.» (ll. 271-272)	(2)
«Tu és do tamanho dos que têm coração.» (l. 391)	(3)

GRUPO II — AÇÃO

1. Atenta no facto de a ação desta peça se reduzir ao diálogo entre as duas personagens em cena.
 - 1.1 O que se passa num primeiro momento?
 - 1.1.1 Essa realidade já tinha sido percecionada pelo Homem? Justifica a tua resposta.
2. Verifica que, no momento seguinte, se refere o espetáculo em que participam os bonecos.
 - 2.1 Delimita essa sequência do diálogo entre os protagonistas.
3. Considera o público do espetáculo a que a Boneca se refere.
 - 3.1 Identifica-o.
 - 3.2 Por que razão terá o Homem escolhido bonecos para o seu teatro?
4. Observa que, a dada altura, a Boneca fala do seu nascimento.
 - 4.1 Descreve como foi criada. Justifica com dados do texto.
 - 4.2 Ao ouvir a história, que reação teve o Boneco?

5. Num momento final, as duas personagens encontram semelhanças entre si, complementando-se.

5.1 Apresenta essas semelhanças.

5.2 Indica os gestos que fazem, denunciando a sua complementaridade.

5.3 O que simboliza o coração?

6. Explica o sentido das frases.

a) «Dá-me a tua mão pra ser tão grande o silêncio» (ll. 367-368)

b) «Mas quando o Sol desaparece eu fico tão sozinha!» (l. 376)

c) «Só não entende o coração quem não sabe escutá-lo...» (l. 421)

GRUPO III — ESPAÇO E TEMPO

1. Relê as didascálias inicial e final.

1.1 Onde se passa o diálogo entre os bonecos? Justifica com dados do texto.

1.2 A que conclusão podemos chegar quanto ao espaço cénico e ao espaço da ação? Ilustra o teu raciocínio a partir do texto.

2. Considera que existem dois tempos na ação: o tempo do diálogo entre os bonecos e o tempo que a Boneca evoca.

2.1 Transcreve exemplos de ambos.

GRUPO IV — DIDASCÁLIAS



1. No teu caderno, elabora um quadro semelhante ao que se segue e preenche-o com exemplos do texto, considerando os tipos de didascálias (iniciais, intermédias ou finais) que ocorrem ao longo do diálogo.

Didascálias		
Informações dadas	Exemplos	Tipos
Espaço	(1)	(2)
Tempo	(3)	(4)
Colocação das personagens em cena	(5)	(6)
Tom de voz	(7)	(8)
Gestos	(9)	(10)

- 1.1 O que concluis a partir do quadro que preenchestes?

BIBLIOGRAFIA

- AA. VV – Enciclopédia do Estudante — *Língua Portuguesa*, vols. 13 e 14. Lisboa: Santillana-Constância/Público, 2008.
- AA. VV – Enciclopédia do Estudante — *Literatura Portuguesa*, vol. 10. Lisboa: Santillana-Constância/Público, 2008.
- AA. VV – Enciclopédia do Estudante — *Literatura Universal*, vol. 7. Lisboa: Santillana-Constância/Público, 2008.
- CEIA, Carlos (org.) – *E-Dicionário de Termos Literários*, disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/>. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, s/d.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema, 1982.
- COELHO, Jacinto do Prado (dir.) – *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas, 1979.
- COSTA, João; CABRAL, Assunção Caldeira; SANTIAGO, Ana; VIEGAS, Filomena – *Conhecimento Explícito da Língua — Guião de Implementação do Programa*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC, 2011.
- DGIDC – *Dicionário Terminológico para consulta em linha*, disponível em: <http://dt.dgic.min-edu.pt/>. Lisboa: 2008.
- FERNANDES, Francisco – *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1984.
- MACHADO, Álvaro Manuel (org.) – *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Mem Martins: Livros Horizonte, 1977.
- MOREIRA, Vasco; PIMENTA, Hilário – *Gramática de Português*. Porto: Porto Editora, 2008.
- NIZA, Ivone; SEGURA, Joaquim; MOTA, Irene – *Escrita — Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC, 2011.
- REIS, Carlos (coord.) – *Programa de Português do Ensino Básico*, disponível em: <http://www.dgic.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/Programas%20de%20Português%20homologado.pdf>. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC, 2009.
- SARAIVA, António José; LOPES Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.
- SERÓDIO, Cristina; PEREIRA, Dulce; CARDEIRA, Esperança; FALÉ, Olga et alii – *Gramática Didática de Português*. Carnaxide: Santillana-Constância, 2011.
- SILVA, Encarnação; BASTOS, Glória; DUARTE, Regina; VELOSO, Rui – *Leitura — Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC, 2011.
- SILVA, Fátima; VIEGAS, Filomena; DUARTE, Isabel Margarida; VELOSO, João – *Oral — Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC, 2011.

PÁGINAS DA INTERNET

- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, disponível em: <http://www.ciberduvidas.com/>
- Plano Nacional de Leitura*, disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*, disponível em: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/>

FONTES FOTOGRÁFICAS

Capa: Sérgio Veterano

Agência Lusa

- PP. 14/242 Mia Couto, André Kusters
- P. 26 Miguel Sousa Tavares, António Cotrim
- P. 32 Maria Isabel Barreno, António Cotrim
- P. 108 Sophia de Mello Breyner Andresen, António Cotrim
- P. 167 Eugénio de Andrade, Guilherme Venâncio
- P. 170 Manuel Alegre, Inácio Rosa
- P. 198 Biblioteca da Casa de Saramago, José Sena Goulão
- P. 223 Mário de Carvalho, Manuel de Almeida

Casa da Imagem

- P. 68 Embarcação, EasyFotoStock

Corbis

- PP. 6/7 Adolescentes em fila, Artiga Photo
- P. 8 Adolescentes no sofá, Charles Gullung | Salto para a água, Darwin Wiggett
- PP. 15/58 Jorge Amado, Sergio Gaudenti/Kipa
- P. 16 J. R. R. Tolkien
- P. 162 Jardim Keukenhof em Lisse, Holanda, Abbie Enock

Getty Images

- PP. 24/25 Ler, John Giustina
- P. 29 J. K. Rowling, Evan Agostini
- PP. 94/95 Palco, Siri Stafford

NASA/cortesia de nasaimages.org

- P. 26 Planeta Terra — NASA, USGS, NOAA
- P. 108 Veneza vista do espaço

Reuters

- P. 49 Christopher Paolini, Chip East
- P. 116 Fome na Nigéria, Finbarr O'Reilly

Photo Scala

- P. 109 Fotografia da Praça de São Marcos
- P. 148 *O Sol*, de Edvard Munch, Photo SCALA, Florence/The Munch Museum /The Munch-Ellingsen Group

Várias fontes

- P. 8 Desenho; Ler na relva; Mapa, Sanja Gjenero, Zagreb, Croácia | Borboleta na mão, Mark Imms, Stoke on Trent, Reino Unido | Música na relva, Camila Schnabel, São Paulo, Brasil | Sinal bicicleta, Michal Zacharzewski, Varsóvia, Polónia | Com portátil, Gabriella Fabbri, Itália, www.i-pix.it
- P. 51 Quinta das lágrimas, Carlos Luís M. C. da Cruz
- PP. 60/61 Praia da Marinha Algarve; Torre na Serra da Estrela; Templo de Diana, Évora, Wikipédia | Palácio da Pena, Sintra, Tânia Fonseca | Oceanário, Lisboa, Nol Aders | Torre de Belém, Joaquim Alves Gaspar, Lisboa | Vista de Vila Nova de Gaia, Porto, Josep Renalias | Torre de Coimbra, João Miranda, ablasfemia.blogspot.com | Casa típica da Madeira, Paul Mannix | Caldeira, Lagoa das Sete Cidades, São Miguel, Sónia dos Reis
- P. 99 Litografia de Almeida Garrett, Guglielmi, Pedro Augusto
- P. 109 Pintura *Praça de São Marcos* com Basílica
- PP. 124/125 127/128 Reportagem fotográfica, revista *Visão*, Lucília Monteiro
- PP. 144/145 Calçada Portuguesa, Maurício Abreu
- P. 164 Praia, Brett Nutter, Healesville, Victoria, Austrália
- P. 167 Gaivota, Anthony Burns, Newcastle, Reino Unido
- P. 168 Orvalho em teia, Andrew Beierle, CA, EUA, andrewbeierle.com
- P. 171 Tarde no campo, Patrick Hajzler, França | Fotografia de Fernando Pessoa, Chiado, Rodrigo Antunes Cabrita, 2005
- P. 174 Pintura *Jovens pescando na chicala*, Lino Damião, linodamiao.blogspot.com
- P. 193 Impressora digital — HP Indigo 7000 Digital Press

AGRADECIMENTOS

Comunidade mundial da Wikipédia
Colaboradores de Stock XCHNG
Colaboradores de RGBStock.com
Rui Tavares Guedes, Revista *Vida e Viagens, Visão*